URBANO DE MENDONÇA DIAS

Historia dos Açores

P. 87679

Agencia de Obras Literarias de Antonio Silverio de Medeiros na Praça do Municipio de Villa-franca do Campo, San Miguel Açores.

ARQUIPÉLAGO AÇOREANO

II

Sua origem, solo, descoberta, colonização e nomenclatura das Ilhas.

As nove Ilhas que formam o Arquipélago dos Açôres, estão distribuidas no Oceano Atlantico em tres grupos distintos, a cerca de 1400 quilómetros a W. do Cabo da Roca, entre a Europa e a America, numa extensão aproximada de 600 quilómetros, e com a superficie de 2.400, a saber:

Grupo Oriental formado pelas Ilhas de Santa Maria e S. Miguel.

Grupo Central composto das Ilhas Terceira, S. Jorge, Graciosa, Faial e Pico.

Grupo Ocidental comprecendendo as Ilhas das Flôres e Côrvo.

A origem deste Arquipélago continua ainda a ser estudada com particular interesse. Segundo uns:

Os Açores poderão ser manifestações da existencia do antigo e extenso Continente—*a Atlantida*—conhecida dos Finícios e Cartagineses, de que nos dala Platão, e que devido a enormes e formidaveis forças se submergiu, ficando espalhadas no meio do Oceano, como restos desse Continente, as terras que formam os arquipélagos da Madeira, Cabo-verde, Canarias e Açores.

Alguns autores têm pretendido identificar o arquipelago dos Açôres com os possiveis restos de um continente que, segundo uma vaga tradição classica, teria existido no meio do oceano atlantico. Estas ilhas representariam presentemente as cumiadas de montanhas d'uma terra submergida. Em hipotese é dificil de conciliar, porém, com

alguns factos como, por exemplo, as provas geologicas de se terem realizado levantamentos, e não submersões, depois do deposito das camadas terciarias em algumas destas ilhas, como em Santa Maria nos Açôres e Porto Santo proximo da Madeira, etc.

Esses depositos *submarinos* relativamente recentes encontram-se actualmente acima do nivel do Oceano; por outro lado, em nenhuma destas ilhas se tem reconhecido indicios de um abaixamento, o que torna impossivel a hipotese de que elas sejam os restos de um continente submergido.

Outros autores admitem que a Atlantida teria sido situada mais para leste, mesmo em frente da costa de Portugal, sendo as ilhas Berlengas o ultimo resto que subsiste ainda dessas terras desaparecidas. Os geologos portugueses, que sobre tal assunto se tem pronunciado, inclinam-se a aceitar esta segunda hipotese; nesta região, o desaparecimento de uma grande ilha parece mais possivel, visto que a fauna maritima em frente da costa portuguesa faz parte de uma grande area de afundamento que provavelmente ainda continua, como o provam os fenomenos sismicos violentos a que estão sujeitos e que nada tem com os sismicos de origem vulcanica mais limitados e frequentes nestas ilhas.

Outros autores suspeitam que a tradição da terra desaparecida se referisse primitivamente ao afundamento de alguma ilha do arquipélago grego ou situada noutro logar no mar mediterraneo; que a tradição do sitio exacto se desvanecesse com o correr dos seculos e a imaginação dos povos antigos a fosse afastando cada vez mais para o ocidente, até colocar a suposta Atlantida no meio do oceano.

A sciencia não dispõe de meios para provar de modo indubitavel que a Atlantida existisse, nem se existiu, onde se encontrava localizada. Porém segundo outros:

Os Açores são de formação derivada de erupções aereas, prolongadas atravez de periodos seculares as post-terciarias, ou mesmo terciarias, como pare-

cem atestar as formas dos seus montes, as suas crateras, algumas das quais ainda em relativa actividade, a natureza das camadas do seu solo, e os proprios fenomenos vulcanicos, que tão dolorosamente por vezes se têm feito sentir.

A historia do vulcanismo dos Açores regista o apparecimento de alguns ilheus nos seculos XVII e XVIII, produzidos por erupções submarinas, que parecem confirmar esta segunda opinião, e assim:

a) a 3 de julho de 1638, depois de violentissimos tremores de terra, levantou-se do seio das aguas, a duas leguas aproximadas da Ponta da Ferraria, da Ilha de S. Miguel, entre um fogo enorme e altissimo, um pequeno Ilheu de legua e meia de comprido, por cem metros, na sua maior altura. E esse Ilheu, que se susteve algum tempo sobre as aguas, foi-se a pouco e pouco submergindo, ficando em seu logar um baixo de oitenta metros de profundidade, aproximadamente.

b) a 13 de dezembro de 1682, nova erupção se deu a um quarto de legua da mesma Ponta, que não chegou a formar Ilheu, mas o vulcão expulsou enormes quantidades de pedra pomes.

c) a 10 de dezembro de 1720, deu-se, entre a Ilha Terceira e S. Miguel, uma fortissima erupção vulcanica que formou uma Ilhota, que ainda se sustinha fóra d'agua em 1722.

d) a 13 de junho de 1811, em frente dos Ginetes da Ilha de S. Miguel, uma nova erupção fês vir ao cimo da agua uma pequena Ilha de dois mil metros aproximadamente de circunferencia e noventa metros de altura, que chegou a ser ocupada pela tripulação do navio inglês—*Sabrina* — que partiu em seguida a dar noticia do achado ao seu governo, mas a Ilhota a pouco e pouco foi-se afundando, deixando em seu logar um grande baixo.

Os desenhos, porém, que desta pequena Ilha e dos outros ilheus ficaram, assemelham-se extraordinariamente aos dos nossos Ilheus e das nossas Ilhas, que assim, parece, tiveram tambem a mesma

origem, resistindo porém então aos mares e ás tempestades.

O solo de todo o arquipelago é fertil, produzindo todas as especies dos Paises temperados e algumas dos tropicais; abundante de aguas potaveis, tem-nas tambem minerais e termais, de notavel reputação. O seu mar é relativamente abundante de peixes, o seu clima é temperado, a sua posição geografica é excelente, podendo sem exagero dizer-se que os Açores são como que o jardim do Atlantico, entre a velha Europa e o Novo Continente, a America.

A descoberta dos Açores teve logar depois de se haver dado começo á colonização da Ilha da Madeira e Porto Santo em—1420—e assim depois de reconhecida a importancia daquelas Ilhas, encontradas por um feliz acaso, por João Gonçalo Zarco e Tristão Vaz Teixeira, quando buscavam as terras da Guiné (1).

Foi só depois disto, que o Infante D. Henrique mandou a um dos seus pilotos navegasse para o ocidente, e buscasse por esses mares novas Ilhas ou terras, além das descritas por Ptolomeu. (2)

E seguindo o piloto o roteiro assim indicado, e guiando-se depois, como alguns opinam, pelo vôo de certos passaros que encontrou em determinada altura do Oceano, descobriu então as Ilhas que formam o grupo ocidental—Santa Maria e S. Miguel. (3)

Mas na derrota que forçosamente faria em volta desta ultima Ilha, para melhor a reconhecer e demarcar, descobriria, sem duvida, nessa mesma viagem ou na que empreenderam no verão seguinte, as Ilhas que formam o grupo Central, tal a curta distancia a que um grupo está do outro.

O ano em que teve logar esta descoberta, e o nome do piloto que foi escolhido pelo Infante D. Henrique para esta empresa, veem marcados numa inscrição, na Carta

1)—Gomes Eanes d'Azurara—Arquivo dos Açores, Volume I, paginas 242.

2)—Diogo Gomes de Sintra—Arouivo citado, pag. 79.

3)—Citado do Arquivo, pag. 250, nota 3.ª

maritima de Gabriel Valsequa, feita em Malhorca, no ano de 1439:

«*a questas illas foran trobadas por Diego de Oulen* que outros leem de Sunis, Sevilha e até Senill, *Pelot del Rey de Portugall em lany MCCCCXXII* —1422—que outros leem MCCCCXXXII—1432—e ainda MCCCCXXVII —1427:

Uns dizem que o Arquipélago dos Açores foi descoberto no ano de 1422, isto é, pouco depois de se haver dado começo á colonização das Ilhas da Madeira e Porto Santo; outros, e esta é a opinião mais seguida, marcam o ano de 1432, havendo ainda quem opine pelo ano de 1427.

Assim tambem, querem uns que o piloto encarregado desta missão fosse:

Fr. Gonçalo Velho, o famoso Comendador d'Almourol, senhor das terras de Pias, Bezelga e Cardiga, nome sem duvida glorioso, e cavaleiro destemido, a quem o Infante D. Henrique confiou a colonização destas Ilhas, dando-as em Comenda, e fazendo-o seu Capitão, sendo estes fundamentos os melhores para crerem fosse ele tambem o seu achador; outros porém indicam:

Diogo de Sevilha, piloto hespanhol que andou ao serviço do Infante, baseados na inscrição de Valsequa quando diz que o achador foi *Diogo de Senill, que leem Diogo de Sevilha.* (1); mas ha ainda quem se incline fosse:

Diogo de Sintra, importante navegador dos mares da Africa, desde o tempo do Infante até 1463, já pela leitura de *Senill ou Sevilha em Sintra*, já pela descrição que destas Ilhas fez—*De inventione insularum dos Açores*—em que omitiu o nome do piloto.

As Ilhas, porém, que formam o grupo ocidental —

1(—Historia do descobrimento das Ilhas dos Açores e sua denominação das Ilhas Flamengas pelo Dr. Jules Mées, na Revista Micaelense, ano 2.º. Arquivo dos Açores Vol. I, pag. 77 e seguintes, 244, 443.

Flores e Corvo—e que são situadas a tal distancia das outras que de nenhuma delas são visiveis, foram descobertas muito mais tarde, depois de 1449, pois os documentos, desta data, só falam das Ilhas dos grupos oriental e central, mas foram-no antes de 1453, pois neste ano delas fês El-Rei D. Afonso V doação a seu tio Duque de Bragança, descobriu-as, dizem uns: (1)

Diogo de Teves, que veiu da Ilha da Madeira para a da Terceira, como Logar Tenente de Jacome de Bruges, Capitão da mesma Ilha; outros porém inclinam-se seria:

Guilherme Van Der Haegen, flamengo, que aportuguesando o nome se assinava *Guilherme da Silveira* e que depois foi colonizar a Ilha de S. Jorge; e ainda ha quem opine fosse:

Pedro Velasco, nas viagens de exploração que então empreendeu em volta das Ilhas e ao seu longo, na esperança de encontrar novas terras.

Seria porém este Arquipélago já conhecido doutros navegantes, antes do reconhecimento que dele fizeram os Portugueses?

Diz-se que sim, porquanto:

Conta-se que o Infante D. Henrique se regulava, ao indicar o roteiro que deviam tomar os seus pilotos nas viagens maritimas, por um *Mapa*, onde estava representado todo o ambito da terra, que lhe fora dado pelo Infante D. Pedro, seu irmão, que o havia alcançado em Veneza, quando andara visitando as Côrtes da Europa; e que nesse *Mapa* estavam indicadas umas Ilhas, na situação geografica dos Açores. E assim o Padre Freire, na sua obra—Vida do Infante D. Henrique—ao tratar do descobrimento da Ilha de S. Miguel, diz que *a existencia desta Ilha concordava, segundo havia dito o Infante D. Henrique, com os seus antigos Mapas.*

E mesmo ha Cartas maritimas elaboradas desde meados do seculo XIV, que trazem desenhadas estas Ilhas, na situação geográfica aproximada, á que ocupa os Açores; e assim:

1)—Arq. dos Açores, Vol. I, pag. 9 e 249, Vol. XIII, a pag. 317.

a) **Na Carta de Parma** do ano de 1351, veem-se marcadas umas ilhas com as denominações de *Ilha da Cabreira, ilha do Brazil, ilha da Ventura ou das Pombas, ilha dos Corvos Marinhos*, correspondendo cada nome a um grupo de ilhas; igualmente:

b) **Na Carta Catalan** da Biblioteca Real de Paris de 1375, tambem se encontra um arquipélago com ilhas denominadas *Insule de Corvi Marini, Li Cunigi, San Zorzo, Li Columbi, Insule de Brazil, Insule de la Ventura.*

c) **No Atlas Pinelli Walckenaer,** cuja data se fixa no ano de 1384, estão tambem desenhadas as mesmas ilhas com os nomes de *Luovo, Caprara, Brazilya, I.ª di Li Colombi, I.ª de la Ventura, San Zorzi, Li Cunibi, I.ª di Corvi Marini.*

d) **No Portulano da Bibliotéca Lamenciana,** em Florença,—Maria de Vila d'Estes—do ano de 1423, e nas publicações de Marcel—*Portulano de Mecia Vila d' Estes* de 1413, tambem em Florença, encontram-se desenhadas as mesmas ilhas, e em alguns dos mapas, até os proprios ilheus de Santa Maria, S. Miguel, Terceira, S. Jorge e do Pico, denominando-se cada ilha ou grupo de ilhas, ora por um nome antigo, ora pelo que hoje é conhecida.

e) **No Libro del conocimento de todos los Reynos e Tierras que son por el Mundo,** editado em 1877 por Jimenez de la Espada, e que se atribue a um irade mendicante hespanhol, que se diz haver nascido em Sevilha no ano de 1304, se descreve:

«...e fuy ver las islas perdidas que llama Tolemeo las islas de la Caridat, e sabed que desde el Cabo de buidor hasta la primeira isla com CX millas. Sobi em um lêno, com unos Moros e llegamos a la primeira isla que dizem gresa .....
e a otra la isla del lovo, e a otro la isla de las cabras, e a otra la isla del brazil, e a outra la columbaria, e a otra la isla de la ventura, e a otra la isla de Sant Jorge, e a otra la isla de los conejos, e a otra la isla de los cuervos marinos.

Comparando-se estes e outros Portulanos e descrições antigas, chegou-se a estabelecer a correspondencia destes antigos nomes com os hoje usados, e assim:

Ilha de Santa Maria é a Ilha do Luovo, Ilha do Ovo, sem duvida assim chamada da sua forma ovada.

Ilha de S. Miguel é a Ilha Caprara ou Cabreira, das Cabras, por nela viver muito gado caprino.

Ilha Terceira é a Ilha del Bacil ou Brazillya, Ilha do Brazil, sem duvida assim chamada da madeira brazil que lá vegetava, ou outra que a ela se assemelhasse, passando depois a chamar-se Ilha de Jesus Cristo.

Ilha de S. Jorge é a Ilha de S. Zorzi, nome do valorosissimo martir S. Jorge.

Ilha Graciosa é a Ilha Gracioxa, assim chamada de sua beleza natural.

Ilha do Faial é a Ilha de S. Dinis, Ilha de la Ventura ou de la Forte Ventura.

Ilha do Pico é a Ilha Columbi, Ilha das Pombas.

Ilha das Flores é a Ilha de S. Tomás, Ilha Conilgli ou Li Cunibi, Ilha dos Coelhos.

Ilha do Corvo é a Ilha de Santa Iria, Ilha di Corbi marini, Ilha do Corvo marinho.

Por outro lado revindicando para os Portugueses toda a gloria na descoberta dos Açores, dizem:

Que os navegantes Portugueses, e nisso são concordes todos os historiadores, notaram que em nenhuma das Ilhas havia sinal algum de vida humana, estavam todas cobertas de uma vegetação luxuriante, regadas por abundantes aguas, e sómente por sobre elas esvoaçavam bandos de passaros, que lhes pareceram Açores, por isso as denominaram **Ilhas dos Açores;** acrescentam ainda outros:

Que os Portulanos, são as Cartas maritimas por onde se guiavam os navegantes, e onde anotavam a pou-

co e pouco as notas descobertas, devendo as Ilhas dos Açores serem aí desenhadas depois de ocupadas pelos Portugueses.

Na verdade numas Ilhas desertas, como eram as dos Açores, não se concebem, antes da ocupação pelos portugueses, os nomes de *Ilha Gaprara*, *Ilha Columbi* e *Ilha Conilgli*, onde não havia nem *Cabras*, nem *Pombas*, nem *Coelhos*, nem vestigio algum da sua existencia.

A gloria, porém, que ninguem usurpa a Portugal, é de as haver mandado procurar, aproveitando-as e colonizando-as, quer usando os seus Pilotos desses Portulanos, quer guiando-se pelo vôo de certas aves que encontraram no vasto Oceano.

E fosse o Piloto Gonçalo Velho Cabral, como uns querem, ou fosse Diogo de Sevilha ou de Sunis ou Senil, ou fosse o grande navegante portugues Diogo Gomes de Sintra, fosse quem fosse, **foi um piloto do Rei de Portugal ás ordens do Infante D. Henrique, quem as achou,** na opinião insuspeita de Gabriel Valsequa, na sua Carta maritima de 1439.

A colonização do Arquipelago, não se fez porém immediatamente á sua descoberta, porquanto:

O espirito Português estava por essa epoca todo inclinado ás descobertas e conquistas, no gratide Continente Africano.

Por outro lado, não tinham os Portugueses uma supprabundancia de habitantes, e assim não lhes era facil recrutar colonos para umas pequenas e longinquas Ilhas, cuja principal importancia, a situação geografica, não começou logo a ser de primordial interesse.

Finalmente, nessa epoca, não apresentavam as Ilhas uma base de verdadeira segurança, pois repetiam-se em algumas delas, com pequenos intervalos, fenomenos vulcanicos que mereceram reparos aos navegadores Portugueses, e amedrontavam os mais destemidos colonos.

No entanto o Infante D. Henrique, espirito essencialmente pratico e persistente, mandou distribuir animais domesticos por algumas das Ilhas, para utilidade dos futuros colonos, (1) e conhecimento das condições da vida

1)—Diogo Gomes de Sintra, citado no Arquivo, pag. 79.

que ofereciam semelhantes terras; e desta tão importante missão encarregou Gonçalo Velho Cabral, cavaleiro privado de sua Casa, a quem fês depois Comendador das Ilhas dos Açores. (1)

Os factos posteriores da colonização certificam, porém, que Gonçalo Velho apenas povoou de animais as duas Ilhas que formam o grupo oriental—*Santa Maria e S. Miguel*—pois que, Jacome de Bruges, quando alguns anos depois, veiu em exploração á Ilha Terceira, que lhe havia sido dada em Capitania, trouxe consigo algumas especies de animais, para no futuro lhe serem uteis no trabalho e alimentação. E quando depois voltou com colonos, encontrou-as muito multiplicadas, dando assim a entender que esta Ilha, a primeira que se encontra depois das do grupo oriental, estava, ao tempo, erma e desabitada de animais. (2)

Só em 1439 é que o Infante D. Henrique achou porém azado dar começo á colonização, alcançando autorização para esse fim de El-Rei D. Afonso e encarregando desta nova e delicada missão, o Comendador dos Açores, Gonçalo Velho Cabral. (3)

Santa Maria foi a primeira Ilha que recebeu colonos, por não ter apresentado, como muitas das outras Ilhas, fenomeno algum vulcanico, que merecesse reparo aos navegadores Portugueses.

Recrutou-lhe Fr. Gonçalo colonos entre os seus parentes e amigos, e assim da mais escolhida nobreza de Portugal, que ali se acoitaram pelos anos de 1439 a 1444 (4) desembarcando na praia que fica entre as pontas denominada Praia de Lobos e o Cabrestante, onde vai sair ao mar a Ribeira chamada do Capitão. E em covas e grutas, escavadas no solo, e cafuas cobertas de palha e colmo, ali se estabeleceram como ponto de partida para as suas explorações por toda a Ilha, quer navegando na sua costa, quer internando-se na brenha compacta do seu matagal.

Entre outros citam-se como primeiros colonos Fr.

---

1)—Arquivo dos Açores, Vol.º 1.º, pag. 5, 244.
2)—Memoria sobre a Ilha Terceira, por Alfredo Sampaio, pag 415.
3)—Arquivo dos Açores, Vol. 1, pag. 5.
4)—Citado Arquivo, pag. 5, 146.

Gonçalo Velho, Nuno Velho, Pedro Velho, João Soares d'Albergaria, Felipe Soares, Alvaro Pires de Lemos, Fernão do Quental, João da Castanheira e outros. (1)

Dividiram depois os terrenos, conforme o numero de trabalhadores de que cada um dispunha, pela famosa lei da sesmaria, segundo a qual cada senhor se obrigava a rotear o trato de terreno, que lhe era destinado, no praso de seis anos. E para mais activar a colonização, alcançou ainda o Infante D. Henrique a isenção de dizima de todos os produtos exportados, nos cinco primeiros anos, por carta de D. Afonso V de 5 d'abril de 1443. (2)

E a Ilha *de la Ova*, como então era chamada, passou a denominar-se *Ilha de Gonçalo Velho*, porque este Comendador ali estabeleu sua residencia, e com os mais colonos deu começo ao roteamento do terreno. (3)

S. Miguel—Começou a ser colonizada alguns anos depois de o ser Santa Maria, por 1444 a 1445 (4), por mandado do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, e ao tempo Regente do Reino, que tal permissão alcançou do Infante seu irmão.

Encarregou então aquele Infante desta nova empresa *Gonçalo Vaz Botelho*, filho de Pedro Botelho, Comendador-mór de Cristo, fidalgo da casa de D. Henrique que com sua mulher e filhos, e algumas familias Algarvias (5) Francesas, (6) e outras naturais da Africa, formou a primeira colonia; tais são entre outros Afonso Anes, Rodrigo Afonso, Pedro Afonso, Diogo Afonso, Gonçalo de Teve Paim, João Pires, Pedro Cordeiro e outros.

Desembarcaram no porto da actual Vila da Povoação e dali partiram em suas explorações por toda a Ilha, estabelecendo-se tempos depois em Vila-franca do Campo que fizeram capital da Ilha, estendendo-se os colonos por seus arredores até Ponta Garça.

Segundo a já citada lei da sesmaria, tomaram muitos dos terrenos que dividiram entre si, cultivando-os e

---

1)—Saudades da Terra. Livro 3.º, pag. 9.
2)—Arquivo citado Vol. 12. a pag. 385, Vol. 1.º, a pag. 5.
3)— Idem pag. 79.
4)—Arquivo citado, a pag. 81.
5)—Livro IV Saudades da Terra do Dr. Gaspar Fructuoso, cap. VI.
6)—Citado livro, cap. VII, IX.

exportando muitos productos, que eram isentos de dizima por Carta de El-Rei de 20 d'abril de 1447, por graça e mercê alcançada pelo Infante D. Pedro. (1)

A particular devoção que tinha este Infante ao Arcanjo S. Miguel, levou-o a dedicar-lhe esta sua Ilha, passando a *Ilha Capruri*, por que então era conhecida, a denominar-se Ilha de S. Miguel.

A morte de D. Pedro, porém, na vergonhosa batalha de Alfarrobeira, mercê das intrigas palacianas, fês mudar a sorte da Ilha de S. Miguel, que novamente passou para a administração do Infante D. Henrique, identificando-se em sorte à da Ilha de Santa Maria, onde Capitaneava Fr. Gonçalo.

Ilha Terceira —Começou a ser colonizada depois de 1450 data em que Jesué Van der Berge — *Jacome de Bruges*—natural do condado da Flandres, atraido a Portugal pelo renome das suas riquezas, alcançou do Infante D. Henrique mercê de a vir povoar.

Não foi, porém, facil esta empresa, sendo necessaria a intervenção do Infante para o recrutamento de colonos, que se veiu afinal a formar com familias de Viana do Castelo, Guimarães, Aveiro, do proprio condado da Flandres e até de outros colonos que se achavam já estabelecidos na Ilha da Madeira.

Entre outros podemos enumerar João Coelho, que se estabeleceu no sitio hoje denominado—Porto Judeu, João da Ponte, no logar do Arrebalde, na freguesia de S. Sebastião, João Leonardes, nas terras do Pico das Contendas, Gonçalo Eanes da Fonseca, no sitio da Ribeira-seca, Fr. João, chefe dos Padres de S. Francisco—no sitio junto da Ribeira, que ficou denominado—Ribeira de Fr. João, Diogo de Teve, na serra de S. Tiago e em outros terrenos para o lado das Lages, o capitão flamengo Fernão Dulmo, nos terrenos das Quatro Ribeiras, entre o Biscoito bravo e a Ribeira de Agualva, sendo-lhe mais tarde dado e a outros patricios seus os terrenos compreendidos entre a serra da Ribeirinha e a Feteira.

Jacome de Bruges escolheu então para si o logar da

---

1)—Citado Arquivo, pag. 6.

Praia, que foi durante alguns anos a capital da Ilha, dividindo então estas terras por estes e outros colonos segundo a lei da sesmaria.

Mais tarde outros colonos aportaram á Ilha Terceira, como Gonçalo Ferreira de Teve, Gonçalo Mendes de Vasconcelos, Simão Pacheco, Rodrigo Afonso Fagundes e outros, que receberam do capitão Jacome de Bruges terras em sesmaria. Ao tempo da colonização estava a Ilha já bastante povoada de animais domesticos, que para lá tinham sido transportados por Jacome de Bruges com o fim de favorecer a colonização que pretendia realizar.

Ignora-se a data da entrada dos colonos nesta Ilha, que seria algum tempo depois de 1450, data da carta do Capitão-donatario, sendo provavel que aportassem ao logar hoje dedominado o *Pesqueiro dos Meninos*, adiante da Ribeira, estabelecendo-se a primeira povoação no *Vale do Paul*, proximo da Ribeira de Fr. João construindo-se aí a primeira Ermida, sob a invocação de Sant'Ana.

E a Ilha del Bacil passou então a ser denominada Ilha de Jesus Cristo, mas pelo andar dos tempos ela localizou em si o nome genterico por que eram conhecidas as Ilhas do grupo central—Ilhas Terceiras—por serem na ordem da descoberta as terceiras. (1)

O espirito essencialmente aventureiro e ambicioso dos colonos Açorianos, levava-os de localidade em localidade, cavando, semeando e experimentando a terra e saltando de Ilha para Ilha, tão proximas estão umas das outras, principalmente as que formam o grupo central, em busca de fortuna.

E' assim que muitos colonos da Ilha Terceira, no desejo de alcançarem maiores riquezas, se embarcavam para as Ilhas proximas da Graciosa, S. Jorge, Faial e Pico, e destas de umas para outras, na esperança sempre de melhor sorte. Por isso pode bem dizer-se que os primeiros colonos d'estas ultimas Ilhas são os proprios colonos da Ilha Terceira.

Ilha Graciosa—Os primeiros povoadores d'esta Ilha são pois colonos da Terceira, que para lá transporta-

1)—Memoria sobre a Ilha Terceira, pag. 413 e seguintes.

vam o seu gado e iam de quando em quando conhecer do seu desenvolvimento, mas a pouco e pouco ali se foram fixando trabalhando então a terra e colhendo dela bons proventos.

E' nesta altura que chega á Ilha Terceira Vasco Gil Sodré, cavaleiro d'Africa, natural de Monte Mór-o-Velho, com sua mulher Brites Gonçalves, seus filhos e alguma criadagem, atraido do renome das grandes riquezas que se alcançavam nos Açores, mas vendo porém esta Ilha já bastante ocupada passou-se para a Graciosa, desembarcando e fixando-se no Carapacho, começando a conviver então com os poucos colonos que da Terceira lá encontrou.

Mais tarde, sem duvida pelas informações que ele proprio daria para Portugal, chegou á Ilha Graciosa, com carta de capitão de metade da Ilha, Duarte Barreto, seu cunhado, com sua familia e criadagem, indo-se estabelecer ao sul, no local que se denomina Praia, e que mais tarde recebeu o foral de Vila.

E são estes afinal os colonizadores da Ilha Graciosa, que conservou sempre o seu antigo nome, sendo certo que o escritor P.e Maldonado, diz que outrora fora conhecida pela *Ilha Branca*.

S. Jorge como a Ilha Graciosa, recebeu tambem como seus primeiros povoadores, colonos da Ilha Terceira, que se localizaram ao ocidente.

Em 1480, porém chega a esta Ilha desembarcando no Topo—Guilherme Van der Haegen—Guilherme de Silveira, com sua mulher Margarida d'Azambuja, seus filhos e criadagem, flamengo, natural da cidade de Bruges, atraido das boas noticias que dos Açores chegavam ao seu país.

Dirigiu-se a principio para o Faial, em 1470, onde então capitaniava o seu patricio Joz Van Huerter—mas não sendo bem acolhido por este, nem alcançado assim dele as dadas de terra que pretendia, se passou então para S. Jorge que ainda estava pouco ocupada.

Estabeleceu-se no Topo, fundando aí mais uma colonia flamenga nos Açores.

Mais tarde, despeitado talvez por não haver alcançado a capitania da Ilha foi com colonos seus para a

Ilha das Flores onde se demorou alguns anos, voltando novamente ao Topo, onde havia deixado parte de sua familia, vivendo ali até ao fim da vida.

Ilha do Faial —Os primeiros colonos que aportaram á Ilha do Faial, vindos das Ilhas proximas já povoadas, estabeleceram-se, segundo é tradição, que nenhum vestigio ha de tal facto, no sitio onde hoje se eleva a freguesia dos Cedros.

Pelo andar dos tempos, porém, e depois de explorarem toda a costa da Ilha, acharam mais conveniente localizarem-se ao sul, junto a um cabeço, perto do Porto-Pim, hoje suburbios da cidade da Horta, e aí viveram por alguns anos sem forma de governo regular.

Assim, pois, quando em 1466 a esta Ilha chegou com carta do capitão Joz Van Huerter, natural da cidade de Bruges, encontrou-a já povoada, estabelecendo-se com sua mulher D. Brites de Macedo, dama do Paço de D. João II, seu filho e Beduino d'Ultra, seu irmão, Antonio d'Ultra, seu primo, Jorge da Terra, Francisco de Quadros e outros, no sitio que desde então começou a ser chamado—*Flamengos*—nome que se estendeu depois a toda a Ilha, e mesmo áquelas Ilhas onde se estabeleceram flamengos—Ilhas Flamengas ou Flandricas.

Dividiu depois o capitão pelos seus as terras da Ilha, segundo a lei da sesmaria e juntamente com os colonos já lá estabelecidos começaram a rotea-las.

Uma das primeiras culturas que experimentaram foi a do *pastél*—cuja semente havia trazido o capitão; o pastel—patis tinctoria—é uma planta crucifera, bianal, de cujas folhas, secas ao sol e moidos, se formava uma massa, que se exportava em bolos, sendo então preparada e aproveitada na tinturaria, dando um azul superior ao do annil.

Foi uma das grandes riquezas dos Açores, pois esta cultura se espalhou por todas as Ilhas, vindo a decair com o aparecimento das anilinas desde 1670.

Junto a sua casa, fez o capitão levantar a primeira Igreja no Faial, sob a invocação de Nossa Senhora das Angustias, legando-lhe sua esposa uma renda perpétua em 1527, não só para a sua conclusão, como para sua conservação e congrua do respectivo capelão.

E a Ilha de S. Dinis ou de fa Ventura, passou a

denominar-se Ilha do Faial por serem os seus campos um matagal de Faias.

Ilha do Pico — As manifestações sísmicas que ao tempo da sua descoberta ainda se sentiam com frequencia na Ilha do Pico, foram a causa da sua demorada colonização, apesar da sua grandeza em comparação com as demais Ilhas que formam o grupo central. Assim o primeiro pessoal, que enfim se resolveu fixar nesta Ilha, foi de colonos já estabelecidos no Faial, ficando desde então até hoje sujeita aquela Ilha a esta e ao seu capitão.

Estabeleceram-se ao sul, no sitio onde hoje se eleva a Vila das Lages, construindo então a sua Ermida de invocação a S. Pedro, que ainda hoje existe e foi a primeira levantada em toda a Ilha e por muitos anos serviu de paroquia.

Daqui, e a pouco e pouco, se foi estendendo a colonização por toda a Ilha, demoradamente e receosa das suas manifestações vulcanicas que por vezes se fizeram sentir tão dolorosamente.

E a Ilha columbi—Ilha das Pombas, passou a denominar-se Ilha do Pico, nome que lhe vem por nela haver a mais alta montanha de todos os Açores.

Ilha das Flores—Esta Ilha que juntamente com a do Corvo formam finalmente o grupo ocidental, e foram as ultimas descobertas, ainda estavam desabitadas em 1507, segundo afirma Valentim Fernandes, ao descrever as Ilhas do Atlantico, se bem que tivessem seu capitão desde 1452; e, ou porque a terra era fraca, ou pela grande distancia a que estão das outras Ilhas, a colonização fês-se aqui tardiamente e com pessoal vindo das outras Ilhas.

Diz-se que *Guilherme Van der Haëgen*, Guilherme da Silveira, saindo do Topo, Ilha de S. Jorge e em viagem para Portugal, tratou com D. Maria de Vilhena, capitôa da Ilha das Flores, da sua colonização.

Efectivamente foi depois desta viagem que ele com parte da sua familia se embarcou para esta Ilha e fês seu assento no logar onde hoje se eleva a Vila de Santa Cruz; e proximo á ribeira, na rocha de tufo, abriu umas grandes salas para seu aposento, e aí viveu aproximadamente

dez anos, dando assim começo á colonização. Mas porque a terra não correspondia em produção aos seus desejos e pela distancia a que estava das outras, e assim a falta de comunicações, a abandonou voltando novamente ao Topo de S. Jorge.

Com a sua saída, ficou esta Ilha abandonada até que sendo nela confirmado capitão Pedro da Fonseca em 1528, lançou as bases seguras da sua colonização.

Assim, com outros, entre os quais se nomeiam Antam Vaz, Gomes Dias Rodovalho, Diogo Pimentel, Rodrigo Anes, Alvaro Roiz, Ana de Fragoa, Pedro de Fragoa, Pedro Vieira, Jordão Roiz, João Fuz, Gonçalo Anes, e outros mais das Ilhas da Madeira e Terceira se embarcou para as Flores estabelecendo-se na parte leste da Ilha, onde hoje está a Vila de Santa Cruz.

Dividiu depois as terras por seus companheiros, e voltando ao Reino deixou Gomes Dias Rodovalho por seu logo tenente e Ouvidor.

Então levantaram sua Ermida da invocação do Apostolo S. Pedro, que durante muitos anos serviu de paroquia.

E a Ilha de S. Tomaz ou Ilha Conilgli, Ilha dos Coêlhos, passou a denominar-se Ilha das Flores por nela abundarem muitas e lindas flores.

Ilha do Corvo—A pequenês desta Ilha retardou demasiadamente a sua colonisação, vindo a fazer-se afinal com filhos dos colonos da Ilha das Flores.

Fora dada esta pequena Ilha em 1528 por El-Rei D. Manuel a Antam Vaz, residente na Praia da Ilha Terceira, não como capitania, mas em dada livre com a obrigação do pagamento do dizimo ao Estado.

Nestas circunstancias se estabeleu Antam Vaz na Ilha do Corvo com alguns criados seus, mas porque não podia, á imitação do que faziam os capitães nas outras Ilhas, dividir as terras em sesmaria, já porque o não era, já porque o terreno era pouquissimo, viu-se forçado a abandonar a Ilha por falta de recursos, vendendo então o seu direito a Gonçalo de Sousa, capitão da Ilha das Flores, que para lá mandou uns seus escravos trabalhar na terra e apascentar o gado.

Foi pois este o começo da colonização da Ilha do

Corvo que a pouco e pouco depois se foi fazendo com pessoal vindo das Flores, pois a vida no Corvo tornava-se facil e abundante em cereais e gado.

No entanto atribue-se contudo a Antam Vaz o haver lançado as primeiras bases de colonização, sendo ele que mandou edificar a Ermida de invocação a Nossa Senhora do Rosario, que ainda hoje serve de paroquia a toda a Ilha. E diz-se que o capelão que para lá levou Antam Vaz e que alem do serviço religioso ensinava as crianças a ler, foi D. Agostinho Ribeiro, que mais tarde foi eleito Bispo dos Açores. (1)

E a Ilha de Santa Iria, como alguns a conheciam continuou a denominar-se Ilha do Corvo, como os mais antigos a tinham nomeado.

1)—Espelho Cristalino de Fr. Diogo das Chagas, no Arquivo dos Açores, Vol. 13 a pag. 317 e seguintes.

II

Descrição territorial das suas ilhas, cidades, vilas e freguesias.

A ilha de Santa Maria fica situada a 36°,58' de Lat. norte e 10°,3' de Long. oest, com a superficie de 117 k., sendo 18 no seu maior comprimento e 10 na maior largura.

A região oriental da ilha é bastante montanhosa, mas de razoaveis terrenos de cultura; a ocidental é rochosa e só presta dia para a criação de gados, sendo o litoral bordado de rochedos quasi escalvados.

Dista 50 k. da ilha de S. Miguel, 190 da Terceira, 260 da Graciosa, 230 de S. Jorge, 235 do Pico, 285 do Faial, 475 das Flores e 480 k. da ilha do Corvo.

As suas principais elevações são o *Pico Alto*, que fica aproximadamente a meio da ilha, *Pico do Facho*, ao lado da Vila do Porto, *Cavaleiro*, na freguesia de Santo Espirito e *Monte gordo*, ao ocidente da ilha, junto ao logar denominado Faneca.

Os portos principais são o de *S. Lourenço*, na costa nordeste da ilha, o *porto velho*, na costa sul, que é o da Vila, o da *Maia*, em frente ao logar deste nome e o *dos Anjos*, no logar assim denominado.

As principais pontas são a dos *Matos ou Barbara Vaz* e a *Ponta Negra*, que formam a baía de S. Lourenço, *Malmereada e Marvão*, que formam a baía da Vila do Porto, *Malbusca*, ao sul da ilha e *Cabrestante* ao ocidente.

As principais ribeiras são a do *Sancho e Ribeira-grande*, entre as quais se acha edificada a Vila do Porto, e a de *Santo Espirito*, que corre na freguesia deste nome e forma o salto chamado do Aveiro.

Ilheus—em volta da Ilha, e além do baixo das Formigas, que fica a 35 k. a E. N. E., ha quatro:

Ilheu da Ribeira Seca, que é o maior de todos, com cerca de meio moio de terra, nas proximidades da Vila, e por isso tambem lhe chamam Ilheu da vila.

E' propriedade dos herdeiros do Conde da Fonte Bela, titular da Ilha de S. Miguel.

Ilheu de S. Lourenço, tambem conhecido por Ilheu do Romeiro, que fica em frente da ponta Negra, junto da baía de S. Lourenço, com a sua celebre gruta de estalactites e estalagmites, pertencente aos herdeiros de Victor Gago da Camara, de Santa Maria.

Ilheu das Lagoinhas, assim chamado por ficar em frente do logar que tem este nome.

Ilheu dos Frades, que é o mais pequeno de todos, e assim chamado por ali irem de recreio os frades da Ermida dos Anjos, que lhe fica fronteira.

O Brazão d'armas da Ilha é constituido pela Imagem de Nossa Senhora d'Assunção com a legenda que a envolve. «Laetitia Angelorum».

Tal é o escudo bordado no Estandarte do Municipio de antiquissima data, da Vila do Porto.

Os fortes da Ilha são:

Castelo de Nossa Senhora da Conceição, tambem conhecido por Castelo de S. Braz, sobre a rocha da Vila do Porto, que era tido pelo Castelo Real.

Dois fortes rasos com o mar do porto da Vila.

Forte do Marvão, na ponta deste nome, ao occidente da baía da Vila.

Forte da Forca, ao oriente da mesma baía.

Forte dos Anjos, que fica no logar deste nome e sitio da Lage.

Castelo de Nossa Senhora dos Anjos, no logar deste nome.

Forte de S. Lourenço, junto ao porto deste nome.

Forte da Maia, junto a Nossa Senhora dos Prazeres.

Castelo de S. João Baptista, no logar da Praia, com com dois reductos.

Todas estas fortificações, porém, se acham em completo estado de ruina.

Toda a Ilha forma um só Concelho cuja sede reside na

Vila do Porto, que fica situada a S. O., e é assim denominada por ficar sobranceira ao melhor porto da Ilha, sendo tambem a mais antiga e principal povoação.

Desconhece-se o foral que a elevou a Vila, mas é sem duvida o mais antigo Concelho de todos os Açores, pois havendo sido esta Ilha a primeira a ser povoada, a sede da primeira Capitania e assim a residencia do Capitão, logico é supor que ao seu melhor povoado fosse dado logo o foral de Vila, e antes de o receber outra terra colonizada posteriormente.

Compreende a Vila uma só freguesia, a de *Nossa Senhora da Assunção*, com sua Igreja paroquial, a Matriz, mandada edificar à custa dos reudimentos da Ilha, no tempo em que eram vereadores João Tomé e Ruy Fernandes, homens principais da terra, nos principios do seculo XVI, havendo nesta Igreja e ao lado do Evangelho um altar com a Imagem do Apostolo S. Matias, que foi tido, nos primeiros tempos da colonização, como Padroeiro da Ilha.

Ha nesta freguesia mais os seguintes Templos invocados a:

a) *Nossa Senhora da Conceição*, no principio da Vila, sobre a rocha e junto ao Castelo, de construção antiga, pois dela já nos fala o historiador Açoreano Dr. Gaspar Fructuoso, no sec. XVI.

b) *S. Pedro Gonçalves*, construido depois daquele, pois não o nomeia o Dr. Gaspar Fructuoso, da qual é padroeira a Irmandade dos maritimos.

ç) *Nossa Senhora do Livramento*, junto ás casas de

Bernardo Canto Soares d'Albuquerque, ignorando-se a data da construção.

d) *Espirito Santo*, da Irmandade da Misericordia, que se julga fôra creado antes de 1537, com seu pequeno hospital, instalado em edificio proprio.

e) *Nossa Senhora da Boa Nova*, junto ás casas de João Severino Gago da Camara, de que foi primeiro padroeiro o Sargento-mór João de Sousa Falcão, no sec. XVII.

f) *Santa Maria Magdalena*, com seu recolhimento, instituido por escritura de doação de 3 de Fevereiro de 1504, em que outorgaram João Tomé Velho e mulher Camila de Rezendes, Pº. Manuel Curvelo, Maria de Sousa, viuva de Filipe Jacome e Cristovam Vaz Falcão, Nunes Curvelo e mulher Catarina Fernandes, Fernão Vaz Falcão e mulher Margarida d'Andrade, para nele se fundar convento da ordem de Santa Clara; mas apesar de obterem o respectivo Breve, nunca ali houve clausura.

Mais tarde foi feito padroeiro deste Recolhimento o Pº. Manuel Curvelo, e depois seu irmão Antonio Curvelo de Resêndes, que o notaram ainda com rendimentos proprios.

g) *Nossa Senhora da Conceição*, junto ao antigo recolhimento deste nome, sendo mandado restaurar ultimamente por Luiz de Figueiredo Lemos do Canto Corte Real.

h) *S. Francisco*, junto ao respectivo Convento que se supõe haver sido fundado em 1446, extinguindo-se alguns anos depois; em 1608 estabelece-se, porém, de novo o convento dos Franciscanos, sendo destruido em 1616 pelos Mouros, que invadiram a Ilha, reconstruindo-se alguns anos depois.

O actual convento e Igreja foi reedificado em 1725, por Fr. Agostinho de S. Francisco com esmolas tiradas pelo povo, sendo acrescentado ainda desde 1802 a 1822, com dádivas do povo e esmolas vindas dos emigrados do Brazil.

Com a extinção das Ordens religiosas, passou o Convento para a posse do Estado, achando-se nele hoje installadas as repartições publicas.

i) *Santo Antonio*, junto ao recolhimento deste nome, ignorando-se a data da sua fundação, sabendo-se porém haver sido reconstruido em 1686 por André Fernandes Almada e mulher Leonor d'Andrade, que o dotaram com um quarteiro de terra na Malbusca.

Depois e durante a—Sede Vacante—por falecimento do Bispo D. Fr. João dos Prazeres, alcançaram licença para a construção do recolhimento, sendo-lhe doados então 12 moios de trigo, de renda anual.

j) *Sant'Antão*, de que nos fala o Dr. Gaspar Fructuoso, edificado em um alto da Vila.

k) *Nossa Senhora da Boa Viagem*, edificado no séc. XVIII, no sitio denominado Sant'Ana.

l) *Nossa Senhora dos Anjos*, a nordeste da Ilha, proximo á praia dos Lobos, de que nos fala Fructuoso, e onde se supõe foram ouvir missa os marinheiros de Cristovão Colombo na volta da sua primeira viagem á America; foi assaltada em 1675 pelos mouros, que invadiram a Ilha, segundo uma inscrição colocada junto ao Altar.

m) *Nossa Senhora da Mãe de Deus*, construida no século XVII sobre o sitio denominado Valverde.

2) **Freguesia d'Almagreira**, que fica a 6 k. da Vila, é assim chamada da *almagre*—terra vermelha—existente na sua area e empregada na pintura da louça de barro que se fabrica na Ilha.

A sua Igreja paraquial é invocada a *Nossa Senhora do Bom Despacho* construida no sec. XIX para substituir a antiga que havia em outro sitio do logar.

Ha nesta freguesia mais os seguintes templos invocados a:

a) *Nossa Senhora da Graça*, no sitio denominado Canaviais, do qual foi seu padroeiro o Sargento-mór João de Sousa Falcão.

b) *Nossa Senhora da Natividade*, junto ás casas de José Augusto Pereira.

c) *Nossa Senhora dos Remedios*, de que nos fala o Dr. Gaspar Fructuoso, no sitio denominado—Praia—a leste da Vila, e onde se diz haver uma fonte de agua salobra

que cura enfermos, por isso a chamam—Fonte de Nossa Senhora.

d) *Nossa Senhora do Monte*, construido no sec. XIX na quinta que foi do morgado Laureano Francisco da Camara Falcão.

3) **Freguesia de S. Pedro** que fica a 5 k. da sede do Concelho e assim chamada do nome do seu orago da paroquia.

Acha-se edificada em parte do terreno denominado Flor da Rosa, nome sem duvida posto por algum dos primeiros colonos natural do Concelho do Crato em homenagem á sua Flor da Rosa; em sua volta tem os povoados denominados Covões, Faneca e Paul.

A sua Igreja paroquial invocada a S. Pedro veiu substituir uma outra da mesma invocação que se arruinara e de que nos fala o Dr. Gaspar Fructuoso.

Ha nesta freguesia mais os seguintes Templos:

a) *Nossa Senhora da Saude*, construido no seculo XIX e que veiu substituir um outro invocada a S. José.

b) *Nossa Senhora de Monserrate*, no sitio denominado—Paul—de que foi padroeiro Manuel Rezendes de Carvalho, no sec. XVIII.

c) *Nossa Senhora do Pilar*, no sitio denominado—Faneca— de que foi padroeiro o fidalgo Fernando Loura de Betencourt e sua mulher D. Mariana Margarida Coutinho, no sec. XVIII.

4) **Freguesia de Santo Espirito** que fica a 18 k. da Vila, onde a tradição diz se resou a primeira missa nos Açores, em honra do Santo Espirito, ficando-lhe por isso o nome.

E' nesta freguesia, e no sitio da Azenha—Santo Antonio— que ha a melhor agua potavel da Ilha; compreende os povoados denominados Malbusca, Cardal e Laural.

A Igreja paroquial é invocada a Nossa Senhora da Purificação, construida antes de 1560.

Ha nesta freguesia mais os seguintes Templos:

a) *Santo Antonio*, que fica a um terço de legua do

mar, e foi a paroquial da freguesia, sob a invocação da Purificação, mas quando se construiu a actual Igreja da paroquia lançou-se sortes sobre qual seria a invocação a dar a esta antiga Igreja, saindo a de Santo Antonio.

b) *Nossa Senhora da Gloria*, construido no sec. XVII

c) *Nossa Senhora da Piedade*, no sitio denominado Malbusca, mandado edificar pelo padre José Pimentel Velho, filho de Pedro Velho e Ana de Rezendes.

d) *Nossa Senhora da Boa Morte*, sob a ponta da Malbusca, e veiu substituir uma antiga Igreja denominada—do Sul, que foi edificada pelo F. Bartholomeu de Bulhões no seculo seguinte.

e) *Nossa Senhora dos Prazeres*, no sitio denominado a Maia, edificada no sec. XVII.

4) **Freguesia de Santa Barbara**, edificada em parte dos terrenos que antigamente chamavam—S. Lourenço—e fica a 12 k. da séde do concelho com sua *Igreja paroquial invocada a Santa Barbara*, edificada no sec. XVI.

Tem mais esta freguesia os seguintes Templos:

a) *Nossa Senhora de Lourdes*, construido no sec. XIX pelo P.e Angelo Soares da Camara, com esmolas tiradas pelo povo.

b) *Jesus, Maria e José*, nas casas de João Severino Diogo da Camara, na antiga propriedade vinculada pelo P.e Fr. Belchior Homem, que foi vigario de Vila-franca do Campo.

c) *Nossa Senhora do Desterro*, no arco de S. Lourenço.

d) *S. Lourenço*, de que nos fala o Dr. Gaspar Fructuoso e deve ser a primeira Igreja edificada neste logar. (1)

A ilha de S. Miguel está situada a 37°,44' de Lat. N. e 16°,37' de Long. O., tendo no seu maior comprimento 90 k. e 14 na sua maior largura, com a superficie de 1.100 k.

1) Segundo Notas fornecidas pelo Dr. Manuel Monteiro Velho Arruda.

Dista 50 k. da Ilha de Santa Maria, 100 da Terceira, 170 da Graciosa, 145 de S. Jorge, 160 do Pico, 205 do Faial, 385 das Flores e 390 k. da Ilha do Corvo.

Em toda a sua extensão é a Ilha acidentada por uma cordilheira de montanhas vulcanicas, que formam nos seus extremos dois massiços distintos, separados por uma depressão, entre a Vila da Ribeira-grande e Ponta-delgada.

Num e noutro massiço ha crateras extintas substituidas por lagoas.

Todos os seus terrenos são bem cultivados, de magnifica produção, sendo o seu clima bastante temperado.

As suas principais elevações são o *Pico da Vara*, que fica situado no concelho da Vila do Nordeste, a *Serra d'Agua de Pau*, na localidade que tem este nome, as montanhas que circundam o Vale das Furnas — *Pico do Ferro*, *Salto do Cavalo*, *Castelos* e os que formam o Vale das Sete-cidades, com as altitudes de 314 a 1.190 metros.

Os seus principais portos são o de *Ponta Delgada*, na costa sul, em frente da cidade deste nome, com seu molhe de abrigo e cais de desembarque, de *Vilafranca*, com cais de desembarque e varadouro, tambem na costa do sul, das *Capelas*, na costa norte, em frente da localidade deste nome, da *Ribeira-quente*, na costa sul em frente da localidade deste nome, de *Rabo de Peixe*, na costa norte desta freguesia, do *Nordeste*, com seu cais a nordeste da Ilha, na Vila deste nome.

As suas principais pontas são a de *Ponta-delgada*, a oeste da cidade, as pontas *Gorda*, *Feteira*, *Cruz* e *Candelaria*, que se seguem a oeste da cidade, as da *Ferraria*, *Mosteiros* e *Matagos*, a oeste da Ilha, as da *Bretanha*, *S. Antonio*, *Calhetas*, *Maia*, *Ajuda* e *S. Pedro*, ao norte, as da *Ribeira*, *Marqueza*, *Matrucal*, a este, e as de *Agua Retorta*, *Faial*, *Lobeira*, *Garça e Galera*, ao sul.

As principais lagoas são as *das Sete Cidades*, no ocidente da Ilha, a do *Fogo*, no Pico da Praia, apro-

ximadamente a meio da Ilha, a do *Congro*, nos terrenos assim denominados por haverem pertencido a André Gonçalves Sampaio, chamado o Congro, por ser grande de *corpo e de alma*, e ser o congro um dos maiores peixes, a das *Furnas*, que fica aproximadamente a dois quilometros desta localidade e a da *Caldeira Velha*, ao oriente da Ilha.

Em volta da Ilha ha os seguintes Ilheus:

Ilheu de Vila-franca, em frente desta localidade, a um quarto de legua e, aproximadamente, com um moio de terra de semeadura.

E' de forma circular, tendo pela parte norte um boquete que liga á sua caldeira, que pode abrigar barcos de cabotagem.

Ilheu de Rosto de Cão, tambem conhecido por Ilheu de S. Roque, por ficar na freguesia que tem por orago este Santo.

E' o mais pequeno de todos os da Ilha, e fica mesmo junto á praia.

Ilheus dos Mosteiros, que ficam fronteiros á freguesia deste nome, em numero de tres, e dispostos por tal forma e feitio que, parecendo mosteiros de religiosos, deram o nome ao logar proximo.

As principais ribeiras são a da *Ribeira-grande*, que atravessa a Vila deste nome, a *Ribeira das Furnas*, ou dos Tambores, que vai desaguar na Ribeira-quente, que tomou o nome de as suas aguas chegarem áquela localidade, vindo pelas Sulfataras das Furnas, ainda quentes, a *Ribeira d'Além*, que atravessa a Vila da Povoação, a *Ribeira da Praia*, junto a Vila-franca, onde estão instalados os geradores electricos da Companhia do Gaz e Electricidade da Ilha, e a *Ribeira do Paul*, que atravessa o logar d'Agua do Pau.

O seu Brazão d'Armas compõe-se de um S. Miguel, em campo de prata, com a espada levantada e na mão esquerda a balança da justiça, calcando aos pés Satanaz.

Compreende a Ilha seis concelhos, cujas sédes residem respectivamente na:

Cidade de Ponta-delgada, que é a capital do distrito formado pelas Ilhas de S. Miguel e Santa Maria, situada ao sul, numa delegada ponta de terra que lhe deu o nome, e sem duvida a mais importante povoação de todo o arquipélago.

Começou este logar a colonizar-se depois de Vila-franca, que então era a cabeça da Ilha, mas desenvolveu-se tão rapidamente que poucos anos depois rivalizava com a propria séde.

Em 1499, um dos seus mais nobres moradores, Fernão Jorge Velho, conjurado com os mais importantes homens do logar e a ocultas da governança de Vila-franca, se embarcou para Lisboa a solicitar de El-Rei o foral de Vila para Ponta-delgada.

Motivou este acto a obrigação que então tinham os moradores de Ponta-delgada de assistirem a certas funções em Vila-franca, o que faziam sempre constrangidos, já pela distancia, a que uma localidade está da outra, já porque não eram, segundo consta, muito gallhardamente recebidos. E assim conta-se que indo a Vila-franca por imposição dos seus moradores alguns dos nobres de Ponta-delgada assistir á festa de Corpus-Christi «deram uma tocha para levar na procissão a Pedro Jorge, e pondo-se um Antam Pacheco de Vila-franca detrás dele com outra tocha, com ela, ou por descuido, ou por malicia, ou zombando, lhe pingou um tabardo novo que ele levava vestido». Deu isto uma larga rixa, desordenando-se a procissão e fugindo os de Ponta-delgada para bordo dos barcos em que haviam vindo (1).

Foi este o ultimo facto que motivou a conspiração e a saida para Lisboa de Fernam Jorge Velho, que alcansou o alvará de Vila para Ponta-delgada por mercê d'El-Rei D. Manuel na era de 1499. Mais tarde, a 20 de maio de 1507 passou El-Rei D. Manuel um outro Alvará em pergaminho, como ao tempo se usava, para substituir o primeiro que fora passado em papel comum.

1) Saudades da Terra, do Dr. Gaspar Fructuoso V. IV.

O terremoto de 1522, que subverteu Vila-franca, levou para esta nova Vila a séde do governo da Ilha, que foi elevada a cidade por Alvará de 2 d'abril de 1546.

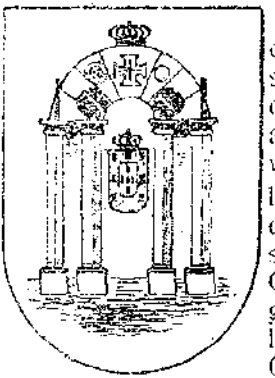
Em volta da cidade ha as seguintes fortificações:

Castelo de S. Braz, situado na freguesia de S. José, a oeste da cidade, e construido segundo o plano mandado executar por D. João III em 1552, mandando El-Rei nesta epoca, além do Sargento-mór João Fernandes de Orado, um condestavel e nove bombardeiros, com artilharia, polvora e mais munições para a defesa do porto.

Reduto de Santa Clara, que fica situado a oeste do castelo e a pequena distancia deste.

Reduto de S. Pedro, situado ao fundo da Igreja paroquial de S. Pedro.

Forte de Nossa Senhora da Mãe de Deus, no alto deste nome, mandado fortificar pelo governador militar Sebastião José de Arriaga Brum segundo o plano do engenheiro Francisco Borges de Silva, sendo depois transformado em passeio publico.



O Brazão d'armas de Ponta-delgada compõe-se de um portico sustentado por quatro columas, tendo ao centro as armas Reais. Sobre as duas colunas da parte interna avultam duas esferas armilares, e sobre as da externa duas tochas ardentes; na volta do arco e na parte superior está a Cruz da Ordem de Cristo, tendo de um lado o Sol significando a justiça e do outro a Lua simbolizando a Senhora da Conceição. O remate do portico é a Corôa Real e por cima tres setas com uma palma atravessada.

Setas e palmas são o emblema do Martir S. Sebastião, padroeiro da cidade; a Cruz de Cristo e as esferas são as divisas de D. Manoel, que a elevou a Vila.

Formam a cidade as tres seguintes freguesias:

Freguesia Matriz de S. Sebastião, que ocupa a parte central da cidade, com sua Igreja paroquial, com o titulo de Matriz, invocada áquele santo e come-

çada a construir em 1531, no mesmo sitio onde o povo havia levantado uma Ermida da mesma invocação, quando a peste então ali grassou.

E' um rico templo, quer em arte como em grandeza e sitio onde se acha colocado.

Ha nesta freguesia mais os seguintes templos invocados a:

a) *Santo André*, junto ao convento de freiras de Santa Clara, fundado em 1507 por Diogo Vaz Carreiro e mulher Beatriz Roiz Raposo, que lhe doaram 70 moios de trigo com obrigação de ali serem recolhidas até quatorze freiras, suas parentes.

A Bula da fundação tem porém a data de 15 de maio de 1535.

Junto existia uma Ermida de Santo André, então padroeiro da cidade, que pertencia ao municipio, que foi permutada com o fundador.

b) *Santa Ana*, junto ao recolhimento deste nome, mandado levantar pelo Licenciado Antonio de Frias, segundo testamento, com que faleceu, de 11 de novembro de 1624.

Foi neste recolhimento que primeiro estiveram os frades gracianos, quando a esta Ilha abordaram, até 1628.

c) *Santa Barbara*, construido com licença do Bispo d'Angra D. Jeronimo Teixeira Cabral, nos anos de 1600 a 1612.

Junto a ela está o Convento do mesmo nome, mandado construir por Roque Teixeira e mulher Maria Esteves, para nele recolherem suas filhas como terceiras de Santo Agostinho, estando por essa razão sob a obediencia do Prior do Convento da Graça.

E' hoje recolhimento com estatutos proprios.

d) *Todos os Santos* (colegio dos Jesuitas), começado a edificar em 1592 em terrenos doados á Companhia de Jesus por João Lopes Henriques e Capitão Manuel da Costa.

Em 1625 começaram as obras do Colegio novo e em 1637 as da nova Igreja.

Em 1788 tomou posse do Colégio Nicolau Maria Raposo, por compra á Fazenda Nacional por 1.600$000.

e) *S. João ante portam latinam*, junto ao Mosteiro de

freiras de Santa Clara, fundado por Manuel Martins Soares e mulher Maria Joana Raposo, que por escritura de dez d'agosto de 1602 se fez sua padroeira. O Papa Paulo V confirmou este Mosteiro por Bula de 1610; hoje acha-se instalado nele o quartel de Infantaria 26; estando a Igreja arruinada.

f) *Nossa Senhora d'Ajuda*, que ficava contiguo ás casas de Francisco Afonso de Chaves, e parece fora mandado construir por Izabel de Miranda, pois diz em escritura de 24 de maio de 1593 que doa o fôro de mil reis para a fabrica do oratorio que fizera na sua casa.

g) *Santo Antonio*, na Rua do Melo contiguo ás casas dos herdeiros de Francisco Borges Bicudo.

Foi mandado construir por D. Maria da Camara Medeiros e seu marido no ano de 1718.

h) *S. Bento*, junto ás casas de Antonio José de Vasconcelos na Rua da Misericordia Velha.

Está profanado.

i) *Nossa Senhora da Boa Morte*, na Rua de S. João, defronte do quartel de infantaria e contiguo ás casas de Francisco de Betencourt.

Em 1699 pertencia a Braz Barbosa e está hoje profanado.

j) *S. Braz*, na Rua deste nome, junto ás casas do Dr. João de Betencourt; já existia em 1716; pertence hoje á Junta de paroquia e está aberto ao publico nos dias de S. Braz e Santa Luzia.

k) *Espirito Santo*, mandado construir pelo Barão de Jacome, como provedor da Misericordia de Ponta-delgada, em 1560, no sitio em que nasceu a Veneravel Margarida de Chaves.

Foi demolido por Salomão Bensaude onde construiu as suas casas comerciais que ali tem.

l) *S. Francisco d'Assis*, no sitio denominado Bela-Vista, e mandado construir pelo Dr. Francisco Joaquim Machado, conego da Sé d'Angra e no sitio onde tinha havido uma outra.

Está demolido, pertencendo o predio aos herdeiros de José de Medeiros Cogumbreiro.

m) *S. João de Deus*, na rua deste nome junto ás casas da familia Raposo d'Amaral.

Em 1711 era administrado por D. Maria da Silva, viuva de João Borges da Silva: hoje profanado.

c) *Santa Margarida, Martir*, mandado construir por Manuel Teixeira nas casas onde morreu a Veneravel Margarida de Chaves, defronte da rua de S. João de Deus.

Em 1646 dotou-o com um moio de trigo, e em 1840 e tantos era destruido.

Freguesia de S. Pedro, que ocupa a parte oriental da cidade, sendo a mais antiga das freguesias, com sua Igreja paroquial invocada ao Apostolo S. Pedro, ignorando-se a data da sua construção; mas já em 9 de julho de 1544 diz Francisco Fernandes que tinha jazigo seu junto ao cruzeiro.

Em 1642 foi reconstruida com o producto de fintas lançado na freguesia.

Ha nesta freguesia mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora da Graça*, hoje profanado, com seu convento fundado com o auxilio do Dr. Manuel Sanches d'Almada, ouvidor e Vigario-geral em S. Miguel.

Os religiosos Agostinhos, que haviam arribado a Ponta-delgada em 1606, neste convento instalaram-se depois de estarem no recolhimento de Sant'Ana, em 1628, e nele se abriram as aulas de artes e teologia especulativa.

Actualmente neste convento está instalado a Escola primaria Superior, o Museu, Posto Meteorologico e Biblioteca publica.

b) *Nossa Senhora da Mãe de Deus*, mandado construir no alto que tem este nome, por Diogo Afonso Cogumbreiro que faleceu em 1547 e concluido por sua mulher D. Branca Rodrigues.

Sebastião José d'Arriaga Brum, governador militar que foi em S. Miguel desde 1831 a 1821, fortificou aquele alto, segundo o plano do engenheiro Francisco Borges da Silva, mas José Teixeira Homem de Berderode, quando governador militar desde 1823 a 1828, ajudado por uma subscrição de particulares em 1825, removeu dali as fortificações e reduziu aquele alto a passeio publico —

segundo a inscrição que lá se vê da autoria do Padre Mestre João José d'Amaral.

"Á branda voz do Chefe Berderod
prontos acodem gratos insulanos,
eis surge em breve transmudada a scena
aplaudido recreio"

Por ordem do Governador militar em 1915 foi arrasado o templo, para não servir de alvo aos submarinos Alemães, na guerra Europêa de 1914.

A cinco de março de 1922, foi lançada a primeira pedra para a reedificação da nova Igreja, por subscrição publica.

c) *Nossa Senhora da Natividade*, no largo de Camões; em fins do seculo XV era a séde de uma confraria de pretos, tendo sido expropriado pelo municipio em 1859 quando se constituiu o Largo.

d) *Nossa Senhora do Amparo*, junto ás casas que foram do Dr. Ernesto do Canto na Rua do seu nome, e já existia em 1564.

e) *Nossa Senhora da Boa Nova*, situada á Calheta e construida em 1610, por Pedro Borges de Gandia que a dotou com 5 alq. de terra.

Foi expropriado á familia Borges de Sousa quando se construiu a cadeia da Relação, edificando-se uma capela no interior do edificio, invocada á mesma Senhora.

i) *Ermida de Santo Cristo*, junto ás casas do Visconde das Larangeiras, na estrada da Fajã de Baixo.

g) *Ermida de S. Gonçalo*, actualmente a cargo da Misericordia de Ponta-delgada e outrora de muita devoção.

Freguesia de S. José, que ocupa a parte ocidental da cidade, e na ordem da creação a terceira freguesia.

A sua primitiva Igreja paroquial foi erecta no sitio onde hoje está o Teatro Micaelense, começando a servir em 1714, sendo profanada em 2 de setembro de 1840.

Actualmente acha-se instalada a paroquial desta freguesia na Igreja dos Franciscanos, começada a edificar-se em 1709 no sitio dado por D. Guiomar de Sá, dirigindo as obras Fr. Gonçalo de Jesus.

O convento que lhe fica junto, e onde está hoje instalado o Hospital e Misericordia da cidade, foi fundado em 1525 por Fr. Vasco Teixeira, junto a uma Ermida de Nossa Senhora da Conceição que pertencia á Camara Municipal, que nesta data a passou por doação para a Ordem de S. Francisco.

Extintas as ordens religiosas por carta de lei de 30 de julho de1830, instalou-se neste convento a Misericordia e seu hospital, que primitivamente se havia estabelecido—no *Largo da Misericordia*.

Desconhece-se a data precisa da fundação desta Irmandade, supondo-se haver sido por Catarina Simoa, e que Afonso Anes, Cavaleiro do Habito de S. Lazaro doou o sitio em que se fundou o primitivo hospital e Igreja, fazendo á sua custa a capela-mór.

É a mais rica de todas as Misericordias da Ilha.

Ha nesta freguesia mais os seguintes Templos:

a) *Santissima Trindade*, junto a um pequeno recolhimento fundado por Antonio de Sá Betencourt, antes de 1541; pertence aos herdeiros do Dr. Caetano d'Andrade Albuquerque.

b) *S. Mateus*, no largo da Conceição e junto ás casas do Conde da Ribeira

Tambem e por vezes serviu de paroquia, sendo arrasada com o paço dos Condes da Ribeira, pelo primeiro Barão da Fonte Bela, ao construir o edificio onde hoje se acha instalado o Liceu Central.

c) *Santa Barbara*, edificado no castelo de S. Braz, sendo padroeira dos bombardeiros.

Começou a servir em 1553, tendo seu capelão, creado pelo Capitão-donatario D. Manoel da Camara.

d) *Nossa Senhora do Bom Sucesso*, no povoado denominado —*Ramalho*— que fica a 2k. da séde da freguesia, mandado construir por André da Ponte Quental, junto ás suas casas de morada, e por ele dotado com o fôro de 20$000 reis anuais.

e) *S. Braz*, que havia no sitio do Castelo que lhe tomou o nome, anteior a 1554.

f) *Santa Catarina*, junto ás casas do Conde de San-

ta Catarina, Manoel Rebelo Borges de Castro da Camara Lemes.

Pedro Jacome e mulher Ana Gonçalves instituiram em 1525 e 1528 vinculo que compreendia aquela casa e Ermida.

g) *Corpo Santo*, onde está hoje o mercado do peixe e nele esteve a confraria de S. Pedro Gonçalves.

h) *Nossa Senhora das Chagas*, mandado edificar pelo P.e Diogo de Paiva que o dotou em 1553, servindo de paroquia enquanto se fizeram obras na Igreja de Santa Clara, e ficava no canto da Conceição, defronte do edificio do Governo Civil.

i) *Nossa Senhora da Conceição*, junto ao convento desta invocação, fundado pelos Drs. Padre Francisco d'Andrade Albuquerque e seu irmão João d'Andrade Albuquerque, com breve do Papa Clemente IX de 14 de maio de 1664, entrando as primeiras freiras em 3 d'agosto de 1671.

Neste edificio estão instaladas hoje varias reparti-ções entre as quais a do Governo Civil.

j) *Nossa Senhora do Desterro*, na rua deste nome e mandado edificar pelo Licenciado Francisco Nunes Bago e mulher Izabel da Costa Arruda, e por eles dotado com 15 alqueires de trigo de fôro por escritura a 5 de março de 1620.

k) *Nossa Senhora das Dores*, edificado junto á Igreja dos Franciscanos.

l) *Nossa Senhora da Esperança*, e seu Convento, começando a edificação por mandado do capitão-donatario Ruy Gonçalves da Camara e continuada por sua mulher D. Filipa Coutinho, em terreno doado por Fernando de Quental e mulher Margarida de Maios, e com o auxilio de muitos moradores de Ponta-Delgada.

Em 23 de abril de 1541 entraram as primeiras freiras, vindas da Recoleta de Vale de Cabaços.

E' nesta Igreja que está a mui Veneravel Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres, de reconhecida devoção em todos os Açores, e que fora dada pelo S. Padre ás freiras que a Roma foram solicitar Bula para a edificação do Convento de Vale de Cabaços.

m) *Nossa Senhora do Parto*, nas casas do falecido

Pedro d'Alcantara Borges Bicudo, onde está hoje o Hotel Brown.

n) *Nossa Senhora da Ressurreição*, tambem conhecido por Soledade, nas casas ao lado do nascente do Campo de S. Francisco, mandado edificar por Cristovam de Matos Quental que o dotou com o foro de 2.000 reis por escritura de 15 de dezembro de 1609.

o) *Nossa Senhora da Victoria*, junto às casas de Pedro Julio da Camara Leme, na Rua do Teatro.

p) *Santa Clara*, edificado no extremo oeste da cidade, e já existente em 1522.

Parece fôra mandado construir por Matias Tavares, Pedro de Souza, João de Medeiros e Roque Gonçalves.

D. Pedro de Castilho, bispo d'Angra, creou nele a terceira freguesia da Cidade (S. José) hoje é um curato nesta freguesia por Alvará de 15 de novembro de 1728.

Foi restaurada em 1874 pelo Barão da Fonte Bela.

q) *Santa Luzia*, sita da rua deste nome e junto ás casas de morada que foi de Nicolau Antonio Borges de Betencourt.

E' anterior a 1645, data em que Catarina de S. João viuva de Domingos d'Aguiar testou, falando nela.

r) *S. Joaquim*, que ficava proximo ao cemiterio de Ponta-delgada, e juntamente com a casa que lhe ficava proxima fazia parte do vinculo instituido por D. Catarina Correia Botelho em testamento de 31 de dezembro de 1666.

Foi demolido pelo seu ultimo dono Alipio Coelho d'Amaral.

Freguesia de Nossa Senhora do Livramento que fica a 5 k. da séde do concelho, fazendo antigamente parte da freguesia de Rosto de Cão da qual se separou.

Assim se chama da invocação da sua Igreja paroquial que se julga ter sido mandada edificar pelo Padre João Alves de Lordelo, no seculo XVII, sendo elevada a paroquia por Alvará de 27 de outubro de 1727.

Tem mais esta freguesia os seguintes Templos:

a) *Jesus, Maria e José*, situado na canada do Bago que entrou no vinculo do Padre João Martins Machado

em 1703, pertencendo hoje aos herdeiros do Dr. Caetano d'Andrade Albuquerque de Ponta-delgada.

b) *Nossa Senhora da Penha de França*, que fica junto ás casas do falecido Conde da Fonte Bela, no sitio denominado Botelho.

c) *S. Caetano*, junto ás casas do Dr. Jacinto d'Andrade Betencourt, e por ele vinculado juntamente com a casa e quinta que lhe fica ao lado em 1783.

d) *Nossa Senhora do Carmo*, mandado construir pelos Padres da Companhia de Jesus junto ás suas casas de verão; pertence hoje aos herdeiros de Francisco Rodrigues de Paiva Reis.

e) *Nossa Senhora da Gloria*, pertencia antes de 1541 a Gonçalves d'Araujo, hoje pertence aos herdeiros de Mateus d'Andrade Albuquerque.

f) *Nosso Senhora do Populo*, no sitio que tem este nome mandado edificar por Jacques de Padron, negociante francês, estabelecido em Ponta-delgada, e consorte Luiza de Medeiros, segundo diz em seu testamento de 8 de novembro de 1605, e por provisão de 10 de março de 1676 do Bispo d'Angra D. Fr. Lourenço de Castro.

Freguesia de Rosto de Cão, que fica a 3 k. da séde do concelho e assim chamado por o lhen que lhe fica junto ter a forma de um cão, sentado e com o focinho voltado para terra.

Teve uma pequena fortaleza denominada Reduto de S. Roque.

Foi neste logar e numa pequena elevação que esteve levantada a forca da jurisdição de Ponta-delgada, entre ameias, parecendo um pequeno Castelo.

A Igreja paroquial deste logar é bastante antiga e invocada a S. Roque.

Tem esta freguesia mais os seguintes Templos:

a) *Nossa Senhora de Belem*, que fica situado na Canada que tem este nome; Manuel Lopes Torres Quintanilha, compreendeu esta Ermida no seu vinculo, em 1671.

Mais tarde foi adquirida pelos Jesuitas, que junto delas fizeram construir uma casa onde se recolhiam quando doentes.

b) *Nossa Senhora das Brotas*, sito ás Quatro Canadas.

No principio do seculo passado pertencia a José Francisco Bicho, mas já em 1876 não existia.

c) *S. João Nepomuceno*, sito ao Loureiro, e que pertencia a Francisco José Loureiro que deu o nome ao sitio, e hoje é dos herdeiros de Nicolau Maria Raposo de Amaral; destruido.

d) *Santa Madalena*, que já existia no tempo do Dr. Gaspar Fructuoso; começou a ser reedificada, mas não acabaram a obra.

e) *Santa Tereza*, no sitio da Abilheira, e que pertencia a Luiz José Velho de Melo Cabral e hoje aos herdeiros do Visconde de Santa Barbara.

f) *Santa Rosa de Viterbo*, no mesmo sitio da Abilheira, pertencia em 1810 a André de Sousa Muniz, de Rosto de Cão e hoje pertence aos herdeiros de João da Silva Cabral.

g) *Santo Antonio*, no mesmo sitio da Abilheira e junto ás casas de João de Freitas da Silva.

h) *S. João*, no referido sitio da Abilheira, mandado construir por João José de Pimentel e pertencente hoje aos herdeiros do Marquez da Praia, e que está em completo estado de ruina.

i) *Nossa Senhora do Pilar*, no sitio dos Prestes, mandado construir por José Caetano Dias do Canto Medeiros em 1818, depois de mandado arrasar o que tinha, da mesma invocação na Fajão de Cima.

j) *Santa Margarida de Chaves*, na mesma canada dos Prestes mandado construir pelo capitão Francisco Afonso de Chaves que faleceu em 1703, na sua quinta, vinculando-lhe a terça, com obrigação de seus herdeiros manterem a Ermida.

Freguesia da Fajã de Baixo, que fica a 3 k. da sede do concelho, e assim chamada por estar assente em terreno chão, e *de Baixo*, para a distinguir de uma outra que fica um pouco mais acima e se denomina — *Fajã de Cima*.

E' povoado antigo, desconhecendo-se porém a epoca da sua colonização, mas conhecido já do nosso historiador Dr. Gospar Fructuoso.

A sua Igreja paroquial é invocada a Nossa Senhora dos Anjos e antes até 1585, invocada a Nossa Senhora d'Assunção e colocada um pouco mais acima da actual, tendo aquela já sido restaurada em 1662.

Tem mais esta freguesia os seguintes Templos:

a) *Nossa Senhora da Conceição*, construido dentro das casas que foram de Nicolau Antonio Borges de Betencourt, mas com porta para a estrada publica, e á qual fez patrimonio Simão da Fonseca em 1688.

Já não existe.

b) *Nossa Senhora do Egito*, junto ás casas que foram do capitão Antonio Soares de Sousa e consorte D. Antonia do Canto Medeiros, que a dotaram com patrimonio em 1687.

Pertence hoje aos herdeiros de José Maria da Camara Coutinho.

c) *Nossa Senhora da Encarnação*, já destruido, e o mais antigo que houvé na freguesia, edificado proximo á Igreja paroquial e pertencente a André Manuel Alvares Cabral.

d) *Nossa Senhora do Loreto*, junto ás casas que foram do capitão Lourenço de Frias Coutinho, que lhe fez patrimonio em 1699.

Foi reconstruido em 1720, e pertence hoje aos herdeiros de Antonio Cimbron Borges de Souza.

e) *Santa Rita*, mandado edificar pelo Tenente Bernardo Gomes e esposa Luiza de S. Francisco em 1765, dotando-a com tres alqueires de terra situados ao Rocio das Capelas.

E' hoje propriedade dos herdeiros de Victorino José de Melo.

f) *Nossa Senhora da Soledade*, mandado construir pelo padre Manuel da Costa Carneiro em 1674, no sitio denominado—Grimanesa.

g) *Nossa Senhora da Rosa*, junto ás casas que foram de João Elias da Costa, e pertencente hoje aos herdeiros do Conde da Fonte Bela.

h) *Nossa Senhora de Lourdes*, no sitio da Abilheira, mandado edificar por João Maria da Silveira Borges, no seu predio, ficando concluido em 1825, pertencendo hoje a Joaquim Alves Cabral Junior.

Freguesia da Fajã de Cima. que fica a 5 k. da séde do Concelho, e assim chamada, tambem por assentar em terreno chão, e —*de Cima*— por ser mais alta e afastada da séde que a outra Fajã.

E' povoado antigo e importante, sendo a sua actual Igreja paroquial construida em 1856 em terreno doado por Manuel Inacio da Silveira (Barão de Nossa Senhora d'Oliveira) cuja invocação é de Nossa Senhora d'Oliveira.

Antes havia uma Ermida desta mesmo invocação que servia ao publico, mandada construir por Manuel Martins da Silva em 1726, que se arrasou, sendo o chão vendido a particulares.

Tem esta freguesia mais os seguintes Templos:

a) *Nossa Senhora da Paz*, mandado construir por Beatriz Coutinho, viuva de Manuel Corrêa, de Ponta-Delgada em 1720. Já não existe.

b) *Nossa Senhora do Pilar*, mandado construir por Jordão Jacome Roposo e consorte D. Maria Margarida de Medeiros em 1682.

Perteneeu depois a José Caetano Dias do Canto Medeiros, que o passou para uma propriedade na Canada dos Prestes (Rosto de Cão) em 1818.

Freguesia dos Arrifes que fica a 4 k. da séde, podendo bem dizer-se que é uma continuação da freguesia de S. José de Ponta-Delgada; é assim chamada por ficar em logar inclinado e de mau acesso.

A sua Igreja paroquial é invocada a Nossa Senhora da Saude e fundada por D. Margarida da Camara, viuva de Cristovão Dias, segundo seu testamento de 1627.

Tem esta freguesia mais os seguintes Templos:

a) *Igreja de Nossa Senhora d'Ajuda*, no povoado denominado —Covoada— fundado por Gaspar de Medeiros, o velho.

b) *Nossa Senhora do Bom Despacho*, já existente em 1564, e anexado ao vinculo do capitão Jacome de Medeiros e Sousa em seu testamento de 1688.

c) *Nossa Senhora da Conceição*, edificado no Monte de Manuel da Camara Coutinho e mulher D. Tereza Maria Sampaio, que em seu testamento de 1756 lhes fazem o patrimonio de 2 alqueires de terra.

d) *Igreja de Nossa Senhora dos Milagres*, desconhecendo-se a data da sua construção, no povoado denominado Milagres e formando um curato sufraganeo.

e) *Nossa Senhora da Piedade*, mandado construir por João Dias, escudeiro, junto ás suas casas, fazendo-lhe patrimonio em 1530.

Freguesia da Relva, que fica a 5 k. da séde, ao longo da rocha, e assim chamada, por nos tempos da colonização ser um campo de muita herva, onde pastava o gado, a que comumente o povo chama—relva.

A sua Igreja paroquial é invocada a Nossa Senhora das Neves, tendo já seu capelão em 1526.

Anteriormente denominava o povo este templo por Igreja do Contador, sem duvida porque Martim Vaz, que teve este cargo e neste logar viveu, contribuiu para a edificação dela.

Compreende mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora dos Afflitos*, na Grota do Contador, mandado edificar pelo capitão Inacio de Melo, segundo seu testamento de 16 de maio de 1618, em que ordenava se fizesse uma casa para o Ermitão que tratasse do templo.

b) *S. José*, em ruinas, e edificado junto ás casas que foram dos Condes da Ribeira-grande.

c) *Nossa Senhora da Victoria*, mandada edificar pelo Padre Manuel Fernandes Vitoria, em propriedade sua, que vinculou em favor de sua sobrinha D. Mariana Vitoria de Faria, mulher de Francisco Machado de Faria e Maia.

Freguesia das Fèteiras, que fica a 14 k. da séde do Concelho e assim chamada pela grande abundancia de fétos que tinha nos seus campos ao começar a ser colonizada.

E' povoado antigo e constituido em paroquia nos fins do seculo XV, com sua Igreja invocada a Santa Luzia, edificada em terreno do passal, que no ultimo quartel do seculo XVI se achava arruinada e incapaz do serviço do culto, pelo que deixou de servir de paroquial desde os principios do seculo XVII.

Igreja de Nossa Senhora do Guadalupe, mandada construir por Jorge Camelo Pereira, tambem conhecido por Jorge Camelo do Costa Cogumbreiro e mulher D. Margarida Pacheco, no seculo XVI, no local da casa de Pedro Afonso da Costa Cogumbreiro, pai de Jorge Camelo, gastando nesta obra mais de 3.000 cruzados.

Abandonada a antiga Igreja paroquial, introduziram-se a pouco e pouco melhoramentos na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, ampliando-se e transformando-se em paroquial sob a invocação de Santa Luzia.

Freguesia das Capelas, que fica a 10 k. da séde do Concelho, é assim chamada, ou por ali se fazerem *capelas* pelo S. João, ou então, como é mais provavel, por em seus campos pastarem muitas vacas malhadas que os antigos denominavam—*capelas*—outros dizem que este nome lhe vem dos nichos, a que o povo chama capelas, cavadas pelo fogo na rocha junto ao mar.

Foi este logar elevado a Vila, por lei de 23 de julho de 1839, sendo-lhe porém suprimido o foral em 1854, por se provar a falta de recursos na manutenção do seu Municipio.

A sua Igreja paroquial que tem o titulo de Matriz-prioral, é invocada a Nossa Senhora da Apresentação, e foi criada paroquia por proposta de D. Manuel de Gouvea, Bispo d'Angra, por Carta-regia de 11 de Novembro de 1592.

Antes porém houve neste logar uma outra Igreja, que servia de paroquia e cujo chão foi vendido em 1633, e que era invocada a Santa Barbara e situada aos Poços.

Tem esta freguesia mais os seguintes templos:

a) *Anjo da Guarda*, construido no seculo XVII e pertencia aos frades da Graça, de Ponta Delgada; já não existia em 1890;

b) *Sant'Ana*, hoje profanada, mandado edificar por Jordão de Vasconcelos e que fica proximo á Igreja paroquial.

c) *Igreja de Nossa Senhora da Conceição*, sita á Conceição, mandado construir pelo capitão Agostinho de Medeiros da Costa, que faleceu em 1696, sendo reconstruido em 1830, e forma hoje um curato.

d) *Nossa Senhora da Natividade*, mandado construir pelo Licenciado Antonio Pereira Botelho, que faleceu a 22 de junho de 1687, sito ao Pombal; destruido.

e) *Nossa Senhora da Piedade*, que era junto ás casas de André Manuel Alvares Cabral, e foi demolido em 1866 por ordem de André Cabral.

f) *Santa Rita*, mandado construir pelo tenente Bernardo Antonio de Melo em 1756, na sua quinta, e pertence hoje ao P.e Manuel Antonio Botelho.

g) *Nossa Senhora do Rosario*, edificado junto ás casas de Amancio da Silveira Gago da Camara.

Freguesia de S. Vicente Ferreira, que fica a 10 k. da séde do concelho, assim chamada da invocação da sua Igreja paroquial, e que antes era sufraganea da freguesia de Nossa Senhora da Luz dos Fenais, havendo sido creada curato por Alvará de 16 de Março de 1838.

Freguesia de Santo Antonio, que fica a 15 k. da séde do concelho e assim denominada da invocação da sua Igreja paroquial que já existia em 1524.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora da Mãe de Deus*, que ficava no principio da freguesia.

b) *Nossa Senhora do Rosario*, mandado construir por Alvaro Lopes da Costa e fica defronte do cemiterio da freguesia, sobre a rocha.

O tremor de terra de 16 d'abril de 1852 abateu-lhe a capela e altar, sendo as Imagens transportadas para a Igreja paroquial; mais tarde foi reconstruido.

c) *Ermida de Santa Barbara*, no povoado d'este nome, formando hoje um curato.

Freguesia dos Mosteiros, que fica a 29 k. da séde do concelho, e assim a denominaram porque na sua frente existem quatro ilheos que se assemelham a mosteiros (conventos de frades) com dois reductos, hoje desmantelados que lhe serviram de defesa.

A sua Igreja paroquial invocada a Nossa Senhora da Conceição já tinha Vigario em 1568, data em que lhe foi acrescentada a congrua.

Tem mais os seguintes templos:

a) *S. Lazaro*, mandado construir por Afonso d'Oliveira, quando doente de lepra, antes de 1580, pois nesta assim testou sua mulher Solanda Gomes.

b) *Igreja de S. Nicolau*, mandada construir por Nicolau Maria Raposo d'Amaral no ano de 1850, que durante anos sustentou á sua custa um capelão

E' situada no Vale das Sete cidades, povoação que fica nas margens de uma importante lagoa no fundo de uma cratera que tem perto de 15 kilometros de circunferencia e em baixo 5 de comprido e 2,5 de largo.

Do cimo da cumieira, altura não inferior a 500 metros, comtempla-se uma surprehendente vista.

Freguesia da Bretanha, que fica a 25 k. da séde e assim chamada, ou porque nela tinham sua fazenda alguns bretões, ou por os antigos chamarem—*bretanha*—a uma terra alta.

A sua Igreja paroquial é invocada a Nossa Senhora d'Ajuda, e já existia como paroquia em 1568, data em que a congrua do seu Vigario foi acrescentada com mais 10$000, devendo talvez ter sido concluida em 1525.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Igreja de Nossa Senhora do Pilar*, no povoado que tem este nome e tambem o de—*João-Bom*—formando curato antes de 1716 e foi modernamente reconstruido.

b) *Igreja de Nossa Senhora dos Remedios*, no povoado d'este nome e construida depois 1856, que forma curato, tendo havido uma outra um pouco mais acima que desappareceu totalmente.

Freguesia dos Fenais, que fica a 10 k. da séde do concelho, e assim chamada da grande abundancia de feno que criavam os seus campos no tempo da colonização; e para a distinguirem dos outros Fenais pertencente ao Concelho da Ribeira-grande, tomou mais o nome da invocação da sua Igreja paroquial—*Nossa Senhora da Luz*—que já tinha Vigario em 1568.

Tem mais os seguintes templos:

a) *S. Pedro*, mandado construir por Jacome Dias

Corrêa e mulher Beatriz Rodrigues Raposo, que em seu testamento de 14 de dezembro de 1532, mandou que se adquirisse uma Imagem de S. Pedro; sobre a rocha.

b) *Nossa Senhora da Purificação*, tambem denominado Senhora da Luz, mandado edificar por aquele Jacome Dias e mulher, junto ás suas casas.

Tinha cura já em 1526.

c) *S. Jeronimo*, ignorando-se a data da sua construção, de muita devoção no povoado.

d) *Nossa Senhora dos Aflitos*, ignorando-se tambem a data da sua construção; é de grande devoção e a ela faz o povo amendadas romarias.

Freguesia da Candelaria, que fica a 18 k. da séde do concelho e assim chamada do nome da invocação de sua Igreja paroquial—Nossa Senhora das Candeias—que já existia como paroquia em 1508 data em que foi aumentada a congrua do seu Vigario com mais 10$000.

Tem mais

Ermida de Nossa Senhora do Socorro, mandada edificar por Diogo Gonçalves, a meia legua aproximadamente da séde da freguesia.

Freguesia dos Ginetes, que fica a 25 k. da séde do concelho e assim chamada, ou por o pico que a resguarda dos Ventos do mar—«ter uma selada á meio, como sela»—ou por nos seus campos se criar antigamente muita raça cavalar *ginetes*.

E' nesta freguesia e nas proximidades da rocha maritima que se acha instalado um posto semaforico desde 1892 e contiguo a este um grande e bem preparado edificio com um magnifico farol.

A sua Igreja paroquial é invocada a S. Sebastião e construida entre os anos de 1603 a 1635, para substituir a primitiva, edificada no sitio da Lombinha, á custa da Fazenda Real, no tempo de D. João III.

Tem mais

Ermida de Jesus, Maria, José, no logar da Varzea, edificada em 1702, em terreno doado por Maria de S. Tiago, filha de Bartolomeu de Teves, com seu cura sufraganeo ao Vigario dos Ginetes.

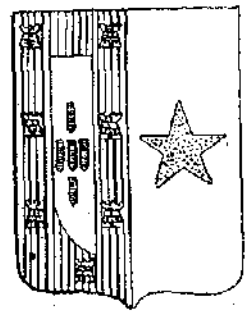
Vila da Ribeira Grande, que fica a 18 k. aproximadamadamente de Ponta-delgada, situado na costa norte e quasi a meio da Ilha e assente numa planicie ao longo de uma enseada que lhe forma o porto, pouco seguro pelos seus recifes e exposição aos ventos; tem no porto de Santa Iria um pequeno cais, que dista do Vila cerca de 4 k., mas pouco frequentado.

Tomou esta Vila o nome da ribeira que a atravessa no sentido—sul-norte—que é a mais importante ribeira de toda a Ilha, e começou a ser colonizada depois de Ponta-delgada, recebendo o foral de Vila por Alvará de D. Manuel de 4 d'agosto de 1507.

E' a mais populosa de todas as Vilas Açoreanas, bastante industrial, sendo os seus terrenos aptos a todo o genero de cultura; abundantissima de aguas, tem grande numero de moinhos de cereais e em 1723 tinha uma boa fabrica de panos de lã mandada construir por D. Luiz da Camara, conde da Ribeira-grande, havendo ainda mais de mil teares empregados na tecelagem de linhos produzidos nas suas terras.

Para sua defesa maritima teve um velho forte, que montava oito peças de artilharia servido por milicianos, segundo o regimento de então.

O seu Brazão d'armas segundo o emblema do seu Estandarte Municipal, compõe-se de um escudo bi-partido, de um lado as armas de Portugal, do outro uma Estrela de oiro em campo de prata.



Formam a Vila as duas seguintes freguesias:

Freguesia de N. Senhora da Estrela, que ocupa a parte este da Vila, a mais importante em edificios e onde estão instaladas as repartições publicas.

A sua Igreja paroquial é invocada a Nossa Senhora da Estrela, tambem por alguns denominada Nossa Senhora da Purificação; e foi aquela invocação escolhida, por ficar aquele sitio da parte da *Estrela do Norte* e em local elevado.

Foi mandada construir á custa dos habitantes ricos

do logar em 1507, sendo sagrada pelo Bispo D. Duarte, á ordem de D. Diogo Pinheiro, Bispo do Funchal, a 8 de Março de 1517.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Igreja da Misericordia*, invocada ao Espirito Santo e pertencente á Irmandade da Misericordia, instituida pela Camara e povo da Vila em 1502 e confirmada por Alvará Regio de 22 de fevereiro de 1503.

Junto á Igreja havia o hospital que se acha hoje instalado no Convento dos Franciscanos, estando no edificio hospitalar algumas repartições publicas.

b) *Santa Luzia*, com esta invocação e sita na Rua que tem este nome; ignora-se a data da sua construção, mas deverá ser do seculo XV ou principios do XVI, e dele fala o Dr. Gaspar Frutuoso nas suas «Saudades da Terra».

c) *Nossa Senhora da Natividade*, sita no logar denominado o Rosario, e onde existiu outr'ora uma Ermida invocada a Nossa Senhora do Rosario, mandada edificar por Francisco Taveira de Neiva, e sua mulher Izabel Caldeira em 1586, junto ás suas casas de morada.

Presentemente quasi em ruinas.

d) *S. Pedro Gonçalves*, tambem denominado Corpo Santo e situado na Praça, proximo á Camara Municipal.

e) *Nossa Senhora da Salvação*, sito na Rua d'esta invocação; pertenceu á casa morgado Mauricio d'Arruda Botelho.

f) *S Vicente*, junto ás casas do falecido Visconde da Praia, que o obteve por permuta com Antonio Francisco Botelho Sampaio Arruda.

g) *Santo André*, construido talvez nos fins do seculo XV e reconstruido em 1648 por um individuo alcunhado de--Abobora.

Tem um triptico de certo valor, tendo ao centro a Imagem de Santo André e aos lados as de Santa Barbara e Santa Catarina.

h) *Igreja de Jesus*, pertencente ao antigo Mosteiro das freiras, da Ordem de Santa Clara. A torre, ultimo signal

da Igreja e do Convento, foi abatida no ano passado para utilidade da pedra.

Julga-se haver sido fundado este Convento, no ano de 1536 por Pedro Rodrigues da Camara e sua Consorte D. Margarida de Betencourt em sua propria casa de morada, sendo depois autorizado legalmente por Bula de 8 de fevereiro de 1543.

i) *Nossa Senhora das Preces*, mandada edificar pelo capitão-mór da Ribeira-grande Pedro da Ponte Raposo, segundo declara em seu testamento de 1690, junto á sua casa de morada na Rua Direita; pertenceu depois ao vinculo do morgado Ildefonso Cirilaco Raposo Bicudo Corrêa, e foi ha anos devorada pelas chamas de um incendio.

k) *Nossa Senhora da Caridade*, que era, segundo diz o Dr. Gaspar Frutuoso «da mui nobre Julia Taveira»; que já não existe.

l) *Nossa Senhora da Consolação*, que tambem já não existe, e era dos nobres Calumbreiros.

m) *Igreja de São Salvador do Mundo*, no povoado denominado Ribeirinha -a 3 k. da Vila -e assim denominada da ribeira que lhe passa ser muito mais pequena que a que atravessa a Vila.

Forma um curato creado em 1674 pelo Bispo d'Angra D. Fr. Lourenço da Costa.

Antes havia uma Ermida junto ás casas de Catarina Fernandes, mulher que foi de Antonio Rodrigues da Camara, pertencendo depois aos ascendentes do Conde da Silvã.

Foi nesta Ermida que se recolheram os Padres da Recolete do Vale das Furnas por ocasião da erupção de 2 de setembro de 1830.

n) *Santo Antonio*, no mesmo povoado da Ribeirinha, mandado edificar por breve do Papa, por Jordão Jacome, para substituir uma outra da mesma invocação que havia em Lisboa, pertencente ao vinculo de Nuno d'Atouguia, e que se havia destruido no terremoto de 1 de novembro de 1755.

o) *Igreja de Nossa Senhora do Loreto*, que já não existe, e a quem, diz Fr. Agostinho de Mont'Alverne, D. Manuel pagava dois moios de trigo annualmente, para sus-

tentação do Capelão que dissesse missa ao povo da Vila.

p) *Nossa Senhora da Saude,* no povoado e estação balnear denominado—Caldeiras—vale pequeno, cercado de montes, tendo ao meio uma Sulfatára (caldeira) que lhe deu o nome.

Antigamente houve neste povoado uma fabrica de pedra hume que começou a trabalhar em 1565, por conta do governo, por iniciativa do Dr. Gaspar Gonçalves, que teve curta duração.

A Ermida invocada a Nossa Senhora da Saude foi edificada por subscrição publica no ano de 1850, havendo antes um oratorio em uma casa particular onde se dizia missa no verão.

Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, que ocupa a parte O. da Vila, com sua Igreja paroquial com aquela invocação, ignorando-se a data da sua edificação, sendo porém erecta paroquia por Alvará régio de 21 de fevereiro de 1707.

Crê-se que foi esta Igreja construida no local onde havia a Ermida de S. Sebastião que ainda hoje dá o nome á Rua onde se acha edificada.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora da Conceição,* conhecido vulgarmente por Conceição Velha e tambem por Nossa Senhora das Dores.

Pertenceu a Luiz Gago da Camara e consorte Branca Afonso da Costa, segundo testamento com que morreram de 4 de março de 1534.

b) *Nossa Senhora de Guadalupe*, mandado edificar por Gonçalo Alves Hortelão e mulher Inês Pires em 1591.

Junto a este Templo edificou-se em 1612 o Covento dos Franciscanos, ampliando-se e modificando-se a Igreja.

Actualmente está instalado no Convento o Hospital da Misericordia da Vila.

c) *Nossa Senhora do Vencimento,* junto ás casas do morgado Diogo Tavares do Canto Taveira, e mandado edificar por Francisco Tavares Homem e mulher Maria d'Arruda, antes de 1670, segundo testamento com que faleceram.

Compreende mais este Concelho as seguintes freguesias:

3) **Freguesia da Ribeira-sêca**, que fica a menos de dois k. da séde do Concelho, com sua Igreja Paroquial, invocada a S. Pedro e erecta paroquia por carta do Cabido da Sé d'Angra de 12 de Dezembro de 1575, confirmada pelas Cartas-regias de 28 d'abril e 25 d'outubro de 1576.

Têm mais os seguintes templos:

a) *Igreja de Santa Barbara*, no povoado denominado Lomba de Santa Barbara, já existente em 23 d'agosto de 1643, data em que Duarte Lopes e sua mulher Maria Simões, lhe legaram 12 alqueires de trigo anualmente.

Forma este logar hoje um curato, creado por Alvará-regio de 10 d'abril de 1730.

b) *Nossa Senhora da Saude*, sito ao Morro e mandado reconstruir por Pedro da Ponte Raposo, por ficar junto ás suas casas de morada, segundo seu testamento de 13 de dezembro de 1626.

Nem vestigios ha hoje d'esta Ermida.

c) *Nossa Senhora das Candeias*, no mesmo sitio do Morro, mandado construir por Jacome Dias Raposo.

Tambem não existe.

e) *Ecce-Homo*, tambem conhecido por Senhor da Paciencia, instituido por escritura de 22 de outubro de 1799, com patrimonio, por Eugenia Rosa e Luiza da Paixão, em sua casa, na Rua do Torminho.

E' hoje propriedade da paroquia.

f) *Nossa Senhora do Bom Sucesso*, junto ás casas de Antonio Tiburcio Machado, na Rua Direita.

De ambos os lados da porta tem um marco de pedra com a data 1748 e no cimo do Altar, lê-se—Nossa Senhora do Bom Sucesso 1737.

g) *Nossa Senhora da Quietação*, construido pelo Capitão Pedro Barbosa da Silva ou Raposo, segundo sua declaração testamentaria de 14 de setembro de 1632.

Actualmente está em ruinas, estando a Imagem na Igreja paroquial.

h) *Nossa Senhor da Mãe de Deus*, mandado edificar por Manuel da Costa, junto ás suas casas de morada, nos principios do seculo XVI ou fins do seculo XV.

Na primeira oitava da Paschoa ha uma grande romaria a esta Ermida, que hoje está arruinada desde o abalo de terra de 16 d'abril de 1848.

Foi ultimamente reparada.

Freguesia de Rabo de Peixe, que fica a 5 k. da séde e assim se chama, pela semelhança que com uma cauda de peixe tem uma das suas pontas de terra que se estendem pelo mar; fica assente no litoral, tendo uma alta rocha em forma de semi-circulo, com um pequeno cáis para serviço dos pescadores.

Outros dizem ser esta freguesia assim chamada por nella se encontrar, no tempo da primeiro colonização, uma cauda de um grande e desconhecido peixe.

A sua igreja paroquial é invocada ao Bom Jesus, desconhecendo-se a epoca da sua edificação, mas veiu substituir uma outra, já existente em 1522 e que ficava colocada um pouco acima.

Tem mais os seguintes templos:

a) *S. Sebastião*, pertencente ao vinculo de Sebastião d'Arruda da Costa, ignorando-se a data da sua construção.

b) *Sant'Ana*, no pequeno povoado deste nome. Fica n'um predio pertencente hoje a Manuel Antonio de Frias Coutinho. A junta de freguesia tem feito algumas restaurações e conserva a Ermida em boas condições.

c) *Nossa Senhora do Rosario*, reconstruido em 1830, junto ás casas que foram de Bartolomeu Rodrigues de Souza, que morreu em 1606.

Freguesia do Pico da Pedra, que fica situada a 10 k. da séde e assim denominada, de um pedra existente em um dos seus picos; a sua igreja paroquial é invocada a Nossa Senhora dos Prazeres, ignorando-se a data da sua edificação.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora dos Prazeres*, mandado edificar por Manoel Muniz, de Ponta Delgada, segundo seu testamento de 1604, em um dos montes da freguesia.

b) *Nossa Senhora das Almas*, tambem conhecido por Nossa Senhora do Patrocinio.

E' propriedade particular; pertenceu a Manuel da Costa, tesoureiro da Fazenda Publica em 1624; é actualmente da familia Cimbron, que a mandou reconstruir, sendo benta pelo Bispo d'Angra D. Fr. Estevam de Jesus Maria em 24 de setembro de 1848.

c) *Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem*, no povoado denominado—Calhetas—nome que lhe vem do seu porto; a Igreja foi reconstruida em 1830 e é curato desde 1717.

Freguesia do Porto Formoso, a 10 k. da séde, ao fundo da enseada que lhe dá o nome, com um reduto, hoje desmantelado, que a defendia.

A sua Igreja paroquial é invocada a Nossa Senhora da Graça, não se sabendo a data da sua construção, mas é anterior a 1500, pois neste ano Pedro Vaz Pacheco mandou construir nela uma capela invocada ao Bom Jesus, para sepultura dos seus herdeiros.

Tem mais os seguintes templos:

a) *S. Braz*, edificado no povoado deste nome em terreno doado pelo falecido Conde de Fonte Bela, conforme o plano elaborado por Frederico Augusto Serpa em 1874; é curato sufraganeo da freguesia.

b) *Capela de S. Braz*, edificada no mesmo povoado por Tomé Vaz Pacheco segundo o seu testamento de 11 julho de 1512, que servia ao culto antes da edificação daquele outro Templo.

Freguesia da Maia, assim chamada do nome da sua primeira colonizadora—Inês da Maia—é situada em uma ponta de terra, chã, com um bom porto de mar e um forte, hoje desmantelado que se denominava de Santa Catarina.

Pretendeu ser elevada a Vila, o que não conseguiu por a isso se opôr a Municipalidade de Vila-franca, a que então estava sujeita, e por o pavoroso incendio que nessa ocasião lhe devastou uma grande parte dos seus terrenos, lhe diminuir a sua fonte de riqueza; fica a 16 k. da séde.

A Igreja paroquial é invocada ao Divino Espirito

Santo, construida nos fins do seculo XV, sendo já reconstruida e benta em 1812.

Tem mais os seguintes templos:

a) *S. Pedro*, do qual não ha hoje vestigio algum, aos Calços da Maia, quasi defronte do cemiterio da freguesia, e mandado profanar par D. João Pegado d'Azevedo, Bispo d'Angra, passando a invocação e a propria imagem para a capela do cemiterio.

b) *Santo Antonio*, já demolido, tendo sido edificado á entrada da Maia, depois de arrasado um outro que lhe ficava quasi fronteiro e invocado a Nossa Senhora do Rosario.

c) *Nossa Senhora do Rosario*, a que acima se alude, estando a Imagem desta invocação na Igreja paroquial.

d) *Santa Catarina*, construido nos fins do seculo XV e junto ao forte que teve este nome; D. João Pegado d'Azevedo mandou-o profanar, por não ter patrimonio e estar muito arruinado.

e) *S. Sebastião*, edificado nos fins do seculo XV contiguo ás casa de João Silverio Vaz Pacheco de Castro, que a restaurou em 1850; pertence hoje a D. Jacinta Julia Dias que o fez novamente benzer pelo Bispo d'Angra D. José Manuel de Carvalho em 1903, quando em visita pastoral á freguesia.

f) *Nossa Senhora das Dores*, no povoado da Lombinha da Maia que fica a 3 k. da séde da freguesia, edificado em terreno doado por José Jacinto da Camara Leite, deste logar, e construido com esmolas do povo e legado deixado por Jorge Botelho Pacheco em 1895.

g) *Nossa Senhora do Resgate*, no povoado denominado Gorreana, por ser começado a povoar por um individuo que tinha este alcunho, e dista 2 k. da séde da freguesia.

A sua Ermida foi mandada construir pelo P.e Melchior Manuel de Resendes em terreno do vinculo de um seu tio que tinha este mesmo nome, segundo testamento de 16 de novembro de 1728.

Freguesia da Lomba da Maia; que fica a 30

k. da séde, com sua Igreja paroquial invocada a Noss Senhora do Rosario, começada a edificar em 1808 com esmolas tiradas pelos visinhos, empenhando-se nesta construção o P.e Manuel Muniz de Medeiros e o mestre José Fidalgo que chegaram e hipotecar parte dos seus bens para irem satisfazendo as despezas.

Tem mais o Templo invocado a:

Sant'Ana, que antes era invocado a Nossa Senhora do Rosario, deixando esta invocação quando começou a funcionar a Igreja paroquial.

Freguesia dos Fenais d'Ajuda ou da Vera Cruz, que fica situada a 25 k. da séde e assim chamada por o muito feno que havia no logar, e d'Ajuda se chama em honra da invocação do Convento dos Franciscanos que existia no logar e tambem para se distinguir dos outros Fenais existentes no Concelho de Ponta-delgada; outr'ora tambem se denominava — Fenais da Maia — porque era termo desta freguesia.

A sua Igreja paroquial é invocada aos Santos Reis Magos, e construida nos fins do seculo XV.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora da Affição*, no sitio da Ribeira-funda.

b) *Igreja de Nossa Senhora d'Ajuda* pertencente ao antigo Convento dos Franciscanos fundado em 1681 por Lazaro Rodrigues Estrela e consorte Francisca de Barros no mesmo sitio onde havia uma outro templo desta invocação.

c) *Nossa Senhora da Conceição*, que existia por detraz do Convento e no local onde é hoje o cemiterio da reguesia.

d) *Igreja de S. Pedro*, no povoado que tem este nome, de construção do seculo passado; antes havia uma Ermida da mesma invocação construida antes de 1554, pois nesta data João Alvares, dos Fenais, vinculou-lhe uma terra.

Vila-franca do Campo, que fica a 26 k. da séde do Distrito, situada na costa-sul e quasi a meio da Ilha, e

assente num campo plano ao longo da sua enseada que forma um porto do mar, com dois cais de ancoradouro, tendo ao fundo o Ilheu.

Foi antiga capital e cabeça de toda a Ilha de S. Miguel até 1522, data do fatal terremoto que a subvertou quasi totalmente.

Escolheram-na para capital os primeiros colonos, depois de reconhecerem a insuficiencia do local que primeiro colonizaram e se chamou—Povoação—desde então, pelo facto de ser o primeiro povoado.

Denominaram tambem os colonos desde o começo ao outro local que escolheram para sua séde—Vila-franca—cognominando-a de—Campo—não só para a distinguirem de outras do mesmo nome, como por assentar sobre um largo campo.

Mais tarde, não se sabe bem quando, mas provavelmente depois da vinda para a Ilha do Capitão Ruy Gonçalves da Camara em 1472, que foi o primeiro donatario que teve aqui assento, recebeu então o foral de Vila, encontrando-se em documentos antigos a denominação de Vila de Vila-franca do Campo, significando assim que ela é Vila de seu foral e Vila-franca do seu nome proprio.

Como cabeça e seminario que foi de toda a Ilha, estendeu a sua jurisdição a toda ela como a primeira e a mais velha de todas as Vilas de S. Miguel.

E' bastante populosa e industrial sendo os seus terrenos aptos a todo o genero de cultura.

Para sua defesa maritima teve as seguintes fortificações.

Forte da Praia, tambem denominado de Jesus, Maria, José, no logar da Praia desta Vila—que por ser o mais afastado de todos e em logar ermo, deliberou o Municipio um acordam de 16 d'Agosto de 1710 que dos terrenos que lhe estão em volta, dados de sesmaria ao povo se retirassem dois alqueires e meio, que doavam ao Castelo e seriam usufruidos pela pessoa que n'ele morasse.

Reduto de S. Pedro, no extremo oeste da Vila, sobre o porto dos Frades, sendo tambem conhecido por castelo da forca; em completo estado de ruina.

Castelo Real, no Corpo Santo, tambem conhecido

por Castelo das Taipas, sobre o porto do Corpo Santo, e ordenada a sua construção por carta d'El-Rei de 16 de maio de 1576; transformado hoje no matadouro Municipal.

Forte do Tagarete, junto ao cais, conserva ainda as suas muralhas do sul e nascente; defendia a entrada da Vila pelo sitio denominado hoje Aterro, e outr'ora por Calhau de Santa Catarina.

Forte Velho ou Reduto de Santo André, ao fundo da rua da Tripa; defendia a baia da Vinha da Areia; arruinado.

Reduto de Santo Antonio, que se acha completamente arrasado e defendia de um lado a baia da Vinha da Areia e do outro lado a baia de Santo Cristo.

O seu Brazão d'armas, compõe-se de escudo coroado com corôa real: em campo de prata o braço alado da Justiça empunhando a espada e pendente desta uma balança; em volta, pela parte inferior a legenda Quis Sicut Deus?

Formam a Vila as duas seguintes freguesias:

Freguesia de S. Miguel, que ocupa a parte E. da Vila, a mais importante em grandeza, edificios e onde estão instaladas as repartições publicas.

A sua Igreja paroquial é invocada a S. Miguel e foi começada a edificar-se logo depois do terremoto de 1522 que destruiu a primitiva que era situada onde hoje se levanta a Igreja de Santo André.

Mandou construir a primeira Igreja o Infante D. Henrique, segundo seu testamento «ordenei e estabeleci a Igreja de S. Miguel na Ilha de S. Miguel».

E' possivel porém, que primeiramente fosse esta Igreja ordenada pelo Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, donatario desta Ilha, que pela sua muita devoção a este Arcanjo mandou que esta Ilha se chama-se Ilha de S. Miguel.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Santa Catarina*, de data anterior ao terremoto de 522, pois serviu de paroquia ao ser arrasada a Matriz or aquele terremoto.

Nuno d'Atouguia em seu testamento de 11 de outubro, de 1571 deixou-lhe um legado de 30 alqueires de trigo.

b) *Corpo Santo*, junto a uma das portas da Vila, sobre o mar, fala dele o Dr. Gaspar Frutuoso e pertencia á confraria dos maritimos; demolido.

c) *S. João*, anterior ao terremoto, escapando intactá; pertencia ao vinculo de Jorge da Mota, Cavaleiro do Habito d'Aviz, de Vila-franca, hoje em ruinas, e edificado no povoado da Ribeira-seca, que dista cerca de 1 k. da séde da Vila, tomando este nome da ribeira que a atravessa.

d) *Nossa Senhora da Paz*, que fica ao cimo da montanha fronteira a Vila-franca, reedificado em 1764 pelo P.e Filipe da Rocha, desconhecendo-se a epoca da sua edificação, julgando-se porém ser posterior ao terremoto de 1522.

e) *Nossa Senhora da Vitoria*, mandado edificar por Gregorio Moreno e sua mulher Izabel Tavares na primeira metade do seculo XVII.

Segundo a tradição, foi este templo construido em memoria da vitoria alcançada sobre uns Argelinos que invadiram a Vila, tentando-a saquear.

f) *Nossa Senhora da Mãe de Deus*, mandado construir pelo P.e Francisco Antonio Pacheco de Macedo, Fidalgo da Casa Real, como declara em seu testamento aprovado em 25 d'outubro de 1762.

g) *Nossa Senhora do Egito*, tambem conhecido por Nossa Senhora do Desterro, junto às casas que foram de João da Gran, Cavaleiro do Habito d'Aviz e sua mulher Leonor Vaz, segundo seu testamento de 5 de setembro de 1551. Hoje destruido.

h) *Igreja de Santo André*, mandada construir logo depois da subversão de 1522 por André Gonçalves de Sampaio, no mesmo sitio onde fôra a primitiva Matriz de S. Miguel, para nela serem sepultados os restos de seus pais.

Junto desta Igreja construiu-se depois o primeiro Convento de Freiras nesta Ilha, dando o terreno João d'Arruda da Costa e nele entraram em 1553 as primeiras

onze freiras e sete noviças do Covento do Vale de Cabaços, fugidas aos Corsarios que então infestavam a costa.

i) *Igreja do Menino Jesus*, que serve de curato ao povoado denominado Ribeira das Tainhas que dista 2 k. da séde da freguesia, e assim chamado da sua ribeira que o atravessa trazer antigamente peixes deste nome.

E' o mais importante povoado da freguesia, rica de pessoal e de terrenos de cultura.

j) *Senhor Santo Cristo*, no sitio denominado Amoreiras no povoado da Ribeira das Tainhas, mandado construir pelo P.e José Duarte Pacheco de Melo que o vinculou com mais bens.

Demolido antes de 1875.

Freguesia de S. Pedro, que fica a E. da Vila com sua Igreja paroquial invocada a este Apostolo, reconstruida desde 1746 a 1758, sobre as ruinas de uma outra anterior ao terremoto de 1522.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora da Natividade*, que serviu de paroquia durante a construção da Igreja de S. Pedro de 1746 a 1758.

b) *Santo Amaro*, na relva, junto ás casas de Manoel da Gran, existente já no tempo do Dr. Gaspar Frutuoso.

Está reconstruido e é Ermida de muitas romarias durante os quatro domingos posteriores ao dia do Santo.

c) *Igreja de Nossa Senhora do Rosario*, construida pelo povo logo depois de terremoto de 1522 a conselho de Fr. Afonso de Toledo, frade dominicano que predisse a subverção, sendo o massame acarretado pelo proprio povo para o local da construção.

Os frades de S. Francisco junto a este templo, construiram o seu Convento para o qual, segundo a Ordem Regia de 5 de julho de 1524 o Almoxarife deveria entregar 60$000 reis, em substituição do outro Convento que os mesmos frades tinham ao pé da serra, proximo ao Monte do Nossa Senhora da Paz que fôra levado pelo terremoto.—Compreende a Vila mais as seguintes freguesias:

Freguesia de Agua d'Alto, que fica a 2 k. da sé-

de do Concelho e assim chamada das aguas da sua ribeira ferem um grande salto.

A sua Igreja paroquial é invocada a S. Lazaro e construida antes de 1511, pois nesta data e segundo testamento de 26 de novembro deste ano, João Afonso das Grotas-fundas deixou-lhe 2$000 reis de esmola.

Junto a esta Igreja construiu um Padre rico uma gafaria em 1524 para 12 doentes que se lavariam nas aguas que perto corriam e eram ao tempo usadas na cura dos leprosos.

Tem mais:

Ermida de Jesus, Maria, José, junto ás casas dos Marqueses da Praia e Monforte no povoado denominado —Praia— e que fica a 1 k. da séde da freguesia; é na ribeira que corre por este povoado que estão instaladas as centrais da illuminação electrica.

Freguesia de Ponta Garça, que fica a 7 k. da séde do Concelho, formando uma das mais extensas da Ilha e a mais rica do Concelho em terrenos de cultura.

A sua Igreja paroquial é invocada a Nossa Senhora da Piedade, mandada construir por Lopo Anes d'Araujo, cavaleiro e juiz dos orfãos de Vila-franca em 1522, sendo reconstruida em 1830.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora das Merces*, no sitio denominado —Grotas-fundas— e construido junto ás casas que foram antigamente de Bernardo do Canto Medeiros.

b) *Nossa Senhora da Vida*, no começo da freguesia e mandada construir por Francisco d'Arruda Botelho e mulher D. Maria Pacheco de Melo, junto ás suas casas, com missa perpetua aos domingos, segundo seu testamento de 26 de fevereiro de 1695.

c) *Nossa Senhora da Esperança*, mandada edificar por Ruy Vaz de Medeiros, dos primeiros povoadores de S. Miguel e dada por ele ao povo para servir de paroquia.

E' de supôr que sobre as ruinas desta Ermida se levantasse a invocada a Nossa Senhora da Piedade, que hoje é a paroquial.

Vila da Povoação, que fica a 55 k. aproximadamente da séde do Distrito, situada na costa sul, numa fajã cercada de altas rochas e ladeiras, a que lhe dão o nome particular de «Lombas» e em frente de um porto de mar, bastante razoavel.

E' o mais antigo logar da Ilha e onde os primeiros colonos desembarcaram e fizeram seu primeiro assento, ficando-lhe por isso o nome de—Povoação—Povoação Velha, lhe chamam os documentos antigos para a distinguirem das outras que posteriormente se foram formando.

Tem largos terrenos de cultura, produzindo abundantes cereais que abastece uma grande parte da Ilha, por isso chamavam os antigos a uma das suas Lombas—*Lomba do Pão.*

Sendo assim o mais antigo povoado, é a mais nova das Vilas—feita por Alvará de 23 de julho de 1839, estando até então sob a jurisdição de Vila-franca.

Para sua defesa maritima, teve o pequeno forte de Nossa Senhora da Mãe de Deus, municiado por milicianos, segundo o regimen antigo.

Forma a Vila uma só freguesia:

Freguesia de Nossa Senhora da Mãe de Deus, que abrange as sete Lombas hoje assim denominadas:—Cavaleiro, Carro, Botão, Pomar, João Loução, Alcaide e Pós.

A sua Igreja paroquial é invocada a Nossa Senhora da Mãe Deus, mas é tambem conhecida pelas invocações de Nossa Senhora dos Anjos e Piedade; foi mandada construir por João d'Arruda da Costa que testou em 13 de maio de 1553.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Santa Barbara,* que fica no povoado denominado —Lomba do Cavaleiro, e foi o primeiro que se construiu nesta Ilha, por mandado e á custa de Mateus Dias, no sitio onde se disse a primeira missa.

b) *Nossa Senhora do Rosario,* junto á praia, desconhecendo-se a epoca e condição da sua edificação.

c) *Nossa Senhora da Bonança,* mandado construir por Manuel Francisco da Mota, em virtude de um voto, por 1840.

Ficou arruinado desde os terremotes de 1881.

d) *Nossa Senhora dos Remedios*, no povoado denominado Lomba de João Loução, é começado a sua reconstrução em 1894 com o produto de esmolas.

Existia uma outra da mesma invocação nesta localidade que de 1640 a 1646 serviu de paroquia.

Freguesia do Faial da Terra, que fica a 8 k. da séde do Concelho, á beira-mar de um bom valle, sendo atravessada por uma larga ribeira. Tem um Forte denominado de Nossa Senhora da Graça, hoje demolido.

Assim se denomina esta freguesia por estar o logar coberto de faias, ao ser descoberta a Ilha, e da Terra lhe chamam, para a distinguirem da Ilha do Faial, que maior nomeada veiu a ter, por ser nome de uma Ilha.

A sua Igreja paroquial é invocada a Nossa Senhora da Graça, que já tinha cura em 1526, sendo queimada por uns piratas inglesês em 1597 que ali entraram roubando e saqueando o logar, sendo depois mandada reconstruir á custa do Estado.

Tem ainda a

Ermida de Nossa Senhora de Lourdes, que fica no alto da freguesia; começou-se a sua edificação nos fins do seculo XIX.

Freguesia de Agua Retorta, que fica a 12 k. da séde do Concelho, e assim chamada pelas muitas voltas que dá a ribeira que a corta ao descer pela rocha ao mar.

A sua Igreja paroquial invocada a Nossa Senhora de Penha de França, foi começada a construir-se depois de 1871 com esmolas do povo; antes havia uma outra da mesma invocação fundada pelo Capitão Pedro Barbosa da Silva que faleceu em 1664.

Tinha ainda a

Ermida de Nossa Senhora das Mercês, no local denominado Fajã do Calhau, em propriedade pertencente aos herdeiros de D. Hermelinda Pacheco Gago da Camara, que já em 1875 estava destruida.

Freguesia da Ribeira-quente, que fica 8 k. da séde do Concelho, á beira mar, e assim chamada por ali vir desaguar, ainda quente, a ribeira que atravessa o Vale das Furnas e passa pelas sulfatáras deste logar.

Teve um forte, hoje demolido, denominado S. Paulo.

A sua Igreja paroquial é invocada a S. Paulo e foi benta em 1916 pelo Bispo d'Angra D. Manuel Damasceno da Costa, e construida a expensas do povo e subsidios das Corporações Administrativas.

Antes havia uma outra que se arruinou, tomando as grandes enchentes do mar já conta do local onde assentava.

Freguesia das Furnas, que fica a 12 k. da séde, num Vale formosissimo, e assim se denomina por os primeiros colonos da Ilha chamarem —furnas— ás *Sulfatáras* vulgarmente chamadas caldeiras, que neste Vale existem, com ricas e abundantes aguas minerais, que brotam por toda a parte com exuberancia.

E' estação balnear, com as aguas que vem das sulfatáras, aplicadas ao tratamento de varias doenças e tem ricos e extensos jardins, formando todo este conjunto um aprazivel logar de descanço na estação calmosa.

A sua Igreja paroquial é invocada a Sant'Ana, mandada edificar pelo P.e Cosme de Pimentel em 1745, e começando a ser curato em 1792.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora d'Alegria*, mandado construir antes de 1642 junto á ribeira deste nome pelos P.es da Companhia, junto ás casas de sua residencia, que foi mandado profanar pelo Bispo d'Angra D. José Pegado d'Azevedo em 1811, por estar em ruinas.

b) *Nossa Senhora da Consolação*, que ficava proximo da actual paroquia e foi mandado reedificar pelo Licenciado Baltazar de Brum da Silveira, que faleceu e 1609 em Sevilha, onde fundara o Convento de S. Jacinto de que foi padroeiro.

O Conde D. Manuel da Camara, 2.º do nome, que morreu em 26 d'Abril de 1617, deixou-lhe meios para ser reparada com nove celas para recoletos; soterrada, passaram os recoletos que lá viviam para Vale de Cabaços.

João Gonçalves Perdigão, escudeiro de Vila-franca e mulher Branca Gomes, em seu testamento feito em Pontagarça aprovado a 16 de fevereiro de 1551 deixou 100 reis á Igreja das Furnas, que deveria ser esta.

c) *Nossa Senhora da Vitoria*, junto á lagoa das Furnas, mandado construir por José do Canto, em virtude de um voto de sua mulher D. Maria Guilhermina Taveira Brum do Canto.

Foi inaurado a 15 d'agosto de 1886.

d) *Igreja de Nossa Senhora d'Alegria*, em construção a expensas do povo, começada com grandes dadivas do falecido Marquês da Praia e Mon'forte.

Vila do Nordeste, que fica a 70 k. da séde do distrito, edificada na Lomba que foi de Salvador Afonso, no Lombo Gordo, extremo levante da Ilha, orientada a nordeste, tomando desta sua orientação o seu nome.

Compreendem-se na sua area as seguintes Lombas: a da Pedreira, da Cruz, da Fazenda, (na Vila), a da Algarvia, a de Santo Antonio, (na freguesia do Nordestinho) a da Feteira grande, a da Feteira pequena, (na Achada) e a da Salga, na freguesia da Achadinha.

Recebeu o foral de Vila por carta de Mercê de 18 de julho de 1514 d'El-Rei D. Manuel, desanexando-a então da jurisdição de Vila-franca a que estava sujeita, pela grande distancia da sua antiga séde.

Contam, porém, que havendo alguns dos seus ricos moradores fornecido com mantimentos umas naus portuguesas que vinham da India e ali aportaram, sem que quizessem receber por isso imposto algum, deram n'isso os marinheiros parte a El-Rei, espondo-lhes sem duvida a distancia, maus caminhos e canceiras do povo na sujeição á jurisdição daVila-franca e que então El-Rei de moto propria a fez Vila.

Forma a Vila uma só freguesia.

Freguesia de S. Jorge, com sua Igreja paroquial, a Matriz de S. Jorge, cuja ultima reconstrução foi em 1796.

A primitiva Igreja, com a mesma invocação caiu no terremoto que subverteu Vila-franca em 1522.

Tem mais seguintes templos:

a) *Nossa Senhora do Rosario*, fundado em 1529 e reedificado em 1848. Dotaram-no no ano da sua fundação com 16,314 de terra Estevam Chaimbo e sua mulher Catarina Afonso; fica junto ao cemiterio da Vila.

b) *S. Sebastião*, que estando em ruinas, sobre ela se edificou a Igreja e Convento dos Franciscanos em 1642, por mandado de Fr. Pedro da Conceição que do Convento da Vila da Logoa foi com tal incumbencia; está hoje em ruinas.

d) *Nossa Senhora da Mãe de Deus*, hoje tambem destruido e fôra mandado edificar por João Soares d'Albergaria e mulher D. Filipa, segundo seu testamento de 25 d'outubro de 1526; em ruinas.

e) *Igreja de Nossa Senhora da Luz*, no povoado denominado—Lomba da Pedreira—que fica 5 k. da séde e reconstruido no local de uma outra que tinha a mesma invocação; forma hoje curato.

g) *Nossa Senhora da Nazareth*, reconstruido em 1825 desconhecendo-se a data da sua edificação; é situado no cabo ocidental da Vila sobre um plano muito eminente, debruçado sobre a rocha em frente do caminho.

f) *Igreja de Nossa Senhora da Conceição* no povoado denominado—Lomba da Fazenda—fundada e 1817 e formando desde 1844 um curato.

Freguesia do Nordestinho; que fica a 8 k. da séde do Concelho, e tomou para seu nome o diminuitivo da Vila a que está sujeita.

A sua Igreja paroquial é invacada a S. Pedro e já era Vigararia em 1568.

Tem mais os seguintes templos:

b) *Igreja de Santo Antonio*, construida nos fins do seculo passado-principios deste, no povoado deste nome, que dista 1 k. da freguesia, sobre as ruinas de uma outra.

c) *Igreja de Nossa Senhora do Amparo*, fundada pelo Capitão Francisco da Costa, segundo seu testamento de 27 de dezembro de 1691 e reconstruida em 1865.

E' curato do povoado denominado—Algarvia—que fica a 5 k. da séde da freguesia e assim chamado porque pertenceu a um algarvio que falecendo sem filhos a deixou a sua mulher que tambem era algarvia.

d) *Igreja de Nossa Senhora do Pranto ou da Vida*, nas lombas de João Soares, fundada em 1523 hoje denominada Lomba de Nossa Senhora.

Freguesia da Achada. que fica 20 k. da séde do Concelho, ao norte da Ilha e assim chamada por assentar em terreno plano a que nos Açores chamam *achada*.

A sua Igreja paroquial é invocada a Nossa Senhora d'Assunção e já existia como Vigararia em 1526 sob a invocação de Nossa Senhora da Graça.

Tem mais a

Igreja de Sant'Ana, que foi benta em agosto de 1869 e construida a expensas do povo, por iniciativa do P.e João Jacinto Pacheco, no povoado denominado—Feteira—pelos muitos fétos que então criavam os seus terrenos.

Havia antes desta nova Igreja uma pequena Ermida; que se destruiu quando se edificou aquela.

Freguesia d'Achadinha, que fica a 23 k. da séde do Concelho e por ser edificada em terreno plano e ser mais pequena que a freguesia que lhe ficava proxima – Achada—lhe deram por nome o diminuitivo desta, sendo a principio ainda chamada—Achada-pequena.

Foi neste logar que desembarcaram em 1831 os liberais vindos da Ilha Terceira em nome de D. Pedro conquistar esta Ilha de S. Miguel que se achava fiel a D. Miguel.

A sua Igreja paroquial é invocada a Nossa Senhor. do Rosario, e já era Vigararia em 1568, sendo reconstruida em 1830

Tem mais a

Igreja de S. José, construida em 1874, no povoado denominado—Salga - que fica a 3 k. da séde da freguesia e assim se chama porque os antigos moradores destes arredores iam ali fazer matança de porcos monteses, por haver naquele logar muitos, e lá os matavam e salgavam; foi esta Igreja destruida, e edificada uma nova sob a mesma invocação.

Vila da Lagoa, que fica a 10 k. da séde do distrito, situada na costa-sul, á beira-mar de uma espaçosa baía, e assim chamada por um lago de agua nativa que teve defronte da Igreja, onde entravam bateis e se faziam pescarias, e que depois se aterrou.

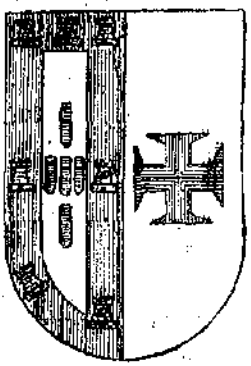
Foi esta Vila um dos logares onde, antes da coloni-

zação, se lançou gado por mandado do Infante D. Henrique, havendo o porto chamado dos Carneiros por nele se ter lançado gado desta especie.

E' Vila bastante industriosa, tendo fabrica de destilação d'alcool e de louça, sendo os seus campos de boa cultura.

Para sua defesa maritima teve o forte denominado de Santo Antonio, hoje demolido.

O seu Brazão d'armas compõe-se de um escudo bipartido, tendo de um lado as Armas Portuguêsas, do outro a Cruz de Cristo com a legenda—«Exaltatio Sanctæ Crucis».



Formam a Vila as duas seguintes freguesias:

Freguesia de Santa Cruz que ocupa a parte oriental da Vila com sua Igreja paroquial a—Matriz—invocada á Santa Cruz, e já existente em 21 de dezembro de 1518, data em que Mecia Afonso e marido Alvaro Lopes (do Vulcão) testam, mandando fossem enterrados na sua sepultura nesta Igreja, junto ao Altar de S. Pedro.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Igreja de Santo Antonio*, junta ao Convento dos frades-capuchos, que se começou a edificar em 1740.

Antes havia um outro Convento, colocado um pouco mais abaixo deste e onde hoje está o jardim publico, mandado edificar por D. Rodrigo da Camara junto aos seus Paços, havendo-se celebrado o primeiro capitulo provincial a 29 de junho de 1641.

b) *Nossa Senhora do Cabo Finisterra*, mandado construir pelo P.e João Alves da Cruz, junto ás suas casas, na Vinha da Quinta, e por ele vinculada a 20 de maio de 1712.

c) *Nossa Senhora dos Remedios*, sito no povoado que tirou o nome desta invocação e que fica a 2 k. da séde do Concelho; foi mandado edificar por Pedro Velho e mulher Catarina Afonso, que em seu testamento de 19 de novembro de 1511 a dotaram.

Freguesia de Nossa Senhora do Rosario, que ocupa a parte ocidental da Vila, com sua Igreja paroquial daquela invocação, e que era sufraganea á Matriz no tempo do historiador Dr. Gaspar Frutuoso.

E' uma magnifica Igreja, situada na parte central da Vila e elevada a paroquia por Alvará-regio de 5 d'abril de 1593.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora das Mercês*, mandado edificar por D. Engracia Bicudo Correia no seculo passado em virtude de um voto feito por seu marido João Maria Berquó.

b) *Espirito Santo*, já destruido e de que nos fala o Dr. Gaspar Frutuoso.

c) *S. Judas Tadeu*, na Canada deste nome e sitio da Atalhada.

d) *Igreja de Nossa Senhora das Necessidades*, no povoado denominado—Atalhada—que fica a 2 k. da séde do Concelho e assim chamado por que ali talhavam, para mastros de navios, certa madeira muito direita que havia em suas matas, sendo a principio chamado—Talhada de Navios—mas pelo tempo adiante e para encurtar o nome chamavam-lhe sómente—Atalhada.

A sua Igreja que forma um curato foi mandada construir em 1660 pelo Capitão Domingos Matias, junto á sua casa de morada.

e) *Nossa Senhora da Mercês*, neste sitio da Atalhada, mandado construir por João Chamberlin e mulher Catarina Lopes, segundo seu testamento de 30 de outubro de 1685; demolido.

f) *Santa Barbara*, no sitio da Atalhada, dotado em 24 d'abril de 1654 pelo Capitão Antonio de Faria e Maia, pertencendo hoje aos herdeiros do Dr. Ernesto do Canto.

g) *Santo Amaro*, junto ás casas do Morgado Galvão, no sitio denominado—Sócas.

h) *Nossa Senhora do Resgate*, no mesmo sitio das Sócas, junto ás casas do falecido Luis Maria de Morais

i) *Nossa Senhora das Dores*, que se acha completamente destruido.

j) *Igreja de Nossa Senhora das Misericordias*, no povoado denominado—Cabouco—que fica a cerca de 2 k. da séde do Concelho, e assim chámado por nele terem estado «cabouqueiros» tirando pedra, que lá muito abunda, para as primeiras edificações que se fizeram na Vila, sendo este logar já povoado em 1645.

A sua Igreja foi em 1847 reedificada com esmolas tiradas pelo povo.

k) *Nossa Senhora da Guia*, sito ao Boqueirão, que pertenceu em 1769, segundo testamento, ao Capitão André Alvares Rodovalho.

Compreende este Concelho mais a

Freguesia de Agua do Pau, que fica a 7 k. da séde do Concelho, entre duas ribeiras, a Ribeira-sêca ao ocidente e a do Paul ao oriente.

Dizem os historiadores antigos que a este logar foi posto o nome do—Agua de Pau—por os primeiros navegadores verem do mar quando por ali passaram, uma queda de agua tão aprume que lhes pareceu ser um pau; outros porém dizem que a agua que caía formava um arco, parecendo que ela corria por um pau que tinha aquela curvatura.

Modernamente corre outra interpretação, que é haver aquele logar sido denominado a principio—Agua do Paul—que é a ribeira que vem a ponte do logar e que pelo andar do tempo, corrigida a palavra Paul, ficou Pau. O que é certo é que o povo deste logar com sua pronuncia cerrada, chama-lhe Agua de Pêu.

Foi elevada a Vila por Alvará de 28 de junho de 1515, com meia legua de area e desanexada assim de Vila-franca, retirando-se-lhe o foral em 1854, por falta de recursos.

Nas suas costas maritimas teve dois redutos, hoje demolidos e intitulados de Nossa Senhora de Monserrate e Nossa Senhora das Dores.

O seu antigo Brazão d'armas compunha-se de um escudo bi-partido, de um lado as Armas Portuguêsas e do outro a Imagem de Nossa Senhora dos Anjos.

A sua Igreja paroquial é invocada a Nossa Senhora dos Anjos, sendo a primitiva destruida pelo terremoto de 1522 que subverteu Vila-franca; começando a sua reconstrução a 10 de novembro de 1525.

E' esta Igreja condecorada com o habito de Cristo por D. Manuel I, em recompensa dos serviços prestados por alguns moradores deste logar na conquista de Benahamad, na Asia, e que ao voltar á Europa em 1521 se recusaram aceitar graça alguma para si, preferindo-a para a sua Igreja.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora d'Ajuda*, no Pisão, e que Maria Rebelo da Silveira, mulher do Capitão-mór d'Agua de Pau Manuel da Costa Pimentel em testamento de 6 janeiro de 1675 vinculou juntamente com a quinta e casa que lhe ficava junta, e que ao tempo servia de aljube.

b) *Nossa Senhora de Monserrate*, mandado construir pelo P.e Manuel d'Oliveira. Em 1688 havia junto dela um albergue para romeiros.

c) *S. Pedro*, que ficava junto á Ribeira-seca, de que nos fala o Dr. Gaspar Frutuoso.

d) *Nossa Senhora do Rosario.*

e) *S. Sebastião.*

f) *S. S. Trindade*, mandado construir por Margarida Afonso, e nela havia «um albergue com vendas proprias e uma hospedaria».

g) *Nossa Senhora das Dores*, em uma vinha vinculada pelo P.e Manuel de Matos Sequeira, em seu testamento de 23 de Maio de 1723, e que pertenceu depois ao Capitão-mór da Vila.

h) *Nossa Senhora da Conceição*, no sitio denominado—Caloura—e que antigamente tinha o nome de—Vale de Cabaços—porque os primeiros colonos ao por ali passarem, viram toda a encosta da Montanha que lhe fica ao norte coberta com umas flores grandes e brancas a que dão o nome de—legação—que lhes pareceu flores de cabaços.

Esta Ermida que foi a primeira que houve nesta Ilha desta invocação, é bastante antiga e nela se recolheram as filhas de Jorge da Mota, de Vila-franca, em 1523, lançando as bases do primeiro Mosteiro de freiras em S. Miguel, e nela permaneceram até 1534 em que deram entrada no Mosteiro de Santo André de Vila-franca, ficando

assim lá outras que em 1541 foram fundar o Convento da Esperança de Ponta Delgada.

Em 1633, estando o Convento, que lhe fica junto e fôra edificado para as freiras que haviam lá estado, desabitado, deram nele entrada por provisão de 20 de novembro de 1632 os Ermitãos do Vale das Furnas.

i) *Igreja de S. José*, no povoado denominado --Ribeira-chã ou das Lagens --por uma ribeira de boa agua correr chãmente por umas lagens, que fica mui alta.

A sua Igreja, construida pelo povo e com bons auxilios dos Viscondes da Praia, que durante muitos anos pagaram ao capelão que nela assistia, foi construida em 1874.

A ILHA TERCEIRA, está situada a 38°,40' de lat. N. e 18°,04' de long. O., tendo 35 k. no seu maior comprimento e 20 na largura, com uma superficie de 500 k.

Dista 275 k. da Ilha do Corvo, 270 das Flores, 95 do Faial, 60 do Pico, 45 da Graciosa, 35 de S. Jorge, 125 de S. Miguel e 190 da Ilha de Santa Maria.

E' bastante acidentada, encontrando-se a O. as suas maiores elevações; no entanto tem extensas planicies e magnificas pastagens.

As suas principais elevações são as da Ribeirinha, que se estendem desde as Achadas até á Feteira; Cume da Praia, desde a ladeira do Cardoso, até ao Pico das Cabras, na Ribeira-seca; Santiago, desde o facho da Vila da Praia da Vitoria até á Caldeira das Lagens; Santa Barbara, a mais alta da Ilha, com 1085 metros acima do nivel do mar.

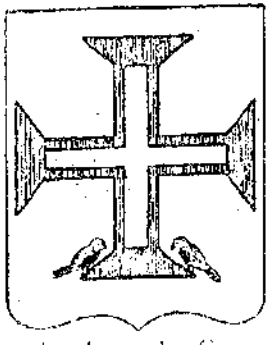
Os seus principais portos são:—Angra do Heroismo, na costa sul, entre a ponta L. do Monte Brazil, e o Castelo de S. Sebastião, o do Fanal, a O. do Monte Brazil; o da Praia da Vitoria, o mais extenso da Ilha, entre as pontas de Santa Catarina e Má-merenda.

As principais pontas são:—das Contendas, a sudeste da Ilha; da Má-merenda, ao N. da baía da Praia; dos Carneiros, a nordeste; Negrito, que fica a noroeste; Gorda, a sudoeste.

Em volta da Ilha ha os seguintes Ilheos:—do Frade, que fica em frente da freguesia de S. Sebastião; do Espartel, que fica em frente da serra de Santiago; Ilheos das Cabras, distantes da Costa de Porto Judeu dois terços de milha; Ilheos dos Casteletes, em frente da ponta da Mina.

A Ilha é regada por muitas ribeiras, nenhuma das quais, porém, de grande importancia.

O Brazão d'Armas, compõe-se de uma cruz vermelha, a Cruz de Cristo, em campo de prata, com dois Açores, um de cada lado da base da Cruz.



Compreende a Ilha dois Concelhos, cujas sédes residem respetivamente na:

Cidade de Angra do Heroismo, que é a capital do Distrito, formado pelas Ilhas Terceira, S. Jorge e Graciosa; é séde dos governos Ecclesiastico e Militar dos Açores, e outr'ora, mas temporariamente, tambem do Governo geral.

Denomina-se «Angra»—por estar assente na orla da sua pequena enseada, e «do Heroismo»—por graça concedida pelo Governo de D. Maria II em Carta de 12 de janeiro de 1837, pela maneira briosa como se portaram os seus moradores nas lutas liberais; tem ainda os titulos de—sempre constante—por disposição deste mesmo diploma, e de—sempre leal—por Alvará de 1 d'abril de 1643, em memoria das lutas da independencia.

Desconhece-se a data do foral que a elevou a Vila, sendo de supôr que fosse depois de 1474, data em que ficou a Ilha dividida em duas capitanias, uma com séde na Praia e outra em Angra, por Carta porém de 21 d'agosto de 1534, foi agraciada com o titulo de cidade pelos muitos e bons serviços prestados ás naus portuguêsas que por ali passavam de volta da India.

Em volta cidade ha as seguintes fortificações:

Castelo de S. Sebastião, conhecido vulgarmente pelo nome de Castelinho, que fica situado em um terreno sobranceiro ao Porto de Pipas.

A sua construção foi ordenada por D. Sebastião, dando-se começo ás obras em 1555, sendo seu primeiro

Alcaide-mór Manuel Corte Real, nomeado por Carta-regia de 25 d'Outubro de 1575.

Forte de Santo Antonio, situado na ponta L. do Monte Brazil, mandado construir pelo Governador Cipriano de Figueiredo depois da batalha da Salga, em que os terceirenses ficaram vitoriosos contra os castelhanos, para melhor defensão da cidade de um segundo ataque.

Invocou então o interpido defensor d'Angra este forte a Santo Antonio, nome do Infante Prior do Crato, ao tempo aclamado Rei de Portugal.

Castelo de S. João Batista, fortaleza situada na raiz do Monte Brazil e ocupando a maior parte do pequeno istmo que liga o Monte ao resto da Ilha; foi mandado construir por D. Filipe I de Portugal, começando as obras em 20 de maio de 1590, sob a denominação de—Castelo de S. Filipe do Monte Brazil.

No tempo do Cardeal D. Henrique houve a tentativa da construção de uma fortaleza neste Monte, não se levando a efeito em virtude de uma representação do Senado d'Angra.

O Castelo é circundado por uma altissima muralha de cantaria, onde estão construidos varios redutos, bastiões, rampas, varias casamátas e algumas guaritas.

Com a restauração de Portugal passou este Castelo a denominar-se—Castelo de S. João Batista—sendo elevado á categoria de praça de primeira classe por decreto de 21 de dezembro de 1863.

Foi neste Castelo que rebentou primeiro a revolução liberal a favor dos direiros de D. Pedro IV e da Carta Constitucional, ás 9 horas da noite de 21 de junho de 1828.

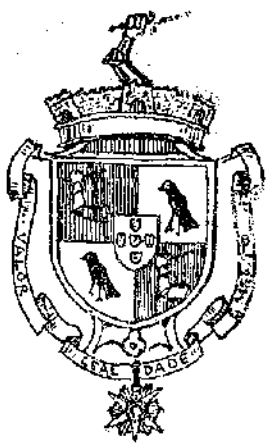
Aqui esteve prisioneiro El-Rei D. Afonso VI, desde 19 de junho de 1669 até 24 d'agosto de 1674; nele se reuniu por muitas vezes o Governo Provisorio que se instalou nesta Ilha e depois a Junta da Real Fazenda com os corpos publicos.

Finalmente foi nesta fortaleza que primeiramente fluctuou o Estandarte com as cores azul e branca e as armas reais no centro, creado pela Regencia do Reino em seu decreto de 18 de outubro de 1830, o que teve logar no dia seguinte.

Forte de S. Diogo, na ponta denominada de S. Diogo, onde haviam duas baterias, a da Fidelidade e a da Constituição, construidas em 1830.

Forte da Quebrada, mandado edificar pelos Hespanhoes, ao sul do Monte Brazil, e por ele se evadiram alguns para S. Miguel, num pequeno barco, por eles construido, no tempo da restauração.

O Brazão d'Armas, desta cidade, é esquartelado de branco e vermelho, sobre o branco tem umas pombas e sobre o vermelho braços empunhando espadas; no centro um escudete com as quinas e por timbre Corôa e um braço armado de espada.



Formam a cidade as 5 seguintes freguesias:

Freguesia da Sé, que ocupa a parte central da cidade, com sua Igreja paroquial—a Sé—começada a edificar em 1570 no mesmo sitio onde havia a Igreja de S. Salvador, que se havia concluido em 1480.

E' a maior Igreja de todo o Arquipélago, sendo sagrada pelo Bispo D. José Pegado d'Azevedo em 16 de outubro de 1808.

Tem mais os seguintes templos:

a) Igreja do Colegio, fundada pelos Jesuitas em 1637, sendo a segunda em grandeza abaixo da Sé, no largo do Prior do Crato; é seu orago Santo Inacio de Loyola; junto está o edificio onde funciona o Governo Civil e varias repartições publicas.

b) *Igreja de S. Francisco*; cuja construção começou em 1666 por mandado dos franciscanos que se achavam estabelecidos em Angra desde 1456, no sitio da sua primitiva Igreja, que se tornava já acanhada, para a Ordem, de que é orago Nossa Senhora da Guia. Junto a esta nova Igreja tinham os frades já reconstruido o seu convento em parte do qual esteve instalado o Seminario, e hoje

é todo ocupado pelo Liceu. Nesta Igreja foi sepultado em 1499 Paulo da Gama, irmão do celebre navegador português Vasco da Gama.

c) *Misericordia*, cuja construção teve começo no ano de 1728, sendo benta a 4 de junho de 1746; fica situada em frente do Largo Tres de Março, na confluencia das ruas Direita e de Santo Espirito, e nele está a Imagem do Senhor Santo Cristo, padroeiro da cidade.

Por detraz da Capela-mór está a Sala do Consistorio da Santa Casa da Misericordia, cuja Irmandade foi constituida a 15 de março de 1492 pelo Capitão-donatario João Vaz Corte Real, juntamente com o Juiz-ordinario João Borges e outros importantes terceirenses.

d) *S. Gonçalo*, que fica junto ao Convento deste nome, fundado pela Bula de Paulo III de 1542, de que era padroeiro Braz Pires do Canto, natural de Guimarães e escrivão do eclesiastico.

Por carta de lei de 30 de julho de 1885, foi o Convento e Igreja cedido á—Associação Educadora do Sexo Feminino—que lá montou uma escola e um recolhimento.

e) *S. João Baptista*, conhecido tambem por Igreja do Castelo, na Praça da Fortaleza, mandado construir depois da rendição dos Castelhanos em 1642, hoje profanado.

f) *Nossa Senhora da Saude*, situado ao Norte da Praça da Restauração e reconstruido em 1884 sobre as ruinas de um outro mandado construir pelos ascendentes da familia Merens de Tavora, sob a invocação de S. Cosme e S. Damião.

g) *Nossa Senhora da Natividade*, junto ás casas do Barão do Ramalho, na Rua Duque de Palmela.

E' dos mais antigos templos e pertencia á confraria dos pretos que serviam a cidade.

h) *Santa Filomena*, mandado construir pelo Padre Roque José de Simas, capelão que foi de S. Gonçalo, junto ás suas casas.

i) *Boa Nova*, mandado construir pelos Castelhanos em 1584 sob a invocação de Nossa Senhora do Terço.

Tem hoje aquela nova denominação porque foi jun-

to dela que os Terceirenses viram a 24 de fevereiro de 1642 fluctuar na Fortaleza a Bandeira branca, sinalando a rendição do Castelo.

Junto a este templo está o hospital Militar fundado antes de 1700.

j) *Espirito Santo*, mandado construir em 1643 por Francisco d'Ornelas da Camara, em cumprimento de um voto que fizera.

k) *Santo Antonio da Grota*, mandado construir na encosta do Monte Brazil, pelo Governador do Castelo em 1615, D. Gonçalo Mexia.

Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, com sua Igreja paroquial, d'esta invocação a mais antiga depois da Sé, ignorando-se a data da sua construção, mas anterior a 1533 data em que D. João III ordenou ao Bispo D. Jorge de Santiago erigisse paroquia a Ermida da Conceição.

Ha nesta freguesia mais os seguintes templos:

a) *Igreja do Hospital de Santo Espirito*, que era a Igreja do Convento das Religiosas da Conceição, fundado por Pedro Cardoso Machado em 1606, na casa mandada construir por Fr. Antonio Varejão, religioso do Mosteiro de Santo Antonio, da provincia de Castela em 1579, para ali se instalar um hospital.

Actualmente no Convento está instalado o Hospital de Santo Espirito pertencente á Misericordia d'Angra e um asilo de mendicidade.

E' orago da Igreja Nossa Senhora da Conceição.

b) *Santo Cristo do Cruzeiro*, construido em 1739, no local onde havia um Cruzeiro, junto ás Hortas que ali havia, e ao qual iam as Estações Religiosas que se faziam na cidade.

c) *Remedios*, edificado num pequeno largo do bairro do Corpo Santo pelos anos de 1556 a 1566, por Antonio Pires do Canto, Provedor das Armadas, junto a sua casa que pertence hoje ao Orfanato de S. João Baptista, fundado pela Irmandade de Nossa Senhora do Livramento a 24 de dezembro de 1899—instituto de beneficencia e instrução.

E' orago desta Ermida Nossa Senhora dos Remedios.

d) *Corpo Santo*, tambem conhecida por Ermida dos Navegantes e S. Pedro Gonçalves dos Mariantes.

E' situado sobre a rocha que fica sobranceira á baia para o lado do Porto de pipas, ignorando-se a data da sua construção, mas é dos primeiros templos construidos em Angra.

e) *Desterro*, que fôra construido para Mosteiro de freiras da Ordem de S. Bernardo, foi reedificada em 1660 por Sebastião Moniz, o velho, tendo sofrido posteriormente novos melhoramentos.

f) *S. Lazaro*, junto do qual outr'ora havia um hospital de Lazaros; fica situado proximo do Largo de S. Bento e foi mandado construir pela familia Canto.

g) *S. Sebastião*, que ficava junto ao Covento das Religiosas capuchas e mandado edificar em 1599 pelo Senado d'Angra em virtude de voto que fizera, por ocasião da peste que grassou então na Ilha; com a construção do Convento, passou a Ermida para a posse deste, continuando porém, o municipio, segundo acordam de 1659, como patrono da Capela-mór da Igreja.

A 19 de março de 1662 entraram neste convento as primeiras Religiosas, mas só a 20 de novembro de 1668 é que o Papa Clemnte IX concedeu a respetiva Bula de fundação.

Com a extinção das Ordens religiosas, ficou o Convento fechado e nele estão hoje instaladas as cadeias civis.

Freguesia de Santa Luzia, com sua Igreja paroquial, tendo por patrona Santa Luzia.

E' uma das mais antigas Igrejas e situada na parte mais alta da cidade, tendo sido primitivamente uma Ermida mandada construir por João Vaz Meireles e sua consorte Catarina Lourenço, sendo elevada a paroquia a 2 de fevereiro de 1585.

Ha nesta freguesia mais os seguintes templos:

a) *Jesus, Maria, José*, que faz parte do Recolhimento d,este nome, tambem conhecido por Recolhimento das Monicas.

Foi instituido em 1684 por D. Monica Maria d'Andrade, quando viuva do Capitão João d'Avila, para ali se recolher com algumas pessoas do seu sexo.

Tem hoje estatutos especiais e nele se recolhem pessoas do sexo feminino, pobres e viuvas desamparadas.

b) *Madre de Deus*, construido em 1732 por Vital de Betencourt e Vasconcelos, junto á sua casa de residencia, sendo propriedade da familia dos instituidores.

c) *Nossa Senhora de Lourdes*, mandado edificar nos fins do seculo passado por D. João Paulino d'Azevedo, Bispo de Macau.

Faz parte desta freguesia ainda:

d) *O arrebalde de S. João de Deus*, em frente do monumento de D. Pedro IV, atravessado pela ribeira do Castelo dos moinhos, com sua ermida outrora invocada a Santo Isidoro e mandada construir por Francisco Borges d'Avila, filho do capitão João d'Avila em 1657, tendo hoje por patrono São João de Deus.

e) *Posto Santo*, assim denominado por não ter sido aquele local invadido pela peste que assolou a Ilha em 1500, com sua ermida invocada a Nossa Senhora da Penha de França, mandado edificar pela familia Merens de Tavora.

Freguesia de São Pedro, no extremo oriental da cidade, com sua Igreja paroquial invocada áquele apostolo, construida em 1572, epoca da fundação da paroquia.

Ha nesta freguesia mais os seguintes templos:

a) *Santa Catarina*, situado numa pequena elevação, ignorando-se a data da sua construção, mas anterior a 1640 pois no cerco feito pelos terceirenses aos castelhanos, existia ali um pequeno reduto denominado Santa Catarina e destinado a vigiar a baía do Fanal, impedindo quaisquer socorros aos hespanhois.

b) *Nossa Senhora da Penha de França*, fundado em 1742 pelo Padre Sebastião Deiró Condé, no logar denominado Pico da Urse.

c) *S. Carlos Borromeu*, edificado por Antonio Coelho de Carvalho e depois reedificado por Francisco Borges d'Avila em 1600, no aprazivel sitio denominado S. Carlos.

d) *Jesus, Maria e José*, pequena Ermida em propriedade particular, um pouco adeante do logar de S. Carlos.

e) *S. Mamede*, na canada dos Folhedais, construido em 1635.

f) *Nossa Senhora d'Oliveira*, mandado construir por Domingos Moniz Corrêa e sua mulher Joana Maria em 1734,no sitio da Silveira onde está amarrado o cabo submarino.

Freguesia de S. Bento, que fica situada no extremo da cidade, para o oriente, e no sitio onde existiu uma das portas da cidade.

No principio da freguesia encontra-se a sua Igreja elevada a paroquia em 1572. tendo por patrono S. Bento.

Ha nesta freguesia mais os seguintes templos:

a) *Igreja de Nossa Senhora do Livramento*, que pertencia ao extinto convento de Santo Antonio dos Capuchos, edificado no local onde existia a Ermida de S. Roque, e terrenos adjacentas, pertencente ao Sargento-mór Gaspar de Freitas e doado para este fim pelo seu herdeiro Capitão Roque de Figueiredo e mulher Maria Rebelo em 1643.

Era então orago da Igreja, Santo Antonio, havendo ao lado da Epistola, na Capela, uma Imagem de Nossa Senhora do Livramento de grande devoção do povo Terceirense, que por tal motivo dá o nome á Igreja.

No convento está instalado o Asilo de infancia, instituido a 16 de abril de 1853, por iniciativa do Governador Civil de Angra, Nicolau Anastacio de Betencourt, cuja manutenção ficou a cargo da Irmandade de Nossa Senhora do Livramento.

A Igreja serve actualmente de capela ao Asilo, e uma parte da antiga cerca do Convento serve de recreio aos asilados, estando a outra parte cultivada.

b) *S. Luiz*, no largo que tem este nome junto á casa morgadia da familia Pacheco.

c) As ruinas dum pequeno templo construido em 1843, em terreno pertencente ao falecido Visconde de Bruges, no sitio denominado—Achada.

Ha ainda o bairro denominado *Vale de Linhares*, onde está edificada a fabrica de destilação d'Angra.

Freguesia da Ribeirinha, que fica a 4 k. da séde, e na encosta da serra que tem este nome; é das mais populosas freguesias do concelho, no centro da qual se eleva a sua Igreja, cuja fundação se ignora, mas já em 1486 existia como sufraganea da Matriz de S. Sebastião, sendo feita paroquia em 1568, tendo por orago S. Pedro.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Santo Amaro,* no começo da freguesia, com sua Ermida invocada a este Santo.

b) *Féteira,* no extremo leste da freguesia com sua Igreja começada a construir em 1866 sob a invocação de Nossa Senhora da Consolação.

Antes, porém, tinha este logar uma Ermida mandada construir em 1590 pelo Vigario Baião, sob a invocação de Nossa Senhora das Mercês, que serviu ao publico deste logar até então.

Freguesia de Porto Judeu, que fica situada a 10 k. da séde, dividida em duas partes: uma situada ao longo da estrada litoral, e outra, a mais importante, á beira-mar.

Tornou-se notavel este logar com a batalha da Salga que nele se deu, quando os hespanhois tentaram conquistar a Ilha em 1581.

Por Carta Regia de 12 de fevereiro de 1502, foi agraciada com o titulo de Vila, passando então a chamar-se —*Vila de S. Sebastião*—mas a 23 de março do ano seguinte, foi-lhe retirado o foral e dado ao logar da Ribeira de Fr. João, que passou o ter aquela denominação.

Exintem ainda as ruinas dos Fortes da Salga, do Réduto e de Santo Antonio, mandados construir pelo Governador Ciprião de Figueiredo.

A constituição desta freguesia é anterior a 1502 e a sua Igreja paroquial, que tem por orago Santo Antonio, é de construção muito antiga.

Tem mais um templo invocado a *Nossa Senhora da Esperança,* construido antes de 1650.

Freguesia de S. Sebastião, que fica situada a 12 k. da cidade, junto ao porto do mar onde se julga terem desembarcado os primeiros colonos.

Foi esta freguesia, antigamente denominada Ribeira

de Fr. João, elevada á categoria de Vila por carta de D. Manuel de 23 de março de 1503, tomando então o nome de—Vila de San Sebastião,— porque ainda é conhecida, sendo extinta por Decreto de 24 de outubro de 1855, posto em execução por Portaria de 12 de fevereiro de 1870.

Possue esta freguesia alguns fortes mandados construir pelo Governador Ciprião de Figueireiio—Forte das Cavalas, das Caninas, da Greta, de Santa Catarina das Mós, do Bom Jesus, do Pesqueiro dos Meninos, de San Francisco e S. Bernardo.

Tem esta freguesia uma Irmandade da Misericordia fundada em 20 de dezembro de 1516, com sua Capela, inaugurada a 1 de junho de 1571, tendo tido um hospital creado neste ultimo ano, que teve pouca duração.

A meio da freguesia ergue-se a sua Igreja paroquial, de que é patrono San Sebastião, existindo mais os seguintes Templos:

a) *Nossa Senhora da Graça*, mandado construir em 1568 por João Fernandes dos Fenais e sua mulher Maria Fernandes Corte-Real, no logar denominado o Arrebalde, hoje restaurado, e para onde estes patronos fizeram transportar a Imagem de Santa Ana que existia na primeira Igreja, mandada edificar nesta Ilha, e que tinha esta invocação, na Ribeira de Fr. João.

b) *Bom Jesus do Bom Fim*, existente no extremo da freguesia, em propriedade do Conselheiro Merens de Tavora, mandado construir por Mateus de Tavora em 1682, em cumprimento de um voto dum seu antepassado por ocasião da batalha da Salga, em 1580.

c) *Nossa Senhora da Consolação*, mandado construir por Gaspar Gonçalves em 1546, com esta invocação, no sitio denominado—Ribeira-seca,— nas margens da ribeira que lhe deu o nome.

Foi no Porto das Mós, desta freguesia, que em 1582 desembarcou D. Antonio, Prior do Crato, pretendente á corôa de Portugal, e onde um ano depois a ele veiu o Marquês de Santa Cruz a vingar a derrota que os seus então haviam sofrido.

Freguesia dos Altares. que dista 16 k. da cidade, e assim denominada, segundo as mais seguras opiniões,

pela contracção das palavras —Altos ares— por que a principio foi chamada.

E' das mais antigas freguesias da Ilha, sendo a sua Igreja paroquial, invocada a S. Roque, de construcção moderna, tendo sido a primitiva derribada pelo terremoto de 17 de maio de 1547.

Freguesia do Raminho, que fica a 27 k. da séde, ao norte da Ilha, e numa extenção de cinco quilometros aproximadamente, atravessada pelas ribeiras denominadas *Borges e Cabo do Raminho*.

A meio da freguesia eleva-se a Igreja paroquial de que é padroeiro S. Francisco Xavier, começada a edificar em 1855.

Tem mais o templo invocado a

Nossa Senhora de Lourdes, mandado construir pela respectiva Junta de Paroquia no ano de 1901, no sitio denominado *Biscoito da Fajã*.

Freguesia da Serreta, que fica situada a 20 k. da séde, na ponta mais ocidental da ilha; é de todas as freguesias a que está a maior altura do nivel do mar.

Começou a povoar-se depois de para aquele sitio se hever retirado um velho sacerdote a fazer vida penitente, levando consigo uma Imagem de Nossa Senhora, e construindo ele mesmo uma tosca Ermida, onde colocou a sua Virgem, nos fins do seculo XVI.

Anos depois da morte deste sacerdote, foi a Imagem da Virgem, á qual o povo atribuia grandes milagres, transportada para a Igreja da freguesia das Doze Ribeiras por ordem do Prelado.

Por ocasião, porém, do pacto entre Carlos XIII de Hispanha e Luiz XV de França, contra a Inglaterra, ordenou o Marquês de Pombal, receoso de serem por esse tempo atacados os Açores, se preparassem para a defesa das suas costas, organizando-se então uma irmandade que se intitulou —*Escravos da Senhora* — que resolveram construir, naquele sitio da Serreta, uma Ermida para aquela Virgem—Nossa Senhora dos Milagres.

A construção da Ermida, porém, só teve começo por ordem do Governador Capitão-general Francisco Antonio d'Araujo, em obediencia ao seu plano geral de se

fazer levantar as Capelas-móres das Igrejas, mas as perturbações politicas da epoca fizeram em breve paralizar as obras, que só se completaram em 1842 a instancias do Governador Civil José Silvestre Ribeiro, Visconde de Bruges e do Brigadeiro Vital Betencourt de Vasconcelos.

Existe nesta freguesia, no sitio da Fajã, uma nascente de agua mineral, descoberta em 1855, a que o povo dá o nome de—*agua azeda*—com a seguinte composição—acido carbonico, cloreto de calcio e de sodio, sulfato de cal, sais terrosos, alumina, magnesia e acido hidrosulfurico.

Freguesia das Doze Ribeiras, que fica a 16 k. da séde do concelho, para o lado occidental da Ilha, voltada um pouco ao sudoeste, com 4 quilometros aproximadamente de extensão.

E' atravessada por seis ribeiras uma das quais, a *das Doze Ribeiras*, deu o nome ao logar.

A sua Igreja paroquial primitiva, edificada quasi no centro da freguesia, ficou bastante danificada pelo ciclone que por ali passou a 28 de agosto de 1893, tendo sido por isso necessario demoli-la, levantando-se no mesmo logar a actual, que ficou completa em 1895, sendo seu orago S. Jorge.

Freguesia de Santa Barbara das Nove Ribeiras, que fica situada a 13 k. da séde do concelho, para o lado occidental da Ilha, sendo a primeira paroquia creada na jurisdição d'Angra, no tempo do primeiro donatario da Ilha, Jacome de Bruges, e assim antes de 1489.

Quasi no centro do freguesia eleva-se a sua Igreja paroquial, de estilo antigo, invocada a Santa Barbara.

O seu terreno é bastante produtivo, prestando-se á cultura de todos os cereais e frutas, sendo atravessada por cinco ribeiras, uma das quais, a *das Nove*, deu o nome á freguesia.

Tem mais o Templo de *Nossa Senhora d'Ajuda*, que foi reconstruido em 1877, sito na Canada da Ajuda, que vai terminar quasi á beira-mar.

Freguesia de Nossa Senhora do Pilar ou Cinco Ribeiras, que fica a 10 k. da séde do concelho,

pará o lado ocidental da Ilha, atravessada por duas ribeiras, uma das quais, a *das Cinco*, deu o nome ao logar.

Tem um razoavel porto do mar, com alguns barcos de pesca, e a sua igreja paroquial, invocada a Nossa Senhora do Pilar, acabou-se de construir em 1872. Antes havia uma pequena Ermida da mesma invocação, que foi demolida, aproveitando-se a cantaria na nova Igreja.

Tem mais o Templo invocado a *Nossa Senhora dos Milagres*, que é particular e foi inagurado em 1902.

Freguesia de S. Bartolomeu, que fica a 8 k. da séde do concelho, no extremo oriental da freguesia do Pilar.

Ignora-se a data da sua colonização, mas já em 1486 era povoada e pertencia á freguesia de Santa Barbara, com sua Ermida invocada a San Bartolomeu e mandada edificar por D. Ignês Alvares e seu marido, em 1500.

A sua actual Igreja paroquial é uma ampliação desta Ermida e colocada quasi a meio da freguesia.

Tem mais o Templo de *Jesus, Maria, José*, mandado construir pela familia Fisher, da Illm de S. Miguel, situado na parte litoral sul da freguesia.

Freguesia de San Mateus da Calhêta, que fica a 5 k. da cidade, á beira-mar, com quatro e meio quilometros aproximadamente de comprimento, com o forte da Má Ferramenta, já em ruina, e o Forte Grande, ainda conservado, mandados construir pelo Governador Ciprião de Figueiredo.

E' povoado anterior a 1568, e a sua actual Igreja paroquial foi começada a construir em 1895, na parte mais alta da freguesia; o antigo templo é situado no extremo sudoeste da freguesia, sobre o promontorio mais saliente do logar, e tinha por orago San Mateus.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Santo Antonio*, em propriedade do Barão do Ramalho.

b) *Nossa Senhora das Mercês*, fundado pelo morgado Candido de Menezes.

c) *Nossa Senhora da Luz*, na Canada que tem este

nome, e consta ter sido mandado edificar pela família Brito do Rio e reconstruido por ordem de D. João Maria Pimentel, Bispo d'Angra.

d) *S. Vicente Ferreira*, na canada que tem este nome, propriedade da familia Freitas.

e) *Nossa Senhora da Candelaria*, na canada do Arruda, pertencente á familia Merens de Tavora.

f) *S. João Baptista*, na canada do capitão-mór, fundado pelo fallecido Visconde de Betencourt, em propriedade sua.

g) *S. Francisco das Almas*, no caminho do meio, pertencente hoje aos herdeiros de Joaquim Teixeira Brazil, cuja data da fundação se ignora.

Freguesia de Belem ou Terra Chã, que fica a 4,5 k. ao noroeste da cidade, outrora a mais rica freguesia da ilha, pela abundancia dos seus frutos, ricos laranjais e extensas matas; e assim se chama por estar assente numa planície e ter por orago Nossa Senhora de Belem.

A sua primitiva Igreja foi edificada por Sebastião Alvares em 1570, sendo depois doada ao povo que a ampliou e modificou, sendo benta em 1857.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Boa Hora*, na quinta que tem este nome e se diz ter sido mandado construir por um eclesiastico. E' hoje propriedade particular.

b) *Nossa Senhora de Nazareth*, hoje invocada a Jesus, Maria e José, na quinta do Pedregal, e mandado construir pela familia Fisher, de Ponta Delgada.

c) *Nossa Senhora da Guia*, na quinta que tem este nome, e mandado construir pelo Dr. Roberto Luiz de Mesquita em 1827.

d) *Nossa Senhora dos Prazeres*, mandado construir pelos ascendentes do morgado José Leite Teve Botelho.

e) *S. Francisco Xavier*, na canada e quinta do Rolo, mandado edificar por Francisco Salazar e consorte D. Ana da Camara em 1688.

f) *Santa Luzia*, na quinta deste nome, mandado edificar pelo morgado Sebastião d'Andrade Ferreira.

g) *Nossa Senhora do Rosario*, em propriedade particular, e fundado no seculo passado por um ascendente de Manuel Maria de Mesquita.

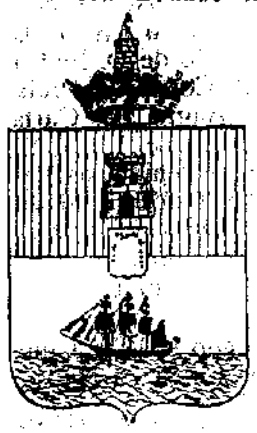
Vila da Praia da Vitoria, que fica situada a 20 k. de distancia da cidade d'Angra, na parte mais occidental da Ilha.

Foi capital de toda a Ilha desde os primeiros tempos da colonização em 1450, até estabelecer-se a capitania na parte de Angra em 1474, pois que Jacome Bruges, o primeiro capitão da Ilha, ali fixou sua residencia.

Em 1480, aproximadamente, recebeu o foral de Vila, e por Decreto de 17 de junho de 1875 foi feita séde da comarca.

Chama-se —Praia— por estar assente numa das melhores de todos os Açores, e —da Vitoria —pela que em seus terrenos alcançaram os liberais, na batalha de 11 de agosto de 1828 contra os miguelistas, sob o comando do Conde de Vila Flor.

O seu Brazão d'Armas compõe-se de um escudo



partido em facha, tendo na primeira, em campo vermelho, uma torre de oiro, e na segunda em campo de prata um navio negro sobre mar de prata e azul, ao centro um escudete de prata com a legenda —11 d'agosto de 1829.

O escudete tem corôa naval e por timbre uma torre negra, com bandeira azul e prata.

Na sua barra existiam doze fortes mandados construir no tempo do Governador Ciprião de Figueiredo em 1578, mas nas lutas liberais só deles apenas existiam o de S. Caetano, Sant'Antão, das Chagas, da Luz, do Porto, do Espirito Santo e a bateria de S. João, e hoje apenas se veem restos de muralhas.

Forma a Vila uma só freguesia:

Freguesia de Santa Cruz, com sua Igreja paroquial, invocada a Santa Cruz e fundada em 1456, tendo desde então sofrido importantes reparos, e tem o titulo de Matriz.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Igreja da Misericordia*, pequeno templo de arquitectura antiga, onde se venera a Imagem do Santo Cristo, de muita devoção em todo a Ilha; tem por vezes servido da paroquia nas ocasiões de terremotos que teem danificado a Matriz; foi ha tempos incendiada.

Pertence á Irmandade da Misericordia, fundada em 1521, tendo junto o seu hospital que foi criado em 1492, antes assim da Irmandade, mas hoje dirigido por ela.

b) *Lazaros*, junto ao hospital deste nome, situado no logar das Figueirinhas do Paim, creado por Gonçalo Vaz Homem em 1520.

c) *Mosteiro da Luz*, o mais antigo mosteiro de freiras nos Açores, edificado pelo capitão Antão Martins, filho de Alvaro Martins Homem, donatario da Praia em 1483, no logar onde existiu o forte da Luz.

Em 1676, depois de umas grandes enchentes do mar que muito o danificaram, foi este Mosteiro mudado para o sitio onde está hoje instalado o Asilo da mendicidade, tambem conhecido por Asilo de D. Pedro V, fundado por Jacome de Bruges, 2.° Conde da Praia da Vitoria, quando Governador Civil d'Angra, por Carta de Lei de 23 de maio de 1864.

Neste convento estiveram tambem recolhidas as Religiosas das Chagas, cujo convento havia sido fundado em 1543 por Domingos Homem e mulher Rosa de Macedo, defronte do Paço d'Areia, que se arruinára.

E' ainda neste mosteiro da Luz que funciona o Tribunal Judicial creado em 1875.

d) *Convento dos Franciscanos*, fundado em 1480, que é hoje propriedade particular, cuja capela está em ruinas,

e) *Ermida dos Remedios*, de que se ignora a data da construção, invocada á Nossa Senhora.

f) *S. Salvador*, de que tambem se desconhece a data da sua edificação; é propriedade particular e invocada a S. Salvador.

g) *Santa Luzia*, situado no logar das Pedreiras, edificado por Duarte Pereira, tendo já sido acrescentado á custa do povo.

h) *S. José*, de construção moderna e situado ao Portão do Barreto.

Tem esta freguesia mais os seguintes povoados:

a) *Casa da Ribeira* — a 3 k. da vila, atrevessado por cinco ribeiras, que vão desaguar nas duas que atravessam a Vila.

A sua Igreja invocada a S. João Baptista, foi edificada antes de 1716, sendo reedificada em 1844.

b) *Santa Rita ou curato da Serra* — que fica a 3 k. da Vila, na Serra de San Tiago, com sua Ermida, que pertencia aos Viscondes de Bruges, e é hoje propriedade publica.

Compreende o Concelho da Praia da Vitoria mais as seguintes freguesias:

Freguesia das Fontinhas, que fica a 5 k. da séde, para o interior da Ilha, assente sobre um sub-solo lodoso que a torna bastante humida.

A sua Igreja paroquial fica no centro da freguesia, de construção anterior a 1568, tendo por orago Nossa Senhora da Pena.

E' atravessada por quatro ribeiras, uma das quais a da — Fontinha — deu o nome á freguesia.

Tem ainda a *Ermida de Santo Antonio*, invocada a este santo e mandada edificar pelo P.e Francisco Cardoso Leal, antes de 1614.

Freguesia das Lages, que fica a 7 k. da Vila, assenta sobre um lagedo que lhe deu o nome. E' rica em terrenos de cultura e nela se acha construida uma fabrica de alcool.

A sua Igreja paroquial tem por orago San Miguel Arcanjo e fica situada no centro da freguesia e no mesmo sitio da antiga Igreja, de data anterior a 1564, demolida por varios terremotos.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa S.ª dos Remedios*, mandado levantar por José Vieira d'Areia, com o produto das esmolas alcançadas em toda a Ilha, em comprimento de um seu voto,

b) *S. Braz*, edificado pela casa morgadia que foi possuida por Francisco de Betencourt, pertencente ao povoado deste nome, que fica a 2 k. da freguesia.

Freguesia da Vila Nova, que fica a 10 k. da séde, das mais importantes dos primeiros tempos da colonização e a mais alegre das que se encontram á beira-mar.

E' freguesia anterior a 1482, e antiga residencia de muitas familias nobres.

Pretendeu o Capitão-donatario Antam Martins Homem alcançar-lhe o foral de Vila, mas a isso se opuseram os seus moradores, para se eximirem aos cargos, que consequentemente lhes viriam.

A sua Igreja paroquial, é situada em ponto elevado, edificada antes de 1482, e tem por orago o Espirito Santo.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora d'Ajuda*, sobranceiro ao porto da freguesia, mandado edificar por Heitor Homem da Costa em 1542.

b) *Misericordia*, mandado edificar por uma antiga Irmandade da Misericordia, fundado por João da Silva do Canto em 1571, do qual apenas só resta a Ermida, invocado a Nossa Senhora da Madre de Deus.

Freguesia d'Agualva, que fica a 14 k. da séde do concelho e assenta nas faldas dum outeiro formado de lavas.

E' atravessada por quatro ribeiras, uma das quais —Agua-alva— deu o nome á freguesia.

A sua Igreja paroquial, mandada edificar por João Homem da Costa, em 1588, tem por orago Nossa Senhora de Guadalupe, tendo na sua frontaria um antigo— gnomon— relogio do sol, tendo as horas gravadas em uma pedra.

Freguesia das quatro Ribeiras, que fica situada a 18 k. da séde, sendo um dos logares mais estereis da Ilha.

E' dos mais antigos logares, querendo mesmo alguns historiadores que fosse aqui o logar onde desembarca-

caram os primeiros povoadores, e onde se levantou a primeira Igreja invocada a Santa Beatriz, que é ainda hoje o orago da actual paroquia.

E' a freguesia atravessada por quatro ribeiras:

Ribeira-grande, a pequena, a seca e a do Almeida, e tem uma agua mineral chamada *agua-santa*, cuja analise dá-lhe a existencia de cloreto e carbonato de sodio e vestigios de cal e acido carbonico.

Freguesia dos Biscoitos, que fica a 25 k. da séde, sendo outrora muito florescente e abundante de vinhas, ainda hoje é um dos logares muito concorridos na estação calmosa.

E' assim chamada da natureza do seu solo, e assenta sobre terreno vulcanico e rodeado de altas e negras serras.

E' povoação bastante antiga, sendo a sua actual Igreja paroquial no local denominado—Caparica—tendo por orago S. Pedro, pois a antiga era edificada no sitio das Igrejinhas, a 1500 metros ao sul da actual.

Possue a freguesia um pequeno porto de mar e proximo os restos de um pequeno castelo denominado—Forte do Porto.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora do Loreto*, mandado edificar por Pedro Anes do Canto em 1556.

b) *Espirito Santo*, mandado edificar por Matias Silveira em 1761, em consequencia de voto que fizera.

c) *Santo Antonio*, mandado construir pelo Alferes José Diniz Ormanda, natural da Ilha do Corvo, e que nesta freguesia veiu fixar residencia em 1690.

Diz-se ter este Alferes encontrado, pouco depois da sua chegada ali, um caixote á beira-mar, e abrindo-o encontrou uma imagem deste santo, pelo que resolveu fazer-lhe uma ermida.

d) *Santa Catarina*, que fica no limite ocidental da freguesia, mandado construir por Gonçalo Anes Pamplona, natural do Reino de Navarra, que ali instituiu seu morgadio.

Freguesia do Cabo da Praia, que fica situada a

4 k. da séde no extremo do areal da Vila da Praia, de onde tomou o nome.

E' freguesia bastante antiga e nela se encontram os seguintes fortes já bastante arruinados:

S. Bento, Santa Catarina do Cabo da Praia, e o de S. José, mandados construir pelo Governador Ciprião de Figueiredo, tornando-se os dois ultimos notaveis no combate da Vila da Praia em 1829.

A sua Igreja paroquial tem por orago Santa Catarina.

Freguesia da Fonte do Bastardo, que fica a 5 k. da séde, logo a seguir á freguesia de S. Sebastião, atravessada por quatro ribeiras.

E' um dos mais antigos povoados da Ilha, e a sua Igreja paroquial tem por orago Santa Barbara.

ILHA DE S. JORGE. Está situada a 38,°40' lat. N. e 19,°7' long. O., distando 30 k. da Ilha Graciosa, quasi igual distancia da Terceira, 15 k. do Pico, 145 de S. Miguel, 230 de Santa Maria, 25 do Faial, 200 das Flores, e 205 do Corvo.

Tem a superficie de 260 k., sendo 65 no seu maior comprimento e 4 na largura media.

E' percorrida por uma cordilheira de montanhas, e o litoral circundado de rochas alcantiladas, negras, altas e cortadas a prumo; é abundante de aguas, sendo a mais importante das suas nascentes a das Sete-fontes na freguesia dos Rosais.

Em volta da Ilha ha os seguintes Ilhéos:

Ilhéo da Ponta do Topo, em frente ao logar deste nome, com um moio de terra aproximadamente, cultivavel, e onde já deu trigo e se criou gado.

Ilhéo do Canalhoto ou dos Rosais, que fica situado a noroeste da ponta dos Rosais, da freguesia que tem este nome.

As suas principais pontas são: *Ruiva* e *Morro-grande*, proximo da Vila das Velas, e *Rosais*, no extremo noroeste, *Queimada*, *Garajão*, *Casteletes*, *Calheta*, *Vicente Dias*, *Mosteiros*, *Forcada*, e *Pontinha*, a su-sudoeste, *Silveira*, que fica a sueste, *Cubres*, *Vinhas*, *Redonda*, *Cal-*

deira, Fajã do Belo, Norte Grande, Norte Pequeno, Furada, Rasa, Vieira, Galego e Gaivota—ao norte do Topo

As suas principais ribeiras são:—Ribeira-seca, dos Vimes, do Salto, que vão desaguar ao sul da Ilha; Ribeira d'Areia, da Caldeira ou da Laranjeira, que desaguam ao norte.

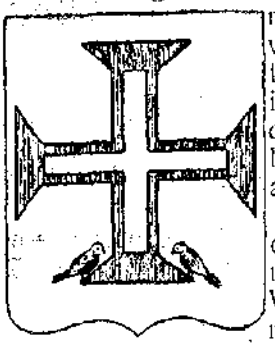
Tem a Ilha diferentes picos, sendo o mais elevado o da *Esperança*, que fica ao centro.

O solo da Ilha é no geral fertil, sendo porém rica em pastagens, sendo assim importante a sua industria de laticinios.

Está a Ilha dividida em dois concelhos, cujas sédes residem na

Vila das Velas, capital da Ilha e séde do concelho, e da comarca de S. Jorge.

E' situada em terreno pouco levantado, nas faldas da montanha que lhe fica a nor-nordeste, á beira-mar de uma magnifica enseada, que atrain outrora bastante navegação —*velas*— que demandavam o seu porto, e onde se construiram muitas *caravelas*, havendo inclusivamente o porto denominado das *caravelas*; e são estes os melhores fundamentos para determinar a origem do nome desta localidade.



E' o mais antigo logar da Ilha, começando a ser povoado por colonos vindos da Terceira, e foi feita Vila por alvará de El-rei D. Manuel no ano de 1500.

As Armas desta Vila, que são afinal as de toda a Ilha, acham-se desenhadas no Estandarte do Municipio e no sinete antigo da Camara, que se compõe da Cruz de Cristo em vermelho sobre damasco branco, com dois açores ao pé da haste, um de cada lado, de cor escura; no reverso da bandeira estão as armas reais de Portugal.

Compreende a Vila uma só freguesia, a de S. Jorge, cuja Igreja Matriz foi primitivamente mandada erigir pelo Infante D. Henrique, sendo depois no mesmo sitio edificada outra, a que actualmente existe, que foi sagrada pelo Bispo D. Frei Lourenço de Castro em 1675.

Tem mais os seguintes templos:

a) *S. Francisco*, mandado construir pelos fradesmenores depois de 1641, data em que uma grande tempestade derrubou a Casa de Nossa Senhora da Conceição, onde então viviam, no sitio onde estão as ruinas da fortaleza com aquela invocação.

b) *Nossa Senhora do Rosario*, que foi a capela do convento das freiras de Santa Clara, de que foi fundador o Padre Amaro Teixeira Fagundes, sendo benta pelo Bispo d'Angra D. Antonio Vieira Leitão no ano de 1696.

Está profanado e nele adaptada uma casa de espectaculos.

c) *Misericordia Velha*, que é um dos edificios mais antigos da Vila, pois havendo sido instituida a Irmandade da Misericordia a 15 d'abril de 1543, foi construida logo a sua Igreja.

Com a cedencia que o governo fez do convento de S. Francisco para acomodação do hospital da Misericordia, ficou profanada a Igreja, que por carta de lei de 22 de abril de 1871 foi cedido á camara Municipal para nele se instalarem secretarias e repartições publicas.

d) *Santo Antão*, situado no largo que tem este nome já no seculo XVI, o que mostra a antiguidade da Ermida; estava profanado havia muitos anos, sendo demolido em 1870.

e) *S. João*, situado na Rua do Outeiro, edificado em meados do sec. XIX, havendo sido reconstruido em 1895 por uma comissão.

f) *S. Pedro Gonçalves*, que era situado no sitio onde hoje existe o mercado publico.

Estava a cargo da classe maritima que fazia celebrar anualmente a sua festa, sendo demolido pelo Municipio em 1775.

g) *Almas*, situado á entrada dos—Degraus, que antigamente se chamava Rua da Amargura. E' propriedade dos herdeiros do Dr. José Pereira da Cunha da Silva, sendo edificado por pessoa da sua familia.

h) *Santo André*, fundado pelo Padre André Pereira de Lemos, sendo cantada a primeira missa, no ano de 1602; é propriedade particular e está profanado.

i) *Piedade*, situado quasi na encosta do Pico dos Louros, de fundação antiga e de muita devoção, celebrando-se festa anualmente.

j) *Pilar*, na falda do morro dos fechos, fundado nos fins do seculo XVII, pelo povo da Vila.

E' muito visitado de verão, sendo o sitio um dos melhores passeios.

k) *Igreja de Sant'Ana*, no povoado denominado *Povoação da Beira*, que fica a 2,5 k. da Vila; forma com os logarejos de S. Pedro, Ribeirinha e Serrôa, um curato sufraganeo á Matriz de S. Jorge.

l) *S. Pedro*, que fica a 1,5 k. da Vila, no povoado denominado S. Pedro, e mandado edificar por as pessoas que naquele sitio passavam o verão.

Freguesia de Rosais; fica a leste da Vila das Velas, a 6 k. de distancia, em bom terreno, sendo tida esta freguesia como sendo o celeiro da Ilha.

E' assim denominada por haverem os primeiros colonos encontrado aquele sitio todo florido de rosas. E' das freguesias mais antigas da Ilha, existindo já em 1568.

A sua Igreja paroquial é invocada a Nossa Senhora do Rosario, desconhecendo-se a data da sua construção.

Freguesia de Santo Amaro; fica esta freguesia situada em logar elevado e confinando ao norte com as barrocas do mar; antigamente era denominada Santo Amaro do Almeida, apelido este tomado de Jacome Gonçalves do Almeida, ouvidor que foi do capitão donatorio e que viveu nesta freguesia entre os seculos XVI e XVII.

Dista 2 k. da Vila e foi feita freguesia por resolução de 20 de outubro de 1691, no reinado de D. Pedro II, sendo Bispo d'Angra D. Antonio Vieira Leitão.

A sua Igreja paroquial fica quasi no extremo occidental da freguesia, invocada a Santo Amaro.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Boa Hora*, fundado pelo Padre Manuel Ferreira Madruga, por escritura de 9 de junho de 1711, no sitio dos Mosteiros.

b) *Nossa Senhora da Luz*, no sitio da Queimada.

c) *Nossa Senhora do Desterro*, no logar da Fajã.

d) *S. Vicente Ferrer*, no mesmo logar da Fajã, mandado edificar por um Padre, primo daquele P.e Manuel Ferreira Madruga.

e) *S. José*, fundado pelo Dr. José Pereira da Cunha da Silveira e Sousa, no ano de 1862, no sitio do Toledo.

Freguesia da Urzelina, situada á beira-mar em terreno baixo e nas faldas de altas montanhas, distando duas leguas na Vila das Velas, e assim se denomina da muita *urzela*, que então havia nos seus campos, ao ser povoada.

A sua Igreja paroquial foi construida depois de 1822 em substituição da primitiva, que o vulcão de 1 de maio de 1822 arrasou, sendo orago S. Mateus.

O seu porto do mar é um dos melhores da Ilha, sendo construido por determinação do municipio em 1647.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Encarnação*, junto á estrada Real, no sitio da Ribeira do Nabo.

b) *Jesus, Maria e José*, nas queimadas bravas, entre os matos.

c) *S. Francisco Xavier*, fundado pelo Padre Francisco Pereira d'Oliveira, beneficiado da Matriz das Velas, no sitio do Cruzeiro.

d) *Jesus da Boa Morte*, no sitio do Castelete.

e) *Nossa Senhora da Penha de França*, instituido por D. Isabel d'Azevedo, viuva do Capitão Gonçalo Pereira de Lacerda, por escritura de 12 de julho de 1684.

Freguesia das Manadas, das mais antigas freguesias da Ilha, sitio bastante montanhoso; estende-se porém até á beira-mar; a sua Igreja paroquial foi construida no seculo passado e é seu orago Santa Barbara.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Santa Rita de Cassia*, fundado pelo Capitão Antão d'Avila Pereira, em testamento lavrado, a 8 de junho de 1757.

b) *Nossa Senhora de Guadalupe*, no sitio dos Ferreiros.

c) *Santo Antonio da Mouraria*, no mesmo sitio.

d) *Nossa Senhora das Almas*, fundado no ultimo quartel do seculo XVII por Lucas de Matos Pereira, almoxarife da Real Fazenda em S. Jorge.

Freguesia de Norte Grande; é a mais importante do Concelho das Velas, distando 4 leguas da Vila, quasi a meio da Ilha, com sua Igreja de invocação a Nossa Senhora das Neves.

E' abundante de pastagens, cujo baldio o povo disfruta em comum.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Santo Antonio*, que forma um curato sufraganeo, o mais antigo da Ilha, fundado em 1544 por Jorge de Lemos e sua mulher Maria d'Avila, no sitio denominado Santo Antonio.

b) *S. Miguel Arcanjo*, fundado pelo Capitão Gaspar Nunes Brazil e sua mulher Maria Simoa em 28 de fevereiro de 1633, actualmente reconstruido, no sitio da Ribeira d'Areia.

Vila da Calheta. séde deste concelho, situada em uma planicie, á beira-mar, cercada pelo norte de montanhas, vindo-lhe o nome da pequena enseada que forma o seu porto; foi feita Vila por carta d'El-Rei D. João III de 3 de junho de 1534.

Em 1757, ficou derrubada quasi totalmente esta Vila por um terremoto, a qual tem actualmente uma só freguesia, a de Santa Catarina, cuja primitiva Igreja foi devorada por um incendio casual em 1639.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Santo Antonio*, mandado construir pela Capitão-mór Miguel Antonio da Silveira e Souza em 1816.

b) *Senhora do Socorro*, construido pelo povo no ano de 1787, por iniciativa da Capitão Antonio Faustino da Silveira, no sitio dos Biscoitos.

c) *Bom Jesus Milagroso*.

Compreende mais as seguintes freguesias:

Freguesia do Norte Pequeno. situado na costa norte da Ilha, num sitio bastante pitoresco, a 8 k. da

Vila da Calhêta; cultivam-se muitos cereais e fabrica-se queijo e manteiga. A Igreja da paroquia é de recente construção, sendo seu orago S. Lazaro.

Tem ainda a Ermida de *Santa Filomena*, edificada pelo Padre Antonio Tomé de S. Jorge.

Freguesia da Ribeira Seca. E' situada na costa sul da Ilha, em terreno pouco elevado, a 4 **k.** da Vila da Calhêta, sendo assim chamada do nome da ribeira que a atravessa.

E' das mais antigas paroquias da Ilha, sendo a sua Igreja dedicada a S. Tiago demolida pelo terremoto de 9 de julho de 1757, reedificada em 1761.

E' abundante de pastagens, cria muito gado e fabrica queijos e manteiga,

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora dos Milagres*, construido em 1782 pelo Sargento-mòr Antonio da Silveira Avila.

b) *S. Sebastião*, formando um curato sufraganeo no sitio da Fajã dos Vimes, á beira-mar.

c) *Nossa Senhora do Livramento*, construido por iniciativa do Vigario da Calhêta Padre João Silveira de Carvalho, elevado a curato no ano de 1875, no sitio do Loural, sobre a Serra.

d) *Senhor Santo Cristo*, formando curato sufraganeo, construido pelo povo em 1833 na Fajã da Caldeira

Em 1877 rebentou uma nascente de agua sulfurea, verificando-se entrar na sua composição:—Residuo fixo seco a 180°, 0,5352 gr., cloro 0,168 gr., cal 0,0720 gr., magnesia 0,0600 gr.

Freguesia de Santo Antão. Era um antigo curato sendo feita freguesia por decreto de 6 de junho de 1889; é a sua igreja de invocação a Santo Antão.

Tem mais os seguintes templos.

a) *S. João*, situado á beira-mar debaixo de altissimas rochas, fundado em 1550 por Baltazar da Cunha da Silveira e forma um curato sufraganeo.

b) *S. Tomé*, destruido, no sitio deste nome.

c) *Senhor Bom Jesus do Ecce Homo*, ha pouco construido por esmolas do povo, no sitio—Entre Ribeiras.

Freguesia de Nossa Senhora do Rosario—do Topo. Fica situada no extremo oriental da Ilha, sendo assim denominada por ser ali que *topavam* os navios no tempo das primeiras colonizações.

Foi aqui que se estabeleceu a primeira colonia flamenga, sob a direção de Guilherme Van der Haagen, Guilherme da Silveira entre 1470 e 1480.

Foi feita Vila em 1512, sendo suprimida por decreto de 24 de outubro de 1855.

A sua Igreja paroquial é dedicada a Nossa Senhora do Rosario, ficando arruinada pelo terremoto de 1757, começando a reconstruir-se quasi imediatamente.

Tem mais os seguintes templos.

a) *Igreja de S. Francisco*, com seu convento invocado a S. Diogo que em 1661 o Padre Diogo de Matos da Silveira, beneficiado da Matriz da Igreja do Topo, fundou.

b) *Santa Rosa de Viterbo*, arrasado pelo terremoto de 1857.

c) *S. Pedro*, no sitio deste nome.

d) *S. Lazaro*, fundado em 1518 por João Pires de Matos e sua mulher Maria da Silveira, em testamento de 30 de abril; está na propriedade pertencente aos herdeiros do Capitão Tiago Homem de Noronha—sob a invocação de Ermida de Nossa Senhora da Ajuda.

ILHA DA GRACIOSA. Está situada a 39°,2' lat. N. e 21°,54.'15" long. O., distando 35 k. da Ilha de S. S. Jorge, 35 k. da Terceira, 55 k. do Pico, 60 do Faial, 170 de S. Miguel, 260 de Santa Maria, 205 das Flores e 210 do Corvo.

Tem a superficie de 88 k., sendo 17 de extensão e 10 de largura.

No litoral é baixa para o lado norte e de rochas escarpadas para a parte sul; os seus terrenos são magnificos e a sua agricultura está bastante desenvolvida.

Em volta da Ilha ha os seguintes Ilhéos:

Ilhéos dos Homisiados, quasi fronteiros ao porto do Carapacho, e assim chamados por que indo uns rapazes dos principais em 1541 divertir-se para o Ilhéo, não puderam dele sair senão no dia seguinte pela tempestade que se levantou; e chamaram-lhe então Ilhéo dos homisiados.

Ilhéo da Praia, que fica fronteiro á antiga Vila da Praia; é o maior de todos os Ilhéos.

Ilhéo das Gaivotas.

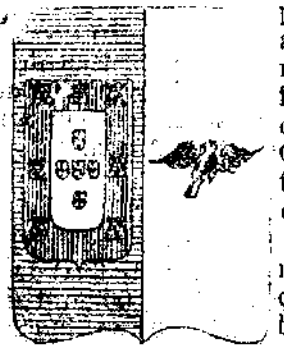
As suas principais pontas ou cabos são: *Pico-negro ou Ruivo*, ao norte; *Fenais*, a leste; *Restigão*, ao sueste; *Branco*, a sudoeste e *Porto* a oeste.

Ha ainda a Ponta do Carapacho, do Topo, do Frade, do Gomes, Vermelho, Ferreira e de Santa Catarina.

Tem a Ilha diferentes *picos* sendo os mais elevados o do Facho, Timão e Carapacho.

Compreende a Ilha um só concelho cuja séde reside na

Vila de Santa Cruz, que é a maior e principal povoação de toda a Ilha; situada ao norte, em terreno baixo, á beira-már e que foi começada a edificar por Pedro Correia da Cunha que em 1485 veiu com carta do Capitão de toda a Ilha. E' a capital e cabeça de comarca e do concelho.



Recebeu o foral de Vila por mercê d'El-rei D. Manuel no ano de 1500; á sua entrada e perto da barra está erecto um secular monumento—Uma Cruz—sobre seu pedestal e ali levantado em 1520 por Antonio de Freitas, fundador da Ermida de S. Sebastião da mesma Ilha.

O seu brazão d'Armas, compõe-se de *escudo bipartido* ao alto, tendo á esquerda em campo azul as armas Reais e á direita um açor voando.

Compreende a Vila uma só freguesia,

Santa Cruz, cuja Igreja paroquial foi construida em 1500.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Santo André*, que foi o primeiro que houve em tôda a Ilha—serviu de paroquia e está hoje profanado.

b) *S. Pedro*, fundado pelo povo e que foi o segundo templo e foi reputado Matriz, está tambem profanado.

c) *Corpo Santo*, que foi fundado por maritimos.

d) *Santo Antonio*, instituido pelo capitão Antonio de Freitas Correia, na praça do Pelourinho.

e) *Santa Catarina*, hoje demolido, e que deu o nome a uma ponta ou pequeno cabo na Vila.

f) *S. Sebastião*, no largo deste nome, hoje tambem demolido—que foi fundado em 1520 por Antonio de Freitas.

g) *Igreja da Misericordia*, junto ao hospital, de que foi fundador o capitão-mór Manoel de Quadros Machado.

h) *Igreja dos Franciscanos*, que ali se estabeleceu em 1700, passando para ela os frades que se haviam estabelecido em 1609 num pequeno convento.

i) *Bom Jesus*, edificado por João Moreno.

j) *Nossa Senhora das Dores*, fundado por Antonio da Silva Sodré e consorte D. Maria da Trindade, no povoado deste nome.

k) *S. Braz*, no povoado denominado Fontes.

l) *Santo Amaro*, edificado pelo capitão-mór Francisco Espinola Pacheco de Melo.

Freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe, situada a sudoeste de Santa Cruz a meia legua de distancia; foi creada freguesia em 1644, com sua Igreja daquela invocação em 15 de maio de 1713, havendo antes uma Ermida daquela mesma invocação fundada, por Domingos Paiva da Covilhã.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora da Victoria*, no povoado deste nome que fica no caminho do meio, fundado por Pedro da

Cunha e Avila pela victoria alcançada aos mouros em 1580.

b) *Nossa Senhora da Esperança*, fundado por Xisto d'Ornelas Furtado, no povoado da Ribeirinha.

c) *Almas*, fundado por Domingos Pereira de Lemos, no povoado deste nome.

d) *S. Miguel*, fundado por Pedro Colaço Pais.

Freguesia de Nossa Senhora da Luz, que está situada a 16 k. da Vila de Santa Cruz, datando a sua criação de 1601, com sua Igreja daquela invocação, cuja primitiva, que extstia antes de 1506, foi substituida por outra que foi destruida pela terremoto de 13 de junho de 1730—dando logar á actual.

E' nesta freguesia que existem as afamadas aguas do Carapacho, sitio onde desembarcaram os primeiros povos.

Freguesia da Praia, que fica a 5 k. da séde do Concelho situada á beira-mar, ao longo do melhor porto da Ilha donde lhe vem o nome, em terreno plano e cercado em parte por alguns picos e encostas verdejantes.

El-Rei D. João III deu-lhe os foros de Vila por carta de 1 de abril de 1546, que ficou extinta em 1867 em razão da escacês das suas rendas.

A sua Igreja paroquial é invocada a S. Mateus que foi elevada a Matriz em 1546.

E' nesta freguesia que existe a celebre *Caldeira* de forma elitica com 3 k. no sentido do eixo maior e 2 no menor rodeado de rochedos negros; no fundo um extenso vale com um lago que serve ás lavadeiras do logar.

No fim desta bacia encontra-se a abertura que dá ingresso á furna do enxofre, que mede aproximadamente 90 metros de profundidade.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Sant'Ana*, fundado pelo Capitão-mór Sebastião Correia da Silva, no sitio denominado Lagoa.

b) *Santa Quiteria*, fundado por Sebastião d'Eiró Conde, na Fonte do Mato.

c) *Nossa Senhora dos Remedios*, fundado por Mateus Velho d'Azevedo.

d) *Nossa Senhora da Guia*, fundado pelo Capitão Antonio Vaz do Conde Sodré.

e) *Santo Antonio*.

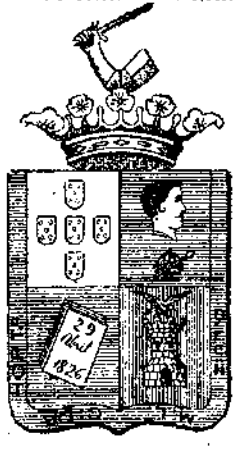
ILHA DO FAIAL. Está situada a 38.°,33' lat. N. e 19°31' long. O., tendo no seu maior comprimento 25 k., e vinte na sua largura, sendo assim de forma ovada.

Dista 285 k. de Santa Maria, 205 de S. Miguel, 180 do Corvo, 170 das Flores, 95 da Terceira, 60 da Graciosa, 25 de S. Jorge e 5 da Ilha do Pico.

E' bastante montanhosa, sendo a sua mais alta montanha, a denominada—*Caldeira*—que tem 1.021 metros de altura, com uma cratera de cerca de 2.000 metros de diametro e 400 de profundidade, tendo no fundo um lago.

Nomearemos mais—o pico do fogo, cabeço do norte, cabeço da fonte e a Lomba dos Frades, como sendo os mais importantes.

A Ilha é dotada dum magnifico porto de mar e além disso dum molhe de abrigo e tem adjacente um pequeno Ilhéo:



Ilhéo dos Capelinhos, em frente da freguesia de Santa Cruz, perto do porto Pim.

As suas principais pontas são: *Espalamaca* a lesnordeste, *Ribeirinha* a nordeste, *S. Lourenço* ao norte, *Carelo* a oesnoroeste, *Castelobranco e Feteira* ao sul e *Guia* a sueste.

O solo é fertil em cereais, generos tuberosos, e leguminosos e em frutas de todo o genero.

As Armas desta Ilha tem a Cruz da Ordem de Cristo, com as quinas, uma facha de cada lado e na orla as letras—Horta;— por timbre tem um açor.

Compreende a Ilha um só concelho, cuja sede reside na:

Cidade da Horta, capital do distrito das Ilhas

Faial, Pico, Flores e Corvo, e assim se denomina, dizem uns, porque primitivamente cada casa tinha o seu quintal com um ou dois poços de agua, parecendo assim uma *quinta* ou *horta*; outros opinam, porém, que este nome lhe vem da *horta* que Jorge da Terra, um dos primeiros colonos do Faial, tinha junto a sua casa, onde a pouco e pouco se foram construindo moradas, formando assim o povoado conhecido por aquele nome; finalmente ha quem diga que *Horta* é uma corrupção de *Huerter*, nome do primeiro donatario e chefe da colonização da Ilha.

Em 1468 deu El-Rei D. Manuel a este povoado, o foral de Vila, que foi elevado a cidade por alvará de 4 de julho de 1833, pelo Duque de Bragança, D. Pedro, Regente do Reino, em nome de sua filha, D. Maria II, atendendo aos serviços que seus habitantes prestaram na causa liberal.

D. Luiz I, por decreto de 3 de maio de 1865, concedeu a esta cidade o titulo de «Mui leal», e brazão d'armas, que se compõe «de um escudo esquartelado, no primeiro, em campo de prata as quinas de Portugal, no segundo em campo azul o busto de prata, de D. Pedro IV, tendo no contra-chefe a corôa e chefe de oiro, no terceiro em campo azul um livro de prata aberto com a data 29 d'abril de 1826, outorga da Carta, no quarto campo de purpura um castelo de prata e pousado sobre ele um açor do mesmo metal». Orla azul com a legenda em letras de oiro—D. Luiz I á mui leal cidade da Horta—Tem por Timbre um braço de prata armado de espada do mesmo metal.

Erta situada á beira mar em frente de uma linda e espaçosa baía semi-circular virada a les-sueste, num anfiteatro, ficando-lhe fronteira a Vila da Madalena da Ilha do Pico.

Em volta da cidade ha as seguintes fortificações.

Forte da Lagoa, que fica situado na freguesia Matriz e que se acha hoje abandonado.

Forte do Bom Jesus, situado na mesma freguesia e que passou a servir de cadeia civil.

Castelo de Santa Cruz, que fica na freguesia das Angustias, em frente da cidade e serve de quartel militar.

A construção deste Castelo foi dirigida pelo enge-

nheiro Tomás Benedito, que veiu em companhia do Corregedor Gaspar Freitas, sendo dado ao Castelo uma esquadra de oito artilheiros com um Condestavel, (sargento) para sua guarnição, sob o comando de um capitão.

Castelo da Greta, que fica na ponta do norte da Guia, ao sul da cidade, hoje desmantelado.

Castelo do Porto Pim, no porto desto nome, tambem desmantelado.

Castelo de S. Sebastião, um pouco adiante do Porto Pim, que serviu de quartel de Veteranos.

Todas estas fortificações se construiram com impostos especiais sobre o vinho, carne e aguardante pelos anos de 1567 e 1682, para se defenderem dos corsarios que ao tempo infestavam estes mares.

Formam a cidade as tres seguintes freguesias:

Freguesia de S. Salvador; que forma a parte central da cidade, com sua igreja paroquial—Matriz—que se acha instalada na Igreja dos Jesuitas, que em 1680 se começou a edificar no mesmo sitio onde haviam construido sua primeira Igreja em 1641, dedicada ao Misterio da Epifania.

No edificio que fica junto a esta Matriz, antiga casa dos Jesuitas, acham-se instaladas as repartições publicas.

A antiga Matriz que tambem era invocada a S. Salvador foi demolida em 1842, formando hoje o passeio publico.

Tem mais os seguintes templos.

a) *Nossa Senhora do Carmo*, situado num alto—antes havia ali a Ermida de N. S. da Boa Nova, mandada construir pelo capitão-mór Francisco Gil da Silva e consorte D. Helena Roim, perto da sua residencia em 1640.

Chegando do Brazil 2 frades carmelitas, instituiram na Ermida a invocação de N. S. do Carmo, indo a pouco e pouco melhorando o templo, que é hoje o segundo em grandeza. Junto e no convento acha-se instalado o quartel de infantaria.

b) *S. Francisco*, cuja construção começou em 1690 para substituir o que havia ficado arruinado pela tempestade que por ali passou a 29 de novembro de 1669 construido sobre a protecção de Nossa Senhora do Rosario

á beira-mar e no sitio desde então denominado —Pedras dos Frades, depois de 1537.

Antes, ainda parece que desde 1520, viviam os franciscanos, os primeiros que a esta Ilha chegaram e que eram flamengos, no sitio denominado—Lomba dos Frades.

No convento que fica junto a esta Igreja está instalado o Hospital da Irmandade da Misericordia, creada pouco antes de 1528, e na dependencia o Asilo da Mendicidade fundado por iniciativa do Governador Civil em 1843.

c) *Santo Antonio*, fundado pelo Capitão Antonio da Silveira Linhares em 1700, com um hospicio para frades, onde por disposição testementaria do fundador em 1717 se instalaram 6 frades.

Extintas as ordens religiosas estabeleceu-se lá o hospital que depois se passou para o convento de S. Francisco.

d) *Nossa Senhora da Gloria*, e seu convento de freiras, mandado construir por D. Catarina Corte Real que dotou o convento com seus bens no ano de 1617 e nele professou.

Era a igreja invocada a Nossa Senhora da Conceição e fica o edificio no centro da cidade.

e) *Convento de S. João*, de freiras da ordem de Santa Clara, fundado por Diogo Rodrigues, antes de 1580.

Está hoje destruido formando parte do jardim publico.

f) *Divino Espirito Santo*, mandado construir pelo municipio em cumprimento de um voto ao rebentar o vulcão da Praia do Norte em 1672.

g) *Nossa Senhora do Livramento*, sito num alto junto ao quartel que foi do Governador Militar, mandado construir em 1648 pelo capitão Francisco Utra e Quadros, e sua mulher D. Izabel da Silveira, que nele foi sepultado.

h) *Sant'Ana*, junto ás casas dos Viscondes de Santa Ana.

i) *Nossa Senhora da Boa Viagem*, situado á beira-mar,

mandado construir por Francisco de Barros e sua mulher, que nele foram sepultados.

j) *Terceiros Franciscanos*, junto á Igreja de S. Francisco e invocado ao Senhor dos Passos.

Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, que fica ao norte da cidade e atravessada por uma ribeira que corre junto ao adro da Igreja paroquial que é invocada a Nossa Senhora da Conceição, reedificada em 1606 sobre as ruinas de uma Ermida da mesma invocação, coeva com a creação do logar, que foi saqueada e incendiada pelos inglêses em 1597.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora do Pilar*, situado na Lomba funda e mandado construir pelo Dr. Filipe Furtado de Mendonça, Vigario e ouvidor da cidade em 1701.

No dia 31 de janeiro de 1793 incendiou-se esta Ermida não se sabendo a causa, sendo novamente reparada por Barbara da Trindade.

b) *Santo Amaro*, fundado por Francisco Pereira Sarmento, num bairro desviado da cidade.

Freguesia de Nossa Senhora das Angustias, que fica ao sul da cidade, com sua Igreja paroquial invocada a Nossa Senhora das Angustias.

Foi a primeira Igreja que se edificou na Ilha do Faial, por mandado do capitão donatario Jorge Dutra á sua propria custa e proximo de sua casa de morada, por virtude de um voto da capitôa, se chegasse á Ilha e não houvesse nela animais ferozes.

A Imagem que então colocaram no altar foi trazida pela mesma capitôa na sua primeira viagem.

Esta Ermida foi poucos anos depois ampliada á custa do mesmo donatario, e deram-lhe então a invocação de Santa Cruz, legando-lhe em 1527 uma renda perpetua para sustentação do capelão e complemento de suas obras e conservação.

Em 1684 foi elevada a paroquia sob a antiga invocação de Nossa Senhora das Angustias, e em 1800 edificou-se a actual Igreja, desmanchando-se aquela.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora da Guia*, no alto de um monte, man-

dado edificar pelo capitão-mór Jorge Goulart Pimentel em 1670 e reedificado em 1714 por Fr. Antonio de Jesus Maria, a que os marinheiros tem muita devoção.

b) *Santa Barbara*, no bairro deste nome, mandado construir por Pedro Pasteleiro em 1500.

c) *Nossa Senhora de Nazareth*, muito arruinado e pertencente á familia Arriaga.

d) *S. Lourenço*, mandado edificar pelo capitão-mór Tomás P. Pereira, na sua quinta.

Compreende o concelho mais as seguintes freguesias:

Freguesia dos Flamengos, que fica a 4 k. da cidade e assim chamada por haver sido colonizada por flamengos.

E' a unica freguesia central da Ilha, rodeada de montanhas que a tornam por isso humida e fria.

A sua igreja paroquial invocada a N. S. da Luz é coeva com a primeira colonização da Ilha, sendo saqueada e incendiada pelos Inglezes em 1597, sendo reedificada em 1606 e depois ainda em 1736.

Freguesia da Feteira, que fica a 5 k. da cidade e assim chamada por se haver encontrado aquele logar coberto de fetos ao tempo da colonização.

E' dos mais ferteis logares da Ilha, Ignora-se a epoca da sua fundação, mas já existia em 1568; é seu orago o Divino Espirito Santo.

Teve um forte dedominado—Laginha.

Castelo Branco, que fica a 10,5 k. da cidade, sendo orago desta freguesia Santa Catarina.

Diz-se ter havido aqui um hospicio de freiras, no morro onde depois se construiu um castelo, e lá viveram freiras até 1580, sendo o convento invadido nesta data por piratas, passando-se as freiras para o de S. João, da cidade.

Capelo, que fica a 21 k. da cidade e assim chamado por estar este sitio ordinariamente coberto de nuvens, formando uma especie de capelo.

Foi creada freguesia nos principios do seculo XVII, sendo orago da paroquia Nossa Senhora da Esperança, cuja igreja ficou arruinada com o terremoto de 1672,

sendo reedificada depois sob a invocação da Santissima Trindade, orago actual da freguesia.

Teve as fortificações denominadas—Forte-firme e Varadouro.

Praia do Norte, que fica a 23 k. da cidade sendo das mais antigas freguesias da Ilha.

O terremoto de 1672 e o fogo destruiram quasi por completo este logar, sendo incorporado depois disto na freguesia do Capelo, para onde passou a invocação da paroquia—Santissima Trindade. Em 1697, porém, alguns dos seus antigos habitantes construiram uma Ermida invocada a Nossa Senhora das Dores, vindo a formar-se mais tarde freguesia, com esta invocação.

Tem um povoado denominado—*Fajã*—com sua ermida invocada a Nossa Senhora da Penha de França, edificada por José Nunes da Silveira em 1787.

Cedros, que fica a 18 k. da cidade, e assim chamada pela muita madeira de cedro, que então existia naquele sitio.

E' a maior e talvez a mais produtiva freguesia da Ilha, chamando-se-lhe por isso—*o celeiro da Ilha*.

E' freguesia antiga, data de 1504, sendo seu orago Santa Barbara.

Salão, que fica a 14 k. da cidade; era um povoado da freguesia dos Cedros, mas formando *hoje* uma freguesia propria, com sua Igreja paroquial, invocada a Nossa Senhora do Socorro.

Ribeirinha, que fica a 10 k. da cidade, rodeada de montanhas e cortada por duas ribeiras, donde lhe vem o nome; foi creada freguesia em 1666 sob a invocação do Apostolo S. Mateus.

Pedro Miguel, que fica a 6,5 k. da cidade, situada a oeste da—*Caldeira*—entre duas elevadas lombas e cortada por uma grande ribeira; foi feita freguesia em 1666 sob o patrocinio de Nossa Senhora d'Ajuda.

Teve um antigo forte denominado—Baixo.

Praia do Almoxarife, que fica a 3 k. da cidade, situada num vale entre as lombas da Espalamaca e a dos

Frades; vai desde a praia, donde lhe vem o nome, elevando-se para o interior.

E' orago da freguesia Nossa Senhora da Graça. A sua primitiva Igreja foi incendiada e saqueada pelos ingleses em 1567 sendo reparada em 1606.

ILHA DO PICO. Está situada a 38°,25' de lat. N e 19°,3' e 12" de long. O., tendo no seu maior comprimento 90 k. e 20 na largura media, com a superficie de 496 k. quadrados.

Dista 235 k. de Santa Maria, 200 do Corvo, 195 das Flores, 160 de S. Miguel, 60 da Terceira, 55 da Graciosa, e 5 da Ilha do Faial.

A Ilha é a mais montanhosa de todo o arquipélago, sendo dividida a meio por uma elevada serra que corre em todo o sem comprimento, sobre a qual existem extensos campos incultos.

O seu terreno é vulcanico, rochante e pedregoso, desenvolvendo-se muito bem a vinha que é a melhor de todas as das Ilhas.

A costa é bordada de altos e alcantilados rochedos sem areal, nem sitio proprio para ancoradouros de navios.

As suas principais elevações são: *o Pico*, que deu o nome á Ilha com cerca de 2.500 metros de altura, *Monte caiado;* a oeste da vila das Lages, na serra da Prainha do Norte.

As suas principais pontas são: *Espartel, Mateus, Arrifes* e *Nasquim*, ao sul; *Calhau-grosso*, a les-sueste; *Cela, Prainha, Misterio* e *Cabrito*, ao sul; *Madalena* e *Monte*, a sudoeste.

Em volta da Ilha ha os seguintes Ilheus: *Madalena*, dois Ilheus fronteiros á Vila que tem este nome *Prainha*, que fica defronte da freguesia que tem este nome.

Compreende a Ilha tres concelhos, cujas sedes residem respectivamonte na

Vila de S. Roque, que é a capital, situada na parte norte da Ilha, á beira-mar em terreno plano, quasi a meio.

Não é a mais importante Vila do Pico, mas nela está a séde da comarca da Ilha.

Foi creada Vila por alvará de 1542 e assim se chama do nome do orago da sua unica freguesia.

A sua Igreja paroquial, que já existia antes da creação da Vila, foi reedificada em 1716 e transformada na actual matriz.

Tem mais os seguintes templos.

a) *Igreja da Misericordia*, com sua irmandade.

b) *S. Miguel Arcanjo*, no bairro deste nome, mandado construir pelo Alferes André Gulart.

c) *Nossa Senhora das Dôres*, que se desconhece a data da sua edificação.

d) *Igreja de S. Pedro d'Alcantara*, no convento de S. Francisco, no sitio do Cais do Pico a 2 k. da séde, cuja construção se começou em 1721, sendo padroeiro o Padre Manuel Rodrigues da Silveira. Naquele sitio havia a Ermida de Nossa Senhora do Livramento.

Extintas as ordens religiosas e entregues os bens ao Governo, foi este convento cedido para nele se instalarem as repartições publicas da Comarca.

Compreende este concelho mais as seguintes freguesias:

Prainha do Norte, que fica a 15 k. da sede e assim se chama por confinar ao norte com uma pequena praia do mar.

A sua Igreja paroquial que era invocada a Nossa Senhora da Piedade, foi reedificada em 1787, tendo já antes a invocação de Nossa Senhora d'Ajuda.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora das Dores*, sito na areia do Mouro e mandado construir por Manoel Ferreira de Melo.

b) *Nossa Senhora da Piedade*, no sitio da Prainha de Cima.

c) *S. Pedro*, que se desconhece a data da sua edificação.

Freguesia de Santo Amaro, que fica a 20 k. da sede, com sua Igreja paroquial invocada áquele santo; é

situada no extremo leste do concelho e tem um sofrivel porto do mar.

Freguesia de Santo Antonio, que fica a 3 k. da sede do concelho, com sua Igreja paroquial invocada áquele santo, fundada em 1696.

Tem mais as seguintes templos:

a) *Sant'Ana*, no bairro deste nome, mandado construir por Diogo Soares, formando hoje um curato.

b) *S. Domingos*, no sitio das Almas, mandado construir por Domingos Nunes da Costa.

c) *S. Vicente*, no sitio do Ginjal mandado edificar pelo Padre José de Melo.

d) *Madre de Deus*, no sitio do areal, mandado construir pelo Padre Bernardo Ferreira.

Fraguesia de Santa Luzia, que fica a 12 k. da sede, de terreno pedregoso e vulcanico.

A sua Igreja paraquial já existia em 1723 e é invocada a Santa Luzia.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora da Pureza*, no sitio do Lagido, mandado edificar por Diogo Berquó d'El-Rei e mulher D. Joana Margarida Jaques de Mendonça em 1760.

b) *S. Mateus*, no porto do Cabrito.

Vila das Lagens. E' a mais antiga, rica e maior povoação da Ilha, sendo elevada a Vila no ano de 1501.

Fica situada á beira-mar, nas faldas de um monte quasi cortado a prumo, sendo o seu porto rodeado de recifes e grandes lagedos, donde lhe vem o nome.

E' esta Vila formada por uma só freguesia cuja Igreja paroquial é bastante antiga e invocada á Santissima Trindade.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Misericordia*, construido em 1719, que tinha sua irmandade, hoje em ruinas.

b) *S. Pedro*, que foi o primeiro templo construido na Ilha e serviu algum tempo de paroquia.

c) *Nossa Senhora dos Remedios*, que tambem se acha arruinado.

d) *Santa Catarina*, edificado numa vistosa colina.

e) *Nossa Senhora da Conceição*, junto ao convento dos Franciscanos, construido com esmolas do povo no ano de 1690 que foi pasto dum grande incendio em 1830, sendo depois reparado.

No convento acham-se hoje instaladas as repartições municipais.

f) *S. Sebastião*, de que se ignora a data da construção, no logar denominado Ribeira do Melo.

g) *S. Bartolomeu*, no logar da Silveira, assim chamado pelas silvas que naquele sitio mandara plantar Fr. Pedro Gigante, primeiro paroco da mais antiga igreja da ilha, para impedir a invasão do gado nos terrenos onde foram plantados os primeiros bacelos de vinha, que mandara vir da Madeira, e junto do qual logar fica o povoado chamado Soldão.

Compreende o concelho mais as seguintes freguesias:

Freguesia de S. João, que fica a 9 k. da sede do concelho, situada em terreno pedregoso.

A sua igreja paroquial é invocada a S. João, começando-se a construir em 1829, para substituir a que em 1726 se havia levantado e fora destruida.

Antes serviu de paroquia a

a) *Ermida de S. João*, construida em 1619 no sitio do Arruda, por Domingos Marques e mulher, sendo destruida pelo vulcão que rebentou em 1718, passando por isso a paroquia para a

b) *Ermida de Santo Antonio*, mandada construir pelo sargento-mór Antonio Pereira de Betencourt, até 1726.

Freguesia das Ribeiras, que fica a 5 k. da sede e assim chamada das muitas torrentes d'agua que a atravessam.

E' situada em terreno algum tanto ingreme, com sua igreja paroquial invocada a Santa Barbara, que já existia em 1568.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora do Socorro*, que lhe fica proximo.

b) *Bom Jesus*, no bairro denominado Santa Cruz, á beira-mar, sendo aqui que em 1831 desembarcou a divisão constitucional comandada pelo cônde de Vila-flor, vindo da Ilha Terceira.

Freguesia da Caiheta de Nasquim, que fica a 18 k. da sede, situada á beira-mar, no lado sul da Ilha.

A sua Igreja paroquial, invocada a S. Sebastião, foi começada a construir-se em 1852, sobre as ruinas da antiga, cuja data da edificação se desconhece.

Freguesia da Ponta da Piedade, que fica a 23 k. da sede, situada na ponta lesnordeste sobre uma planicie, sendo a mais importante do concelho.

A sua Igreja paroquial invocada a Nossa Senhora da Piedade foi começada em 1756.

Tem mais os seguintes templos:

a) *S. Tomé*, no sitio da Manhenha, logar afamado pelos seus vinhos.

b) *Nossa Senhora da Conceição*, mandado construir pelo Padre Manoel Inacio em 1857, no sitio do Calhau.

c) *Santo Antão*, no sitio da Ribeirinha.

Vila da Madalena, a mais nova das Vilas da Ilha, recebendo o respectivo foral por Alvará de 8 de março de 1722.

E' situada na costa O. da Ilha, defronte da cidade da Horta, em terreno baixo e pedregoso.

A sua Igreja paroquial é invocada a Santa Maria Madalena, sendo das melhores da Ilha.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora da Conceição*, fundado pelo Padre Francisco Pereira Sarmiento, no Cabo Branco.

b) *Sant'Ana*, mandado edificar pelo capitão Antonio da Silveira Linhares, no sitio do Pesqueiro.

c) *Benditas Almas*, mandado edificar por Antonio Pereira do Amaral, no sitio dos Toledos.

Compreende mais este concelho as seguintes freguesias:

Freguesia das Bandeiras, que fica a 6 k. da sede

do concelho assente sobre terreno pedregoso, com sua Igreja paroquial invocada a Nossa Senhora da Boa Hora.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora do Desterro*, mandado edificar pelo Capitão Jorge Cordoso no sitio do cais do Morato.

b) *Nossa Senhora dos Milagres*, edificado no sitio do Cachorro.

c) *S. Caetano*, mandado edificar por Mateus de Melo, no Cabeço Chão.

Freguesia da Criação Velha, que fica a 2,5 k. da sede, voltada ao sul da Ilha, com o sitio denominado Area-larga, que é o porto.

A sua Igreja paroquial é invocada a Nossa Senhora das Dores, sendo feita paroquia em 1709.

Freguesia da Candelaria, que fica a 8 k. da sede, com sua Igreja paroquial invocada a Nossa Senhora das Candeias.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora da Boa Nova*, no sitio denominado Guindaste.

b) *Nossa Senhora da Conceição*, que fica no porto da freguesia.

Freguesia de S. Mateus, que fica a 15 k. da sede; é a mais extensa, populosa e antiga freguesia do concelho, já existindo em 1542.

A sua Igreja paroquial é invocada a S. Mateus e começou-se a edificar em 1838 por fóra da antiga Igreja que se achava muito arruinada.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Nossa Senhora da Conceição*, mandado edificar pelos Padres Alexandre da Silveira Machado e Tomaz Alexandre da Silveira Machado.

b) *S. Jeronimo*, mandado edificar por D. Maria Montijo, proximo ao porto da Lagem, em ruinas.

c) *S. Caetano*, mandado edificar por Francisco Pires Flores proximo do porto da Prainha do Galeão.

ILHA DAS FLORES. Está situada a 21°,16'' e 59' de long. O., e 39°,25' lat. N., distando 475 k. da Ilha de Santa Maria, 385 de S. Miguel, 270 da Terceira, 205 da Graciosa, 200 da de S. Jorge, 195 do Pico, 175 do Faial, e 15 da Ilha do Corvo.

Tem 40 k. no seu maior comprimento e 15 de largura, com a superficie de 620 k.

A sua costa é alta e escarpada, e toda a Ilha bastante montanhosa e cortada por varias ribeiras, cujas principais são:

Ribeira da Cruz, que vai desaguar ao norte da Ilha; *Ribeira da Silva*, que divide os dois concelhos que formam a Ilha; *Funda*, que vai para leste da Ilha; *Grande*, que é a principal e desagua na freguesia da Fajãzinha. *dos Moinhos*, que passa pela freguesia de Ponta-delgada, e a *Ribeira d'Além da ribeira*, que fica além da ribeira da Fazenda.

Principais pontas:—*Ponta-delgada e Albernage* ao norte, *Caveira, Lomba e Lagens* a leste, *Farois* a nordeste, *Agua-quente* a sudoeste e *Ruiva* entre as pontas Delgada e Santa Cruz.

Principais montanhas:—Monte da Cruz, Pico da Sé, Morro Grande, Monte das Lagens, Lombo Grosso, Pico Caboco; Lombo da Vaca e Pico Casino.

Principais portos:—*Porto de Santa Cruz* na costa oriental, *Enseada da Ribeira-grande* e a *Enseada da Agua-quente*.

As suas Lagoas são: *Lagoa Funda* a sudoeste da Vila de Santa Cruz, *Seca e Rasa* que distam um k. daquela, *Branca e Comprida* a 4 k. para nordeste da Lagoa Rasa, e a da *Lomba e a Funda* das Lagens.

Em volta da Ilha ha os seguintes Ilheus:

Monchique, a pouco mais de um k. a O. da ponte dos Farois; *Agua-quente*, a sudoeste da ponta das Cantarinas, *Rodrigues*, a este da Ilha.

O afastamento que esta Ilha tem das outras, assim como a falta de comunicações, tem-na atrasado no seu desenvolvimento comercial e industrial. Cria no emtanto muito gado vacum, que é o mais pequeno dos Aço-

res, mas o que mais leite dá, e lanigero, sendo finissima a sua lã e muito bons os seus tecidos.

Compreende a Ilha dois concelhos, cujas sedes residem respectivamente na

Vila de Santa Cruz, que fica situada á beira-mar, em terreno plano, voltado para sueste; tem um sofrivel porto de mar que foi defendido por um forte hoje demolido.

Foi feita Vila depois das Lagens haver recebido foral de vila, mas é a mais importante da Ilha, sendo sede da comarca.

Forma a Vila uma só freguesia, cuja Igreja paroquial é invocada a Nossa Senhora da Conceição, e tem o titulo de Matriz, sendo começada em 1781 no mesmo sitio em que existia uma outra, coeva com a criação do logar.

Tem mais os seguintes templos:

a) *Igreja de S. Francisco*, com seu convento dedicado a S. Boaventura, fundado pelo Padre Inacio Coelho, natural de Santa Cruz das Flores e seu Vigario, em cumprimento do voto que fizera pela Restauração de Portugal de 1640, solicitando Beneplacito Regio no ano seguinte.

Com a extinção das Ordens religiosas, foi o convento vendido em hasta publica e adquirido por um particular, e a Igreja entregue á Ordem Terceira.

b) *S. Pedro*, edificado em 1705, e pertencente á familia Armas; destruido.

c) *S. Sebastião*, fundado em 1741 pelo Vigario Tomé Furtado de Mendonça; destruido.

d) *Santa Catarina*, que tambem foi destruido.

e) *Nossa Senhora de Lourdes*, de recente construção, no logar denominado Fazenda.

Formam o concelho mais as seguintes freguesias:

Freguesia da Caveira, que fica a 5 k. da sede, entre montanhas, com sua Igreja paroquial invocada a Nossa Senhora do Livramento, edificada em 1767 por José Antonio de Sousa Betencourt.

Freguesia dos Cedros, que fica a 10 k. da sede e assim denominada pela muita madeira deste nome que lá se encontrou ao ser colonizada; fica sobre um lombo limitada ao norte pelas barrocas do mar.

A sua Igreja paroquial é invocada a Nossa Senhora do Pilar.

Freguesia de Ponta-delgada, que fica a 20 k. da sede e assim chamada por ficar assente em uma ponta de terra estreita; é a mais importante do concelho e com um sofrivel porto do mar.

A sua Igreja paroquial é invocada a S. Pedro.

Vila das Lagens. Fica situada a 15 k. da Vila de Santa Cruz na costa E. e assim chamada do Lagedo que tem junto.

E' a mais antiga Vila da ilha, fundada em 1515 e situada á beira-mar sobre um terreno plano, sendo outrora defendida por um forte denominado Santo Antonio, que ainda em 1770 bateu 2 navios americanos que pretendiam invadir a Vila.

São-lhe anexos os povoados do Monte, Morros e Fazenda, ficando este a 2 k. da sede com sua Igreja invocada ao Senhor Santo Cristo.

E' formada por uma só freguesia, cuja Igreja paroquial é invocada a Nossa Senhora do Rosario, que foi começada em 1763 por estar arruinada a antiga paroquia.

Tem mais o seguinte templo:

Nossa Senhora das Angustias, fundado em 1720 por D. Pedro e D. Manuel, hespanhois que ali naufragaram e que depois de concluida foi entregue ao cuidado da familia Armas, arruinado.

Compreende mais o concelho as seguintes freguesias:

Freguesia da Lomba, que fica o 5 k. da sede e assim chamada por ficar situada em logar alto, sobre o mar.

A sua Igreja paroquial é invocada a S. Caetano e começada a edificar em 1698.

Freguesia da Lagedo, que fica a 7 k. da sede, com sua Igreja paroquial invocada a Nossa Senhora dos

Milagres quo foi construida em 1771 por José Francisco de Mendonça.

Nesta freguesia existem duas fontes sulfureas e uma de agua azeda.

Freguesia dos Mosteiros, que fica a 10 k. da sede do concelho, com sua Igreja paroquial invocada á Santissima Trindade e mandada construir por Antonio de Freitas em 1847.

Fraguesia da Fajãzinha, que fica a 12 k. da sede do concelho, á beira-mar, em terreno plano, virada ao norte, com sua Igreja paroquial invocada ao Santissimo Sacramento, edificada em 1770 pelo Padre Alexandre Pimentel de Mesquita, no mesmo sitio em que existia a antiga invocada a Nossa Senhora dos Remedios.

Freguesia da Fajã Grande, que fica a 13 k. da sede do concelho com um razoavel porto do mar, com sua Igreja paroquial invocada a S. José, reedificada em 1849 com esmolas do povo.

ILHA DO CORVO. Está situada a 40.° lat. N. e 34°,20' long. O., tendo 5,5 k. de comprimento e 2 na sua largura, tendo assim uma superficie de 13 k.

Dista 480 k. de Santa Maria, 300 de S. Miguel, 275 da Terceira, 210 da Graciosa, 205 de S. Jorge, 200 do Pico, 180 do Faial e 15 da Ilha das Flores.

E' a mais ocidental e pequena de todas as Ilhas do arquipélago, muita acidentada pelos contrafortes de uma montanha que se eleva no seu centro, antigo vulcão, com sua *caldeira* de 5,5 k. de circunferencia e 250 metros de profundidade, formando em baixo uma grande lagoa com sete pequenitos Ilheos.

Os seus principais portos são:

Da Casa, que fica a nordeste da Ilha, *Pesqueiro e Boqueirão*, que ficam a oeste.

O solo é fertil, produzindo bons cereais, legumes e principalmente inhames.

Compreende a Ilha um só concelho com uma só freguesia:

Vila Nova do Corvo, elevada a esta categoria

por decreto lavrado no ano de 1832, pois antes era uma simples freguesia, sujeita á jurisdição da Vila de Santa Cruz da Ilha das Flores.

Fica situada á beira-mar, e é orago da freguesia Nossa Senhora dos Milagres com sua Igreja paroquial construida em 1674, tendo antes havido uma outra sob a invocação de Nossa Senhora do Rosario, onde se celebravam os oficios divinos, quando pela quaresma vinha o Vigario das Flores confessar e desobrigar aqueles seus paroquianos, que só neste tempo tinham pastor.

II

Donataria, Capitanias, Corregedorias, assaltos e invasões de estrangeiros, açoreanos ilustres.

A distancia a que estão do continente Português as Ilhas dos Açores, o afastamento de uma a outra Ilha e ainda a maneira como as descobriram, as deram e colonizaram, foram a causa do seu governo e administração especial, para atender e harmonizar os interesses da Corôa com os dos Donatarios, Capitães e colonos.

Assim no principio formaram estas Ilhas uma

Donataria —governo geral do Arquipélago, por virtude das doações feitas por D. Afonso V aos Infantes de Portugal, que as tinham *como suas proprias, isentas, dizimas a Deus, com tudo o que nelas havia e ao diante houvesse*, sendo assim uns verdadeiros Reis dos Açores, e como tais lhes pertencia:

a) todas as entradas e saidas.
b) rendas e direitos reais.
c) foros, tributos e imposições.
d) montes rotos e por romper.
e) rocios, pacigos e arvores.
f) fontes, rios e pescarias doces e salgadas.
g) todo o senhorio e sujeição delas e seus moradores.
h) toda a jurisdição civel, crime, mero, mixto e imperio.

E enfim todas as cousas que em elas houvesse e pudessem haver, salvo, porém, oque os Reis resalvavam para si, seus sucessores e Coroa:

a) que os moradores das Ilhas fizessem guerra ou paz.
b) não poderem alhear.
c) sustentar dos dizimos os ministros e serviços da Igreja catolica.

No espiritual, por doação do mesmo Rei de 7 de junho de 1554, pertenciam estas Ilhas á Ordem Militar de Cristo, cujo mestrado andava nos mesmos Infantes.

Donatarios que foram das Ilhas que formam os grupos oriental e central:

INFANTE D. HENRIQUE, Duque de Vizeu, Senhor da Covilhã, de Lagos e Sagres, Mestre da ordem de Cristo, filho de D. João I e de Dona Filipa de Lencastre, nasceu aos 4 de março de 1394 na cidade do Porto, e faleceu no ano de 1460 na sua Vila de Sagres, onde vivia entregue aos seus estudos.

Cultor em extremo das sciencias positivas: matematica e astronomia, notabilizou-se na arte nautica, que em intima relação está com aquelas sciencias, e que lhe grangeou o nome imortal.

A ele se deve a desvenda dos misterios do Atlantico e assim as descobertas que tanto renome deram a Portugal.

Foi ele que, para activar a colonização das Ilhas dos Açores, as dividiu em Capitanias, e á frente de cada uma delas pôs um Capitão, seu delegado, com jurisdição propria. Mandou-as povoar, alcançou-lhes isenções e privilegios, ordenou e estabeleceu a Igreja de S. Jorge na Ilha de S. Jorge, a de Jesus Cristo na Ilha Terceira, a de S. Miguel na Ilha de S. Miguel, a de Santa Maria na Ilha de Santa Maria e uma outra Igreja na da Graciosa, que todas estas Ilhas já eram habitadas ao tempo do seu falecimento.

INFANTE D. PEDRO, Duque de Coimbra, filho de D. João I e D. Filipa de Lencastre, Regente do Reino na menoridade de seu sobrinho D. Afonso V. Nasceu em Lisboa em 1392 e morreu no campo d'Alfarrobeira em 20 de maio de 1449 em luta com aquele seu sobrinho.

Quando se tratou da colonização destas Ilhas, pediu o Infante D. Pedro a seu irmão D. Henrique, lhe desse uma para dirigir no temporal, sendo-lhe então cedida a segunda que fora descoberta, á qual o Infante poz o nome de S. Miguel, pela grande devoção que tinha a este Arcanjo. Por sua morte, que se deu pouco depois, passou novamente esta Ilha para a posse do Infante D. Henrique, formando assim com as outras, uma só Donatoria.

Por morte do Infante D. Henrique, sucedeu-lhe seu sobrinho:

INFANTE D. FERNANDO, Duque de Vizeu e Beja, Senhor da Covilhã, Condestavel do Reino, Mestre da Ordem de Cristo, filho de D. Duarte Rei de Portugal. Nasceu em Almeirim a 17 de novembro de 1433 falecendo em Setubal a 18 de setembro de 1470, sendo casado com Dona Beatriz, sua prima, filha do Infante D. João, de quem teve quatro filhos.

Seu tio, o Infante D. Henrique, por alvará de 7 de março de 1436, adotou-o por filho, e instituiu-o seu universal herdeiro, em virtude do que para ele passou o Mestrado da Ordem de Cristo e a Donataria das Ilhas dos Açores, duas das quais a Terceira e Graciosa, lhe haviam já sido doadas por seu dito tio, em carta de 22 de agosto de 1460, confirmada por El-Rei a 2 de setembro do mesmo ano (1), e logo a seguir á morte do Infante D. Henrique, D. Afonso V, por diploma de 3 de dezembro de 1460 confirmando a deixa feita pelo infante, doa-lhe as Ilhas de S. Jorge, Jesus Cristo, Graciosa, S. Miguel e Santa Maria, que estavam então povoadas, com todas as rendas, direitos e jurisdição como as havia tido D. Henrique. (2)

De genio aventuroso e guerreiro, de nada cuidou referente á sua Donataria, durante os poucos anos que viveu, sucedendo-lhe nos titulos e comendas seu filho D. João, que falecendo pouco depois de seu pai e sem descendencia, tudo passou para seu irmão imediato:

INFANTE D. DIOGO, Duque de Vizeu e de Beja, Senhor da Covilhã e de Moura, das Ilhas da Madeira, Açores e Cabo Verde, Condestavel do Reino, Regedor e Governador da Ordem e Cavalaria de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Sendo menor á data do falecimento de seu irmão, foi administrado o Mestrada e Donataria por sua Mãe Dona Beatriz, como sua tutora e curadora.

Audacioso e ambicioso, conjurou-se com os nobres de Portugal e com o Bispo de Evora, D. Garcia de Me-

(1) Citado Arquivo v.º 1.º pag. 10
(2) Citado Arquivo v.º 1.º pag. 14

nezes contra El-Rei D. João II, seu cunhado, sendo por tal facto apunhalado às mãos de El-Rei em Palmela, a 23 de agosto de 1484, contando apenas 23 anos de idade, sucedendo-lhe nos títulos e comendas seu irmão.

D. MANUEL, Duque de Beja e de Viseu, Senhor da Covilhã e de Vila Viçosa, Condestavel do Reino, Governador da Ordem e Cavalaria do Mestrado de Nosso Senhor Jesus Cristo, nasceu em Alcochete e foi aclamado Rei de Portugal por morte de D. João II em 1495, falecendo em Lisboa em 1521.

Com a sua aclamação e elevação a Rei integrou-se a Donataria das Ilhas e assim o Mestrado da Ordem de Cristo na Coroa Portuguêsa, continuando porém divididas em Capitanias e sendo assim os Capitães delegados directos de El-Rei. (1)

As Ilhas das Flores e Corvo, descobertas e povoadas muito depois das outras, não andaram porém na donataria dos Infantes. E' certo que por carta de 20 de janeiro de 1453 El-Rei D. Afonso V doou a D. Afonso, Duque de Bragança, a Ilha do Corvo, mas este nenhuma deligencia fez para a colonizar e desenvolver, pois que, em 1507, segundo afirma Valentim Fernandes, ainda estava despovoada. De modo que quando para estas Ilhas se começou a dar a corrente emigratoria achava-se, a donataria dos Açores já integrada na Coroa Portuguesa; no entanto elas não escaparam á forma administrativa especial que tiveram todas as outras.

E a donataria, para os efeitos governativos e no principio para activar a colonização, dividia-se, subordinada contudo ao Infante donatario e por via deste ao poder Central, em

Capitanias—compreendendo uma ou mais Ilhas, ou mesmo parte de uma, á frente da qual estava o *Capitão* com jurisdição delegada do Donatario, confirmada por El-Rei, e por isso lhe chamavam—*Capitão-donatario* e até sómente—*Donatario*.

As nomeações para este cargo eram vitalicias e hereditarias no filho mais velho, salvas pequenas excepções

---

(1) Citado Arquivo, v.º 3 pag. 16

e feitas pelo Donatario Infante e confirmadas por El-Rei, ou feitas sómente por El-Rei.

As atribuições concedidas ao capitão podem agrupar-se em duas categorias.

1) *Consistentes em direitos priviligiados*:

a) como eram o exclusivo dos moinhos de cereais e atafonas e de fornos de pão e de poia.

Assim, ninguem dentro das suas capitanias podia possuir moinho algum, movido a agua ou animal, nem tão pouco ter fornos de pão alto, que isso era privilegio do Capitão e um dos seus bons rendimentos.

b) o exclusivo do estanque do sal.

Só o Capitão o importava e vendia ao publico, havendo por vezes a taxa maxima porque o podia vender.

c) o direito da dada das terras desocupadas.

Pois ao Capitão pertencia distribuir pelos colonos, segundo a lei da sesmaria, os terrenos ainda sem dono.

d) o redizimo dos direitos reais de entrada e o dizimo de todas as rendas da Ilha.

2) *Consistentes em jurisdição*:

a) toda a jurisdição civel até á quantia de quinze mil reis, sem apelação nem agravo, salvo alegando a parte que o julgamento fora feito com peita ou corrupção, ou no processo houvesse nulidade.

b) toda a jurisdição crime, podendo condenar até dez anos de degredo, e açoitar, salvo sendo pessoa a quem não coubessem estas penas por seus privilegios, e todas as mais condenações menores, sem apelação nem agravo.

c) julgar com apelação os casos a que caibam talhamento de membros, morte ou degredo para S. Tomé, ilha do Principe e Santa Helena.

d) nomear magistrados, oficiais de justiça, almoxarifes e escrivães e mais oficios das arrecadações dos dizimos e direitos reais.

Nos primeiros tempos eram todos estes direitos exercidos pessoalmente pelos capitães que tinham sua residencia na capital da Ilha; porém mais tarde e com autorização Regia começaram a fazer-se representar por um delegado com procuração, a quem chamavam *Ouvidor do Capitão*, emquanto eles esquecendo por completo

as suas capitanias, gastavam-lhe os rendimentos em Portugal, não as vizitando, nem mesmo quando delas tomavam posse.

A jurisdição dos capitães, sofreu o primeiro golpe com a dominação hespanhola, pois que sendo criado o Governo-geral dos Açores, com sede em Angra, a ele ficaram subordinadas todas as Ilhas e assim enfraquecidas as Capitanias.

A Restauração em 1640 estabeleceu, porém, de novo a antiga organização, mas eivada dos males passados dentro em breve chegou a administração a um estado quasi anarquico, pelo que o Marquês de Pombal por seu decreto de 2 d'agosto de 1766 criou a—*Capitania-geral*—com sede tambem em Angra, reduzindo os Capitães á simples precepção das suas rendas, incorporando na Coroa toda a jurisdição.

A primeira Capitania foi constituida no principio pelas Ilhas de Santa Maria e S. Miguel, mas pela venda que João Soares d'Albergaria, segundo Capitão, fez do seu direito na Ilha de S. Miguel a Rui Gonçalves da Camara em 1474, passou esta capitania a ser formada sómente pela Ilha de Santa Maria, tendo por capital a Vila do Porto, e foram seus capitães:

FR. GONÇALO VELHO — o colonizador dos Açores, uma das figuras mais valorosas do seu tempo, distinguindo-se nas conquistas da Africa, recebendo por isso dos Reis valiosas dadivas.

Era Comendador do Almorol e Senhor das terras de Pias, Bezelga e Cardiga, Comendador dos Açores e capitão donatario de Santa Maria e S. Miguel.

Nos primeiros tempos da colonização viveu na Ilha de Santa Maria, promovendo e activando o seu povoamento e aplicando toda a sua actividade no romper da terra, então coberta de arvoredos, cortando, roçando, queimando e experimentando ali as sementeiras que melhor frutificavam.

Já de avançada idade renunciou livremente á jurisdição da sua capitania em seu sobrinho João Soares d'Albergaria, a pedido do Infante D. Henrique, em pagamento de serviços por este prestado ao País, pois sua vontade era, segundo se conta, renuncia-la em Nuno Velho e Pedro Velho, seus sobrinhos tambem, filhos de Diogo Gonçalves de Travassos e D. Violante Cabral, sua irmã, que com ele tinham vindo, pequenos ainda, a estas Ilhas, dando a cada um a sua Ilha.

Faleceu no Reino, velho, mas sempre ao serviço dos Reis e do Infante, de quem fora criado e a quem relevantes serviços prestara.

Nomearemos neste periodo:

Nuno Velho, sobrinho de Fr. Gonçalo que passou depois a viver na Ilha de S. Miguel e se casou em primeiras nupcias com Isabel Afonso de quem teve um filho chamado Diogo Velho, homem de importancia, e em segundas com Africa Anes, viuva de Jorge Velho, de quem houve descendencia.

Pedro Velho, sobrinho de Fr. Gonçalo, tambem se passou para a Ilha de S. Miguel, casou-se com Catarina Afonso e estabeleceu-se no sitio dos Remedios, perto da Vila da Lagoa, onde á sua custa mandou construir a Ermida de Nossa Senhora dos Remedios.

Gonçalo Anes, filho de Simão de Sá, de nobre geração, que a esta Ilha veiu por haver afrontado um Prelado, trazendo em sua companhia sua filha Africa Anes, que casou em segundas nupcias com Nuno Velho.

Foi particular amigo de Fr. Gonçalo e a ele entregou sua filha ao auzentar-se da Ilha.

JOÃO SOARES D'ALBERGARIA, sucedeu na capitania a seu tio, por virtude da renuncia que dela havia feito, sendo mais tarde confirmado por carta de D. Beatriz de 12 de maio de 1474, como tutora de seu filho o Infante D. Diogo, Duque de Vizeu.

Era filho dum Fuas Sores d'Albergaria e D. Tereza Velho Cabral, irmã de Fr. Gonçalo; foi casado em primeiras nupcias com D. Beatriz Godiz, que faleceu na Ilha da Madeira, sem deixar descendencia, e em segundas com D. Branca de Souza, a 20 de Julho de 1492, em

Lisboa, filha do fidalgo de Alter do Chão, João de Souza Falcão.

Em 1472 e portanto ainda antes de alcançar a carta de confirmação de Capitão, vendeu a Rui Gonçalves da Camara por 800$000 reis em dinheiro e 4.000 arrobas de açucar, o direito que tinha á capitania da Ilha de Santa Maria, ou por causa das muitas despesas que fizera com a doença de sua primeira mulher na Ilha da Madeira, ou para deste modo agradecer ao pai do comprador, João Gonçalo Zarco, Capitão da dita Ilha da Madeira, os muitos favores que dele recebera durante a doença da sua referida mulher.

Foi homem valente e animoso, contando-se que de uma vez pelejara com um bando de castelhanos que invadira a Ilha, capitaniado por um seu genro ou cunhado, com tal arte que com os poucos homens armados que tinha na Ilha, desbaratou o bando, lançando dois dos assaltantes da rocha abaixo. De outra forma se conta fora a Ilha invadida por castelhanos e com eles lutou dois para três dias, com um preto e quarto ou cinco homens por seu lado, sendo por fim preso e levado cativo para Castela, sendo resgatado em 1480.

Estando este Capitão em Lisboa, ancorou ao norte de Santa Maria, no dia 19 de fevereiro de 1492, Cristovam Colombo, de regresso á Europa da sua feliz viagem e descoberta do Novo Continente—*a America*—acossado pela tempestade que então pairava nos Açores havia 15 dias.

Desejando comunicar com terra, mandou á praia uma barca da sua caravela e autorizou os marinheiros a declinarem o seu nome e contarem a feliz viagem e a grande descoberta que haviam feito.

Em terra receberam amistosamente os navegantes, e ensinaram-lhes que o porto onde com maior segurança podiam ancorar a Caravela, aos ventos que então sopravam, era o de S. Lourenço.

Ao mesmo tempo, e a ocultas dos marinheiros, mandaram aviso a João da Castanheira, que tinha seu ordinario assento na Vila do Porto, e administrava a Capitania na ausencia de João Soares d'Albergaria, d'aquela visita; que, segundo ordens expressas que se dizia havia recebido, particularmente, de D. João II, Rei de Portugal, reu-

niu a sua gente armada e dirigiu-se ao encontro da Caravela que em bordejos demandava o porto de S. Loulenço.

Era porém já sol posto quando chegaram á ribeira junto ao referido porto onde já estava ancorada a Caravela e dali chamaram em altas vozes o capitão, enviando este de novo a sua barca a terra, que voltou pouco depois com gente da Ilha e ofertas de galinhas, pão fresco e outras cousas mais de comodorias.

João da Castanheira desculpava-se de não ir pessoalmente com suas ofertas, por ser já noite, mas que o faria no dia seguinte, e consigo levaria os marinheiros que a terra tinham vindo, pois desejava passar a noite ouvindo deles a narrativa da viagem e da terra que havia descoberto.

Cristovão Colombo, durante aquela tormenta nos mares dos Açores, havia feito voto de sair em romaria com os seus, em camisa, á primeira terra que chegasse e houvesse Casa de Nossa Senhora, e por isso na manhã do dia seguinte pediu aos enviados de João de Castanheira, que a bordo haviam passado a noite, fossem a terra e mandassem um Padre para lhes ir dizer missa na Igreja que estava junto ao mar, que se supõe ser a Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, e mandou com eles metade da sua tripulação, dizendo iria com a outra metade, render graças á Virgem, depois destes regressarem, para que a Caravela ficasse sempre tripulada.

Ia já o dia alto, sem que da terra viesse a marujama render os componheiras, como ficara combinado, e suspeitando Colombo qualquer contratempo ou mesmo emboscada, levantou ferro afim de avistar a Ermida que ficava por detrás duma ponta, descobrindo então junto a ela muita gente armada e cavaleiros.

Foi neste momento então que os de terra enviaram a bordo uma deputação no intuito de prender Cristovam Colombo, que prelecionando se apresentou como enviado do Rei de Castela, o que na verdade acobardou os da barca que voltaram a terra sem ter logrado alcançar o seu intento.

Por outro lado, Cristovam Colombo via-se a braços com a tempestade e sem marinheiros capazes de o auxiliar, pelo que resolveu demandar a Ilha de S. Miguel

em busca de melhor abrigo, mas a serração e mau tempo não lhe permitiram alcançar a Ilha e a 22 de fevereiro, pela tarde, ancorava novamente no porto de S. Lourenço. Momentos depois chegava de terra uma barca com 5 marinheiros, 2 clerigos e um escrivão, que pedindo seguro entraram na Caravela onde passaram a noite e o dia seguinte, examinando os papeis de bordo e o poder que El-Rei de Castela havia dado para navegar naqueles mares e empreender semilhante viagem. E pela tarde deste novo dia, 23 de fevereiro, regressando de bordo a deputação, enviou a Colombo a sua tripulação, para que continuasse sua viagem até á Europa.

No espirito do navegador ficou porém arreigada a certeza que se houvesse desembarcado seria preso, e quem sabe, talvez perdesse a propria vida.

Faleceu este capitão donatario com 80 anos, na Ilha de Santa Maria, onde por largos anos havia vivido.

Distinguiram-se durante esta administação:

João Vaz Feio, mais conhecido por João Vaz das Virtudes, porque, segundo se diz, curava por virtude, vindo da Ilha da Madeira, onde por algum tempo vivera e lá se casara.

Obteve d'El-Rei dadas de terra, nesta Ilha, dizendo-se que por o haver curador de uma vez que fora a Lisboa.

Mestre Antonio Catalão, que veiu a mandado do Infante Donatario ensinar a plantação da cana de açucar, que então muito bem se criou, exportando-se para Vila-franca para os engenhos que lá havia, dando-o muito bom.

Veiu tambem da Ilha da Madeira casado e com filhos, recebendo d'El-Rei dadas de terra.

Genes Curvelo, filho do Mestre Antonio Catalão, casado com Maria de Lordelo, da Ilha da Madeira, que «trouxe os principios todos da Ilha, como foi provisão para se fazer a Igreja, ornamentos e sinos e as cousas da Camará»; vivia no cabo da Ilha, no logar de Santo Espirito.

Alvaro Pires de Lemes, que dizem foi a segunda pessoa, dentre as principais que veiu á Ilha com disposição de a colonizar; teve dadas de terra que depois as

vendeu a Heitor Gonçalves Minhoto, vindo a morrer pobre.

João Castanheira, que foi loco-tenente do capitão, quando á Ilha abordou Cristovão Colombo, da sua primeira viagem á America.

Foi dos primeiros povoadores da Vila do Porto. Recebeu dadas de terra que depois vendeu, indo residir com sua familia para a Ilha de S. Miguel.

João Gonçalves, dos primeiros colonos, que, na ausencia do capitão, ficou encarregado da administração da capitania, sendo-lhe confiscados os bens e dados á Ruy Fernandes d'Alpoim, por se provar que levava pertenças e dadivas, ás pessoas que perante ele requeriam justiça.

Pedro Alvares, dos primeiros colonos, que juntamente com João Gonçalves ficara encarregado da administração da capitania, e a quem El-Rei confiscou tambem os bens e os deu a Ruy Fernandes d'Alpoim, por se provar recebia dadivas e pertenças das partes.

Pedro Anes d'Alpoim, homem nobre e estrangeiro que recebeu dadas de terra em Santa Maria e lá se estabeleceu, casada com Africa Anes, já viuva duas vezes.

JOÃO SOARES DE SOUSA. Sucedeu na capitania a seu pai, como filho mais velho e de sua mulher D. Branca de Sousa; sendo nela confirmado por carta de 13 de março de 1527, se bem que se achava já passada em 1522.

Casou em primeiras nupcias com D. Guiomar da Cunha, filha de Francisco da Cunha e D.Brites da Camara, da Ilha de S. Miguel, em segundas nupcias com D. Jordôa Faleiro, filha de Fernão Vaz Faleiro e Filipa de Rezendes, da Ilha de Santa Maria,e ainda em terceiras nupcias com D. Maria, filha de Nuno Fernandes Velho.

Era homem alto, grosso e bastante moreno, animoso e tão esmoler, que se conta que n'um ano de muita fome em Santa Maria, mandou deitar pregão ao povo: *que o que lhe tomasse carneiro ou ovelha, de seu gado, lhe mandasse entregar somente a pele e a lã, que o mais lhe perdoava.*

Faleceu aos 2 de janeiro de 1571 deixando 24 filhos entre legitimos e naturais, sepultando-se na Capela-mór da Matriz da Vila do Porto, junto á porta da sacristia, onde se áchavam os restos de seus duas primeiras mulheres.

Distinguiram-se durante esta administração:

Heitor Gonçalves Minhoto, que casou com D. Joana, filha do Capitão-donatario, e de sua mulher D. Guiomar da Cunha, e era tão rico que segundo diz Gaspar Fructuoso «se mais vivera, acabara de comprar toda a Ilha e fôra sua.»

João Tomé, o amo, assim chamado por desempenhar este cargo em casa do capitão; recebeu dadas de terra, serviu de vereador da Camara, e foi no seu tempo que se começou a construção da Matriz da Vila do Porto.

Ruy Fernandes Alpoim, filho de Pedro Anes Alpoim que recebeu os bens confiscados a João Gonçalves e Pedro Anes, e serviu de vereador juntamente com João Tomé; foi das figuras mais em evidencia neste periodo.

Tomé da Camara, filho de João Nunes Velho, foi feito cavaleiro em Africa, pelos serviços, que lá prestou á Patria, por D. Francisco Coutinho, Conde do Redondo e capitão Governador de Arzila—sendo confirmado por carta de El-Rei em 1549.

João da Fonte, filho de João da Fonte, «homem muito honrado e que viveu rico gastando a sua fazenda em buscar uma Ilha nova, que nunca pôde achar.»

Foi feito fidalgo-escudeiro—por Carta de D. Manuel a 17 de janeiro de 1515.

Fernando Alves, homem nobre, rico e abastado que, dizia, via de sua casa no sitio da Rocha Alta, a Ilha nova, dando sinais e figura dela.

Duarte Nunes Velho, filho de Nuno Velho Travasso —Cavaleiro e Fidalgo. Instituiu o vinculo em Lafarche e fez a Capela do Bom Jesus na Matriz encimada com as armas dos Velhos.

PEDRO SOARES DE SOUSA. Sucedeu na capitania a seu pai João Soares de Sousa, como filho varão e

mais velho de seu primeiro casamento, sendo confirmado por carta de 27 de dezembro de 1573.

Casou com D. Beatriz de Morais, filha de João de Morais e Catarina Fernandes Tavares, da capitania do Machiique da Ilha da Madeira.

Durante o seu governo foi a Ilha assaltada por umas naus francesas, desembarcando cerca de trezentos homens sem serem presentidos, por horas da noite do dia 5 de agosto de 1576.

Ante-manhã, porém, foram os invasores descobertos por Catarina Gasparf,filha de Florencio de Seixas,que saira casa a buscar agua e por uns marinheiros da caravela de José Gonçalves de S. Miguel que estava no linen da Ilha. Sobresaltou-se o povo, refugiando-se no certão, opondo alguns resistencia, sendo desbaratados, feridos muitos e alguns mortos, como Amador Vaz Faleiro, que ao tempo era Vereador da Camara, Manoel de Sousa, irmão do capitão donatario, filho de João Soares de Sousa e de sua mulher D. Guiomar da Cunha, que andara homisiado da Ilha 35 anos por uma morte que fizera, vindo afinal a morrer no mesino sitio onde a praticara.

Conta-se mais que no tempo desta invasão fora o Vigario da Vila do Porto, Baltazar de Paiva, á Igreja Matriz,tomando o Sacrario, havendo antes já sido recolhidas todas as pratas pelo tesoureiro,passando aquele incolume e parece que assim milagrosamente por entre as lanças e espadas dos invasores que haviam tomado conta de toda a Vila.

Alguns dos da Ilha, refugiados na Ermida de Santo Antão, que fica proxima da Vila, juntamente com o capitão Pedro Soares de Sousa, tentaram novamente um assalto aos invasores, mas rechassados abandonaram a Vila aos assaltantes que lhe lançaram fogo.

No entanto Pedro Soares de Sousa, mandou seu cunhado Rodrigo de Baêça, num barco que estava varado em Sant'Ana, á ilha de S. Miguel, a pedir socorro ao Capitão-donatario e logo no mesmo barco veiu o Sargento-mór de Ponta-delgada Simão do Quental com muitas armas e polvora investindo contra os assaltantes que saqueavam e ihcendiavam a Vila.

Em seguida partiu novo socorro de S. Miguel sob

o comando do capitão Francisco d'Arruda da Costa, mas, ao chegar á Ilha, já se haviam embarcado os franceses com tal precipitação que deixaram atrás muitas trouxas de roupa que haviam pilhado.

Passados dias voltou ainda á Ilha de Santa Maria uma das naus francesas, mas, sendo atacada por os de terra, levantou ferro e afastou-se para mais não voltar.

Faleceu este capitão-donatario na Ilha de Santa Maria a 30 de agosto de 1580, sendo sepultado na Capela-mór da Matriz, junto a seus pais e avós, sendo a sua memoria e a de sua mulher sempre grata aos povos de esta Ilha.

RRAZ SOARES DE SOUSA (primeiro de nome). Sucedeu ao pai na capitania, porque seu irmão primogenito, João Soares de Sousa, se fizera religioso no convento de S. Jeronimo, de Burgos, em Castela, sendo confirmado por Carta de El-Rei de 16 de julho de 1594.

Foi casado com D. Dorotéa, filha de João Nunes Velho, sobrinha de Fr. Gonçalo e de Maria da Camara, neta de Antão Rodrigues da Camara, Capitão de San Miguel.

Entrou no cerco de Mazagão, na conquista do Pinhão, em Africa, na jornada de Tunis, acompanhando o Infante D. Luiz, filho de El-Rei D. Manuel, na defesa da Ilha de Santa Maria, contra os franceses, durante o governo de seu pai, e contra os ingleses, já no seu governo, quando a 2 de novembro de 1579 duas naus inglesas acometeram a terra, tentando desembarcar parte da sua tripulação, sendo rechaçados por os de terra, mostrando-se em todas estas lutas homem valoroso e destemido.

Foi a Ilha assaltada ainda em 1616, em que os invasores a saquearam, sendo tradição, porém, que passando pela Igreja de Nosso Senhora dos Anjos, onde se haviam refugiado muitos moradores da Ilha, nela não entraram.

Foi durante esta administração que viveram o *Padre Manuel Curvelo e Antonio Curvelo de Rezendes*, que juntamente com outros fundaram e dotaram o recolhimento de Santa Maria Madalena em 1594, sendo mais tarde feitos padroeiros.

D. Luiz de Figueiredo de Lemos, que nasceu na Vila do Porto a 21 d'agosto de 1544, filho de Miguel de Figuiredo de Lemos e Inês Nunes Velho, pessoas da mais preclara nobreza da Ilha.

Formou-se em Canones na Universidade de Coimbra, foi Deão, Vigario-geral e Provisor na Diocese de Angra e eleito Bispo do Funchal em 1585, onde faleceu com 65 anos de idade, sendo uma figura de destaque na sua epoca, que muito honrou a sua Ilha e a sua classe.

Tomé de Magahães Velho, filho de Bento Dias, tambem almoxarife, neto de João Tomé, o amo, nobre fidalgo, que desempenhou os cargos electivos na Ilha.

PEDRO SOARES DE SOUSA, como filho varão mais velho do capitão Braz Soares de Sousa, sucedeu-lhe na capitania.

Foi casado em primeiras nupcias com D. Victoria da Costa, filha do Desembargador Diogo Mendes da Costa, do qual casamento lhe nasceu um unico filho—Braz Soares de Sousa -Comendador que foi da Ilha de Santa Maria, e de quem adiante falaremos. Casou em segundas nupcias com D. Ana de Melo, de quem teve um filho, a que pôs o nome de *—Braz Soares de Sousa*—por haver já então falecido o outro seu filho do mesmo nome.

Foi confirmado na capitania por Carta de 26 de junho de 1628, fazendo seu testamento a 14 de fevereiro de 1634.

BRAZ SOARES DE SOUSA, (segundo de nome) sucedeu no governo da Capitania a seu pai, como filho varão mais velho, do seu segundo matrimonio, por haver falecido nas campanhas de Pernambuco seu irmão, de egual nome, e que fora feito por El-Rei D. Filipe, Comendador da Ilha de Santa Maria.

Casou com D. Mariana de Menezes, filha de Baltazar Velho d'Andrade—Sargento-mór, não deixando por sua morte filho legitimo algum, pelo que ficou vaga a Capitania, que lhe fora confirmada por Carta de 11 de outubro de 1639, ainda na sua menoridade, e novamente confirmada pelo novo monarca por Carta de 3 de julho de 1645; faleceu em Almada no ano de 1665.

Nomearemos neste periodo:

João de Sousa Falcão, sargento-mór, que por muitos anos serviu de Capitão-mór; das mais nobres familias da Ilha.

D. LUIZ DE VASCONCELOS DE SOUSA, 3.º Conde de Castelo Melhor.

Extinta a linha dos Capitães de Santa Maria, pela morte de Braz Soares de Sousa, ficou vaga a Capitania por algum tempo, até que por doação de 23 de maio de 1667, D. Afonso VI a preencheu no seu mais querido Ministro, D. Luiz de Vasconcelos de Sousa, que pouco antes havia pedido escusa de Escrivão da puridade, *primeiro ministro*, pelas intrigas que lhe moveram D. Pedro, irmão de El-Rei, depois aclamado Rei, e D. Maria Francisca, esposa do proprio D. Afonso.

Nunca veiu aos Açores, pois logo em seguida á sua saida do governo viajou pela França, Italia e Londres, até que em 1685 lhe permitiram voltasse ao Reino; exercia no entanto a sua jurisdição de Capitão por intermedio de seu Ouvidor.

Faleceu em 1720, depois de haver sido admitido no Conselho de Estado, por El-Rei D. João V.

No tempo deste capitão foi a Ilha assaltada pelos mouros na noite de um para dois de setembro de 1675, cativando onze pessoas e espancando muitos; conta-se que ficara por muito tempo na Igreja de Nossa Senhora dos Anjos o chicote instrumento do flagelo, para memoria de tão desagradavel sucesso.

D. AFONSO DE VASCONCELOS E SOUSA, 7º Conde da Calheta.

Sucedeu no governo da Capitania a seu pai, o Conde de Castelo Melhor, mas usou o titulo de Conde da Calheta, que era o mais antigo da sua familia.

El-Rei D. João V, por Carta de 23 de agosto de 1725, isto é, cinco anos depois do falecimento de seu pai, o confirmou na Capitania, a qual nunca visitou tambem, limitando-se tão sómente a receber os seus proventos anualmente. Faleceu em Portugal a 2 de fevereiro de 1734.

D. JOSÉ DE VASCONCELOS E SOUSA CAMARA

FARO E VEIGA, (4° Conde e 1° Marquês de Castelo Melhor).

Foi confirmado na Capitania da Ilha de Santa Maria por morte de seu pai, por Carta de 21 de outubro de 1734.

Casou com a princêsa Palegia Sinfronia, de Rohan, e como seu pai e seu avô nunca visitou a sua Capitânia, fazendo-se ali representar por seu Ouvidor.

Faleceu em Portugal a 22 de abril de 1760.

Nesta administração nomearemos:

Indcio de Sousa Coutinho e José Inacio de Sousa Coutinho, que serviram de Capitães-móres da milicia e eram oriundos das mais nobres familias da Ilha.

Dr. Inacio Jacome de Sousa Coutinho, filho do Capitão-mór Inacio de Sousa Coutinho, formado em Direito pela Universidade de Coimbra em 1725 e que foi Desembargador do Paço,

ANTONIO de VASCONCELOS SOUSA CAMINHA CAMARA E FARO (2° Marquês de Castelo Melhor).

Por falecimento de seu pai o primeiro Marquês de Castelo Melhor, foi confirmado na Capitania de Santa Maria por Carta de El-Rei de 6 de junho de 1801.

Nunca veiu aos Açores, fez parte do Conselho de Estado e serviu de Presidente da Camara de Lisboa.

Neste periodo viveram:

João Soares de Sousa C. Albuquerque, que nasceu em S. Pedro da Ilha de Santa Maria em 1786, filho de Bernardo Canto Soares de Sousa Albuquerque e D. Umbelina Micaela da Camara Medeiros. Não teve descendia, sendo senhor das mais importante fortuna da Ilha. Protegeu muito a instrução, formando e ordenando muitos estudantes, á sua propria custa.

Fez parte do Concelho do distrito em Ponta-degada, Juiz do distrito substituto e Governador Civil; por diploma regio de 11 de junho de 1841 foi nomeado Tenente-coronel honorario do Batalhão Nacional de Voluntarios em Ponta-delgada.

José Inacio d'Andrade, que nasceu na Vila do Porto a 28 de outubro de 1779 e faleceu em Lisboa onde

então residia, no primeiro de janeiro de 1863, filho de José Inacio de Andrade e D. Eugenia Soares.

Foi oficial de marinha mercante distinto e ousado, escrevendo as «Cartas escritas da India e da China nos anos de 1815 a 1835 a sua mulher D. Maria Gertrudes d'Andrade», em que historia a vida civil e politica da China, as suas leis, costumes e religião; «Memorias dos feitos maenses, contra os piratas da China e contra a entrada violenta dos ingleses na cidade de Macau».

Pertencia á direção do Banco de Lisboa e do de Portugal, foi vereador e Presidente da Camara de Lisboa na vereação de 1838 a 1839.

D. AFONSO DE VASCONCELOS E SOUSA CAMARA CAMINHA FARO E VEIGA, 3º Marquês de Castelo Melhor.

Como seu pai, o Capitão antecedente, não veiu aos Açores; foi Embaixador extraordinario em Madrid, Par do Reino, e serviu na Guerra Peninsular.

Foi confirmado na Capitania a 6 de junho de 1806, falecendo a 27 de agosto de 1827.

Nomearemos nesta administração:

Fr. Antonio de San João Evangelista, cujo nome profano era Antonio Joaquim Rebelo.

Era grande latinista, teologo distinto e professor considerado; quando conheceu que a morte se aproximava, pediu a um moço do convento, que foi depois o Padre José Antonio Soares Coutinho, que queimasse todos os seus papeis, onde havia sermões de merecimento, apontamentos para a historia do convento de San Francisco e notas biograficas de alguns frades.

Fr. Inacio de Santa Maria, que muito se empenhou pelo acrescentamento do seu convento de San Francisco, obtendo por peditorios grandes esmolas para isso e para a compra de Imagens que ainda hoje se veneram na Igreja do extinto convento.

Deixou dois manuscritos em que descreve as suas viagens pela Europa.

D. ANTONIO DE VASCONCELOS E SOUSA CAMARA CAMINHA FARO E VEIGA, (4º Marquês de Castelo Melhor).

Foi o ultimo Capitão donatario, pois por sua morte que se deu em Lisboa a 26 de julho de 1858, foram incorporados na Coroa todos os proventos que como tal ainda percebia.

Sucedeu na Capitania por morte de seu pai, o 3º Marquês de Castelo Melhor, e, como ele e todos os seus mais ascendentes, não visitou a sua Capitania.

Neste periodo nomearemos:

Morgado Laureano Francisco da Camara Falcão, que nasceu na Vila do Porto, mas faleceu em Ponta-delgada, onde então residia, em 1868.

Era filho do capitão-mór Manuel José Pinto da Camara Coutinho e D. Bernardo Miquelina do C. Corte Real. Estudou no Colegio dos Nobres em Lisboa e regressando á Ilha alistou-se nas milicias, sendo capitão das ordenanças, em 1824 foi feito tenente-coronel em Ponta-delgada e em 1840 Coronel do Batalhão Nacional de voluntarios de artilharia.

Promoveu o desenvolvimento da agricultura, quer em Santa Maria, quer na Ilha da Madeira, onde tinha boas propriedades. Em diversas epocas foi eleito conselheiro do distrito de Ponta-delgada e nessa qualidade exerceu as funções de Governador Civil e em 1861 foi eleito deputado ás Cortes.

Fr. Manuel de Santa Rita, o ultimo guardião do convento de S. Francisco, foi Vigario da Matriz da Vila do Porto e Ouvidor eclesiastico da Ilha.

Inteligente e ilustrado, muito influiu nos melhoramentos e progressos da Ilha.

Comenda. Mas além da Capitania tinha a Ilha de Santa Maria uma especial Comenda, cujo possuidor se intitulava Comendador de Nossa Senhora d'Assunção, com os seguintes direitos:

1) Receber os dizimos de todos os produtos da Ilha, cujo redizimo pertencia ao Capitão
2) e assim o redizimo do pescado
3) a vintena no pastel
4) e a posse e senhorio dos ilhéos da Vila do Porto e S. Lourenço.

E tambem os seguintes encargos:

1) pagar os mantimentos e ordenados ao Vigario e a todo o mais clero da Ilha,
2) satisfazer todas as despesas ordinarias da Igreja e assim
3) dar o trigo para as hostias, vinho para a missa, candeias e velas de cera para o serviço da Igreja.
4) E em geral todas as despesas extraordinarias para a manutenção do templo.

Administraram esta comenda, entre outros cujos nomes se perderam:

D. LUIZ COUTINHO, capitão-mór das naus á India, filho do 2º conde de Marialva, D. Gonçalo Coutinho fidalgo do tempo de D. Afonso V.

El-Rei D. Manuel para galardoar os muitos serviços por D. Luiz prestados á patria, criou e deu-lhe a Comenda de Nossa Senhora d'Assunção com os prós e precalços atrás declarados.

Foi casado este comendador com D. Leonor de Mendanha filha do Alcaide-mór, que agasalhou D. Afonso V no seu castelo, quando se deu a batalha de Toro.

Faleceu subitamente deixando ainda na menoridade o seu filho e sucessor.

D. FRANCISCO COUTINHO. Administrou a Comenda durante a sua menoride sua mãe D. Leonor de Mendanha, tão fidalga e esmoler que se conta mandava pôr taboleiros de pão á porta de sua casa para os pobres, durante as grandes fomes de Lisboa.

Casou este comendador com D. Filipa de Vilhena, irmão do Barão d'Alvito, D. Rodrigo Lobo, tendo varios filhos.

Tomou parte na tomada de Tunis, acompanhando o infante D. Luiz, filho de D. Manuel. Foi personagem de grande respeitabilidade, bom cavaleiro e homem de grandes partes e artes liberais, falecendo a 18 de outubro de 1565.

D. LUIZ COUTINHO Sucedeu a seu pai na comenda, sendo confirmado por Carta de 27 de junho de 1567.

Por provisão de 6 de julho de 1567, El-Rei D. Sebastião lhe acrescentou aos direitos da Comenda mais os da Ursela, e da pensão dos tabeliães da Ilha e por

provisão de 23 de agosto de 1568 o dizimo das moendas.

Tomou parte no cerco de Mazagão, esteve em Tanger, sendo um dos que foram em socorro á cidade do Funchal quando atacada pelos franceses. Acompanhou finalmente D. Sebastião á Africa na infeliz jornada onde não mais se soube dele.

D. JERONIMO COUTINHO. Sucedeu na Comenda a seu irmão, que faleceu sem descendencia.

Seguiu o partido de D. Antonio, Prior de Crato, mas passada a febre politica, El-Rei D. Filipe lhe perdoou, concedendo-lhe a Comenda com o encargo porém de 200$000 reis como pensão para sua mãe.

BRAZ SOARES DE SOUSA. Por Carta de 14 de julho de 1624, El-Rei D. Filipe o proveu na Comenda da Ilha de Santa Maria vaga por deixação de D. Hieronimo Coutinho em pagamento dos muitos serviços feitos á patria. Impôs-lhe porém a condição de só receber os rendimentos da Comenda passados cinco anos, devendo durante este periodo serem aplicados nas fortificações que El-Rei mandaria fazer na Ilha.

Era filho do Capitão donatario Pedro Soares de Sousa e de sua primeira mulher D. Victoria da Costa, falecendo nos combates de Pernambuque onde pelejava pela Patria.

Segunda Capitania. E' constituida pela Ilha de San Miguel, e foi sua capital até 1522—Vila-franca do Campo—passada nesta data para Ponta-delgada, por virtude do terremoto que naquela data a arrasou.

Foram seus Capitães, além de Fr. Gonçalo Velho e João Soares d'Albergaria, atrás descritos, os seguintes:

RUY GONÇALVES DA CAMARA, que como se disse, adquiriu esta capitania por compra a João Soares d'Albergaria.

Veiu da Ilha da Madeira para S. Miguel já casado com D. Maria de Betencourt, filha de Nossen João de Betencourt, que fora o segundo Rei das Canarias, não tendo filho algum do seu casamento, mas tendo-os naturais e que consigo vieram da Ilha da Madeira.

Em 21 de junho de 1473 alcançou doação de D. Afonso VI das Ilhas que descobrisse, pois havia então a preocupação da existencia de outras Ilhas para o ocidente, ainda não descobertas.

Por esta razão supõe-se pois que Ruy Conçalves mais desejava a Ilha de S. Miguel, ao tempo então muito sujeita a ameudados tremores de terra, mais para centro das explorações que pretendia fazer no Oceano, que para dela se aproveitar como capitão.

Escolheu para residencia Vila-franca do Campo, que por tal facto ficou sendo a capital de toda a Ilha e solicitamente proveu-a das edificações necessarias, para o tempo, de uma capital, empenhando-se e activando a colonização da Ilha.

Deve-lhe S. Miguel o seu primeiro desenvolvimento que até então fora esquecido pelos dois primeiros capitães, activou a cultura dos terrenos, dividindo uma grande parte deles pelos colonos, segundo a famosa lei da sesmaria.

Faleceu em 1497 enterrando-se na antiga Igreja de S. Miguel, onde hoje existe a capela de Santo André, na cova onde se enterrara sua mulher, de quem se havia separado em vida e até dividido os bens.

Distinguiram-se durante as administrações destes três ultimos capitães:

Gonçalo Vaz Botelho, filho de Pedro Botelho, comendador-mór de Cristo, chamado Gonçalo Vaz, o grande, por ser grande do corpo e condição, como tambem para o distinguirem de um seu filho, Gonçalo Vaz, o moço.

Veiu á Ilha, dez anos depois da sua descoberta com a primeira colonização e nela serviu muitos anos de Ouvidor do capitão. Estabeleceu-se ao principio na Povoação, passando algum tempo depois para Vila-franca que escolheu para cabeça da Ilha.

Jorge Velho, dos primeiros povoadores desta Ilha, que se diz veiu juntamente com Gonçalo Vaz, «bom cavaleiro d'Africa, da casa do infante D. Henrique».

Casou com Africa Anes filha de Gonçalo Anes, que então estava em Santa Maria, vindo residir para esta Ilha de San Miguel, onde tinha sua fazenda.

Gonçalo de Teves Paim, natural de Paris, filho de Gonçalo d'Ornelas Paim, capitão de El-Rei de França; veiu a esta Ilha Gonçalo de Teves em companhia de Gonçalo Vaz Botelho, por mandado do Infante D. Henrique, de cuja casa era e com poderes de repartir e dar terras, e o cargo de almoxarife, que por sua morte passou a ser desempenhado por seu filho mais velho João de Teves.

Pedro Cordeiro, que, se diz, era irmão de Gonçalo de Teves Paim, e veiu tambem na primeira colonização por tabelião do publico e escrivão do almoxarifado em toda a Ilha.

Nuno Gonçalo Botelho, o primeiro homem que nasceu nesta Ilha, vindo sua mãe já pejada do reino; filho de Gonçalo Vaz Botelho, viveu primeiramente em Vila-franca e depois na sua extensa propriedade de Rosto de Cão.

Francisco da Cunha, filho de Pedro de Albuquerque, que pelos muitos serviços prestados ao Reino, El-Rei D. Manuel houve por bem privilegiar e escusar todos os seus caseiros, amos e mordomos, e fez-lhe a mercê da tença de 250$000 reis por ano, pagos das rendas das meunças da Ilha de San Miguel, por Carta de 10 de março de 1498.

JOÃO RODRIGUES DA CAMARA. Como filho natural mais velho de Ruy Gonçalves da Camara e legitimado por El-Rei, sucedeu na capitania ao pai.

Casou com D. Inês da Silveira, dama do Paço de El-Rei D. João II e já mesmo em vida de seu pai, que estava em Lisboa, governou esta capitania por provisão de 25 de dezembro de 1487 do Duque de Beja D. Manuel, depois Rei de Portugal.

Como seu pai, continuou nas dadas das terras e na colonização da Ilha, falecendo em Lisboa onde se achava em tratamento no ano de 1502.

No tempo deste capitão abordou á Ilha uma armada de Castela, que então trazia guerra com Portugal, e logo mandou este capitão prostrarem-se na praia, onde o inimigo podia desembarcar, todos os soldados armados em fileira singela, pois poucos eram os de que dispunha

e logo por detrás mandou colocar todos os moços e até mulheres com armas fingidas e altas canas na mão; vendo o inimigo tão numerosos combatentes, largou as velas fazendo-se ao largo.

RUY GONÇALVES DA CAMARA, 2º de nome. Sucedeu a seu pai no governo da capitania e porque ainda era menor, governou-a seu tio Pedro Rodrigues da Camara até ao ano de 1504, a quem El-Rei D. Manuel por Carta de 26 de novembro de 1510 privilegiou e escusou todos os seus rendeiros, caseiros, amos, mordomos e lavradores de suas, terras, pelos serviços prestados ao Reino.

C sou em Lisboa com D. Filipa Coutinho, filha de Lopo Afonso Coutinho, dos Condes de Marialva e vindo para a Ilha com sua mulher, começou a sofrer da parte de alguns nobres varios agravos, em razão dos quais foi chamado a Lisboa em 1510 e logo o mandaram á Africa com seus companheiros que da Ilha levara, indo em socorro de Arzila que estava sendo cercada pelos mouros, e voltando a Portugal no ano seguinte já então armado cavaleiro, pelos Brilhantes feitos que praticara.

Nesta altura então saiu a sentença do processo que haviam movido contra ele, perdendo por tal razão a capitania. Mas por sentença de 22 de agosto de 1515 foi-lhe novamente restituida por intercessão de Jorge de Melo, monteiro-mór de El-Rei, cuja filha D. Joana de Melo tinha casamento contratado com o filho mais velho de Ruy Gonçalves, voltando por isso novamente para a Ilha.

Depois de tantos transtornos teve ainda a infelicidade de perder seus filhos, irmã e muitos serviçais no terremoto de 22 de outubro de 1522 que arrasou Vila-franca, na ocasião que ele, sua mulher e seu filho mais novo Manuel, estavam na sua quinta do Cabouco.

Então mudou a sua residencia de Vila-franca para Ponta Delgada, passando tambem por este facto e com ele para esta a capital da Ilha.

Faleceu a 20 de outubro de 1535 repentinamente.

Nomearemos nesta administração :

Tomé Vaz Pacheco, homem rico e de muita autoridade, morador entre o logar do Porto-formoso e Maia, que morreu na subversão de Vila-franca em 1522.

Mandou edificar a Ermida de S. Braz no logar que tem este nome, porque viu um dos seus bois que lavravam a terra morrer repentinamente com a lingua de fora, começando a ser esta Ermida de muita romagem para os doentes de garganta e tosse.

Ruy Vaz Gago, conhecido por Ruy Vaz do Trato, por ser homem rico e poderoso e tratar com El-Rei na Mina, Cabo Verde e outras partes, onde mandou seus navios.

Veiu a esta Ilha no tempo do capitão Ruy Gonçalves da Camara primeiro de nome, recebendo dadivas de terra deste capitão, comprando muitas e vindo assim a ter perto de tresentos moios de renda.

Morou em Vila-franca, depois nos Fenais.

Ruy Vaz de Medeiros, que veiu a esta Ilha no tempo de Ruy Gonçalves da Camara, primeiro de nome, fugido a seu pai, tendo estado primeiro na Ilha da Madeira, onde casou com Ana Gonçalves, filha de Jorge de Mendonça.

Recebeu dadas de terra, estabelecendo-se primeiro no termo da Vila da Lagoa.

Depois de viuvo e ter dado grandes dotes a seus filhos, deixou a administração da sua casa a seu filho Jordão Vaz de Medeiros e partiu em romaria para a Terra Santa, onde pensava morrer, não podendo porém entrar lá por os Turcos terem quebrado o salvo conduto aos Romeiros.

Viveu os ultimos tempos em Ponta-garça junto á Ermida que mandara edificar invocada a Nossa Senhora da Esperança e que depois deu ao povo daquela freguasia.

Alvaro Lopes, do Vulcão, tambem conhecido por Alvaro Lopes dos Remedios, por morar junto desta Igreja; veiu da Madeira com grandes carregamentos de vinho, colocando-os aqui e mercadejando depois.

Teve dadas de terras do capitão João Rodrigues da Camara, que lhe deu todo o Vulcão e terras até ao mar. Casou com Mecia Afonso, filha de Francisco Anes da Praia, de Vila-franca, homem tão devoto que dizem quando entrava no granel fazia reverencia ao trigo, porque sem ele não se podia celebrar missa.

Pedro de Novais, filho de Ambrosio Alvares Homem de Vasconcelos, dos principais que antigamente povoaram esta Ilha, parente muito proximo de D. Filipa Coutinho, e por este motivo veiu á Ilha.

Foi loco-tenente do capitão e por provisão de El-Rei deu muitas terras de sesmaria.

Fernando do Quental, irmão de Pedro de Novais, serviu por vezes de ouvidor do capitão, foi casado com Margarida de Matos, filha de João da Castanheira, que foi loco-tenente do capitão João Soares de Santa Maria.

Gonçalo Tavares, filho de Fernando Anes Tavares, que em 1508 foi á sua custa servir El Rei á Africa, com seus irmãos Ruy Tavares e Henrique Tavares e outros nobres desta Ilha, em companhia do capitão Ruy Gonçalves da Camara, sendo lá armado cavaleiro pelos muitos esforços lá praticados.

Casou em Vila-franca com Isabel Correia filha de Martins Anes Furtado de Sousa.

Duarte Tavares, filho de Gonçalo Tavares, que estando em casa do conde de Portalegre, que já o tinha dado a El-Rei, se fez religioso em S. Vicente de Fora, contra vontade do dito conde e seguindo a vida de missionario foi morrer, tido por santo, muito novo ainda, num hospital de Genova.

Gaspar do Rego de Sousa, filho de Aires Pires e Beatriz de Sousa, valente, discreto, de bons espiritos e destro em armas; estando em Lisboa em 1574 na escola de esgrima de João de Bovadilha, bateu um alemão que havia desafiado toda a escola.

Gonçalo Dias, *Pero Anes*, *Tristão Pires*, nobres cavaleiros d'Africa, e assim armados por Ruy Barreto na tomada de Azamor em 1514.

Pero Manuel Pavão e André Manuel Pavão, armados tambem cavaleiros por Ruy Barreto em 1515.

Antão Pacheco, que casou com Filipa Martins, filha de Martins Anes Furtado de Sousa, que a esta Ilha veiu da Madeira no tempo do capitão Ruy Gonçalves, primeiro de nome.

Serviu este Antão Pacheco de Ouvidor do capitão e morreu na submersão de Vila-franca em 1522.

João d'Arruda da Costa, filho de João Gonçalves Botelho e neto de Gonçalo Vaz Botelho, homem dos principais de Vila-franca, que casou com Catarina Favela, filha de João Favela, e fez juntamente com outros o mosteiro de Santo André de Vila-franca.

Pedro da Costa, irmão de João d'Arruda da Costa que foi casado com a viuva de D. João de Menezes.

Foi cavaleiro de Africa, e de uma vez, para sustentar Arzila, deitou-se ao mar.

Petronilla da Mota, filha de Jorge da Mota, cavaleiro de Aviz, morador em Vila-franca; foi a primeira freira Clarista de San Miguel, fugindo a seu pai, pouco depois do terremoto de Vila-franca em 1522, juntamente com uma sua amiga e suas irmãs, para fazer vida de penitencia, recolhendo-se na Ermida de Nossa Senhora da Conceição de Vale de Cabaços (Caloura), vindo d'ali anos depois com outras companheiras, para o convento de Santo André de Vila-franca que fôra mandado construir por seus parentes.

Pedro Vaz, marinheiro, rico e abastado, morador em Ponta-delgada, e assim cognominado por mandar fazer naus e navios nesta Ilha.

Alvaro Pires, armado cavaleiro por Nuno Fernandes d'Ataide, capitão de Çafim, e confirmado por El-Rei por Carta de 26 de maio de 1515.

Gaspar Manuel Pavão, armado cavaleiro por D. Vasco Coutinho, capitão d'Arzila, e confirmado por Carta de El-Rei de 26 de maio de 1515.

Diogo Nunes, armado cavaleiro por Rúy Barreto, em Tanger, e confirmado por El-Rei a 16 de abril de 1516.

MANUEL DA CAMARA. Como unico filho de Ruy Gonçalves, sucedeu-lhe na capitania.

Ainda em vida de seu pai e desgostoso por este o haver casado sem para isso ter sido ouvido, com D. Joana de Mendonça, filha do Monteiro-mór Jorge de Melo, a prometida noiva de seu irmão mais velho, morto no terremoto que subverteu Vila-franca em 1522, embarcou a ocultas do pai em uma galeota feita no Porto dos Carnei

ros da Lagoa, indo ter á Madeira e depois a Mazagão, sendo hospede do capitão da praça Antonio Leite.

Sabendo El-Rei desta aventura o mandou porém logo chamar e vindo a Lisboa fez realizar o casamento contratado, e pouco depois o mandou á Africa em defesa da Vila do Cabo Gué, que se achava cercada pelo Xerife, sustentando o cerco por tempo de 4 meses brilhantemente, sendo feito afinal prisioneiro, e resgatado ano e meio depois por 20.000 cruzados e dois mouros, á sua propria custa.

El-Rei depois disto e em recompensa de tais serviços o quis agraciar com o titulo de Conde da Lagoa, o que recusou, aceitando porém outras dadivas e acrescentamentos á capitania, tais como:

a) o dizimo do pescado em toda a Ilha
b) sessenta moios de renda nas terras de El-Rei, sitas no logar da Relva
c) a dada de todos os oficios da cidade, incluindo os de escrivão da Camara e orfãos
d) ficar o seu morgadio excluido da lei mental
e) e finalmente por Carta de 15 de outubro de 1552 foi feito Alcaide-mór do castelo de S. Braz de Ponta-delgada.

Nesta administração e no ano de 1564, El-Rei mandou construir uma fabrica de Pedra-hume nas Caldeiras, perto da vila da Ribeira-grande, em vista dos bons resultados que haviam dado as experiencias feitas por loão de Torres e outros naquele fabrico.

Foi o Dr. Gaspar Gonçalves, morador na Ribeira-grande, quem, indo ás Furnas, descobriu umas veias de pedra-hume em 1553, iniciando depois no fabrico aquele João de Torres.

Residiu este capitão em Ponta-delgada, organizou as companhias de ordenanças militares e faleceu a 13 de março de 1578.

Nomearemos nesta administração:

Manuel Botelho Cabral, filho de Jorge Nunes Botelho e Margarida Travassos e neto de Gonçalo Vaz Botelho. Foi contador na Ilha, embarcando-se para a India na companhia do Vice-Rei D. Luiz d'Ataide em 1570, ordenando este a todos quanto embarcavam que obe-

decessem a Manuel Botelho Cabral, como se fosse a ele proprio.

Desempenhou na India altos cargos de confiança do Vice-Rei, autoridade e jurisdição.

André Gonçalves de Sampaio, conhecido pelo Congro, por ser homem grande de corpo e alma e «ser o congro o maior peixe do mar que se come.» Era filho de Antam Gonçalves Botelho e assim neto de Gonçalo Vaz o grande; foi o homem mais rico do seu tempo e era casado com Guiomar de Teves, filha de João Teves, almoxarife desta Ilha; construiu a Ermida de Santo André, de Vila-franca, depois do terremoto de 1522, para nela recolher os ossos de saus pais e depois ofereceu-a ás freiras do convento de Vale de Cabaços para ali se recolherem, contribuindo tambem para a construção do convento que edificaram junto á Ermida.

Hercules Barbosa, filho de Sebastião Barbosa da Silva e Isabel Nunes Botelho, neto de Gonçalo Vaz.

Solteiro, foi servir El-Rei na Africa e pelejando uma vez morreu-lhe o cavalo, pelo que o capitão o mandou recolher á bandeira, respondendo «não sou eu homem que mandem recolher e onde morrem tantos homens meus amigos, irei a pé». Faleceu em Africa em combate com os mouros.

Diogo Afonso Cogumbreira, filho de Afonso Anes, foi homem rico e poderoso, viveu primeiro em Vila-franca e depois em Ponta-delgada, mandando fazer a Ermida de Nossa Senhora da Mãe de Deus que foi acabada depois da sua morte, que se deu no ano de 1547, por ordem de sua mulher Branca Roiz de Medeiros, filha de Ruy Vaz Medeiros, da Lagoa.

Antonio Borges, fidalgo da casa de El-Rei e seu contador nas Ilhas dos Açores, cavaleiro de Cristo, com tença de 20$000 reis por ano. Foi o tronco da familia Borges, de San Miguel.

Diogo Vaz Carneiro, filho de Pedro Conçalves, homem rico, que viveu 115 anos sem ter sofrido doença alguma, nem nunca ter embarcado, nem saido de Ponta-delgada e seus arredores, e fez seus oficios funebres em vida, assistindo a eles; casou aquele seu filho com Bea-

triz Rodrigues Camelo, não tendo descendentes. Fez o mosteiro de Santo André de Ponta-delgada no ano 1567 para nele se recolherem suas parentes pobres.

Pedro de Frias, filho de Fernando Anes e sua mulher Genebra de Frias, letrado em leis; serviu muitos anos de juiz dos orfãos em Vila-franca do Campo.

Veneravel Margarida de Chaves, filha de Afonso Anes de Chaves e Madalena Fernandes. Nasceu em Ponta-delgada em 1530 e casou aos 14 anos com Antonio Jorge Correia de quem teve filhos, enviuvando aos 26 anos, morreu em 1575.

«Depois de viuva deu-se tanto a Deus e á oração, que se tem julgado por santa».

Sua filha, Maria da Trindade, seguiu o exemplo de sua mãe, entrando, alguns anos depois da sua morte, no convento de S. João de Ponta-delgada, onde professou.

Francisco do Rego Sá, filho de Gaspar do Rego e D. Margarida de Sá, casou com D. Roqueza filha de Jorge Nunes Botelho. No tempo de D. Sebastião armou á sua custa tres navios para guardar estas Ilhas dos corsarios e juntamente com navios do Estado muitas vezes as defendeu dos piratas, com grande risco da sua vida, pelo que El-Rei o apelidou «Orão Capitão» e assim o trataram em todas as provisões, recebendo em 1586 o Habito de Cristo com tença.

Gaspar Vaz de Sousa, filho de um fidalgo e de Ireja de Sousa, dama da Rainha D. Leonor, o qual veiu para esta Ilha por ter morto um corregedor estando a fazer audiencia. Nasceu Gaspar Vaz de Sousa nesta Ilha e desde os 7 anos foi criado no Paço até aos 18. Entrou no exercito do Imperador Carlos V em Italia, onde alcançou muitas victorias aos mouros, tomando-lhe 3 bandeiras que as remeteu a esta Ilha. Voltando ao Reino de Portugal ensinou a milicia de guerra, pelo que El-Rei o fez coronel-mór.

Pedro Alvares, filho de Afonso Alvares Benevides, como seu pai e seu irmão que teve o mesmo nome, foi cavaleiro em Africa, onde serviu El Rei, exercendo o cargo de Alcaide de Ponta-Delgada durante 33 anos a pedido no capitão-donatario.

Miguel Correia Durmond, filho de Diogo Gonçalves Correia, foi para a India no tempo em que era Vice-Rei D. Luiz d'Ataide, combatendo no cerco que Idalcão pôs a Goa e em muitos outros recontros, de tal sorte que o Vice-Rei de uma vez o levantou nos braços dizendo: —«hei por bem de vos levantar por cavaleiro com toda a solenidade que se devem a tais cavaleiros, e El-Rei vos está devendo mercês.

Dr. Gaspar Gonçalves, casado com Maria Correia Durmond, «de tanto nome e fama em medicina que quando o chamavam para curar algum enfermo se dizia comument e, que chamavam a saude».

João da Gram, cavaleiro da Ordem de Aviz, morador em Vila-franca, a quem este capitão-donatario deu, segundo a lei da sesmaria, o Ilheu que fica em frente desta vila.

Tomé Rodrigues, armado cavaleiro por Antonio Luiz Loureiro, em Çafim, e confirmado por El-Rei a 13 de março de 1539.

Nano Fernandes, armada cavaleiro por Antonio Leite, em Mazagão, e confirmado por El-Rei a 18 de abril de 1539.

João da Silva do Canto, fidalgo da casa de El-Rei que pelos serviços por ele prestados em Ceuta, durante dois anos lhe deu uma comenda da Ordem de Cristo por Carta de 25 de fevereiro de 1554.

Bartolomeu Afonso, que foi armado cavaleiro por D. João de Mascarenhas, pelos serviços que prestara nos combates na fortaleza de Diu, sendo confirmado por El-Rei em Carta de 11 de janeiro de 1550.

RUY GONÇALVES DA CAMARA (3.º de nome, 1º conde de Vila-franca). Sucedeu logo ao pai na capitania da ilha e alcaidaria-mór do castelo de S. Braz, com o ordenado anual de 50$000 reis.

Foi casado com D. Joana de Gusmão, e em 17 de junho de 1583 El-Rei D. Filipe o agraciou com o titulo de Conde de Vila-franca, o que deu uma magna questão entre o Municipio de Vila-franca e o agraciado, porquanto aquele, fundando-se nos seus Foros Realengos,

privilegios e isenções que gosava, entendeu que a sua nobreza decrescia aceitando o capitão Ruy Gonçalves por conde da sua Vila. Na sentença, porém, que julgou a acção intentada pela Camara, se assentou que o titulo concedido era meramente honorifico e sem direitos alguns sobre a Vila, que continuava a ser de El-Rei.

Foi durante a administração deste capitão que se deram as lutas entre D. Antonio, Prior de Crato, e Filipe de Castela, que encheu de luto e sangue estas Ilhas, principalmente as da Terceira e San Miguel e que no logar competente descrevemos; e ainda a invasão de piratas ingleses, no tempo em que era governador militar da Ilha Gonçalo Vaz Coutinho, do Conselho de Sua Majestade, chegando a estas Ilhas uma Armada de cento e tantas naus Inglêsa, que vinha para tomar as nossas naus da India, que traziam ricos carregamentos. Esteve esta armada nas Ilhas do Faial e Pico, no ano de 1597, saqueando, destruindo e incendiando Igrejas, e de lá se dirigiu a esta Ilha de San Miguel no mesmo intuito, não conseguindo desembarcar em Ponta-delgada nem nos seus arredores, pela defesa que lhe preparou o Governador e sómente em Vila-franca donde tinha saido toda a gente, por todos se acolherem e defenderem Ponta-delgada.

De Vila-franca roubaram algum trigo dos conventos das Freiras e dos Frades, que haviam sido abandonados, e da Igreja do convento de Santo André um relabulo. E com isto e pouco mais se levantaram sem conseguirem mais, havendo perdido a pista das nossas naus da India.

Indicaremos como se tendo distinguido neste periodo:

Lopo Anes d'Araujo, abastado e de muita lavrança, discreto e prudente, amigo particular do capitão e de toda a nobreza desta Ilha, contando-se que «acudia a fazer amisades e concordias em quaisquer discordias que entre partes havia na terra».

Bartolomeu de Frias, filho de Fernando Anes de Puga, homem rico e de nobreza; foi grande jurisconsulto, discreto, letrado e de bons conselhos, casou com Jordôa Resendes, filha de Domingos Afonso, almoxarife que foi nesta Ilha.

Bento de Goes, coadjutor temporal da Companhia

de Jesus, natural de Vila-franca; saiu da Ilha e como soldado se embarcou para a India, onde viveu alguns anos no serviço de El-Rei; entrou na Campanhia depois, arrependido da vida desregrada que levara, pregou na Côrte do Grão-Mogor e em outras partes; foi encarregado de descobrir a cristandade do Cataio, missão que desempenhou indo até ás portas da China onde morreu em 1607, com cheiros de santidade.

Antonio de Frias, irmão de Bartolomeu de Frias, licenciado em leis, bom letrado e Cavaleiro do Habito de Cristo com tença, que casou com Beatriz Rodrigues e foi padroeiro do mosteiro de Santo André de Ponta-delgada.

Francisco d'Arruda da Costa, filho de João d'Arruda da Costa, «homem de grandes espiritos, prudente, discreto e de muito liberal condição a que se incomendaram nesta Ilha todos os cargos de importancia», foi Juiz do mar, contador, capitão-mór das Ordenanças e Provedor da Misericordia de Vila-franca muitas vezes; muito partidario d'El-Rei D. Filipe.

Pedro Costa, irmão de Francisco d'Arruda da Costa, «homem principal e rico de fazendas e virtudes, cidadão de Vila-franca»; foi casado com uma filha de João Alves do Olho e em segundas nupcias com uma filha de Ruy Tavares.

Foi o primeiro capitão-mór das ordenanças de Vila-franca, logar que resignou no tempo das lutas de D. Antonio Prior do Crato, por ser já velho, sendo substituido pelo capitão Alexandre.

Padre Manuel Pinheiro, jesuita ilustre, natural de Ponta Delgada; educado no colegio que os jesuitas tinham nesta cidade, seguiu para a India, depois de ordenado, dirigindo a casa que a Companhia tinha estabelecido em Laor.

Amigo particular do Gram Mogor, recebeu dele muitos favores na liberdade da prégação a que então se dedicava da doutrina Cristã.

D. MANOEL DA CAMARA (2.º de nome e 2.º Conde de Vila-franca). Confirmado na capitania da Ilha

por morte de seu pai, foi por Carta de 12 de dezembro de 1601 agraciado com a tença de 102$000 reis de assentamento ordinario pelo titulo de conde, que tambem recebeu em herança.

Foi o capitão que mais se empenhou e mais impulso deu á construção do castelo de S. Braz, do qual era, como seu pai, alcaide-mór.

Nomearemos neste periodo:

Dr. Alvaro Lopes Muniz, filho de Adão Lopes e Maria Muniz, doutor em leis pela Universidade de Coimbra, catedratico de Instituta e antes Desembargador do Paço e de Sua Majestade

Padre Fernão de Bastos, Beneficiado que foi da Igreja Matriz de S. Miguel de Vila-franca, abastado de bens, dispondo em seu testamento entre outras deixas, uma casa de morada, ao Beneficiado mais pobre daquela Igreja, com o encargo de resar por sua alma anualmente 10 missas, e quando um morresse elegessem outro, sempre o mais pobre.

Padre Manuel Fernandes, Vigario que foi da Igreja de San Pedro de Vila-franca, filho de Antonio Fernandes, pesador dos pasteis em Ponta-delgada. Bastante rico deixou em seu testamento, lavrado aos 22 de setembro de 1622, varios legados importantes á sua Igreja, vindo a ser administradora de todos estes bens a Irmandade da Misericordia de Vila-franca.

Dr. Gaspar Fructuoso, que nasceu em Ponta-delgada no ano de 1522 e faleceu na vila da Ribeira-grande, onde era Vigario da Matriz de Nossa Senhora da Estrela no ano de 1591.

Era formado em teologia pela Universidade de Salamanca, recusou a mitra de Angra e foi o primeiro historiador Açoriano, deixando valiosos manuscritos, que hoje se encontram na posse dos herdeiros do Marquês da Praia e Monforte, sob o titulo sugestivo de —Saudades da Terra.

Fr. Braz Soares, natural de Ponta-delgada, que faleceu em 1613; escreveu a vida da Veneravel Margarida de Chaves e Isabel de Miranda, e a de Marta Soares.

D. RODRIGO DA CAMARA (3.º Conde de Vilafranca). Sucedeu ao pai na capitania, Alcaidaria e titulo com tença, por alvará de 1 de julho de 1628, vivendo em Ponta-delgada com sua mulher D. Maria Coutinho e filhos.

Amigo particular de Filipe de Castela, recebeu a noticia da aclamação de D. João IV com certa reserva e mesmo alguma indiferença, se bem se conte que indo a Lisboa por esse tempo e perante El-Rei D. João IV arremessasse ao chão a corrente de oiro que trazia, oferta de D. Filipe, com estas palavras: «Eu não quero de ora avante apresentar alguma distinção honorifica não a havendo merecido, prodigalizando em serviço vosso a minha vida.» Mas a intriga palaciana que parece sempre o envolveu, já em 1648 o ia impedindo de voltar á sua capitania da Ilha de S. Miguel.

Processou-o a Santa Inquisição, alegando a sua vida escandalosa e irregular, parecendo no entanto que a verdadeira causa mas oculta, foi a sua particular amizade com Castela, sendo condenado a prisão perpetua nos carceres do Santo Oficio, caçado o titulo de conde e confiscados os bens por sentença de 20 de dezembro de 1652, sendo comutada em reclusão no convento da Piedade do Cabo de S. Vicente, a pedido da Condessa, por sentença de 23 de maio de 1657.

Antes, porém, a mesma Condessa, acompanhada de seus filhos Manuel, Carlos e Vasco, imploraram Breve do papa Alexandre VI que lh'o concedeu a 27 de janeiro de 1657 no qual o absolveu das penas do confisco e excomunhão.

Faleceu na sua reclusão do convento da Piedade em 1672 havendo assim passado 20 anos preso.

Nomearemos neste periodo:

Fr. Afonso de Benevides, filho de Pedro Afonso, escrivão da alfandega de Ponta-delgada, e Ana Murato de Benevides; professou no Instituto Serafico em S. Miguel, sendo eleito Custodio do Mechico de 1629, pregando o Evangelho por toda a India ocidental.

Em 1639 estando em Portugal, embarcou-se para a India já então bispo eleito de Meliapor, na companhia de D. Francisco dos Martires, Arcebispo de Goa, falecendo em viagem.

Veneravel Bartolomeu do Quental, filho de Francisco d'Andrade Cabral e Ana do Quental de Novais, nasceu nos Fenais a 22 de agosto de 1626; estudou na Universidade de Evora e depois na de Coimbra, ordenando-se de presbitero, foi prior da Matriz da Ribeira-grande e voltando depois a Portugal instituiu com outros companheiros a congregação do Oratorio.

Compôs as seguintes obras:

—Meditações da Infancia de Cristo Nosso Senhor.

—Meditações da Sacratissima Paixão e Morte de Cristo Senhor Nosso.

—Meditações da Gloria, Ressurreição de Cristo e varios Sermões.

José Freire d'Andrade, filho de Francisco A. Cabral, que pelos serviços que prestou no tempo da Restauração e por outros, sendo alferes e depois tenente de cavalaria, El-Rei lhe fez mercê de uma capitania de Entertenidos em S. Miguel; mais tarde D. Afonso V lhe deu o Habito de Cristo com a pensão de 50$000 reis, sendo afinal por alvará de 22 de outubro de 1665 feito Sargento-mór com a pensão de 70$000 reis.

Baltazar da Costa Pereira, filho de Gaspar Borges Pereira, cavaleiro fidalgo da Casa de El-Rei; pelos serviços prestados desde a jornada de Abamora, em cuja empresa brigou muitas vezes com os infieis, até aos serviços no porto de capitão de infantaria e escrivão da Fazenda na Ilha Terceira, lhe deu El-Rei por Carta de 29 de julho de 1641 o Habito de Cristo com a pensão de 40$000 reis.

Gonçalo da Costa Coutinho, que foi casado com D. Isabel Ataide, filha de D. João d'Ataide; foi nomeado por El-Rei para Governador da gente de guerra nos Açores, posto de que pediu escusa em virtude da morte do sogro.

Capitão Manuel da Camara Sá, filho de Simão da Camara Sá, nasceu em Ponta-delgada no ano 1607, casou com D. Maria Coutinho donde descende o Barão de Nossa Senhora da Saude. Recebeu de El-Rei o Habito de Cristo com tença pelos serviços prestados já nas armadas, como em Flandres, e outras partes, e foi Sargento-mór de toda a Ilha, com a pensão anual de 70$000

reis, passando este cargo por sua morte para José Freire d'Andrade.

D. MANUEL BALTAZAR LUIZ DA CAMARA (1° conde da Ribeira-grande). Filho do terceiro Conde de Vila-franca e da Condessa D. Maria Coutinho, foi agraciado por D. Afonso VI com o titulo de Conde da Ribeira-grande para ele e seus descendentes, de juro e herdade conforme a Lei mental, por Carta de 15 de setembro de 1662.

A 28 do mesmo mês e ano, El-Rei lhe fez mercê de todos os bens que estavam na Corôa vagos pela condenação de seu pai e assim as rendas da capitania da Ilha.

Seguiu a vida militar alcançando o posto de Mestre do Campo do terço de Setubal, distinguindo-se em varias campanhas entre as quais se poderá nomear a guerra da Restauração.

Faleceu em 1673 contando apenas 43 anos de idade.

Nomearemos neste periodo:

Padre Antonio Pimentel de Rezendes, Vigario da Igreja de Nossa Senhora da Piedade do logar de Pontagarça e seu irmão *Padre Jeronimo Perdigão de Rezendes*, filho de Antonio Mendes Pereira e Susana Perdigôa Pimentel, abastados de fortuna, que em seus testamentos deixam valiosos legados, vindo a ser administradora de seus bens a irmandade da Misericordia de Vila-franca. Deixou o Vigario que do remanescente dos rendimentos de seus bens se fosse acumulando todos os anos até se prefazer a quantia de 310$000 reis para ser dado em dote a uma donzela honesta, sua parente para entrar em um dos conventos desta Ilha e isto sempre e enquanto o mundo durasse.

Padre Manuel de Sousa Novais, cura que foi da Igreja de S. Pedro de Vila-franca, filho de Gaspar da Ponte de Sousa, dos mais ricos homens do seu tempo, instituindo varios legados a Ermidas e Igrejas e um vinculo de dez moios de trigo de renda a sua sobrinha Luzia do Quental, filha de sua irmã Maria do Quental.

D. JOSÉ RODRIGO DA CAMARA (2.° conde da

Ribeira-grande). Sucedeu ao pai, como filho legitimo, varão unico do seu casamento, sendo confirmado por Carta de 2 de junho de 1674.

Foi governador da Torre de Belem, deputado á Junta dos Tres Estados e presidente do Senado de Lisboa.

Falleceu em 7 de março de 1722 contando 59 anos de idade.

Nomearemos neste periodo:

Veneravel Madre Tereza d'Anunciada, filha de Jeronimo Ledo Paiva e D. Maria do Rego Quintanilha, nasceu na Ribeira-grande em novembro de 1658 e entrou no convento da Esperança de Ponta-delgada, sendo grande devota da Imagem do Senhor Santo Cristo, contando-se obrara por sua intercessão muitos milagres que andam na tradição do povo, pelo que desde então chamam áquela Imagem Senhor Santo Cristo dos Milagres.

Fr. Manuel de S. Luiz, Provincial da Ordem de S. Francisco, natural de Vila-franca, que escreveu sobre a vida da Veneravel Franciscа do Livramento, abadessa que foi do convento da Esperança de Ponta-delgada.

Fr. Agostinho de Mont'Alverne, filho de Estevam Alvares Barreiros e Guiomar Cabral, nasceu na vila da Ribeira-grande a 11 de janeiro de 1629, faleceu em 1726.

Pertenceu á ordem dos Frades Menores de S. Francisco, escrevendo «Cronica da Provincia de S. João Evangelista da Ilha dos Açores», em que historia estas Ilhas dos Açores e cujo manuscrito se acha na Biblioteca Publica de Ponta-delgada.

Francisco Machado de Faria e Maia, capitão-mór da Vila da Lagoa, filho de Francisco Machado de Faria e de D. Mariana Cabral de Melo, das principais familias desta Ilha, e a quem El-Rei deu brazão d'armas, por Carta de 22 de dezembro de 1724.

Francisco Pereira Betencourt, capitão de milicias, de Ponta-delgada, filho do capitão Francisco Pereira de Amaral, bisneto do Licenciado André Gonçalves de Sampaio, e a quem El-Rei deu brazão d'armas em 1738.

Antonio Botelho de Sampaio, capitão de milicias na Ribeira-grande, filho do capitão-mór Francisco d'Arruda de Sá, a quem El-Rei deu brazão d'armas em 1747.

D. JOSÉ DA CAMARA TELES (4.° conde da Ribeira-grande). filho do Conde D. Luiz Manuel da Camara, sucedeu no governo da capitania a seu avô o 2.° conde da Ribeira-grande, por haver falecido seu pai a 3 de outubro de 1723, um ano antes da morte de seu avô, sendo confirmado por Carta de 12 de abril de 1730.

Foi capitão de Dragões do Alemtejo, vindo residir porém para a sua capitania de S. Miguel em 1742 com sua mulher a condessa D. Leonor d'Ataide e seus filhos, falecendo a 24 de junho de 1757 apenas com 45 anos.

Nomearemos neste periodo:

Francisco Afonso Chaves e Melo, natural de Pontadelgada, nasceu em 1685 e faleceu em 1741; foi capitão das Ordenanças de Rosto de Cão, Juiz e contador da Fazenda Real, escreveu «Margarita Animada, ou Biografia da Veneravel Margarida de Chaves», seguida de uma descrição da Ilha de S. Miguel.

D. JOANA TOMASIA DA CAMARA (condessa da Ribeira-grande). Como filha mais velha do Conde D. José da Camara sucedeu na doação da capitania com sua jurisdição, renda, direitos, poderes e liberdades que nela gosava seu pai por carta de El-Rei de 30 de junho de 1761.

Casou com seu tio D. Guido Augusto da Camara Ataide que usou do titulo de Conde da Ribeira-grande, e era filho do Conde D. Luiz Manuel da Camara, morrendo nos carceres da Junqueira no periodo Pombalino em 1770.

D. LUIZ ANTONIO JOSÉ MARIA DA CAMARA (5° Conde da Ribeira-grande). Filho da antecedente, nasceu a 10 de fevereiro de 1754, falecendo em 26 de março de 1802, deixando dois filhos: D. Leonor que foi a primeira Marquesa da Ribeira-grande e D. José que lhe sucedeu no titulo.

Nomearemos neste periodo:

Sebastião Manuel Pacheco Bulhões e Melo Cabral, capitão-mór das ordenanças de Vila-franca, da mais escolhida nobreza da Ilha, dotado de muita probidade e inteligencia.

D. JOSÉ MARIA A. GONÇALVES ZARCO DA CA-

MARA (7.° conde da Ribeira-grande). Nasceu a 2 de dezembro de 1784 falecendo no Rio do Janeiro a 13 de fevereiro de 1820.

Serviu no exercito como coronel de Infantaria, tomou parte na Guerra Peninsular e foi veador da princesa D. Maria Benadita.

Por sua morte sucedeu-lhe no titulo seu filho D. Francisco de Sales Maria José Antonio de Paula Vicente Zarco da Camara que foi Par do Reino e elevado ao Marquezado em 1855.

Terceira Capitania. Constituida em parte da Ilha Terceira, tendo por capital a Vila da Praia.

Em virtude da doação que o Infante D. Henrique fez, em 1450, a Jacome de Bruges, como atrás vimos, formou a Ilha Terceira uma capitania com séde na Vila da Praia que este capitão escolheu para sua residencia.

Por Carta, porém, da Infanta D. Beatriz, como tutora de seu filho D. Fernando, Duque de Vizeu, de 2 de abril de 1474, foi esta ilha dividida em duas capitanias, uma com séde na Vila da Praia e outra com séde em Angra, que por Carta de 4 de maio de 1483 compreendia não só uma parte da Ilha Terceira como tambem toda a Ilha de S. Jorge.

Donatarios da parte da Vila da Praia:

JACOME DE BRUGES. Natural do condado de Flandres, era um dos servidores do Infante D. Henrique e vivia na cidade do Porto havia vinte anos, quando por Carta de 2 de março de 1450 o Infante lhe deu a capitania de toda a Ilha Terceira que então ainda estava — erma e inabitada — com as prerogativas e encargos que tinham os outros Capitães das Ilhas e nomeadamente os da Madeira.

Foi casado com Sancha Rodrigues, de quem não teve filho varão, pelo que lhe foi concedido a sucessão em sua filha mais velha e nos que de sua geração descendessem.

Escolheu para sua residencia o local onde hoje está a Vila da Praia, recrutando colonos nos distritos de Viana, Guimarães, Aveiro e no proprio Condado de Flandres.

A colonização, porém, não foi intensiva, pois a 22 de agosto de 1460, dez anos depois na doação que o Infante D. Henrique fez desta Ilha e da da Graciosa a seu sobrinho e filho adotivo D. Fernando, ainda a dá como despovoada. Por tal razão e ainda pelas intrigas levantadas por Diogo de Teve, colono que viera com este capitão da Ilha da Madeira, com o fim de se assenhoriar da capitania ou por outras razões talvez, mandou D. Fernando para a Ilha Terceira a Alvaro Martins Homem no ano de 1461, ordenando-se então ao Capitão que lhe desse terrenos na Ilha para os cultivar e colonizar.

Alvaro Martins Homem escolheu para sua residencia a parte de Angra, e ahi se estabeleceu começando desde então uma certa animosidade entre estas duas personalidades, que mais se assenhuaram com as intrigas de Diogo de Teve. E ficou desde então a Ilha Terceira dividida em duas capitanias, uma na parte de Angra, tendo por capitão Alvaro Martins Homem, e outra na parte da Praia, tendo por capitão Jacome de Bruges.

Diz-se que pelo ano de 1642 Diogo de Teves forjára uma carta dirigida a Jacome de Brujes, em que lhe era participado a deixa de um grande Morgado e que por tal motivo ele partira para a Europa, deixando-lhe procuração geral para governar a capitania e que dela muito usou em seu proveito; e conta-se mais que por ocasião do embarque, ou mesmo na viagem, fora este capitão assassinado por mandado do mesmo Diogo de Teves.

O que é certo, porém, é que o capitão Jacome de Bruges desapareceu e foram infructiferas todas as pesquizas que se fizeram para se descobrir o seu paradeiro, recaindo então todas as suspeitas em Diogo de Teves, a ponto de, indo ele a Lisboa, por questões que trazia em juizo, e sendo disso sabedora D. Sancha Rodrigues, pessoalmente pediu a D. Afonso VI justiça contra o assassino de seu marido, e preso o Teves e intimado a dar conta do capitão no praso de dez dias, respondeu suicidando-se na propria prisão.

Com o desaparecimento assim de Jacome de Bruges, foi dada como vaga a capitania, apesar das instancias que a filha, D. Antonia Dias d'Arce, casada com Duarte Paim, fez para ser confirmada na sucessão, e

bem assim os empenhos que se moveram por parte dos filhos naturaes de Bruges para lhe sucederem, sendo nomeado capitão por Carta de 14 de fevereiro de 1474 Alvaro Martins Homem, que se havia estabelecido e tinha já jurisdição na parte da Ilha não apreveitada por Bruges, sendo por virtude de Carta de 2 de abril do mesmo ano nesta parte provido João Vaz Corte Real com obrigação de pagar as benfeitorias iá existentes ao capitão Homem.

Nomearemos neste periodo:

Diogo de Teive, que veiu da Ilha da Madeira e que por Alvará do Infante foi nomeado loco-tenente do capitão e Ouvidor-geral em toda a Ilha, casado com D. Maria Gonçalves Veiga.

Estabeleceu-se no logar da Praia, recebendo em dada a Serra de S. Tiago e outros terrenos para o lado das Lages.

Gonçalo Eanes da Fonseca, que veiu com este primeiro capitão e teve dadas de terra na Ribeira-seca, tendo da sua mulher D. Mecia Machado d'Andrade, um filho que foi o primeiro que nasceu nesta Ilha.

Fr. João, chefe dos Padres Franciscanos que o capitão consigo trouxe, os quais se estabeleceram no logar junto da ribeira que lhe tomou o nome—Ribeira de Fr. João.

Fernão Dulmo, que recebeu primeiramente em dada os terrenos das Quatro Ribeiras e mais tarde os compreendidos entre a Serra da Ribeirinha e a Feteira.

Alvaro Vaz Merens, que á Ilha chegou em 1458 tronco da familia Merens, recebendo dadas de terras entre a Grota do Vale e Porto de Pipas.

Miguel Ximenes, casado com D. Violanta de Betencourt que tambem á Ilha chegou nesta data, tendo em dadas os terrenos de Val de Linhares.

ALVARO MARTINS HOMEM, que é considerado o primeiro Capitão da parte de Angra por virtude da doação de 2 de abril de 1474, que dividiu a Ilha em duas capitanias, uma com assento em Angra e outra com séde na Praia, e o segundo da Vila da Praia, foi ca-

sado com Ignês Martins Cardoso de quem teve varios filhos.

Gosou em sua capitania dos privilegios e isenções que então tinham os capitães das Ilhas, falecendo segundo as opiniões mais seguras no ano de 1482.

Nomearemos neste periodo:

Afonso Gonçalves d'Antona Baldaia, fidalgo da casa dos Infantes que foi loco-tenente do capitão, que recebeu grandes dadas de terra e que promoveu a construção do convento de S. Francisco doando-lhe terreno seu.

ANTÃO MARTINS HOMEM, sucedeu na capitania ao pai por Carta de confirmação de 26 de março de 1483.

Foi casado com Ignês d'Ornelas filha de Pedro Alvares da Camara e Catarina d'Ornelas da Ilha da Madeira, de quem teve filhos.

Viveu na Vila da Praia, como seu pai, e renunciou a capitania em seu filho mais velho Alvaro Martins, sendo essa renuncia confirmada por El-Rei a 10 de outubro de 1522.

Deixou tambem testamento lavrado a 21 maio de 1530 no qual ratificava a renuncia que fizera no dito seu filho e instituia-o herdeiro do Morgadio e renda que possuia.

Nomearemos neste periodo:

Gonçalo Vaz Homem, e sua mulher Ignês Afonso Cogumbreiro, que em 1520 fundaram o hospital de San Lazaro ao qual anexaram a sua residencia.

ALVARO MARTINS HOMEM, não sobreviveu porém ao pai, ou sobrevivendo foi tão pouco que no inventario que correu por obito do pai, se faz menção da sua morte, figurando nele então sua viuva, D. Beatriz de Noronha, filha de D. João de Noronha da Ilha da Madeira, que fora dotada com 900$000 reis por escritura de 9 de maio de 1513.

ANTÃO MARTINS HOMEM, que foi confirmado na capitania a 30 de janeiro de 1533, casou com D. Joana de Mendonça, filha de Henrique Pinheiro, Alcaide-mór de Barcelos.

Não teve este capitão filho algum varão que lhe sucedesse na capitania, mas sim três filhas, duas das quais se conservaram solteiras, casando a terceira com D. Jorge de Noronha, que tambem não deu descendencia.

Por seu falecimento que se deu a 9 de junho de 1577 ficou vaga a capitania, habilitando-se a ela Antonio de Noronha, irmão do capitão falecido que então andava na India, mas, ou porque logo a seguir á sua chegada a Portugal falecesse ou porque seguisse o partido de D. Antonio Prior de Crato, não foi nela provido.

Considerada assim vaga a capitania foi por doação de 14 de agosto de 1582 dada a D. Cristovam de Moura, capitão então da parte de Angra, que assim reuniu em uma só as duas capitanias da Ilha Terceira, e assim unidas estiveram até 1663, tomando posse dela e da de Angra a 16 de agosto de 1583 por seu procurador Fernão Faleiro, e, porque este Capitão nunca veiu á Ilha, usava de sua jurisdição e direito, por seu Ouvidor. Sucedeu-lhe nas capitanias, por sua morte, seu filho D. Manuel de Moura, que as perdeu por confisco, por seseguir o partido de Hispanha, no tempo da Restauração, ficando assim vagas.

Nomearemos neste periodo:

Alvaro d'Ornelas, a quem pelos seus serviços El-Rei por sua Carta de 12 de março de 1534 priviligiou e escusou todos os seus criados, caseiros, amos, mordomos e lavradores de pagarem peitas, fintas e outros encargos a que os moradores dos concelhos são obrigados.

Era fidalgo da Casa de El-Rei com o Habito de Cristo e tença.

Heitor Homem da Costa, que com sua mulher fundaram a Ermida de Nossa Senhora d'Ajuda na Vila Nova, no logar denominado—o varadouro—anexando-lhe um bom morgado.

João Homem, filho do anterior, e instituidor da Ermida de Nossa Senhora do Guadalupe, hoje paroquial d'Agualva.

Capitão Francisco do Canto, filho ilegitimo de Pedro Anes do Canto, que na ausencia do Capitão administrou a capitania por Carta regia, devendo-se-lhe a a providencia que tomou na fortificação da Praia, começando pelo entrincheiramento na entrada das ruas.

Dominoes Homem da Camara, que com sua mulher Rosa de Macedo funda ram, em 1556, o mosteiro das Chagas que pelo Bispo D. Nuno Alvares Pereira em 1569 foi reduzido a simples recolhimento por falta de recursos e que em 1684 se uniu ao mosteiro da Luz.

FRANCISCO D'ORNELAS DA CAMARA, por Carta de mercê de 16 de julho de 1663 foi, em premio de revelantes serviços prestados ao Estado, feito Capitão-donatario da Vila da Praia, de juro e herdade, que ainda se achava vaga.

Na Ilha Terceira e nomeadamente na Vila da Praia, opuseram-se a esta nomeação com fundamento de ficar tal donatario muito poderoso em terra tão pequena, e tal oposição lhe moveram que não teve efeito esta mercê, sendo-lhe assim caçada a doação.

Foi ele que como Capitão-mór da Vila da Praia em nome de D. João IV proclamou em Angra a Restauração de Portugal, batendo-se com o então governador do Castelo D. Alvaro de Viveiros.

Logo em seguida foi á Côrte de Lisboa com tão faustosa noticia, recebendo-o El-Rei e colocando-o á direita do trono, e agraciou-o com a comenda de S. Salvador de Penamacor.

Tais distinções despertaram inveja nos seus conterraneos que o acusaram a El-Rei de traidor pela maneira como dirigira a Restauração em Angra, vindo a ser preso e julgado, mas na ocasião em que se estava lavrando a sentença, entrou na sala do Tribunal uma pomba que esvoaçando por sobre a mêsa dos julgadores, derramou o tinteiro sobre a sentença, facto este que impressionou toda a assistencia que bem sabia se julgava um inocente.

Tal acontecimento foi participado a El-Rei, suspendendo-se o julgamento, sendo mandado ao governador do Castelo, Manuel de Sousa Pacheco procedesse a um

inquerito sobre a vida e serviços de Francisco de Ornelas, sendo então por todos julgado inocente.

Por tais factos e em cumprimento de voto mandou Ornelas levantar a Ermida do Espirito Santo na cidade de Angra.

Faleceu a 24 de abril de 1664 deixando os filhos pobres, mas tal era o amor que consagrava á sua Vila da Praia que em seu testamento ordenou que lá o enterrassem.

BRAZ D'ORNELAS, filho de Francisco d'Ornelas Camara, instou junto do governo pela Capitania da Praia que fora tirada ao pai, sendo nela provido por Alvará de 28 de setembro de 1665.

Em 1668, porém, sucedeu a paz entre Portugal e Hispanha regressando á Patria o 3.º Marquês de Castelo Rodrigo, Conde do Lumiar, neto de Cristovam de Moura, que requereu a entrega da Capitania que com a de Angra e seus haveres lhe havia sido confiscada.

Braz d'Ornelas opos embargos ao pedido, partindo por tal razão para Lisboa em companhia do Marquês de Minas.

Faleceu afinal em Lisboa demandando a Fazenda Publica, em 1722 pela quantia de 12.000 cruzados reditos da administração da Capitania.

LUIZ ANTONIO DE BRITO BAHEREM. Em 1715 foi-lhe dada a Capitania da Praia em sua vida, sómente, em satisfação dos muitos serviços prestados por seu pai Antonio Brito Pereira, do Conselho de El-Rei, com todas as honras e privilegios que então gosavam os Capitães.

LUIZ ANTONIO DA SILVA. Alcançou a Capitania por morte de Baherem, exercendo a sua jurisdição e direitos por intermedio do seu Ouvidor Egas Muniz da Silva ainda em 1725.

Quarta Capitania. Constituida em parte da Ilha Terceira e toda a Ilha de S. Jorge, tendo por capital Angra.

Foram seus capitães:

JACOME DE BRUGES, que, como anteriormente dissemos, governou no principio da colonização toda a Ilha Terceira, estendendo assim a sua jurisdição e direitos mesmo nas partes de Angra.

JOÃO VAZ CORTE REAL, foi casado com D. Maria conhecida por—Abarca—por ser oriunda de Ponte da Barca, filha de Pedro Abarca, natural de Tuy, tendo varios filhos, o mais velho dos quais lhe sucedeu na capitania.

Por virtude da doação de 2 de abril de 1474 que dividiu a Ilha Terceira em duas Capitanias, a da Praia e a d'Angra, pertenceu esta a este capitão por escolha sua, que apesar de então ser menos povoada era de muito maior extensão que a outra.

Por Carta de 4 de maio de 1483, alcançou ainda a Capitania da Ilha de S. Jorge que então se começava a povoar, ficando assim esta Ilha a fazer parte da Capitania de Angra.

Finalmente por doação de 19 de maio de 1495 foi feito ainda Alcaide-mór do Castelo d'Angra e do da Ilha de S. Jorge.

Promoveu a colonização na Ilha, roteou os terrenos, construiu o Castelo de S. Luiz ou S. Cristovam, onde hoje se acha a memoria de D. Pedro IV e edificou um hospital para pobres, o qual foi aprovado por Alvará de 15 de março de 1492. Faleceu a 2 de julho de 1496 sepultando-se na Igreja de S. Francisco.

Nomearemos neste periodo:

Jeronimo Gonçalves Teixeira, cavaleiro fidalgo, que foi o tronco dos Teixeiras da Ilha de S. Jorge.

Sebastião Dias e mulher Senhorinha Gonçalves, dama do Paço, que no começo da colonização vieram para S. Jorge, pais do João Dias, primeiro ouvidor do capitão.

Gonçalo Anes da Fonseca, que recebeu dadas no terreno que vai do mar ao cume da serra do Paul das Vacas, entestando com os biscoitos de Porto Martins, e foi casado com Maria d'Andrade Machado, filha de D. João de Lisboa Machado.

João Coelho, que tambem recebeu dadas no Porto Judeu, desde o Vale até ao varadouro dos Barcos.

VASCO ANES CORTE REAL, Vedor d'El-Rei D. Manuel e Alcaide-mór de Tavira no Algarve, foi confirmado Capitão de Angra e S. Jorge por morte de seu pai por Carta de 2 de julho de 1497. Foi casado com D. Joana da Silva, filha de Garcia de Melo, Alcaide-mór de Serpa, tendo varios filhos.

Nunca veiu á sua capitania sendo ela governada, porém, em seu nome por seu Ouvidor Afonso do Amaral e depois por Garcia Alvares.

Prestou relevantes serviços nas guerras d'Africa contra os mouros, recebendo em dadiva por tais serviços o monopolio da venda do sal na Ilha Terceira e a propriedade dos oficios de Almoxarife, Juiz dos orfãos e seus escrivães, por Carta de 30 de maio de 1500.

Foi neste periodo que aportou á Ilha Terceira Vasco da Gama, com seu irmão Paulo da Gama que se achava gravemente doente, no ano de 1499, de volta da sua primeira viagem á India.

Nomearemos neste periodo:

Bartolomeu Favela, filho de Beatriz da Costa e Manuel do Porto, neto de João d'Arruda da Costa de S. Miguel; casou com Justa Neto, filha de João Alves Neto, fidalgo da Ilha Terceira.

Ajuntou-se com *Aires Jacome Correia*, de S. Miguel, João Betencourt de Vasconcelos e Gaspar Estacio e embarcou-se num pequeno barco indo ter á armada de El-Rei que andava pelejando entre S. Jorge e Terceira contra os corsarios.

Gomes Pacheco de Lima, filho de João Pacheco «que El-Rei D. João e o Infante D. Luiz mandou por capitão-mór de uma grossa armada a fazer o despejo da Ilha de Buan na Costa da Guiné, onde o mataram em campo».

Manuel Pacheco, irmão de Gomes Pacheco de Lima, foi o que descobriu o reino de Angola, sendo embaixador de El-Rei D. João III ao Rei do Congo e lá morreu.

João Dias Ximenes, armado cavaleiro por Nuno

Fernandes d'Ataide na tomada de Azamor e confirmado por Carta de El-Rei de 25 de janeiro de 1514.

Afonso Anes da Costa, armado cavaleiro por D. Francisco de Castro, no Cabo da Gué e confirmado por El-Rei por Carta de 13 de setembro de 1527.

Pedro Anes do Canto, fidalgo dos de maior nomeada na Ilha Terceira, teve couto, que aquele que matava acolhendo-se a terra sua o não pudessem prender.

Gaspar Côrte-Real, filho do capitão e de sua mulher Maria Abarca, foi loco-tenente de seu pai, parece morreu solteiro, tendo porém deixado filhos naturais, um dos quais foi Bispo de Lora, in partibus infidelium; foi homem aventureiro, esforçado e desejoso de ganhar honras para o que empreendeu a viagem para as bandas do norte achando as terras que então denominaram—Terra do Lavrador, Terra de Côrte Real, Terra do Bacalhau, em 1500—e a que Caspar Côrte Real havia posto o nome de Terra Verde.

No ano seguinte se embarcou com o mesmo rumo para melhor precisar a terra que encontrara, não voltando de lá.

Miguel Corte Real, filho do capitão, que vindo em busca de seu irmão Gaspar Côrte Real da sua segunda viagem á Terra Verde, de lá tambem não voltou.

Pedro d'Ornelas, filho de João d'Ornelas, primeiro que veiu para a Ilha Terceira, que se achou nos mais notaveis feitos d'armas no tempo do Vice-Rei D. Francisco d'Almeida. Serviu na India ás ordens de Afonso d'Albuquerque, comandando uma nau da esquadra que deu sobre Goa; foi morto no dia do assalto a 25 de novembro de 1510.

MANUEL CORTE REAL. Por doação de 3 de agosto de 1538, sucedeu ao pai na Capitania de Angra e San Jorge por haver falecido moço e sem descendencia seu irmão mais velho Cristovam Côrte Real.

Foi casado com D. Brites de Mendonça, viuva de D. Manuel de Lima, capitão de Ormuz, e filha de Henrique Lopes de Mendonça de quem ainda teve varios filhos, mais velho dos quais não casou nem deixou descenden-

cia, e por tal razão passou a capitania para o filho segundo.

Por doação de 25 de outubro de 1576 foi feito ainda Alcaide-mór da fortaleza de S. Sebastião de Angra.

Nesta epoca achavam-se os mares dos Açores infestados pelos corsarios que aguardavam a passagem das naus que vinham da India e no entanto assaltavam as Ilhas quasi indefesas.

Nomearemos neste periodo:

Antonio Pires do Canto, filho de Antonio Pires do Canto, capitão-mór da armada, que dirigia a construção de muitos navios no Porto de Pipas e na Prainha, para o combate dos corsarios, e camandou a esquadra por seu pai ser já de idade avançada; e nestas lutas se distinguiu tambem Jorge de Lemos, Francisco Dias Carvalhal, Manuel Côrte Real e outros.

Sebastião Tomé, feito cavaleiro por El-Rei, por Carta de 15 d'abril de 1550, pelos serviços por ele prestados na guerra em Alcacer.

Fernão Lourenço de Ramos, feito cavaleiro por Carta de El-Rei de 20 de fevereiro de 1450 pelos serviços prestados em Ceuta.

Pero Anes do Canto, fidalgo da Casa de El-Rei com brazão d'Armas e privilegios pelos serviços por ele prestados em Arzila—Carta de El-Rei de 18 de setembro de 1527 e 28 de janeiro de 1539.

Manuel Fernandes Cabral, feito cavaleiro pelos serviços feitos em Azamor no ano de 1542.

João da Silva Canto, casado com D. Isabel Correia, filha de Jacome Dias Correia de S. Miguel, ganhou Comenda da Ordem de Cristo nos campos de Africa, capitão-mór das armadas e general do mar nestas Ilhas, provedor das armadas reais e da Fazenda, capitão-mór em Angra. Era ainda do Conselho de El-Rei e tinha poderes para enforcar e até prender os capitães das armadas que viessem a estas ilhas.

João Dias e Pedro Dias, que ambos foram ouvidores do Capitão-donatario na Ilha de S. Jorge; homens da melhor nobreza, doutos e que viveram em opulencia,

sendo aquele o primeiro provedor da Santa Casa da Misericordia.

Simão Fernandes Quadrado, ouvidor e alcaide do Capitão-donatario e feitor da Casa de El-Rei em 1570 na Ilha de S. Jorge.

João Varela, cavaleiro da Casa de El-Rei, da Ilha de San Jorge, que doou todos os seus bens á Santa Casa da Misericordia da Vila das Velas e foi o primeiro escrivão dela.

Roque Afonso, da mesma Ilha, que tambem doou uma parte da sua fortuna áquela mesma instituição.

Guilherme da Silveira, neto do fidalgo flamengo Guilherme Van der Haagen, foi Capitão-mór de S. Jorge, Provedor da Misericordia e pessoa da mais alta representação.

Gabriel da Rocha, que pelos seus serviços prestados em Mazagão foi armado cavaleiro por Luiz Loureiro, capitão da praça, sendo confirmado por El-Rei em Carta de 22 de setembro de 1548.

Manuel Gonçalves, que pelos seus feitos em Arzila, foi armado cavaleiro pelo Conde de Redondo, capitão da praça, sendo confirmado por El-Rei por Carta de 8 de junho de 1545.

Tristão de Sousa Gusmão, filho de Gaspar d'Ornelas e D. Isabel de Sousa, que pelos serviços que prestou durante 12 anos na India foi premiado com o posto de capitão em duas viagens de Ceilão.

VASCO ANES CORTE-REAL, sucedeu na capitania a seu pai, sendo confirmado por Carta de 28 de novembro de 1578.

Casou com D. Catarina da Silva, filha de D. João de Mascarenhas, Capitão de Ginetes, Senhor de Larra, Alcaide-mór de Monte-mór e de Alcacer do Sal.

Teve um só filho varão, Manuel Côrte Real que, ainda solteiro e sem descendencia, morreu na batalha de Alcacer Kibir, pelo que a capitania foi dada á filha mais velha D. Margarida Côrte Real.

No fim deste periodo deram-se as lutas sangrentas

entre os partidarios de El-Rei Filipe e D. Antonio, Prior do Crato.

Nomearemos neste periodo:

João de Betencourt, acerrimo partidario de Filipe de Castela, que em 1580 tentou logo aclama-lo na Ilha Terceira, percorrendo as ruas da cidade, dando-lhe vivas; sendo porém mal recebido pelo povo, foi afinal preso pelo Alcaide-mór da cidade, e mais tarde, por ordem do Governador Manuel da Silva, decapitado.

D. Violante do Canto, filha do nobre João da Silva do Canto, que ofereceu toda a sua fortuna para auxiliar a empresa de D. Antonio, e que este pessoalmente lhe agradeceu na visita que lhe fez, quando da sua entrada na Ilha.

Foi na casa desta nobre senhora que se hospedou o Marquês de Santa Cruz, depois da victoria das armas hespanholas, dando ela entrada em um convento, donde saiu para Hespanha com todos as honras inherentes á sua alta personalidade.

Capitão Fernão de Tavora, uma das figuras mais distintas de Angra, *Capitão Domingos Toledo*, governador da fortaleza de S. Sebastião, *Antonio Matela*, alferes-mór da cidade, todos partidarios de D. Antonio e decapitados por ordem do Marquês de Santa Cruz.

Guilherme da Silveira, primeiro capitão-mór da Ilha de S. Jorge e ouvidor do Capitão em 1575.

Mateus Alvares, filho de um pedreiro da Vila da Praia da Victoria, que pela sua muita semelhança com D. Sebastião, Rei de Portugal, se fez passar por ele, depois da derrota de Alcacer Kibir, chegando a sublevar os povos de Torres Vedras, pondo em armas mais de 1.200 homens.

Foi preso e justiçado em Lisboa, sendo-lhe cortada a mão direita e depois esquartejado.

CRISTOVAM DE MOURA. Casou com D. Margarida Côrte Real, sendo feito capitão d'Angra por tal motivo, por Carta de 27 de junho de 1582.

Era filho de D. Luiz de Moura, estribeiro-mór do Infante D. Duarte. El-Rei o fez Védor da Fazenda e seu

gentil homem, pagem da princêsa D. Joana, mãe de D. Sebastião e filha do Imperador Carlos V, que lhe deixou por sua morte 2.000 crusados de renda. Finalmente foi ainda pagem de D. Filipe e um dos que vieram na Embaixada a Portugal tratar da sucessão ao Reino

Como atrás dissemos foi por Carta de 14 de agosto de 1582 feito Capitão da Praia, reunindo assim em uma só as duas capitanias da Ilha Terceira. Por doação de 3 de dezembro de 1584 e 16 e 17 de junho de 1586 é-lhe dado e confirmado o direito de nomear tabeliães em toda a capitania, sendo ainda mais tarde agraciado com o titulo de Marquês de Castelo Rodrigo.

Faleceu em 1614, sendo Vice-Rei de Portugal.

Houve no tempo deste capitão uma invasão de Inglêses, que abordaram o porto da Vila da Calheita antes de 1610 em uma armadilha de 5 naus e um burloque, em que Manuel d'Azevedo, Tomé Gregorio e Simão Gato, o Velho, se distinguiram, tomando este uma bandeira aos Inglêses.

O governo por este recontro criou na Vila das Velas uma capitania-mór, nomeando Capitão-mór Manuel d'Azevedo, passando por sua morte a capitania para Tomé Gregorio.

Melchior Gonçalves d'Avila, ouvidor do Capitão na Ilha de San Jorge, activo e inteligente, sendo nomeado pela Camara guarda-mór de saude no tempo em que grassava na Ilha Terceira a peste, adotando por essa ocasião rigorosas medidas a que todos obedeceram.

Gonçalo d'Amarante, que exerceu na Ilha de San Jorge todos os cargos electivos, sendo por fim feito Capitão-mór, no tempo das lutas Antonianas.

D. MANUEL DE MOURA (1.º Conde de Lumiares e 2.º Marquês de Castelo Rodrigo). Sucedeu ao pai nas capitanias, sendo nelas confirmado por Carta de El-Rei de 6 de desembro de 1614, e na de Capitão-donatario do Faial por Carta de 16 de dezembro do mesmo ano, tomando posse delas por procuração a 8 d'abril de 1615.

Foi embaixador em Roma e na Alemanha, Plenipotenciario da paz de Munster em 1648 e finalmente Governador dos Estados da Flandres.

Nomearemos neste periodo:

Manoel do C. Castro, Capitão-mór da cidade d'Angra, que deu grande impulso á fortificação da Ilha, auxiliando não só o corregedor João Corrêa de Mesquita, como D. Gonçalo de Mexia, governador do Castelo.

Foi um grande politico, a ponto do governador D. Pedro Estevam d'Avila, que não via bem a orientação que este tomava, mandar assestar a artilharia do Castelo contra a sua casa, por causa das eleições, o que ia dando logar a uma sublevação.

Lopo Gil Fagundes de Sousa, cidadão muito respeitavel e escolhido pelo Senado de Angra para ir com Carta a El-Rei notificando-lhe os desacordos politicos na Ilha entre as autoridades, que deu o em resultado a substituição do governador e outras autoridades.

Capitão Gaspar Nunes Brazil, filho de Pedro Luiz de Sousa, da Ilha de S. Jorge, que tomou o nome de Brazil por ter vindo rico deste País, dando este nome ao Monte que fica junto á cidade d'Angra, segundo opina Brumond nos Anais da Terceira, volume 1.º, pg. 404. Instituiu com sua mulher Maria Simôa a Ermida invocada a San Miguel Arcanjo, no sitio da Ribeira da Areia da Ilha de S. Jorge.

Manuel d'Azevedo, Capitão-mór da Calheta de S. Jorge que defendeu a Vila de uma invasão Inglêsa.

Tomé Gregorio, Capitão-mór da Calheta de S. Jorge que se distinguiu na mesma invasão dos ingleses.

D.FRANCISCO DE MOURA CORTE REAL (3.º Marquês de Castelo Rodrigo). Sucedeu ao pai nas capitanias, foi grande de Hispanha, Embaixador extraordinario na Alemanha, Vice-Rei da Sardenha e Governador da Flandres.

Seguindo o partido dos Filipes no tempo da Restauração, foram-lhe confiscados os bens e assim as capitanias.

Nomearemos neste periodo:

Amaro Soares, natural da Vila das Velas. Militou em Flandres com distinção, regressando á Ilha em 1613, foi-lhe concedido o soldo por Alvará de 10 de julho de 1626. Era cavaleiro fidalgo da Casa de Sua Majesta-

de e prestou grandes serviços na aclamação de D. João IV como sargento-mór da Vila das Velas.

D. LUIZ DE PORTUGAL (5.º Conde de Vimioso), filho do Marquês d'Aguiar e sobrinho do Marquês de Castelo Rodrigo, requereu a El-Rei lhe desse a administração das rendas e bens de seu tio que se achavam confiscados, alcançando parte delas por doação de 8 de agosto de 1651, entre as quais as capitanias da ilha Terceira e Faial. Por Alvará de 2 de abril de 1653 foi-lhe mais concedido a jurisdição que como Capitão nelas tinha seu dito tio e até o de poder nomear e ter Ouvidor. Por tal razão a 23 de maio de 1653 o capitão Sebastião Corrêa, como Ouvidor deste donatario, apresentou-se na Camara d'Angra sendo recebido com todas as honras e privilegios que gosavam os donatarios, tomando assim assento acima dos Juizes e abaixo do Corregedor, pois era o donatario Alcaide-mór da cidade.

Com a paz entre Portugal e Hispanha em 1668 voltou ao Reino o 3.º Marquês de Castelo Melhor, que até então vivia homiziado em Hispanha e pediu a entrega das suas terras e assim das suas Capitanias.

No periodo que vai entre 1677 a 1680, houve no porto da Calheta um encontro de corsarios turcos com um navio castelhano de Cabo-Verde, em que venceram os castelhanos, tomando parte activa na defesa o Capitão-mór Bartolomeu Nunes Pereira.

Finalmente ainda em dezembro de 1816 foi o mesmo porto atacado por um navio de piratas que pretendiam apresar o brigue-escuna português Santo Cristo Diligente; os piratas arvoraram a bandeira inglêês-americana, mas foram repelidos pela artilharia de terra.

Nomearemos neste periodo:

D. Beatriz de Melo, da ilha de San Jorge, viuva de Pedro Gonçalves d'Almeida e depois do capitão André Lopes Pereira, que deixou por seu testamento de 24 de junho de 1682 todos os seus bens á Misericordia das Velas, instituindo-lhe o Hospital.

Padre Amaro Teixeira Fagundes, filho postumo de Amaro Teixeira Fagundes e Joana Fernandes de Sequei-

ra, nasceu na freguesia do Rosario da Ilha de S. Jorge a 4 de outubro de 1620.

Fundou o convento da Senhora do Rosario da Vila das Velas, de freiras de Santa Clara, despendendo mais de 30.000 crusados, e dotou-o com todos os seus bens.

Padre Gonçalo Amarante, natural da Vila das Velas e vigario das Manadas, que por escritura publica de 1662 doou todos os seus bens para o recolhimento de donzelas suas parentes pobres, vindo por isso a fundar-se o recolhimento de San Gonçalo.

Padre Diogo M. da Silveira, descendente de Van der Haagen, fidalgo flamengo, dos primeiros povoadores de S. Jorge, beneficiado da Matriz da Vila do Topo, que nesta vila fundou o convento dos Franciscanos com a invocação de S. Diogo.

Padre Antonio Cordeiro, que nasceu em Angra em 1641 e morreu em Lisboa a 2 de fevereiro de 1722. Estudou canones na Universidade de Coimbra, pertenceu á Companhia de Jesus e aí lecionou retorica e filosofia. Escreveu a *Historia Insulana*, seguindo mais ou menos as Saudades da Terra do Dr. Gaspar Fructuoso, *Resoluções teojuridicas*, *Loreto Lusitano* e outras obras teologicas e filosoficas.

Quinta Capitania, constituida per toda a Ilha Graciosa; deve porém notar-se que estando já habitada por alguns colonos, entre os quais se deve nomear Vasco Gil Sodré, natural de Monte-mór, o Velho, houve por bem o Infante dividir a Ilha em duas capitanias, nomeando para uma Duarte Barreto e para a outra Pedro Corrêa da Cunha, que ao tempo administrava a capitania da Ilha do Porto Santo na menoridade de seu sobrinho. Assim foram seus capitães:

DUARTE BARRETO, que veiu logo e se estabeleceu com sua mulher e criados na parte sul, ao nordeste do local que mais tarde foi a Vila da Praia, por 1465.

No tempo deste capitão abordaram ao porto da Praia uns navios hispanhois, desembarcando parte da tripulação, agrediram o povo e o seu capitão que na escaramuça bateram os agressores.

Conta-se, porém, que nesse dia ou por esses dias havia o capitão tido um conflito com o frade capelão que na Ilha estava, e que este para se vingar acenara da praia aos hispanhois para que voltassem a terra, animando-os e incitando-os a uma desforra, e, vindo, conseguiram prender o capitão e alguns dos seus criados, levando-os para bordo, sendo lá assassinado cruelmente Duarte Barreto.

A capitôa, vendo-se assim desamparada chamou em seu auxilio então a seu irmão Vasco Gil Sodré que governou a capitania algum tempo em nome de seu cunhado, que não deixara filhos.

PEDRO CORRÊA DA CUNHA, que tinha continuado a administrar a capitania de Porto-Santo na menoridade de seu sobrinho, logo que soube da morte de Duarte Barreto, solicitou a capitania vaga, para formar com a sua uma só, alegando que a pequenês da Ilha não suportava as duas capitanias e havendo alcançado deferimento embarcou-se logo para ela com sua mulher E. Izeu Perestrelo de Mendonça filha do primeiro capitão do Porto-Santo Bartolomeu Perestrelo e Beatriz F. de Mendonça, fixando residencia no Castelete aí por 1485 e fundando logo em seguida a povoação de Santa Cruz que depois foi elevada a Vila.

Voltando a Lisboa, deixou administrando a capitania seu filho Jorge Corrêa casado com D. Leonor de Melo, que faleceu em 1495, ainda em vida do pai, deixando filhos de seu casamento; dois anos depois, isto é, em 1497 falecia em Lisboa o capitão Pedro Corrêa da Cunha, sendo sepultado na Igreja do Carmo e na capela de S. João de que era padroeiro.

MARECHAL D. FERNANDO COUTINHO. Considerada assim vaga a capitania doou-a El-Rei D. Manoel ao seu Marchal e Conselheiro D. Fernando Coutinho por Carta de 28 de setembro de 1507, concedendo-lhe todas as juridições e privilegios que vinham gosando os Capitães-donatarios, inclusivamente as dadas de terras, com tal condição que as pessoas a quem fossem dadas as deveriam aproveitar no praso de cinco anos.

D. ALVARO COUTINHO (Marechal do Reino). Co-

mo filho mais velho do Marechal D. Fernando Coutinho, sucedeu na capitania a seu pai, sendo confirmado por Carta de El-Rei D. Manuel de 3 de agosto de 1510.

D. ALVARO COUTINHO, Marechal do Reino como seu pai, do mesmo nome, sucedeu-lhe por sua morte, sendo confirmado por Carta de D. João III de 26 de fevereiro de 1524.

Nomearemos neste periodo:

Mundos Furtado de Mendonça, que por Carta de El-Rei D. Manuel de 25 de agosto de 1519 teve em doação os dois Ilheus da Ilha, para serem aproveitados na criação de cabras, com obrigação de pagar dois dizimos, isto é vinte por cento do rendimento, para as rendas de El-Rei.

Pedro d'Evora, que pelos seus relevantes serviços no Ultramar foi armado cavaleiro por Gonçalo Mendes, em Çafim, sendo confirmado por El-Rei em sua Carta de 6 d'agosto de 1526.

Jorge Gomes d'Avila, cujo nome legou a uma pequeno povoado, na freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe; foi casado com Catarina da Silveira filha de Guilherme da Silveira, colonizador de S. Jorge.

D. FERNANDO COUTINHO que como seu pai e avô foi marchal do Reino, e como filho mais velho sucedeu na capitania ao pai com todas as honras, privilegios e isenções que aquele gosava, sendo a sua sucessão confirmada por Carta de 16 de abril de 1552.

Nomearemos neste periodo:

Melchior Gonçalves, que durante muitos anos desempenhou a contento geral o cargo de alcaide-mór da Vila da Praia.

D. FERNANDO COUTINHO, sucedeu a seu pai, de egual nome, sendo confirmado por Carta de 20 d'abril de 1573.

D. FERNANDO COUTINHO, Marechal do Reino, sucedeu ao pai na capitania, sendo confirmado por Carta de 4 de setembro de 1593.

Foi neste periodo que abordaram á ilha em 1623

oito fragatas de Argel, ancorando onde chamam Afonso do Porto, tentando desembarcar encontraram resistencia por parte dos da Ilha.

Vinha nestes navios um capitão natural da Ilha, Pedro da Cunha Avila, que, sendo resgatado em Argel, pela redenção geral, comprou em Lisboa, com esmolas que pediu, uma imagem de Nossa Senhora, e, vindo á Graciosa, levantou com o povo a Ermida de Nossa Senhora da Vitoria, junto ao porto, onde colocou a sua Imagem, e ali viveu e morreu seu ermitão.

Nomearemos neste poriodo:

Manuel de Quadros Machado, capitão-mór da Vila de Santa Cruz que nesta se notabilizou na resistencia aos mouros, sendo o fundador da Igreja da Misericordia e hospital da Vila de Santa Cruz.

Gaspar Velho d'Azevedo, capitão-mór da Vila da Praia, que igualmente se notabilizou na mesma resistencia.

D. FERNANDO COUTINHO, que sucedeu ao pai, de igual nome e como ele tambem Marechal do Reino, confirmado por Carta de 7 de julho de 1626, morrendo sem descendencia.

Nomearemos neste periodo:

Francisco Pires d'Avila, que veiu a Angra no tempo da Restauração, prestando relevantes serviços, chegando mesmo, com risco de perder a vida, a oferecer-se para ir conferenciar com o governador do Castelo que em nome de Filipe de Castela se mantinha na Fortaleza.

Manuel Correia de Melo, filho de Pedro Correia de Melo e D. Beatriz Vieira, que comandava a força naval que cruzava os mares dos Açores para sustentar os direitos de D. João IV, e que durante longo periodo defendeu as naus que vinham da India, dos piratas que infestavam estes mares.

Tal era a consideração que tinham por este ilustre filho da Graciosa, que na procissão que se organizou após a rendição do Castelo, foi ele que levou o retrato de El-Rei D. João IV.

Constantino Pais Sarmento, casado com Isabel Tei-

xeira Fagundes, pai do Dr. Antonio Garcia Sarmento que viveu em Angra.

Tornou-se notavel na Restauração de Portugal promovendo e realizando a aclamação de D. João IV na Ilha Graciosa.

LUIZ MENDES D'ELVAS, do Conselho de El-Rei e do de sua fazenda; a quem haviam sido dadas as Alcaidarias-móres Moreira e Penedo por Portaria de 19 de dezembro de 1662 e 26 de fevereiro de 1663 que se achavam providas em outro. Mas porque vagara a capitania e Alcaidaria-mór da Ilha Graciosa por falecimento de D. Fernando Coutinho foi nela então provido em sua vida sómente por Alvará de 7 de abril de 1666 assim e da maneira que este a possuia, com obrigação porém de pagar de suas rendas a tença de 150$000 reis a Sebastião Correia de Larvela ou Cervela, durante a vida deste, por doação que El-Rei lhe havia feito.

PEDRO SANCHES FARINHA, do Conselho de El-Rei e secretario das mercês e expedientes.

Vaga a Capitania por falecimento de Luiz Mendes d'Elva, El-Rei dela lhe fez mercê por doação de 30 de maio de 1674 havendo respeito aos seus serviços de 24 anos anos ao País, mas em sua vida sómente.

Foi neste periodo, e a 6 de fevereiro de 1691 que amarrou no porto da Vila da Praia um navio inglês que dizendo vir carregado de bacalhau e azeite, saqueou a vila e prendeu muitos dos seus habitantes.

Por cerca da meia noite desembarcaram de bordo 36 marinheiros armados e, dirigindo-se á Igreja paroquial, a saquearam, prendendo depois os padres Antonio Fogaça e Sebastião Correia, e o capitão Aleixo Correia, tres irmãos que dois anos antes haviam comprado por arrematação uma barlanda inglêsa que naquele porto havia dado á costa, burlando os marinheiros de acordo com o respectivo escrivão da arrematação.

Os Capitães-mores da Ilha ao sinal da invasão reuniram a sua gente armada, mas nada puderam evitar e os piratas com os seus despojos e muita gente presa levantaram ferro. Dois dias depois desembarcaram o Padre Antonio Fogaça que se havia comprometido a entregar 200 patacas e 4 pipas de vinho pelo resgate dos ir-

mãos, mas não cumprindo a promessa deixou que o navio seguisse derrota, pelo que os dois irmãos se lançaram ao mar vindo a sair mortos na Ilha do Faial. Os mais presos foram desembarcar na Ilha do Fogo no arquipélago de Cabo Verde, onde o Bispo os recolheu e enviou para os Açores.

Conta-se que os de bordo se desouveram nas partilhas matando-se uns aos outros.

Nomearemos neste periodo:

Padre Pedro Correia Picanço, filho de Pedro Fernandes Balieiro e D. Maria Picanço Correia; foi ouvidor eclesiastico em toda a Ilha, visitador-geral e comissario do Santo Oficio, falecendo a 6 de maio de 1706.

Foi este eclesiastico que edificou as tres ermidas no pitoresco Monte d'Ajuda, sem duvida o mais lindo sitio de toda a Ilha, e bem assim a estrada que o corta.

As poeticas Ermidas, que no capitulo respectivo não foram nomeadas por erro de copia dos apontamentos, são invocadas a *S. João, Nossa Senhora d'Ajuda e S. Salvador*, existindo junto daquela Ermida a casa destinada aos romeiros que áquele Monte e Ermida concorrem durante o ano, construida por subscrição entre os graciosences residentes no Brazil.

RODRIGUES SANCHES BAENA FARINHA. Vaga a capitania por falecimento do seu Capitão, foi nela provido Manuel Joseph, neto do falecido e filho de Rodrigo Sanches Baena Farinha que ao tempo era Capitão da Ilha do Faial e que faleceu porèm pouco depois sem chegar a tirar o despacho. Por tal razão foi a capitania provida em seu pai, filho de Pedro Sanches Farinha por Portaria de 20 de fevereiro de 1705 e doação de 6 de dezembro de 1708, sendo tambem por portaria de 11 de fevereiro de 1713 feito Alcaide-mór do Faial.

PEDRO SANCHES DE FARINHA BAENA. Sucedeu ao pai, sendo provido nas capitanias e alcaidarias do Faial, Pico e Graciosa, por Alvará de 30 de setembro de 1733 e doação de 2 de janeiro de 1734.

Falecido em 18 de fevereiro de 1737, pretendeu a capitania sua irmã D. Isabel Tereza Farinha Baena, casada com D. Fernando d'Almeida, nunca a conseguindo e ficando sempre vaga e incorporada na Corôa Portuguêsa.

Sexta Capitania. Compreende as Ilhas de Faial e Pico, tendo por capital a actual cidade da Horta.

Foram seus capitães:

JOB VAN HUETER, que á Ilha do Faial chegou em 1466, com Carta dada por El-Rei D. Afonso V, por influencia de D. Isabel, sua tia, filha de D. João I e casada com Filipe III Duque de Borgonha e Conde da Flandres.

Era este Capitão flamengo, mas casado em Lisboa com D. Beatriz de Macedo, dama do Paço, de quem teve varios filhos, e com toda a sua familia e uma numerosa colonia de patricios seus se aposentou na Ilha do Faial gosando de todas as prerogativas e jurisdições dos capitães das Ilhas, trazendo consigo, ou mandando vir da Flandres religiosos franciscanos, para ministrarem a religião nas Ilhas do Faial e Pico e educarem a mocidade.

Faleceu em 1495, havendo alcançado por Alvará de 15 de outubro de 1484 o foro de fidalgo da casa de D. João II.

Nomearemos nesta administração:

Jorge da Terra, que veiu com o primeiro capitão que fixou residencia junto a uma encosta, para a parte do norte, onde formou um grande jardim que, segundo alguns, deu o nome á capital—Horta—que a pouco e pouco junto do jardim se foi estabelecendo.

Beduino d'Hueter, irmão do capitão e que com ele veiu na primeira colonização.

Antonio d'Hueter, primo do capitão e *Francisco de Quadros*, natural de Santarem, ambos vindos na primeira colonização.

Arnequim, «distinto por sua valentia e franqueza, o qual teve graves desinteligencias com o corregedor que veiu á Ilha pela primeira vez».

André Rodrigues, amigo particular do capitão, estabeleceu sua casa na Ilha do Pico, e é o tronco da familia Madruga.

Martim Becaim ou de Bohemia, natural da cidade de Nuremberg, que casou com Joana de Macedo, filha deste primeiro capitão, em 1486, insigne matematico, astrologo e historiador dos Açores, que viveu muitos anos na

Ilha do Faial, retirando-se já de idade avançada com sua familia para a Alemanha onde morreu.

JOB HUETER. Sucedeu na capitania por falecimento de seu pai, sendo nela confirmada por El-Rei D. Manuel a 31 de maio de 1509 e depois por D. João II em Carta de 22 de outubro de 1528. Seguindo o exemplo de seu pai activou a agricultura e a criação de gados nas duas Ilhas.

Foi casado com D. Isabel Côrte Real filha de João Vaz Côrte Real, capitão d'Angra, de quem teve filhos.

Foi feito Escudeiro fidalgo por El-Rei D. João III com mil reis de moradia, falecendo no Faial com testamento no qual ordenava que o enterrassem na Igreja de S. Tiago, defronte das suas moradas, a quem deixou a terça de seus bens.

Nomearemos nesta administração:

João Anes das Grotas, rico lavrador que se supõe viveu no sitio denominado D. Joana, da cidade da Horta, e cuja filha, Maria Vicente, casou com o capitão donatario Manuel d'Hueter Côrte Real.

MANUEL DE HUETER CORTE REAL, sucedeu na capitania ao pai, sendo nela confirmado por Carta de 15 de julho de 1550 de D João III.

Casou no Faial com Catarina Vicente de quem teve filhos, e em vida ainda desta casou em Lisboa com uma dama do Paço de quem havia tido uma filha, escondendo assim o seu estado com receio da autoridade Real. Correndo porém a noticia de que era casado e mais receioso ainda do castigo por cometer o crime de bigamia, faleceu pouco depois, recolhendo-se a segunda mulher a um convento.

Sobreviveu-lhe seu filho Gaspar d'Hueter Corte Real que havia casado com D. Elisa, em Lisboa, que requereu a capitania, mas falecendo pouco depois ficou a mesma vaga.

D. ALVARO DE CASTRO. Vaga assim a capitania, El-Rei D. João III a deu em 1553 a D. Alvaro de Castro com 250$000 reis de juro pagos na Feitoria das Ilhas e, se por acaso dentro de 6 anos a renunciasse, então El-

Rei lhe faria mercê de cousa equivalente á dita capitania.

Efectivamente por escritura de 6 de agosto de 1559 D. Alvaro e sua mulher D. Ana Ataide largaram a capitania sendo-lhe dada a jurisdição na Vila de Fonte Arcada.

Nomearemos neste periodo:

Diogo Fernandes, alemão, que foi fronteiro em Africa, e que fundou na Horta o convento de religiosas de Santa Clara sob a proteção de S. João Baptista e nele meteu duas filhas freiras.

Soror Isabel de Jesus, do convento de S. João Baptista da Horta, que indo á Ilha Terceira a curar-se de suas doenças, lá fundou em 1567 o convento de Nossa Sanhora da Esperança.

D. FERNANDO DE MASCARENHAS (Vice-rei da India e Conde da Vila da Horta). Vaga novamente esta capitania, alcançou-a D. Fernando por Carta de D. Manuel de 10 de março de 1573, com toda a jurisdição civil, crime e mais partes, como a possuiram os capitães anteriores.

Na sua ausencia, e a 9 de setembro de 1589, foi a Ilha do Faial invadida por piratas ingleses que numa esquadra de 125 navios haviam vindo aos mares dos Açores esperar as naus portuguesas que vinham da India para as roubarem.

Os invasores entraram pelo porto da Feteira, incendiaram um grande numero de casas e Igrejas depois de saquearem o que melhor encontravam.

A 29 do mesmo mês entrarem tambem na Ilha do Pico pelo porto da Magdalena morrendo na defesa que então opôs á invasão o capitão-mór da Vila de S. Roque Francisco Vieira.

Nomearemos neste periodo:

Diogo Gomes da Silveira, neto de Guilherme da Silveira, que durante muitos anos foi Ouvidor do Capitão e o primeiro capitão-mór do Faial.

Antonio Teles, capitão-mór da Ilha do Faial.

Antonio Utra Machado e Francisco da Silveira, juizes eleitos no tempo da aclamação de D. Antonio Prior do Crato e seus adeptos.

Estevão Serveira, Jorge Lopes e Fr. Melchior, muito partidarios de D. Antonio, que foram a Aveiro saber noticias suas, depois da sua derrota em Lisboa.

Pedro Antão, muito afecto a D. Antonio e que durante a sua estada no Faial lhe havia tirado o retrato, pelo que este lhe concedeu o Habito de Cristo. Com a victoria porém das armas de Castela foi preso, e levado a Angra foi condenado a correr as ruas publicas com baraço e pregão e degredo em Africa.

Tomás de F. Pereira e Aires de P. Pereira, capitães que seguiram o partido de D. Antonio e foram depois presos para Angra..

JERONIMO D'HUETER CORTE REAL, filho do capitão Manuel Hueter e que se havia habilitado a esta capitania por morte de seu irmão Gaspar Hueter que pouco sobrevivera ao pai e obtendo sentença favoravel em 6 de setembro de 1571, mas só foi provido por Carta de Filipe II de 15 de junho de 1582, sendo então retirada a capitania a D. Fernando de Mascarenhas.

Casou em Lisboa com D. Maria d'Azevedo, tendo um filho, Luiz d'Hueter Corte Real que morreu na India, e uma filha D. Luiza Côrte Real que casou com Pedro Coêlho.

Em 1597, uma esquadra inglêsa de 140 velas, comandada pelo Conde de Essex, que cruzava os mares dos Açores esperando as naus da India para as roubar entrou no porto do Faial dasembarcando parte da tripulação que saqueou e incendiou alguns predios de particulares e 4 Igrejas, entre as quais a Matriz.

Nomearemos neste periodo:

Francisco da Silveira, que foi Ouvidor do capitão e se esforçou para alcançar de El-Rei ordem para a reedificação das Igrejas incendiadas pelos inglêses,

Estacio d'Hueter, que como procurador do conselho da Horta foi a Lisboa representar a El-Rei a necessidade de se mandar reedificar as Igrejas incendiadas, o que foi logo decretado trazendo ele mesmo ordem para o Provedor da Fazenda satisfazer as despesas; foi cativo pelos inglêses quando regressava desta viagem.

D. Catarina Côrte Real, filha do 3.º Capitão Ma-

nuel d'Hueter e Catarina Vicente, que deu todos os seus bens para a construção do convento da Gloria na Horta, por escritura de 9 de janeiro de 1608.

Alexandre Manuel, que muito se distinguiu como cirurgião na Ilha do Faial.

D. MANUEL DE MOURA CORTE REAL. Vaga a capitania por falta de filho varão, foi nela provido D. Manoel de Moura, Conde de Lumiares, por Carta de 16 de dezembro de 1614, em sua vida sómente.

Nomearemos neste periodo:

Diogo Pereira de Lacerda, capitão-mór da Horta e por muitos anos ouvidor do capitão.

Domingues Marques, que em 1618 fundou a Ermida de S. João Baptista no sitio da Arruda (Ilha do Pico) que passou mais tarde a ser a paroquial da freguesia de S. João.

Francisco Hueter e Quadros, capitão-mór da Horta e ouvidor do capitão que exerceu identico cargo em Angra quando em 1624 foi chamado a Lisboa o Governador e capitães-móres da Ilha Terceira, por virtude de desinteligencias entre eles.

Foi nesta ocasião que Francisco d'Hueter conheceu os jesuitas já estabelecidos em Angra e lhes fez a oferta de terrenos na Horta para a construção de um colegio que foi aceita, estabelecendo lá os jesuitas uma das suas casas.

Francisco Gil da Silveira, Capitão-mór da Horta, que com sua mulher D. Helena Roim tentaram em 1639 a favor da Santa Casa da Misericordia e de todos os conventos da Ilha do Faial e ainda contribuiram para a construção da Ermida de Nossa Senhora da Boa Nova.

Jorge Goulart Pimentel, capitão-mór da Ilha do Faial, fidalgo da casa de El-Rei, comendador da Ordem de Cristo que muito se empenhou na fortificação da Ilha e na reconstrução das Igrejas incendiadas.

Capitão Gonçalo Pereira de Lacerda, da Ilha do Faial onde serviu nas milicias, embarcando em 1642 para a Côrte com o general Antonio Saldanha. Fez diferentes campanhas na guerra da Restauração, tendo sido deixadopor morto na batalho de Montijo.

Em recompensa dos seus serviços El-Rei lhe concedeu a comenda da Ordem de Cristo com a pensão de 30$000 reis.

Manoel Brum da Silveira e Frias, filho de Jeronimo de Brum da Silveira, que casou com Guiomar Soeiro da Ilha de S. Miguel e onde viveu e a quem chamavam o padroeiro, por o ser de varios conventos de Freiras e recolhimentos de S. Miguel.

Foi Capitão-mór da Vila da Ribeira-grande e uma das pessoas de maior fortuna.

RODRIGO SANCHES BAENA FARINHA. Por falecimento de D. Manoel de Moura foi nela provido por Carta de 16 de fevereiro de 1680 Rodrigo de Baena, filho do capitão da Graciosa, Pedro Sanches de Farinha, que depois a reuniu á da Graciosa, ficando assim Capitão e Alcaide-mór das duas.

Nomearemos neste periodo:

Capitão Antonio Brum da Silveira, ouvidor do capitão e que por ele tomou posse do logar em 6 de abril de 1680, desempenhando depois as funções de juiz da Alfandega.

Capitão-mór Antonio da Cunha Silveira, que em 1723 foi á Ilha do Pico como procurador da Camara da Horta assinar a concordata entre esta camara e a da Magdalena, quando esta foi elevada a Vila, sobre as despesas a fazer com a construção da casa da Camara e cadeia, em que a Horta concorreria com a metade, deixando que do Pico saissem para a Horta os produtos agricolas dos proprietarios desta.

Capitão Antonio Machado de Lima, que juntamente com sua consorte D. Maria de Betencourt dotou a capela de Nossa Senhora da Conceição, protectora dos estudantes, em 1697, da Igreja dos jesuitas da Horta.

Jorge Cardoso Pereira, capitão-mór do Faial, que se distinguiu na atitude que tomou contra um patacho de guerra francês que em 1694 aprisionara uma balanda inglêsa no porto da Horta, fazendo com que os franceses se retirassem deixando em paz a balanda inglêsa.

Capitão Antonio da Silveira Linhares, que em 1700

construiu junto a uma sua quinta, nas proximidades da Horta uma Ermida invocada a Santo Antonio com um hospicio para cinco religiosos, 17 alqueires de terra e a renda de dois moios e meio de trigo e cinco pipas de vinho.

Veneravel Padre Pedro Utra de Quadros, descendente do capitão-donatario Manoel Hueter Côrte-Real. Entrou na Companhia de Jesus, foi Reitor no colegio de S. Miguel, visitador das mais Ilhas dos Açores, Reitor do Noviciado em Lisboa, consultor da Provincia de S. Roque e Reitor do Colegio de Coimbra, onde morreu a 5 de abril de 1716.

PEDRO SANCHES DE FARINHA BAENA. Por morte de seu pai, que se deu no ano de 1730, foi tambem provido nas capitanias e alcaidarias-móres, por Carta de 30 de julho de 1734, com o titulo de Alcaide-mói, falecendo sem descendencia, como atrás se disse, na capitania da Graciosa, ficando assim vaga a capitania.

Nomearemos neste periodo:

Padre Teodosio Ferreira de Melo, paroco da Igreja de Nossa Senhora da Conceição em 1749, que muito se empenhou pela reedificação de sua Igreja.

Padre Matos, Vigario da Praia do Almoxarife, que em 1758 reedificou a sua Igreja, dedicando-se a esta obra com tal ardor que chegou a servir os pedreiros levando-lhes mescla e pedras.

Diogo Berquó d'El-Rio, e mulher D. Joana Margarida Jaques, da Ilha do Pico, que em 1760 edificaram á sua custa a Ermida de Nossa Senhora da Pureza no sitio do Lagido.

Manoel Valadão, capitão-mór e *Miguel Pimentel de Mesquita*, sargento da Ilha do Faial, que em seus testamentos deixaram voliosas dadivas aos conventos da Ilha.

D. Antonio Taveira Brum e Frias, Arcebispo primáz de Gôa, natural do Faial, que por escritura de 28 de dezembro de 1764 se instituiu padroeiro da Capela do S. S. da Igreja do Carmo da mesma Ilha, doando-lhe a quarta parte de todos os seus bens.

Padre Manuel Paim de Frias, irmão do Arcebispo

que lhe deixou em testamento todos os seus bens, aumentando assim a dadiva á capela do S. S.

Dr. Fr. Alexandre da Sacra Familia, que nasceu na Horta, a 22 de maio de 1737, filho de José Ferreira da Silva e D. Antonia Margarida Garret.

Foi educado no convento dos Franciscanos da Horta, professou na mesma ordem, sendo eleito bispo da diocese de Malaca. Passou depois para S. Paulo de Loanda, vindo a morrer na de Angra para onde havia sido despachado por falecimento de D. José Pegado.

Fr. Tomás da Soledade, o padre Galo, que nasceu na Vila da Horta em 1758, falecendo em 1823, definidor do convento de S. Francisco. Foi poeta, orador de fama, erudito e por vezes satirico.

Dr. Manuel Inacio de Sousa Sarmento, que nasceu na Horta em 1739, e cultivou com esmero a poesia.

João Pereira de Lacerda, nascido na Horta a 12 de agosto de 1772, cultivou a poesia, mais no genero satirico, sendo considerado um dos melhores poetas do Faial.

Setima capitania. Compreendendo as Ilhas das Flores e Corvo.

Se bem que ainda em 1507, na opinião de Valentim Fernandes, eram estas Ilhas desabitadas, é certo, porém, que antes de esta epoca tinham lá seu capitão com jurisdição definida, e assim:

DIOGO DE TEVE e seu filho JOÃO DE TEVE, que, como já dissemos, vieram com Jacome de Bruges para a capitania da Terceira, por haverem descoberto estas Ilhas ou se haverem delas apossado, as venderam a Fernam Teles, antes ainda de 1474.

FERNAM TELES. Depois da compra que fizera das Ilhas, alcançou de El-Rei D. Afonso V por Carta de 28 de janeiro de 1475 a donataria das mesmas com todos os frutos, direitos e tributos e toda a jurisdição civel e crime, mero, mixto, imperio, com todas as pessoas que nelas morassem e as povoassem, reservando porém, a alçada de morte e talhamento de membros nos feitos crimes,

Foi casado com D. Maria de Vilhena que, quando viuva e juntamento com seu filho Ruy Teles, fez delas venda a

JOÃO DA FONSECA, sendo esta venda confirmada por Carta de El-Rei de 1 de maio de 1504, com todos os privilegios, graças e jurisdições do Capitão antecedente.

PEDRO DA FONSECA. Sucedeu na capitania ao pai como filho mais velho varão, sendo nela confirmado por Carta de 6 de agosto de 1528 com todas as clausulas e condições dos antecedentes.

Por sua morte, seu filho João de Sousa requereu a habilitação, mas falecendo pouco depois do pai foi dada ao filho segundo.

Nomearemos neste periodo:

Antão Vaz e Lopo Vaz, que de Castela vieram a esta Ilha, no intuito de a colonizarem.

GONÇALO DE SOUSA. Por Carta de 12 de janeiro de 1548 foi confirmado na capitania de seu pai pela razão dos muitos serviços prestados na cidade de Dio por seu tio Monuel de Sousa, irmão de sua mãe D. Violante, El-Rei D. Sebastião por sua vez o confirmou na capitania por doação de 12 de setembro de 1575 na qual determinava como devia usar da sua jurisdição egualando o em tudo aos outros Capitães das Ilhas.

No interregno deste para o seguinte donatario foi a Ilha invadida por uma esquadrilha de cinco navios Inglêses, entrando na Vila das Lages a 25 de junho de 1587, saqueando as casas e maltratando os habitantes.

D. FRANCISCO DE MASCARENHAS (Conde de Santa Cruz). Estando vaga esta capitania por falecimento de Gonçalo de Sousa a proveu El-Rei D. Filipe por Carta de 17 de setembro de 1593 em D. Francisco de Mascarenhas, que, como se viu, perdeu a capitania do Faial.

Nessa Carta lhe concede El-Rei toda a jurisdição e senhorio de juro e herdade para ele e seus descendentes em linha direita masculina, reservando para si a correição e alçada, e mais lhe concede:

a) todas as rendas, foros e direitos pertencentes á sua fazenda.

b) a confirmação dos juizes que saissem eleitos.

c) dar cartas de oficiais de escrivão da Camara, Almotaçaria e Tabelião do publico, judicial e notas.

d) ter Ouvidor por si nas ditas Ilhas e que estes conhecessem dos agravos que viessem do juizo.

e) tomar posse dos gados, escravos e todos os moveis que nas ditas Ilhas existissem pertencentes a D. Beatriz de Taveira mulher do capitão falecido a quem sómente lhe concederiam as terras ocupadas por seu marido.

f) finalmente lhe foi concedido o titulo de Conde de Santa Cruz com todas as honras e proveitos a ele inherentes.

Anexo á capitania das Flores e Corvo andava a Comenda, com as seguintes obrigações:

1) pagar anualmente para o fisco 20$000.

2) cuidar do provimento e pagamento dos ministros eclesiasticos.

3) promover e auxiliar a construção e conservação das Igrejas paroquiais.

4) promover e auxiliar tudo quanto respeitasse ao culto religioso.

Para sustentação desta Comenda fora dado por El-Rei o dominio de todas as terras que nas duas Ilhas houvessem desocupodas, que, tendo sido aforadas pelo capitão-donatario e comendador, rendiam:

As terras do Corvo—40 mois de trigo e 80$000 em dinheiro.

As terras de Santa Cruz—10,5 moios e a renda de 3 moinhos de cereais.

As terrras das Lages 42,5 moios e a renda de 3 moinhos.

D. MARTINHO DE MASCARENHAS (2.º Conde de Santa Cruz). Por falecimento de seu pai sucedeu-lhe na capitania sendo confirmado por Carta de 3 de janeiro de 1608 e depois por outra de 20 de setembro de 1624. com todas as honras, prós e precalços de seu antecessor.

Nomearemos neste periodo:

Cristovam Pimentel, filho de Baltazar Pimentel, da

lha das Flores, que casou em Angra do Heroismo com Luiza de Melo, filha de D. Pedro Ortiz de Melo, Alferes-mór do castelo de Angra no tempo de Filipe II.

D. BEATRIZ DE MASCARENHAS (Condessa de Santa Cruz). Havendo falecido D. Martinho sem deixar filho varão, El-Rei proveu então esta capitania em João de Mascarenhas casado com D. Beatriz filha de D. Martinho, por Carta de 15 de junho de 1650 e bem assim lhe concedeu o titulo de Santa Cruz.

Nomearemos neste periodo:

Fr. Diogo das Chagas, natural das Flores, amigo particular de Francisco d'Ornelas que mais tarde foi capitão-donatario da Vila da Praia, auxiliando-o e aconselhando-o por ocasião da Restauração e aclamação de D. João IV, na Ilha Terceira.

Escreveu o *Espelho Cristalino*, Historia de todas as Ilhas dos Açores.

Padre Inacio Coelho, Vigário da Matriz de Santa Cruz das Flores, que se evidenciou no tempo da Restauração de Portugal, enviando para Angra sessenta soldados para auxiliar a rendição dos castelhanos.

D. MARTINHO DE MASCARENHAS (4.º Conde de Santa Cruz). Como filho mais velho de D. João, sucedeu na capitania ao pai, sendo confirmado por Carta de 30 de junho de 1657 na jurisdição, rendas e direitos, dados por oficios de juros e herdade, uma vez fóra da lei mental.

D. JOÃO DE MASCARENHAS (5.º Conde de Santa Cruz). Sucedeu ao pai na jurisdição da capitania e nela foi confirmado por Carta de 4 de abril de 1682.

D. MARTINHO DE MASCARENHAS (6.º Conde de Santa Cruz). A requerimento de sua mãe D. Tereza de Moscoso, Condessa de Santa Cruz, como tutora e administradora de seus bens, foi D. Martinho confirmado nesta capitania por Carta de 2 de julho de 1692 com a mesma jurisdição de seu pai.

Nomearemos neste periodo:

João Pimentel de Mesquita, sargento-mór das Flores e sindico do convento de S. Boaventura.

Manuel Furtado Mesquita e Diogo Pimentel de Mesquita, ambos capitães-móres das Flores.

Bartolomeu Lourenço Pimentel, capitão-mór das Flores e um dos benfeitores do Convento de S. Boaventura.

D. JOÃO DE MASCARENHAS (7º Conde de Santa Cruz e Duque d'Aveiro). Sucedeu ao pai na capitania e nela foi confirmado por Carta de 13 de agosto de 1739.

Mais tarde, já então Duque de Aveiro, envolveu-se na aventura e atentado contra D. José, Rei de Portugal, sendo justiçado e confiscados todos os seus bens.

As terras qde então possuia no Corvo e Flores, pertencentes á Comenda, foram aforadas por tres vidas a Pedro José Caupers, guarda roupa de D. João VI por Carta de 28 de janeiro de 1815, pela renda anual de cem mil reis, com obrigação dos encargos da comenda.

Em 1833 então Manuel Tomás de Avelar natural da Ilha do Corvo, condoido da miseria a que estavam reduzidos os seus patricios, partiu para Ponta-delgada, capital da Ilha de S. Miguel, onde se achava o Imperador D. Pedro, a quem expôs a triste situação a que estava reduzida aquela pequena Ilha, alcançando dele a liberdade dos Corvinos dos encargos a que estavam sujeitos.

E assim terminou a capitania das Ilhas das Flores e Corvo.

D. Pedro indenizou os herdeiros de Campers, com 350$000 reis, aboliu o foro a dinheiro (80$000) e reduziu o foro de trigo do Carvo a 20 moios; ao mesmo tempo reduziu a 20$000 os 100$000 que o Caupers pagava ao Estado.

Em 1853, foi ás Flores e Corvo o Dr. Augusto Machado de Faria e Maia, com procuração de seu irmão primogenito José Machado de Faria e Maia, neto do Caupers e vendeu aos foreiros os foros que ainda recebia.

A guerra entre a Inglaterra e America, por causa da independencia desta, deu logar que a America lançasse ao mar grande numero de navios ao corso.

Assim no tempo em que era capitão-mór das Flores João Antonio de Mendonça, dois navios americanos entraram na freguesia da Lomba no sitio da Ribeira-funda da Vila das Lages afim de se proverem de agua.

Amedrontados os florentinos dos corsarios, investi-

ram contra os americanos e, refugiando-se no forte de Santo Antonio, fizeram fogo para as lanchas e para os proprios navios, que fugiram.

Nomearemos finalmente.

Tomé Furtado de Mendonça, Vigario da Matriz de Santa Cruz que fundou em 1741 a Ermida de San Sebastião.

Padre José Antonio Camões, professor de latim na Ilha das Flores e versejador muito reputado no seu tempo.

Corregedorias. Para restringir, porém, e até certo modo modificar os poderes delegados pelos Donatarios e confirmados pelos Reis aos Capitães, e mesmo sobre a jurisdição dos Juizes ordinarios e para assim unificar quanto possivel o governo açoreano, creou El-Rei D. Manuel no ano de 1503, o logar de *Corregedor*, Desembargador da Casa do Civel do Porto, que visitava os Concelhos em correição, e a seu cargo estava:

1) conhecer da receita e despesa do Municipio.
2) Presidir ás eleições municipais, naqueles concelhos em que o Capitão não tinha esse privilegio, como o teve durante algum tempo em S. Miguel.
2) autorizar certas despesas com assentimento dos que costumavam andar no governo das Camaras, taes como: concertos de estradas, plantações de arvores nos terrenos concelhios, concertos de aguas, praças e pontes.
4) conhecer das demandas civeis e crimes, quer entre o municipio e os particulares, quer mesmo entre os particulares.
5) inquirir e conhecer do deliberado nas correições passadas e fiscalizar o seu cumprimento.
6) estendia a sua jurisdição sobre o poder militar.
7) e juntamente com os oficiais do Municipio, *vereadores*, e gente que costumava andar no governo das camaras, criava posturas.

Usava a jurisdição visitando pessoalmente os concelhos com meirinho, escrivão e porteiro, sendo saudado á entrada e saida do concelho por uma salva de artilharia na fortaleza principal da Vila, sendo encargo das Camaras a sua aposentadoria e a do seu pessoal.

Tinham os corregedores assento em Angra, e d'i percorriam todas as Ilhas, mas pelo conhecimento, a q se chegou que era em demasia o trabalho para um s Corregedor, logo em 1534 apareceu-nos um segundo Co regedor, que tomando assento em S. Miguel extendia sua jurisdição nas duas Ilhas que formam o grupo or ental, Santa Maria e S. Miguel, enquanto o outro corrig as demais Ilhas do Arquipélago.

Foram Corregedores:

Afonso de Matos, conhecido então pelo —*cabeça d vaca*;— foi o primeiro corregedor, vindo com este carg para os Açores em 1503.

Antes servira de Ouvidor do Capitão-donatario Joã Vaz Côrte Real, da Ilha Terceira, e aqui teve seu assen to, percorrendo as demais Ilhas em visita, para exerce assim a sua jurisdição.

Bacharel Ruy Pires, que veiu no ano de 1510, e che gando a S. Miguel em correição no ano seguinte desou ve-se com o Ouvidor do Eclesiastico em Vila-franca d Campo sobre sua jurisdição, e tão tensas foram as con tendas que o ouvidor o excomungou lançando em segui da o interdito a toda a Ilha enquanto nela permaneces se com alçada o corregedor, que nela esteve 4 meses.

A Camara de Vila-franca representou então es te sentido a El-Rei pedindo chamasse o corregedor, alegan do que o povo padecia com a sua estada, por falta de recursos eclesiasticos.

Ruy Gonçalves Maracote, desembargador da Casa do Civel, que tendo tomado posse no ano 1512, termi nou a sua correição em 1514, voltando nesta data para Portugal.

Licenciado Jeronimo Luiz, que recebeu do povo o cognome de —o bom— pela rectidão e justiça com que de sempenhava o seu cargo para que fora nomeado em 1515.

Tinha tal cuidado no julgamento das causas que conta-se, havendo um rico lavrador levado apelação de uma sua sentença numa acção contra uma pobre viuva da Maia, e havendo o desembargo dado provimento ao apelante, censurando o corregedor por julgar favora vel á viuva, este se embarcou imediatamente para a Côr te, deixando em meio a correição, a expor pessoalmente

sua queixa a El-Rei que, mandando vir o processo em revista, tal justiça encontrou que confirmou a sentença do corregedor.

Licenciado Antonio de Macedo, nomeado por Alvará de 20 de abril de 1521 e que veiu por ordem de El-Rei a esta Ilha de S. Miguel em sindincancia sobre se o capitão-donatario tinha ou não feito as atafonas a que era obrigado.

Licenciado Domingos Garcia, que veiu no ano de 1527 e que no ano 1528 aprovou o acordo lavrado entre as Camaras da Ilha Terceira sobre terem uma boa irmandade e visinhança comum, e assim não fosse defeso levar-se mantimentos de um para outro concelho

Licenciado Aires Pires Cabral, nomeado por Carta Regia de 23 de março de 1531, serviu no cargo até 1532, dividindo-se a correição em duas—uma compreendendo a Ilha de S. Miguel e Santa Maria e a outra as demais Ilhas dos Açores, segundo Carta de D. João III de 2 de agosto ne 1534.

Dr. Francisco Toscano, que veiu no ano de 1534 com jurisdição tão sómente sobre as Ilhas de S. Miguel e Santa Maria. Casou uma filha D. Isabel, com Sebastião de Sousa, filho do Pedro Afonso da Costa Cogumbreiro, de S. Miguel.

Braz Cota, veiu então como corregedor das outras Ilhas dos Açores, determinando o Alvará de 7 de setembro de 1535, que o corregedor exercesse a sua profissão na capitania da Praia nos meses de abril e maio, na de Angra, junho a setembro, e os outros 6 meses os repartisse pelos outras Ilhas a saber:—2 meses na Graciosa, 2 no Faial, 2 em S. Jorge e 2 no Pico; e se houvesse tempo corresse as demais Ilhas (Flores e Corvo).

Dr. Manuel Alvares, para S. Miguel e Santa Maria no ano de 1540, tomando posse em Ponta-delgada a 24 de maio deste ano.

Jeronimo Luiz, —o mau— por suas obras não terem sido como as do outro corregedor de egual nome, que foi chamado o bom.

Era baixo, magro e seco, de 35 anos apenas e veiu

como corregedor da cidade de Angra e Ilhas de baixo, nomeado por Carta Regia de 20 de outubro de 1539.

Licenciado Gaspar Touro, nomeado corregedor de todas as Ilhas dos Açores, por Carta Regia de 17 de julho de 1543.

Uniram-se neste corregedor novamente as correições das Ilhas dos Açores, e veiu com regimento especial segundo provisão de 18 de julho daquele ano.

Gaspar Correia, no ano de 1551.

Dr. Manuel da Fonseca, que veiu despachado no ano seguinte.

Dr. Luiz da Guarda, que veiu no ano de 1552 tendo que visitar S. Miguel e Santa Maria nos meses de de janeiro a abril, o que nem sempre aconteceu por desacordos com o Ouvidor do Capitão que alegava não haver outra justiça na terra além da do Capitão.

Manuel Luiz, veiu em 1557.

Desembargador Afonso Figueira, nomeado por Alvará de 27 de agosto de 1558, vindo com regimento de tomar nos Açores conta aos Almoxarifes, recebedores e alfandegas.

Gil de Vila Lobos, que serviu no ano de 1560.

Lobo da Gama; diz Gaspar Fructuoso que foi o corregedor que se seguia; era da geração dos Gamas de Portugal.

Fernão Cabral, em 1561, como serviço extraordinario.

Fernão Lopes Pinheiro, no ano de 1562 de quem agravam os juizes e vereadores, por ele se intrometer no Regimento da terra e não lhes deixar fazer os seus acordãos, julgando a Relação a 9 de julho de 1562:—*que o corregedor deixasse os vereadores usar livremente de suas posturas, ordenanças e costumes como sempre usaram.*

Licenciado Gaspar Ferraz, no ano de 1565, por Alvará de 5 de junho, com regimentos mais latos que os anteriores, datado de 27 de junho de 1565, sendo autorizado por Alvará de 18 de março de 1567 a servir de capi-

tão-mór em Angra durante o impedimento do capitão Manuel Côrte Real, determinando que extendesse a sua jurisdição até á Praia, quando as circunstancias o determinassem.

E aqui começou, até á entrada dos Hispanhois, a servirem de capitães-móres os corregedores.

E este cargo exerceu até á sua saida em 1568, ordenando El-Rei que nenhumas querelas se pudessem aceitar contra ele, ante qualquer justiça, sem sua ordem.

Gaspar Pereira de Lagos, no fim do ano 1569.

Teve varias desinteligencias com os Juizes d'Angra, pelo que pouco se demorou nas Ilhas, não chegando a ir a S.Miguel.

Licenciado Diogo Alvares Cardoso, provido no logar por Alvará de 9 de maio de 1571. Foi o primeiro corregedor trienal; até então não tinham tempo determinado.

Fernão de Pina Marreros, por Carta de 15 de setembro de 1570.

Nas camaras determinou posturas e regulamentos policiais, no eclesiastico influiu bastante na reforma de costumes.

Foi assassinado á traição por sequazes do Prior de Crato, porque não seguia a sua politica.

Dr. Ciprião de Figueiredo de Lemos Vasconzelos, por Carta Regia de 15 de maio de 1578 por tempo de 3 anos.

Teve varias desintelegencias com o Bispo D. Pedro de Castilho por este se meter no que pertencia ás justiças de El-Rei, chegando este a ser censurado por sentença da Relação, autorizando-se ás justiças seculares a não obedeceram ao Bispo; sendo um fervoroso adepto de D. Antonio Prior de Crato, foi feito Governador das Ilhas, ganhando credito de grande general.

Dr. Diogo de Barros, que não foi á Ilha Terceira, mas sim sómente á de S. Miguel, onde exerceu seu mister.

Gaspar Gamboa, que D. Antonio deixou em Angra no logar de Ciprião de Figueiredo, e que trouxera consigo para este mesmo cargo, nomeando-o por Carta Regia de 19 de novembro de 1582.

Derrotado porém D. Antonio, e na ocasião em que este corregedor entrava em sua casa com Cristovam Soares d'Albergaria que tinha promessa de D. Filipe do cargo de corregedor, por lhe oferecer alguns dos seus livros de estudo, foi preso pelos soldados que saqueavam a cidade e mandado para uma galé e depois para a cadeia onde foi enforcado, sendo o corpo entregue aos Irmãos da Misericordia.

Cristovam Soares d'Albergaria, sucedeu-lhe no cargo; havia sido Juiz de fóra em Ponta-delgada, sendo sempre muito partidario dos Filipes, tendo andado em serviço de El-Rei com Ambrosio d'Aguiar Coutinho.

Foi Cavaleiro do Habito de Cristo com 50 cruzados de tensa, elevados depois a 100 cruzados.

Diogo Monteiro de Carvalho, no ano de 1594 casado com D. Helena, irmã de Heitor Homem, e não tendo filhos passaram seus vinculos para o Padre Homem da Costa, falecendo no principio do ano 1599.

Bacharel Leonardo da Cunha, nomeado a 25 de fevereiro de 1599, por transferencia de Leiria, tomando posse a 22 de março de 1600 em Ponta-delgada.

Por varios vexames que exerceu sobre os povos e governadores das camaras, dele se queixaram os vereadores de Ponta-delgada, pelo que vieram sindicantes a saber do procedimento do corregedor, sendo por este motivo substituido em 1606.

Francisco Botelho, despachado em 7 de setembro de 1606, sendo o 1.º corregedor que veiu com beca e posse tomada na Relação do Porto.

Roque da Silveira, que tomou posse a 31 de outubro de 1607, vindo transferido de Guimarães.

Manuel Ferreira Delgado, que exerceu este cargo desde 1610.

João Correia de Mesquita, que tomou posse a 24 de setembro de 1611— desenvolveu muita actividade nas fortificações militares contra os corsarios que então infestavam estes mares. Por causa de uma eleição de almotacé, em Angra, em que houve alevantamento do povo, mandou este corregedor prender o Juiz mais velho Lopo Gil Fagundes, que se vinha opondo á dita eleição,

dando isto em resultado ser dado por acabado o tempo ao corregedor e nomeado outro.

Manuel Correia Borba, natural do termo de Alcobaça, chegando á Terceira em outubro de 1618.

Pretendeu ampliar tanto as suas atribuições que inquietou os povos desta Ilha, que constantemente agravaram os seus actos.

Pedro Vaz Freire, no ano de 1622 que, por causa das rixas que havia na Terceira entre dois bandos politicos, foi chamado a Madrid com outros altos funcionarios em 1624; era um politico exaltado e incapaz de se colocar na imparcialidade, como exigia o seu cargo.

Francisco de Carnide, que tomou posse do cargo a 5 de maio de 1626, que em 1624 fora mandado por El-Rei para sindicar das desavenças entre o governador do Castelo, D. Pedro Estevam d'Avila, e os moradores da cidade.

Fernão Gameiro Massão, que exerceu a correição em 1631.

Diogo Marchão Temudo, por provisão de 6 de março de 1634, e parece que tão bem se houve neste cargo que El-Rei o promoveu a Desembargador do Paço.

Dr. Diogo Botelho, por provisão de 6 de maio de 1640, que servia de Juiz do crime na Côrte; tomando posse a 20 de maio deste ano, morreu a 9 de outubro do mesmo ano, enterrando-se no alpendre da Sé, de degraus a dentro.

Desembargador Manuel Ferreira Delgado, provido a 9 de abril de 1641; assistiu ao movimento em Angra da rendição dos castelhanos.

Gaspar Mousinho Borba, com regimento de 7 de março de 1642, veiu aos Açores com o unico fim de conhecer da nova moeda e sua cunhagem em todas as Ilhas, excepto em S. Miguel.

Licenciado Antonio Raposo, provido em 7 de abril de 1644. De genio aspero e revoltoso e pouco sabedor do seu oficio, teve graves desinteligencias, sendo por vezes repreendido.

Desembargador Diogo Ribeiro de Macedo, extraordinario, por Carta d'El-Rei de 22 de junho de 1646, veiu aos Açores e Madeira tomar conta pelos livros das Alfandegas e devassar do procedimento dos oficiais e provedor das Alfandegas.

Depois deste e no mesmo fim veiu Manuel Teixeira d'Azevedo.

Sebastião d'Abreu Serrão, tomando posse a 21 de maio de 1648, que procedeu no seu oficio com muita rectidão, nada constando em seu desabono.

Francisco Soares d'Almeida, tomando posse a 26 de maio de 1651; dele determinou El-Rei por decreto lavrado no dia seguinte—«que tudo o que ele de novo resolvesse em contrario do que se achava disposto, não tinha vigor».

Dr. Gaspar Pinto de Sousa, tomou posse a 12 de junho de 1655, fidalgo tão presumido e vaidoso da sua nobreza que dizia:—«que quando o picassem lançaria de si sangue real».

Licenciado André Lopes Pinto, que deixara o cargo de provedor na cidade de Elvas, chegando ás Ilhas em julho de 1659.

Domingos Pereira da Silva, auditor da guerra no Alentejo, de onde era natural, chegou em junho de 1662, procedendo com justiça e pacientemente em seu oficio.

Bento Casado Jacome, auditor de guerra no Alemtejo, provido em 16 de setembro de 1666. Foi grande defensor da jurisdição real, sendo honesto e honrado.

Francisco d'Ataide, que veiu no ano seguinte 1667, tão zeloso das cousas reais que entrando nas casas da Camara repreendia os abusos e relaxações que encontrava.

Manuel Bicudo Delgado de Mendonça, natural da Ilha de S. Miguel, provido no ano de 1670.

Foi um dos mais sabedores do seu oficio, sendo depois transferido para o Desembargo dos Agravos em Lisboa.

José Galvão de Lacerda, cavaleiro da ordem de Cristo e alcaide-mór do Barreiro, corregedor de Leiria. Tomou posse a 17 de agosto de 1675.

Era bastante versado no seu oficio, prudente e tão compadecido da pobreza que muitas vezes condenava os pobres em Padre Nossos e Ave-Marias.

Terminado o trienio foi para o Reino, sendo mais tarde feito desembargador do Paço. Mandou plantar amoreiras para o Bicho de seda em todo os Açores.

Luiz da Cunha de Toar, cavaleiro do habito de Cristo, tomou posse a 27 de agosto de 1678; menos experimentado e prudente que o antecessor.

Encarregado por El-Rei de sindicar os actos de algumas pessoas, procedeu com certos odios. Não terminou o trienio.

Luiz Matoso Soares, que em 1680 veiu substituir o antecessor, com recomendação de indagar sobre o procedimento do ministro da Alfandega; procedeu com certa rispidêz no desempenho do seu cargo.

Simão da Costa Estacio, natural de Castelo Branco tomou posse a 3 de setembro de 1684.

Manuel Ferreira da Silva, com provisão de 12 de fevereiro de 1687, chamado o trovão da justiça, por umas contendas que teve em Angra com Francisco Guerreiro.

Trouxe provisão de se demorar em S. Miguel mais 3 meses além do tempo que a lei lhe prescrevia.

João Soares Barbudo, no ano de 1691. Homem probo e inteligente em materias do seu oficio.

José Gomes d'Azevedo, tomou posse a 27 de maio de 1604.

Dr. Francisco Cordeiro da Silva, provido a 20 de Junho de 1700, que teve rijas questões com o rico proprietario de Angra Francisco de Sá Salazar.

Dr. João Teixeira Loureiro, que serviu no ano 1705.

Dr. Pedro de Melo Alvim, provido a 26 de junho de 1706.

Paulino Ribeiro, no ano de 1712, tendo graves desinteligencias com o capitão-mór da Praia, Mateus Homem Borges, que agravadon dele obteve provimento.

Dr. Francisco da Silva Coimbra, por provimento de

15 de abril de 1717, exercendo com dignidade este cargo, não tendo indisposição alguma; teve no entanto uma gravissima pendencia com o provedor dos residuos João de Betencourt, que obteve sentença favoravel do Corregedor.

Verissimo de Mendonça Manuel, por provimento de de 23 de Janeiro de 1721, que teve premissão de se demorar em S. Miguel mais 6 mêses, pelo muito que tinha que fazer.

Foi suspenso do oficio por causa de uma eleição de Juiz ordinario.

Dr. Braz Ferreira, provido a 6 de setembro de 1725.

Dr. Felipe Ribeiro da Silva, tomou posse a 20 de fevereiro de 1734.

João Alvares de Carvalho, no ano de 1745.

Joaquim Alvares Moniz, no ano de 1750.

Pedro Fernandes Marçal de Magalhães, tomou posse a 12 de janeiro de 1756.

Dr. Henrique Henriques Quaresma d'Almeida, despachádo a 3 de maio de 1760, que prendeu os Jesuitas por ordem do Marquês e os fez embarcar, falecendo em Ponta-delgada, quando em correição.

Dr. Manuel de Matos Pinto, tomou posse a 29 de setembro de 1761.

Dr. Antonio de Mesquita Moura, que serviu interinamente desde 1761, tomando posse do logar como efectivo a 15 de outubro de 1763.

Corregedores só na parte d'Angra:

Alexandre de Proença, no ano de 1766, falecendo em Ponta-delgada, em serviços de correição no dia 6 de julho de 1770.

Henrique José da Silva Quintanilha, nomeado interinamente a 29 de julho de 1779.

Dr. Joaquim Gomes Teixeira, tomou posse a 23 de março de 1780. Teve desinteligencias com o bispo D. João Marcelino, por impedir que o meirinho eclesiastico usasse vara branca.

Dr. João Xavier da Costa Cardoso, no ano 1783.

Estevam Machado de Toledo, no anno de 1785, que se tornou celebre pela sentença que deu contra os dizimeiros pelo abuso na cobrança dos impostos dos animais.

Manuel José d'Arriaga Brum da Silveira, no anno de 1793, que casou com uma filha do Governador Diniz Gregorio de Melo.

Luiz de Moura Furtado, que era juiz de fóra em Angra; tomou posse a 23 de maio de 1795.

José Acurcio das Neves, que serviu no anno de 1799.

José Pegado d'Azevedo e Melo, que era Juiz de fóra em Angra; tomou posse a 24 de dez. de 1802. Foi encarregado de proceder ao inquerito sobre a produção de cereais na Ilha de S. Miguel no anno 1805.

Dr. Francisco Manuel Pais de Saude e Castro, tomou posse a 9 de maio de 1806, magistrado recto e intelligente e como tal serviu o cargo 2 trienios.

Bacharel João José Bernardes Madureira, tomou posse a 22 de maio de 1813.

João Bernardo Rebelo Borges, no anno de 1820. Era natural de San Miguel e foi membro do Governo provisorio juntamente com o deão José Maria de Betencourt e Lemos e o Governador do Castelo Caetano Paulo Xavier em 1821.

José Joaquim Cordeiro, que foi despachado em 1821 e que coadjuvou o desembargador José Firmino da Silva Giraldes Quelhas na sindicancia ao deão, e Governador do Castelo.

José Diogo da Fonseca Pereira, no anno de 1823, magistrado recto e sem pendencia para qualquer dos partidos politicos, chegando a ser sindicado por parcialidade por não querer sencionar os actos do general Stoch quando lhe pareciam exorbitantes; veiu com Stoch quando este veiu pela segunda vez.

Pôs em liberdade muitos dos presos constitucionais, o que não agradou a Stoch.

João José Diogo da Fonseca, era-o em 1828 e foi o que deu busca á casa de D. Maria Candida de Beten-

court consorte de José Teodosio, que estava ausente, a ver se lá se encontravam alojados alguns realistas.

Francisco José Pacheco, tomou posse a 29 de nov. de 1827, que logo se anunciou com perseguições dos delinquentes, sendo naturalmente rispido e desagradavel para as partes, e que se escusou de fazer parte do Governo proviaorio; veiu para San Miguel e aí mandou a Junta de Angra suspende-lo dos seus oficios, mas os micaelenses não a reconheciam. Servia então em Angra de corregedor, Dr. João José da Cunha Ferraz.

José Jacinto Valente Farinha, corregedor interno em 1828.

Corregedores só de San Miguel:

Dr. José Antonio Pinto Donas Bota, era já em 1768 até 1771.

Dr. Valerio José, em 1772.

Dr. Antonio Filipe de Bulhões da Cunha, em 1779 e ainda em 1784, exercia o oficio de corregedor; recebeu ordem do governo para embarcar para Lisboa dois terços do trigo que os rendeiros do Marquês da Ribeira-grande pagava das suas terras, o que por vezes produziu alevantamento do povo.

Dr. Antonio José Ribeiro, era-o já em 1786. Recebeu ordem no mesmo sentido e autorizou a exportação de trigo e mais cereais a todos os cultivadores.

Dr. Antonio Luiz Borges Rebelo da Silveira, ano de 1790; exerceu novamente o oficio em 1808.

Falecendo um ano depois substituiu-o interinamente o Juiz de fóra de Ponta-delgada, Dr. Roque.

Dr. José Rodrigues Ribeiro Cesar, era-o já no ano de 1800.

Dr. Lourenço de Mesquita Pimentel Souto Maior e Castro, em 1805.

Dr. Roque Francisco Furtado de Melo, Juiz de fóra em Ponta-delgada e corregedor interino em San Miguel 1810 e serviu até 1813.

Dr. João José da Veiga, 1814, serviu até 1819.

Dr. Antonio Carlos Borges Pereira Ferraz, em 1819.

Dr. Francisco Luiz Antão Coelho, em 1824 e ainda era em 1829.

Dr. José Maria da Veiga Cabral, em 1830, no tempo de D. Miguel.

Dr. Mateus Antonio Pereira da Silva, em 1831.

II

Governo Eclesiastico dos Açores e seus Bispos

O governo eclesiastico dos Açores pertenceu desde as primeiras colonizações á Ordem Militar de Cristo, de que era então Gran Mestre o Infante D. Henrique.

Por tal motivo, era o D. Prior de Tomar quem mandava, com premissão d'El-Rei, não só Padres, como tambem Bispos titulares visitar estas Ilhas e exercer os poderes da sua Ordem.

Por Bula porém de 12 de junho de 1514 foi criado um Bispado na Ilha Madeira, com séde no Funchal, e que estendia a sua jurisdição a todas as Ilhas do Oceano, Costa d'Africa, India etc.; por tal razão passou o governo eclesiastico dos Açores para o novo Bispado do Funchal.

Pela Cedula Consistorial de 31 de janeiro de 1533 do Papa Clemente VII, foi o Bispado do Funchal elevado a Arcebispado, com quatro Bispados sufraganeos:— S. Tiago de Cabo Verde, S. Tomé, Goa e S. Miguel, nos Açores, mas a morte deste Papa neste mesmo ano anulou provavelmente os efeitos desta Cedula, pois que a Bula de 3 de novembro de 1534 do Papa Paulo III, criou o Bispado dos Açores na Ilha de S. Miguel, na parte chamada Angra e Igreja de S. Salvador.

Houve evidentemente confusão de nomes das Ilhas, mas por tal Bula ficou o Governo Eclesiastico dos Açores com seu Bispo proprio e assento na cidade d'Angra da Ilha Terceiro, e foram seus Bispos:

D. Agostinho Ribeiro, filho de Martim Ribeiro escrivão da Casa da India e D. Maria de Carvalho; nasceu em Lisboa, foi vigario na Ilha do Corvo, Geral dos Conegos Seculares de S. João Evangelista e Reitor da Universidade de Coimbra.

Foi confirmado Bispo dos Açores por Bula do Papa Paulo III de 3 de novembro de 1534; foi depois transferido Para o Bispado de Lamego, falecendo em 1549, estando sepultado na Igreja Velha do Convento de Xabregas.

D. Rodrigo Pinheiro, filho de D. Diogo Pinheiro, Bispo do Funchal, Dr. em Direito Civil e Canonico pela Universidade de Coimbra. Pertenceu ao Conselho Ceral do Santo Oficio, foi Governador da Casa do Civel em Lisboa e eleito Bispo dos Açores por Bula do Papa Paulo III, de 24 de setembro de 1540, sendo transferido para o Bispado do Porto por Bula do Papa Julio III de 24 de agosto de 1552, sem nunca ter vindo aos Açores, tendo mandado em seu logar o Bispo de Lora D. Baliazar d'Evora, que mandou executar o registo paroquial de baptisados, casamentos e obitos.

Morreu em 1572 sendo enterrado na Sé do Porto.

D. Fr. Jorge de Santiago, Laureado em Teologia pela Universidade de Paris, Inquisidor da Mesa da Inquisição de Lisboa. Eleito Bispo dos Açores foi confirmado por Bula de 24 de agosto de 1552, celebrando um sinodo na Sé d'Angra, pela festa do Espirito Santo, em 4 de maio de 1559.

Faleceu em 24 de outubro de 1561, sendo sepultado na capela-mór da Sé d'Angra.

D. Manuel d'Almada, filho de Gil Alvares e Isabel d'Almada, pessoas de nobreza; nasceu em Lisboa, doutorou-se em Canones e foi Desembargador dos agravos e Chantre da Sé de Lisboa.

Em 1564 já estava de posse do Bispado d'Angra, renunciando-o a 26 de setembro de 1567, talvez para poder desempenhar o cargo de Governador da Relação do Porto, para que foi nomeado. Faleceu em Lisboa, onde se sepultou na respectiva Sé.

D. Nuno Alvares Pereira, Doutor em Canones, exerceu o logar de visitador do Arcebispado de Lisboa, como tambem o desempenhou no Bispado dos Açores em 1542.

Eleito Bispo d'Angra no ano de 1568 pela renuncia que havia feito o seu antecessor, faleceu a 20 de agos-

to de 1570, sendo sepultado na Capela-mór da Sé de Angra.

D. Gaspar de Faria, filho de Sebastião de Faria, da cidade de Barcelos, Doutor em Canones e Vigario Geral do Arcebispado de Lisboa.

Eleito Bispo d'Angra entrou em sua Diocese no ano de 1572, falecendo repentinamente na Sé a 19 de março de 1576, sendo ali sepultado.

D. Pedro de Castilho, filho de Diogo de Castilho e D. Isabel Ilharco, Mestre em Artes e Licenciado em Canones pela Universidade de Coimbra, Prior na Igreja de S. Salvador em Ilhavo, Deputado do Santo Oficio da Inquisição de Coimbra e visitador da mesma Diocese.

Eleito Bispo dos Açores entrou em sua Diocese no ano 1578, e sendo um grande partidario de Filipe de Castela, prestou-lhe revelantes serviços nas lutas contra D. Antonio, Prior do Crato.

Foi depois transferido para o Bispado de Leiria, em 1585, resignando este logar para ocupar o de Inquisidor Geral do Reino e Prior da Insigne Colegiada de Guimarães. Pertenceu ao Conselho de Estado, foi Presidente do Paço, Esmoler-mór e por duas vezes Vice-Rei do Reino.

Faleceu a 31 de março de 1613 sepultando-se na Igreja de S. Domingos em Lisboa.

D. Manuel de Gouveia, filho de Martim Lourenço e Brites Alvares, natural da Vila de Gouveia, ao pé da Serra da Estrela.

Eleito Bispo dos Açores veiu para a sua Diocese pelo ano de 1585, e sendo transferido para Portalegre não tomou conta desta nova Diocese por falecer em Angra em 1597, sepultando-se na Sé.

D. Jeronimo Teixeira Cabral, filho do Desembargador Francisco Teixeira e Brites Cabral de Bretiande, pessoas de reconhecida nobreza, Licenciado em Canones pela Universidade de Coimbra, foi Conego da Sé de Lisboa e Inquisidor em Evora.

Reformou varios abusos, como o de proibir que o padre na missa e na ocasião da oblata descesse por en-

tre o povo á tirar esmola, e proibiu os bailes e folias nas Igrejas.

Eleito Bispo de Angra entrou em sua Diocese em 1600, sendo transferido depois para a de Miranda onde morreu em 1610.

D. Agostinho Ribeiro, natural da Baía, Brasil, Doutor em Teologia, Conego Magistral da Metropolitana de Lisboa, Bispo de Ceuta, foi provido em Angra por Alvará de 12 de junho de 1614, falecendo a 12 de julho de 1621, sepultando-se na Sé de Angra.

D. Pedro da Costa, natural da cidade do Porto, Doutor em Teologia e Catedratico na mesma faculdade e Conego magistral de Evora.

Eleito Bispo dos Açores chegou á sua Diocese a 24 de agosto de 1623, falecendo em Ponta-degada a 9 de setembro de 1625, sepultando-se na Matriz de S. Sebastião.

D. João Pimenta d'Abreu, filho de Salvador de Barros d'Abreu e Isabel Pimenta, pessoas de nobreza, natural da Vila da Ponte da Barca, Doutor em Teologia e Conego Magistral da Sé de Lamego, Braga e Coimbro, e Chantre nesta ultima.

Eleito Bispo de Angra entrou em sua Diocese a 19 de abril de 1626, falecendo em S. Miguel a 28 de dezembro de 1632 sepultando-se na Matriz de S. Sebastião de Ponta-delgada.

D. Fr. Antonio da Ressurreição, filho de João Lopes Soares e Maria Ferdandes, natural de Lisboa, da Ordem de S. Domingos, Doutor em Teologia pela Universidade de Coimbra.

Eleito Bispo de Angra e sagrado a 10 de julho de 1635 na Igreja de S. Braz de Lisboa, entrou em Angra a 27 deste mesmo mês e ano, falecendo na Vila da Lagoa a 8 de abril de 1637, onde se enterrou.

Conta-se que anos depois foi o seu corpo trasladado para o Mosteiro da Conceição, encontrando-se ainda incorrupto.

Fr. Pedro de Sousa, eleito Bispo dos Açores em 1654, falecendo antes da sagração.

D. Fr. Lourenço de Castro, filho de Pedro de

Castro, Provedor da Alfandega de Lisboa e D. Lourença da Costa, natural de Lisboa, da Ordem de S. Domingos, Doutor em Teologia.

Eleito Bispo de Angra, entrou em sua Diocese a 11 de novembro de 1671, sendo transferido para Miranda em 1681, onde faleceu aos 13 de agosto de 1684.

D. Frei João dos Prazeres, filho de Manuel da Costa Valadares e D. Paula de Lemos, natural da Guarda, religioso da Ordem dos Frades Menores, guardião em Coimbra, Provincial da Ordem e Lente da Universidade d'Evora.

Eleito Bispo dos Açores, foi confirmado por Bula de Inocencio XI, a 8 de março de 1682, falecendo em Angra no primeiro de fevereiro de 1685.

D. Fr. Clemente Vieira, filho de Domingos de Carvalho e Jeronima Malheiro; nasceu na Vila de Melres, foi religioso de S. Domingos e Doutor em Teologia pela Universidade de Coimbra.

Eleito Bispo d'Angra, entrou nesta cidade a 12 de ontubro de 1688, falecendo no convento de Nossa Senhora da Graça em Ponta-delgada, a 24 de setembro de 1692.

D. Antonio Vieira Leitão, filho de Manuel Vieira Leitão e Maria Pedrosa, nasceu em Lisboa, foi prior de Santo Estevão e Desembargador da Relação Eclesiastica.

Sagrado Bispo, veiu para Angra, chegando ali a 16 de agosto de 1694, falecendo na Vila das Velas na Ilha de S. Jorge a 22 de maio de 1714, enterrando-se na capela-mór do Mosteiro das Religiosas.

D. João Brito de Vasconcelos, filho de Manuel da Costa Soares e D. Catarina Tereza de Vasconcelos; nasceu em Lisboa, doutorando-se em Canones na Universidade de Coimbra.

Eleito Bispo para os Açores, tomou conta da sua diocese, falecendo a 30 de dezembro de 1718.

D. Manuel Alvares da Costa, Prior da Santa Justa de Lisboa, Desembargador da Relação Eclesiastica e Bispo de Pernambuque.

Provido para a Diocese de Angra em 1721, faleceu nesta cidade a 10 de janeiro de 1733, sepultando-se na Sé.

D. Fr. Valerio do Sacramento, filho de Francisco Rodrigues e Josefa Maria, nasceu em Lisboa, pertenceu á Ordem dos frades menores, vindo a ser guardião e provincial da sua Ordem.

Eleito Bispo dos Açores foi sagrado em outubro de 1738, entrando na sua Diocese a 3 de fevereiro de 1741. Renunciou a mitra em 1755, falecendo no Mosteiro de Santo Antonio de Campos de Sant'Ana.

Regulou as festividades e procissão do Santissimo e publicou pastoraes reguladoras do serviço ecclesiastico.

D. Antonio Caetano da Rocha, Doutor e Lente da Faculdade de Canones na Universidade de Coimbra.

Apresentado Bispo por El-Rei D. Josè a 2 de outubro de 1755 e confirmado por Bula de 19 de julho de 1756 desembarcou em Angra a 21 de novembro de 1758. Viveu os ultimos seis anos da sua vida em S. Miguel, falecendo a 21 de junho de 1772, sepultando-se na Matriz de S. Sebastião.

D. Fr. João Marcelino dos Santos Homem Apricio, da Ordem de S. Tiago.

Eleito Bispo, chegou á sua Diocese a 15 de agosto de 1775. Faleceu em Ponta-delgada a 21 de maio de 1782, sepultando-se na Matriz desta cidade.

D. Fr. José d' Ave Maria Leite da Costa e Silva, filho de Manuel da Costa Leite e Barbara da Conceição, nasceu em Evora a 10 de fevereiro de 1727; pertenceu á Ordem da Santissima Trindade, Doutor em Teologia pela Universidade de Coimbra, Definidor e Provincial da Ordem.

Eleito Bispo dos Açores a 24 de agosto de 1782 e confirmado a 26 de dezembro do mesmo ano, foi sagrado em Lisboa a 25 de maio de 1782, falecendo no ano de 1798.

D. José Pegado d'Azevedo, da Congregação do Oratorio de S. Filipe de Nery.

Eleito Bispo dos Açores a 20 de junho e sagrado a 13 de novembro de 1801, deu entrada na Sé d'Angra a 15 de dezembro de 1802. Faleceu a 19 de Junho de 1812 no Convento da Graça em Ponta-delgada, onde residia, sendo enterrado na Matriz de S. Sebastião.

D. Alexandre José da Silva da Sagrada Familia, filho de José Ferreira da Silva e D. Antonia Margarida Garrett, natural da Ilha do Faial, nasceu a 22 de maio de 1737. Bacharelou-se em Filosofia pela Universidade de Coimbra, e pertenceu á Ordem dos Frades Menores. Foi Bispo de Malaca e eleito de Angola.

Eleito Bispo dos Açores em 17 de dezembro de 1812, faleceu a 22 de abril de 1818.

D. Manoel Niculou d'Almeida, filho de Francisco Caetano d'Almeida e Caetana Inacio da Conceição, nasceu em Vila-franca de Xira, a 25 de dezembro de 1761, doutorando-se em Teologia pela Universidade de Coimbra.

Eleito bispo dos Açores em 3 de maio de 1819, sendo confirmado por Bula de 29 de maio de 1820, faleceu em Lisboa a 11 de dezembro de 1825. Foi politico absolutista amigo de Stoch; sendo preso e levado a Lisboa depois da revolta constitucional em 1821.

D. Fr. Estevãm de Jesus Maria da Costa, nasceu em Mafra em 1786, da Ordem dos Frades Menores, Comendador de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima.

Eleito bispo de Meliapor a 24 de junho de 1825, foi transferido para Angra a 8 de agosto de 1827, falecendo a 28 de julho de 1870, sepultando-se na Sé d'Angra.

D. João Maria Ferreira do Amaral e Pimentel, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, eleito em 1871, veiu em 20 de agosto de 1872 e morreu a 27 de janeiro de 1889, sepultando-se no cemiterio d'Angra em campa por ele benta.

D. Francisco Maria de Sousa do Prado Lacerda, Prior da Charneca, foi eleito Bispo de Nilopolis e coadjutor de D. João Maria desde 14 de fevereiro de 1886.

Em 6 de fevereiro de 1889 tomou posse, e morreu em 1891 na Chamusca.

D. Francisco José de Vieira e Brito, Bacharel em Direito; tomou posse em abril de 1902, sendo transferido para o Bispado de Lamego em 1902.

D. José Manuel ne Carvalho, Bacharel em Direito, transferido de Macau para Angra. Tomou posse a

16 de agosto de 1902 fazendo entrada solene a 11 de novembro do mesmo ano. Começou a visitar S. Miguel, e morreu em Angra a 25 de abril de 1904.

D. José Correia Cardoso Monteiro, Bacharel em Teologia. Fez entrada solene em Angra a 26 de julho de 1905.

Faleceu na mesma cidade a 20 de junho de 1910.

D. Manuel Damasceno da Costa, natural da Covilhã, Bacharel formado em Teologia. Nomeado Bispo por Bula Pontificia de 2 de agosto 1914, entrou em Angra a 11 de 4 de 1915, falecendo na mesma cidade a 27 de agosto de 1922.

II

Governo geral dos Açores, dominio hispanhol, restauração, Governadores e Açoreanos ilustres.

O abandono a que haviam os capitães-donatarios votado as suas Ilhas, entregando-as a seus Ouvidores e limitando-se a receberem os proventos que a lei ao tempo autorizava, dificultou a pouco e pouco a vida economica, administrativa e civil das Ilhas dos Açores. Depois, as intrigas e rixas entre o pessoal do Capitão e o do Ecclesiastico e d'El-Rei, mais dificultaram e tornaram caotica engrenagem do governo Açoreano, e assim á morte do cardeal D. Henrique, desagregadas e sem união, as Ilhas seguiram uma politica diferente, aclamando umas D. Antonio, Prior do Crato, ao passo que outras enviavam a sua submissão ao Rei de Castela.

Neste desconcerto, envia El-Rei D. Felipe depois de aclamado em Portugal, como Governador-geral dos Açores com o fim de restabelecer a ordem e unificar a politica

AMBROSIO D'AGUIAR COUTINHO, que havia sido capitão-mór da armada de D. Sebastião na India, preso na batalha de Alcacer-Kibir, resgatado depois do cativeiro, capitão da fortaleza de Setubal, onde o prenderam por mandado de D. Antonio por não querer seguir o seu partido, sendo posto em liberdade depois da derrota deste em Alcantara.

Em recompensa de tantos serviços fê-lo El-Rei D. Felipe Governador e Capitão-mór das Ilhas dos Açores, para onde partiu a 20 de abril de 1581, fazendo desembarcar em Ponta-delgada, Jacome Roiz Tibau, seu Veador, afim de notificar a missão de que vinha encarregado. Nessa noite, soprando rijo o vento, teve o navio de

se pôr ao largo da costa, indo ter á Ilha Terceira onde mandou o Governador notificar os de terra da sua estada e missão, não o atendendo por ser a grande maioria dos terceirenses do partido de D. Antonio.

De volta a S. Miguel, desembarcou com as honras devidas á sua alta posição e em Ponta-delgada estabeleceu a séde do governo por parte D. Felipe.

Com o fim, porém, de unificar a politica Açoreana, e fazer reconhecer em todas as Ilhas o governo de D. Felipe, enviou a Angra depois da sua chegada a S. Miguel, como seu comissionado o

Rev.º Manuel Gonçalves, arcediago da Sé d'Angra e que na Ilha de S. Miguel se encontrava com o Bispo D. Pedro de Castilho, em visita pastoral, que não chegou a desembarcar por a isso se oporem os terceirenses, acerrimos defensores da pretensão de D. Antonio.

Mais tarde e com o mesmo fim enviou novamente a Angra

Fernão de Macedo, das mais ilustres familias micaelenses, e que se havia evidenciado muito como partidario de D. Antonio antes da chegada do governador Ambrosio Aguiar Coutinho, mudando de politica então. Por este motivo foi escolhido para ir a Angra e tentar novamente domover os politicos de D. Antonio, e até, segundo se disse, tentar contra a vida do Corregedor Ciprião de Figueiredo, que como Governador, em nome de D. Antonio administrava a Ilha.

Conhecido porém o intuito deste novo embaixador, fizeram-no voltar a S. Miguel sem que tivesse conseguido nenhum dos seus intuitos.

Assim continuaram os Açores divididos em duas facções, uma tendo como governador, em nome de D. Felipe, a Antonio d'Aguiar Coutinho, com séde em Ponta-delgada, e outra tendo como governador Ciprião de Figueiredo e Vasconcelos em nome de D. Antonio, com séde em Angra.

BATALHA EA SALGA. A 5 de julho de 1581 chega á Ilha Terceira uma armada de El-Rei D. Felipe sob o comando de D. Pedro de Valdez, que em Ponta-delgada recebera do Governador Ambrosio d'Aguiar Coutinho

todas as informações do estado em que se encontrava aquela Ilha.

Na ante-madrugada do dia seguinte ordenou D. Pedro de Valdez um desembarque de tropas na baía da Salga, travando-se aí um renhido combate em que ficaram victoriosos os terceirenses auxiliados por uma manada de gado bravo que soltaram sobre os invasores.

Notabilizaram-se nesta batalha além do Governador Ciprião de Figueiredo, sempre incansavel na defesa dos direitos de D. Antonio:

Fr. Pedro, religioso de Santo Agostinho que lembrou ao governador Ciprião de Figueiredo se aproveitasse dos touros que proximo da Baía da Salga pastavam e os lançasse sobre os inimigos, e que tão bons resultados deu.

Gonçalo Fanes Machado, que com mais de 60 anos, vendo cair morto nesta batalha um seu filho, empunhou a lança e atirando-se aos castelhanos causou-lhes serios destroços, vindo a cair morto, sufocado pelo numero de inimigos que o rodearam.

Antonio Gonçalves, que insultado vilmente na sua honra pelos castelhanos, respondeu-lhes com o seu arcabuz gritando-lhes em altas vezes: «Não quero ser por vós enxovalhado».

MANUEL DA SILVA, Conde de Torres Novas, que como logar-tenente de D. Antonio e assim na qualidade de Governador, desembarcou em Angra em fevereiro de 1582 com honras de pessoa real, recebendo os cumprimentos de todas as autoridades e do proprio Ciprião de Figueiredo.

Iniciou o seu governo que foi mau e contraproducente com a criação da *casa da suplicação do civel e crime, mesa do desembargo do Paço, mesa da consciencia, Chancelaria-mór com escrivães e meirinhos da Corte, casa da moeda*, onde se cunhou oiro, prata e cobre.

Desenrola-se então uma serie de perseguições e vexames, que dia a dia se assentuou o descontentamento do povo contra tal governador. Assim

João de Betencourt, fidalgo d'Angra, que a 29 de setembro de 1580 e após a chegada de uma nau das In-

dias, que supôs vir de Portugal com noticias da aclamação de D. Felipe, saiu ás ruas da cidade dando vivas a este rei, o que amotinou o povo, vindo a ser preso pelo alcaide de Angra, Diogo Lemos de Faria. Foi morto por ordem do Conde Manuel da Silva.

Estacio Figueiras, cirurgião de Angra, preso por ser partidario de Felipe de Castela e depois perdoado pelo Conde Manuel da Silva, se foi a este com muitos agradecimentos e porque não deu nessa ocasião o titulo de Rei a D. Antonio, o mandou novamente prender e açoitar. Mais tarde e estando na Ilha Terceira D. Antonio ao saber deste caso perdoou ao cirurgião e disse ao seu logar tenente: — «Vós Manuel da Silva não quereis ser Conde nem que eu seja Rei, porque primeiro eu fui senhor D. Antonio que Rei D. Antonio.

A desorientação era então grande.

Estevão Ferreira e seu genro *Pedro de Castro*, nobres de Angra, que foram da Ilha Terceira a Portugal afim de prestar obediencia a D. Antonio, sendo presos em Lisboa ao ser D. Antonio derrotado pelo Conde de Alba.

Na prisão, porém, comprometeram-se a fazer render a Ilha Terceira ao dominio de D. Felipe e soltos com esta promessa chegaram a Angra sendo repelida tal proposta e por tal motivo os prenderam e enviaram a França onde então estava D. Antonio que tudo lhes perdoou. Mas uma vez soltos e perdoados regressaram a Lisboa e apresentando-se do novo ao governo de El-Rei D. Felipe, este os agraciou com o Habito de Cristo.

João Dias Carvalhal, genro de Estevam Ferreira, no intuito de salvar seu sogro, apresenta-se ao Conde Manuel da Silva pedindo lhe concedesse licença de ir a França solicitar de D. Antonio o seu perdão; alcançada a licença apresenta-se ao governo de D. Felipe solicitando o perdão para seu sogro.

Tal era pois a desorientação que então lavrava nos Açores e principalmente na Ilha Terceira.

BATALHA NAVAL EM FRENTE DE PONTA DELGADA. A 23 de maio de 1582, trava-se em frente de Ponta-delgada um aguerrido combate entre a armada de

D. Felipe que sob o comando de Pero Peixoto da Silva ha dias se achava ancorada neste porto e uma armada francêsa comandada por Mr. de Landroi que em nome de D. Antonio vinha defender os seus direitos e render á sua obediencia a Ilha de S. Miguel.

Durou muitas horas seguidas este combate, terminando pela victoria das armas Filipinas e acolhendo-se á Ilha Terceira a esquadra francêsa com 150 baixas entre as quais a do capitão-almirante Mr. de Lacre ou de Tuy que foi enterrado na Igreja de S. Francisco d'Angra.

Distinguiram-se neste combate entre outros Açoreanos:

Manuel Cordeiro de Sampaio Benevides, juiz do mar em Ponta-delgada, que foi como capitão em uma nau inglêsa que estava surta no porto de Ponta-delgada para este combate, sendo recebido com grandes deferencias pelo comandante-geral Pero Peixoto da Silveira.

Antonio Benevides de Sousa, primo de Manuel Cordeiro, que se embarcou no mesmo navio; «foi tambem á Ilha de Santa Maria em socorro, quando estava tomada dos franceses, pelo que Sua Majestade o agraciou com o foro de fidalgo e a tensa de 15$000 por ano.

Ruy Vaz de Medeiros, capitão de infantaria, a quem foi dado o comando de um outro navio inglês, entrando no combate em defesa da Ilha.

Antonio Cordeiro Benevides, letrado de grandes esperanças, que morreu neste combate naval.

Bartolomeu Cabral, que ao entrar na nau de que era capitão Sebastião Gonçalves d'Alvelos disse em altas vozes:—«Já foi tempo em que os homens costumavam ir á Africa a ganhar comendas, agora me fez Deus mercê que as venha a ganhar nesta nau em serviço de Sua Majsetade». Recebeu-o o capitão com alvoroço, encarregando-o da gente da tolda, logar dos mais arriscados, peleijando com brio e valor, ficando aleijado e manco por ter apanhado com um pelouro duma bombarda num quadril.

Ainda assim quando D. Antonio veiu a esta Ilha com a sua armada, se levantou da cama ainda bastante doente e com feridas abertas, e montando a cavalo peleijou em defesa da Ilha.

Era cavaleiro fidalgo e tinha o Habito com tensa de 20$000 pelos muitos serviços que prestou á patria.

Ruy Gago da Camara, capitão-mór da Ribeira-grande que veiu com 200 dos seus soldados afim de impedir qualquer desembarque das tropas francêsas.

Capitão Nuno de Sousa, que sem licença do capitão-mór saiu com 600 homens pondo-se às ordens do Governador Ambrosio d'Aguiar Coutinho, que o recebeu amistosamente.

DESEMBARQUE DAS TROPAS DE D. ANTONIO EM S. MIGUEL E BATALHA NAVAL DE VILA FRANCA EM 1582. Por parte de El-Rei Felipe estava pois a Ilha de San Miguel defendida pelo mar por Pero Peixoto e em terra por D. Lourenço Cenoguera, ambos sob o comando geral do Governador Ambrosio de Aguiar Coutinho e por morte deste o que se deu a 5 de julho de 1582, de doença que vinha sofrendo, Martim Afonso de Melo, enteado daquele Governador, que para este cargo foi escolhido e eleito.

A 15 de julho deste ano chegou a esta Ilha D. Antonio com uma armada de 60 navios com 8.000 soldados sob o comando do capitão Felipe Strozzi, vindo por condestavel e geral do mar o Conde de Vimioso, que sem grande esforço procedeu ao desembarque no areal de Rosto de Cão, por não lhe poderem resistir nem no mar, pois apenas tinham uma pequena frota que para não ser tomada pelos inimigos a afundaram, nem por terra, onde muitos seguiam a politica de D. Antonio.

Desembarcou D. Antonio a 17 de julho, indo alojar-se nas casas de Jorge Nunes Botelho em S. Roque, passando depois para a de Amador da Costa, e tomou as vilas de Vila-franca, Ribeira-Grande e Agua de Pau, resistindo-lhe somente Ponta-delgada; D. Antonio pôs então em Vila-franca, como em cabeça, por Governador de toda a Ilha, Diogo Botelho, com tensão de ficar nela com este cargo, e assim fez-se aclamar Rei.

Tendo sabido porém Felipe de Castela que havia partido para os Açores uma esquadra francesa, afim de sustentar os direitos de D. Antonio, ordenou que saisse a que tinha em Sevilha, em socorro da sua pretenção, e a que estava em Lisboa, sob o comando de D. Alvaro

de Bazão, Marquês de S. Cruz trazendo por Mestre de Campo D. Lopo de Figueiredo e muitos fidalgos portugueses e Castelhanos, que saindo de Lisboa a 10 de julho de 1582, chegou a S. Miguel a 22 do mesmo mês, e tentando desembarcar no porto entre P. Garça e Ribeira das Tainhas, os não deixaram; a 27 deste mês chocaram-se as duas armadas em frente de Vila-franca, dando-se a mais terrível batalha, em que ficaram mortos dos franceses 3.000, perdidas 14 naus e presos 300 franceses, e da armada espanhola 300 mortos e 300 feridos, morrendo o Conde de Vimioso, tendo no dia anterior saído para a Terceira D. Antonio a pedir mandassem prover de mantimentos a sua armada.

Mas derrotados os franceses, desembarcaram os vencedores em Vila-franca, mandando o Marquês de Santa Cruz fossem degolados na praça do Peloirinho da dita Vila 83 fidalgos, enforcados 150 franceses de baixa condição e 25 no mais alto logar do Ilheu; o Marquês dirijiu-se logo á matriz de Vila-franca, onde foi recebido com honras principescas, estando o Bispo D. Pedro de Leira, que viera de Ponta-delgada propositadamente para apresentar os seus cumprimentos ao vencedor.

Distinguiram-se nesta batalha:

Barão Jacome Correia, em casa de quem foi recebido Ambrosio d'Aguiar Coutinho.

Jordão Jacome Correia, mais conhecido por *Capitão Alexandre*, por assim o chamar D. João d'Austria, pelas suas valentias praticadas no tempo da guerra-naval contra o turco.

Era filho de Cristovão Dias Correia, e tinha o habito de S. Tiago com tensa de 200$000 que El-Rei Felipe lhe deu pelos seus muitos serviços, pagos aos quarteis na Alfandega de S. Miguel. Veio de Portugal na companhia de Ambrosio d'Aguiar Coutinho, domiciliando-se em Vila-franca do Campo, sua terra natal; deram-lhe o posto de Capitão-mór das ordenanças, reformando-se por isso Pedro da Costa, já então muito velho. Tomou parte muito activa nas lutas entre D. Felipe e D. Antonio, indo a bordo depois da batalha naval em frente de Vila-franca pedir ao Marquês de Santa Cruz de quem era ami-

go não saqueasse a Vila, apesar dela se haver mostrado partidaria de D. Antonio.

Por morte de Ambrosio d'Aguiar Coutinho foi indigitado para Governador da Ilha, não sendo eleito por ser Martim Afonso de Melo enteado, de Governador falecido, afim de se não dizer que o povo desta Ilha se não dera bem com este governador. No entanto Martim Afonso de Melo chamou-o para junto de si como seu coadjutor e conselheiro.

Capitão Diogo Lopes Espinosa, dos Fenais, que juntamente com o Governador Ambrosio A. Coutinho, estacionou na Lagoa, onde julgava desembarcassem as tropas de D. Antonio, que depois da entrada deste se refugiou com sua mulher, ao ser saqueado os Fenais.

Lopo Anes' Furtado, partidario de D. Antonio e que por essa razão foi processado dizendo-se que como capitão da ordenança miliciana de Vila-franca mandara disparar artilharia contra a armada de D. Felipe, sendo condenado a um ano de degredo para fóra da Vila, e apelando da sentença foi absolvido.

Foi loco-tenente do Governador Diogo Botelho, em Vila-franca, quando da entrada de D. Antonio.

Diogo Vaz Redovalo, natural da Ilha Terceira, que tinha vindo por capitão de uma nau na armada, combatendo contra D. Antonio no Galeão San Mateus, a quem El-Rei deu uma comenda com boa tensa.

Padre Antonio de Lira, Vigario de S. Miguel que seguiu D. Antonio e o foi cumprimentar com outros fidalgos a bordo quando estava ancorado na Lagoa.

Bartolomeu Nogueira, filho de Estevão Nogueira, homem grave, discreto e prudente que foi eleito procurador dos povos de San Miguel, de onde era natural, perante as Côrtes e neste empenho esteve em Lisboa; era capitão das milicias e com sua bandeira resistiu á entrada de D. Antonio nesta Ilha juntamente com o capitão Alexandre; visitou o Marquês de Santa Cruz a bordo do seu navio no porto de Vila-franca depois da memoravel batalha naval.

Aires Jacome Correia, que obteve certidão do Marquês de Santa Cruz, depois da batalha naval de Vila-franca, em que dizia que estava a monte na Ilha de San

Miguel durante a batalha naval, com vontade de se por ao serviço de Sua Majestade.

Aires Jacome tinha vindo com D. Antonio, mas adoecendo, ficou em terra quando da batalha de Vila-franca.

André Botelho Cabral, filho de Jorge Nunes Botelho, e Margarida Travassos, que viveu em Ponta-delgada e foi agraciado com o habito de Cristo com tensa, pelo esforço por ele praticado contra os franceses na defesa da Ilha por ocasião das lutas de D. Antonio.

João d'Arruda da Costa, filho de Pedro da Costa, capitão-mór das ordenanças de Vila-franca, sendo sargento-mór no tempo das lutas Antonianas, nas quais entrou activamente a favor de Felipe de Castela.

Pela saída para junto do capitão-general, do capitão Alexandre, foi eleito capitão-mór, logar que desempenhou até á morte.

Jeronimo d'Araujo, de Vila-franca, em casa de quem foi descançar o Marquês de Santa Cruz depois da batalha naval em frente de Vila-franca.

CHEGADA DE D. ANTONIO A ANGRA E DAS ESQUADRAS DE DU CHASTRE E DO MARQUÊS DE SANTA CRUZ. RENDIÇÃO DA ILHA. Em Angra foi D. Antonio recebido com todas as honras reais, visitou as fortificações e inteirou-se da situação da Ilha e recebeu a noticia da derrota da esquadra francesa. Em fim de agosto de 1582 chegava tambem á baía d'Angra a victoriosa esquadra do Marquês de Santa Cruz que sendo repelida velejou para Lisboa.

Pouco tempo depois tambem seguiu D. Antonio para França, levando consigo o seu particular amigo Ciprião Figueiredo de Vasconcelos, a solicitar uma nova esquadra para defender os seus direitos, deixando na Ilha o Conde Manuel da Silva que continuou no seu governo despotico e tirano.

Em 11 de junho de 1583 ancora na baía d'Angra efectivamente uma nova esquadra francesa composta de 8 navios sob o comando de Du Chastre que Henrique 3.º de França enviava a pedido de D. Antonio sendo recebida por toda a Ilha com regosijo; porém, o Conde Manuel da Silva esforçou-se sempre por diminuir a importancia deste Comandante.

Em 23 de julho de 1583 chegava a Angra uma nova esquadra de El-Rei D. Felipe sob o camando do Marquês de Santa Cruz que depois de ter tomado reforços em Ponta-delgada e frustado todas as tentativas de, por bem, submeter a Ilha Terceira á obediencia, a atacou de assalto no dia 26 daquele mês, submetendo-a. O Conde Manuel da Silva abandonado de todos pelo seu mau governo andou a monte até ser descoberto por uma mulata, sendo preso e depois de varios maus tratos decapitado com a sua propria espada.

Du Chastre a 14 de agosto, por composição com o Marquês de Santa Cruz, embarcou-se com sua gente para França, deixando assim reduzida a Ilha Terceira á obediencia de El-Rei D. Felipe.

Distinguiram-se:

Fernão Torvão, um dos mais nobres fidalgos de Angra, grande partidario de D. Antonio, que foi decapitado.

Antonio Metela d'Azevedo, alferes-mór da cidade de Angra e tambem partidario de D. Antonio; foi decapitado.

De Angra mandou o Marquês de Santa Cruz uma esquadra afim de fazer render a Ilha do Faial e as mais Ilhas de baixo que ainda estavam por D. Antonio, e nela embarcaram entre outros:

Gonçalo Pereira, homem nobre da Ilha do Faial, antigo partidario de D. Antonio e que dele tinha recebido o Habito de Cristo.

Gaspar Gonçalves Utra, capitão-mór do Faial, que ao tempo se encontrava em Angra e se obrigou a fazer render o Faial sem lutas; mas, chegando, porém, a esquadra ao Faial não quis a gente de terra acreditar na rendição da Terceira e então desembarcando estes dois ilustres filhos daquela Ilha para lhes certificar do sucedido, os mataram, pelo que se procedeu imediatamente a um desembarque de tropas sendo tomada a Ilha sem grande esforço.

A victoria assim das armas hespanholas nos Açores deu o golpe decisivo na pretenção de D. Antonio, Prior do Crato, e modificou radicalmente o governo do Arquipélago, pois que concentrou a parte politica, civil e

militar num só funcionario, com o nome de *Governador-geral* e com sede na cidade de Angra.

Foram seus Governadores:

D. ALVARO DE BAZAN (Marquês de Santa Cruz). Escolhido por D. Felipe II de Hespanha e I de Portugal, comandou a esquadra, que pôs em respeito as Ilhas Terceiras, que se conservavam fieis a D. Antonio, e depois da derrota que infligiu aos inimigos, e pacificado o espirito popular, á custa de muito sangue, proclamou Felipe de Espanha Rei de Portugal em todas as Ilhas.

Organizou então as Ilhas administrativa, judicial e militarmente, nomeou Corregedor o Desembargador Cristovam Soares d'Albergaria, que o acompanhara sempre durante as lutas que então se travaram nos Açores; elegeu oficiais para as Camaras, segundo as Ordenações, e para o Governo militar nomeou D. João d'Urbina com o nome de Governador geral, a quem todas as outras autoridades deviam obediencia, e em seguida embarcou-se para a Europa com sua esquadra.

D. JOÃO D'URBINA. Continuou o programa encetado por D. Alvaro de Bazan de reduzir as Ilhas á obediencia de D. Felipe, pelo terror e pela força. Para tal criou o tribunal da justiça em Angra, do qual era presidente, e que julgava sem agravo nem apelação, chamando a ele todos os partidarios de D. Antonio e todos os que se lhe não curvavam respeitosos.

Em 1591 foi substituido no governo por:

D. ANTONIO DE LA PUEBLA. Era um antigo militar e homem experimentado nos negocios administrativos.

Um dos seus primeiros actos foi a construção de alojamentos para os soldados que então viviam aquartelados por diversas casas da cidade. Para tanto escolheu o Monte Brazil que lhe pareceu mais favoravel a uma fortificação, obtendo para isso um emprestimo das Camaras da Ilha Terceira.

Pouco tempo depois de fundado o Castelo, a que deu o nome de S. Felipe do Monte Brazil, faleceu no ano de 1594, sendo substituido no governo por

D. ANTONIO SENTONO, Cavaleiro da Ordem de

S. João, que no mesmo ano tomou posse do Governo e continuou na construção do Castelo.

Era de genio altivo e irrascivel, metendo-se em todos os negocios administrativos e até nas proprias deliberações das Camaras. Contra ele se queixaram os moradores das Ilhas, principalmente os da Ilha Terceira por intermedio do Marquês de Castelo Melhor, ao tempo capitão-donatario da mesma Ilha, sendo por tal facto repreendido por Carta Regia de 7 de junho de 1597, recomendando-se-lhe não se metesse nos negocios das Camaras nem nos do Corregedor. Mas continuando este Governador no seu procedimento altivo e insolente novamente reclamaram perante El-Rei por intremedio do mesmo Capitão que então era Vice-Rei de Portugal, sendo nesta ocasião substituido no Governo em 1604 por

DIOGO DE MIRANDA QUEIRÓS, que então veiu com outro Regimento e com acção limitada lão sómente ao governo do Castelo, vindo assim a ser o primeiro governador do Castelo de S. Felipe.

Faleceu este governador em 1607, sendo a sua morte bastante sentida pela prudencia e sagacidade com que desempenhou o seu cargo, sendo substituido por

D. PEDRO SARMIENTO, que chegou a Angra em 1609 tambem como governador do Castelo sómente.

Deu este Governador grande impulso ás obras do Castelo, levantando para isso dinheiro de todas as Ilhas, e em seguida veiu

D. GONÇALO MEXIA, um dos mais distintos militares que então havia e de excelentes qualidades.

Continuou das obras do Castelo, sendo ele que mandou plantar de matas o Monte Brazil, falecendo em Angra a 23 de outubro de 1618.

JOÃO PONCE DE LEÃO. Foi o governador que se lhe seguiu, bastante querido do povo, principalmente dos militares com quem mais intimamente vivia.

Tratou com empenho da organização das Ordenanças militares e faleceu em Angra no ano de 1621.

D. PEDRO ESTEVAM D'AVILA. Sucedeu-lhe no governo do Castelo. Descendia duma ilustre familia de Espanha, mas no seu governo foi um verdadeiro despo-

ta pelo que foi sindicado e suspenso. Foi substituido em 1626 por

D. INIGO HUERTADO DE CORCUERA. Despota, mau, tirano, mandou enforcar por vezes soldados e até oficiais, sendo em virtude de repetidas queixas substituido em 1627 por

D. DIOGO FAJARDO, que se mostrou bastante activo e zeloso na continuação das fortificações, sendo ao mesmo tempo severo nos castigos que aplicava. Sucedeu-lhe no governo

D. ALVARO DE VIVEIROS, Mestre de campo, que assistiu á Restauração e a quem o governo português pelo seu emissario Franoisco d'Ornelas da Camara ofereceu o titulo de Conde com o rendimento de dez mil cruzados se se rendesse sem resistencia, o que por, sua honra não aceitou.

Distinguiram-se neste periodo:

Baltazar Alvares Ramires, ancião respeitavel pelo seu saber e que por vezes serviu interinamente de corregedor em Angra. Foi enforcado no monte Brazil por sentença do Tribunal da justiça presidido pelo corregedor Cristovam Soares d'Albergaria, por ser partidario de D. Antonio.

Amaro Lopes, Tesoureiro da Sé d'Angra, muito partidario de D. Antonio e que foi por esta razão excepturado do perdão geral, mandado passar por D. Filipe a 14 de julho de 1586.

Bartolomeu Fernandes e Tomé Valadão, conegos da Sé d'Angra, que tambem, por serem muito do partido de D. Antonio, foram excluidos do perdão geral.

Gaspar de Freitas da Costa, sargento-mór em Angra, logar-tenente do Marquês de Castelo Rodrigo, donatario da Ilha Terceira.

Pedro Cardoso Machado, que em 1606 fundou o convento das Religiosas da Conceição em Angra, onde actualmente se acha instalado o Hospital de Santo Espirito.

João Vaz de Vasconcelos, que com os representantes das Camaras da Ilha Terceira, foi a Lisboa implorar

o auxilio de D. Filipe para a reedificação do porto da Ilha, destruido pelo terremoto de 9 de abril de 1614.

Lopo Gil Fagundes de Souza, pessoa respeitavel pela sua idade e ilustração, da cidade de Angra, portador das cartas da Camara desta cidade para El-Rei D. Filipe, pedindo a sua intervenção nos excessos do poder praticados pelas autoridades militares e civis, pelas desordens em que se envolviam e pelo partidarismo politico em que viviam, que deu em resultado serem substituidas as autoridades e juntamente o governador D. Pedro Estevão d'Avila.

Diogo Pereira, filho de Tristão Pereira e neto por sua mãe de Guilherme da Silveira, o colonizador de S. Jorge.

Embarcou para a India onde viveu á lei da nobreza; foi enviado como embaixador do Rei de Portugal ao Rei da Persia a levar-lhe um presente e achando-o diminuto, da sua casa o acrescentou com outras peças de valor reputadas então em 6.000 cruzados.

Gomes Pacheco de Lima, da Ilha Graciosa; foi provedor-mór das fortificações e capitão-mór do mar na Ilha do Faial. Seguiu o partido de D. Antonio, Prior de Crato, vindo a ser Provedor-mór do campo e aposentador-mór de D. Antonio.

O Dr. Gaspar Fructuoso nomeou-o como notavel poeta.

Francisco Utra de Quadros, capitão-mór do Faial e dos mais ricos homens daquela Ilha. Empenhou-se pela vinda para o Faial dos jesuitas afim de ali montarem o seu colegio.

RESTAURAÇÃO. No espirito Açoreano não se adaptou a politica de Castela. Arreigara-se na alma dos Ilheus a aspiração da liberdade; a revolta pois de 1640 encontrou nestas paragens um meio favoravel á sua expansão.

A 7 de janeiro de 1641 chega á Ilha Terceira desembarcando na Vila da Praia o ilustre Terceirense Francisco Ornelas da Camara, como enviado de D. João IV, afim de o fazer aclamar como Rei naquela Ilha, onde ti-

nham assento o Governador de Castela, que opôs alguma resistencia por parte dos Castelhanos, foi por fim aclamado solenemente, lavrando-se o competente auto a 31 de março de 1641.

Nas mais Ilhas foi tambem a restauração de Portugal recebida amistosamente, como se um novo mundo se abrisse cheio de esperanças.

No entanto El-Rei D. João IV envia aos Açores uma esquadra sob o comando de Tristão de Mendonça afim de solenemente se fazer aclamar, mas colhida por uma tempestade, parte sossobrou, recolhendo a Lisboa a que pôde resistir á terrivel tempestade.

Os Açoreanos, então e como sempre, tiveram de, contando só consigo, organizar-se civil e militarmente naquele periodo de lutas e incertezas.

Só em fins de março de 1642 é que chegou a Angra a esquadra portuguêsa trazendo a bordo o governador

GENERAL ANTONIO DE SALDANHA, que foi recebido com honras regias, e se instalou no Castelo, como Governador e com superintendencia sobre todas as Ilhas dos Açores, mantendo-se neste posto até setembro do mesmo ano, em que voltou a Portugal a chamado de El-Rei com a sua esquadra, sucedendo-lhe no governo por nomeação do proprio Rei

MANUEL DE SOUSA PACHECO, Mestre de Campo, Capitão-mór dos Açores, com séde e residencia em Angra e superintendencia em todos os ramos de administração publica.

Continuava, porém, o Corregedor, a quem subiam os processos civeis e crimes em apelação dentro da sua alçada.

O Governador, pois, com tão lautos poderes, era um verdadeiro Vice-Rei, com o que se insurgiram os povos das Ilhas, a ponto de nas primeiras Côrtes que então se fizeram em Lisboa, representarem as Camaras da Ilha Terceira contra tão lautos poderes, o que levou El-Rei a modificar o poder deste Governo, dando ao Governador apenas ingerencia no Castelo, como Capitão-mór, e com tal Regimento veiu para Angra

MIGUEL PEREIRA BORRALHO, que pouco se demorou nos Açores, sendo substituido por

FRANCISCO LUIS DE VASCONCELOS, que não agradou aos Ilhéos, que por vezes dele se queixaram, por serem perseguidos e vexados pelo governador, que faleceu em 1653, impressionado, segundo se diz, pelo odio que lhe votavam os povos.

No ano seguinte, e por Alvará de 15 de junho de 1654, a instancias novamente dos procuradores da Ilha Terceira, terminou El-Rei com os Governadores nas Ilhas, ficando estas, quanto ao seu Governo, na primitiva forma, independentes e sem unidade, com seus Capitães-donatarios e Corregedores, que exerciam a sua jurisdição visitando os Concelhos.

Distinguiram-se neste periodo:

Pedro Corrêa de Melo, irmão do capitão-mór Manuel Corrêa de Melo; militou em Flandres no posto de capitão de cavalaria.

Quando soube da aclamação de D. João IV «destacou da Flandres 200 homens para França e veiu apresentar-se com eles a El-Rei a quem serviu com boa satisfação e brio».

Manuel de Medeiros da Costa, Capitão das ordenanças da Ilha de San Miguel que tambem esteve em Angra do Heroismo no tempo da Restauração e á sua custa andou com cincoenta homens, dois meses e meio em um navio da armada, servindo à Sua Majestade.

Capitão Roque de Figueiredo, natural da Ilha S. Jorge, que em Angra tomou parte activa na Restauração de Portugal, concedendo-lhe El-Rei uma Comenda com tença de 30$000 reis.

Manuel do Canto e Castro, considerado como fiel servidor de Felipe III, que veiu á Ilha Terceira comandando uma nau e duas caravelas com polvora e mais mantimentos para a conservação nos Açores á Coroa de Castela, que se deixou aprisionar em Porto Judeu ao saber com alegria da aclamação de D. João IV.

João Betencourt de Vasconcelos, filho de Vital de Betencourt de Vasconcelos, capitão-mór em Angra, que por se distinguir na Restauração na Ilha Terceira, foi agraciado com a comenda de Santa Maria de Tondela e o foro de fidalgo, por Alvará de 12 de abril de 1642.

Foi este cidadão que recebeu as chaves do castelo ao render-se D. Alvaro de Viveiros.

Sebastião Cardoso Machado, filho de Sebastião Cardoso Teixeira, da Ilha Terceira, que igualmente se distinguiu na Restauração, sendo tenente do Castelo; foi agraciado com o Habito de S. Tiago e o foro de fidalgo por Carta de 14 de agosto de 1642 e 27 de maio de 1643.

Foi membro do Conselho de guerra organizado em Angra por Francisco d'Ornelas, no tempo das lutas da Restauração, com o fim de resolver as duvidas que se suscitassem sobre as operações militares.

Francisco Duarte, da Ilha Terceira. Cavaleiro professo da Ordem de Cristo, e almirante da armada que veiu por parte de D. João IV á Terceira.

Manuel do Canto Teixeira, que se distinguiu nas lutas da Restauração. Foi nomeado capitão de uma companhia e depois Sargento-mór da Praia.

João de Castro e Castro, que se distinguiu nas mesmas lutas e foi por isso agraciado com o Habito de Cristo, nomeado Provedor da Armada da India na Ilha Terceira e Conselheiro de El-Rei.

Francisco Corrêa d'Avila, eleito representante da Ilha Terceira ás Côrtes de Lisboa, após a Restauração de Portugal.

Sebastião Corrêa de Larvela, filho de Tomé Corrêa da Costa, natural da Ilha Terceira, que levantou nesta Ilha 85 soldados e como capitão deles foi servir para o Brazil, e saindo na Baía por capitão de um navio em companhia do Conde de Torre entrou na briga com a armada holandeza, onde foi rendido e estropiado de de muitas feridas; na ilha Terceira assistiu ao sitio da fortaleza até ela se render; tendo ainda em atenção os feitos praticados por seu pai durante 14 anos na mesma Ilha e os de seu avô Alexandre Corrêa que serviu muitos anos a Corôa Portuguêsa nos postos de capitão, El-Rei o recompensou com o Habito de Cristo, por Carta de 20 de setembro de 1642, Fidalgo Cavaleiro por Alvará de 1 de março de 1662 e doação das casas do Marquês de Castelo Rodrigo, por Alvará de 20 de agosto

de 1667, não só por aqueles factos, mas por muitos outros praticados posteriormente.

João Mendes de Vasconcelos, filho de Martim Mendes de Vasconcelos, da Ilha Terceira, pelos seus serviços no tempo da Restauração, como capitão de uma companhia de 50 soldados, á sua custa, El-Rei o agraciou com o foro de fidalgo por Alvará de 27 de maio de 1643.

Cristovão Borges da Costa, filho de Manuel Borges da Costa, da Ilha Terceira; pelos serviços que por espaço de 36 anos prestou como capitão de uma companhia e ainda nos do tempo da Restauração, lhe deu El-Rei o Habito de Cristo com a pensão de 40$000 reis, que por sua morte passaria para quem casasse com sua neta D. Maria da Costa, por Alvará de 26 de abril de 1647.

Manuel Correia de Melo, Capitão-mór da Ilha de S. Jorge e da armada da Ilha Terceira, agraciado com o Habito de Cristo por Alvará de 16 de março de 1643 com pensão, pelos seus revelantes serviços no tempo da Restauração.

Pedro da Costa, da Ilha Graciosa, cabo de artilharia na Vila de Santa Cruz, que se distinguiu no cerco do Monte Brazil, na luta da Restauração.

João d'Avila, filho de Jeronimo Dias, da Ilha Terceira, capitão de uma das Companhias de ordenança e de navios, agraciado com o foro de fidalgo pelos seus muitos serviços no tempo da Restauração.

Vital de Betencourt de Vasconcelos, filho de Vital de Betencourt, natural da Ilha Terceira, tomou parte muito activa na luta da Restauração.

Diogo Leite, da Ilha de S. Miguel, capitão das ordenanças que seguiu desta Ilha para a da Terceira com alguns soldados, formando uma companhia, que serviu nas trincheiras até á rendição dos castelhanos.

Manuel Gomes, alferes da companhia do capitão Vital de Betencourt de Angra do Heroismo, que com uma escolta de sua companhia foi até junto do Castelo combater os castelhanos.

Padre Manuel d'Oliveira, da Ilha Terceira, que mor-

reu de uma bombarda, quando no reduto de Santa Luzia combatia pela Restruração.

Francisco Pires d'Avila, da Ilha Graciosa, que como capitão duma companhia tomou parte na luta da Restauração, indo como refens para o Castelo d'Angra quando os hispanhois vieram tratar da rendição.

Diogo do Canto e Castro, que juntamente com o capitão Francisco Pires d'Avila foi de refens para o Castelo d'Angra enquanto de um e outro campo tratavam da rendição do Castelo.

Agostinho Borges de Sousa, provedor da Fazenda d'Angra no tempo da Restauração e a quem D. Joao IV enviou carta por intermedio de Francisco d'Ornelas, recusando-se porém a tratar com este.

Fr. João da Purificação, confessor do Governador do Castelo D. Alvaro de Viveiros e que como emissario dos Rertauradores foi ao Castelo com propostas para a rendição dos hispanhois, mandando-o prender o governador.

Antonio do Canto e Castro, sargento-mór d'Angra, que ao ir ser preso por soldados Castelhanos quando passeava na cidade d'Angra se recolheu na casa da guarda que ficava proxima á praça da Camara; amotinou-se por essa ocasião o povo soltando vivas a D. João IV, atacando os castelhanos que se refugiaram no Castelo.

Fez parte do Conselho de Guerra no tempo da Restauração que resolvia as duvidas que se suscitavam durante a luta.

Capitão Fernandes Coelho, que então comandava a guarda onde se refugiou o Sargento-mór Antonio do Canto e Castro, e se recusou entrega-lo aos castelhanos que diziam viniam com essa ordem do governador. Este capitão instigou então o povo á revolta começando a dar vivas a D. João IV.

Francisco de Carvalhal Borges, almirante, que entrou nas lutas da Restauração e fez tambem parte do Conselho de Guerra,

Manuel Bacelar Machado, sargento-mór da Vila da Praia, tomou parte nas lutas da Restauração e fez parte do Conselho de Guerra.

Tomé Correia, logar-tenente do donatario de Angra, partidario de D. João IV e um dos membros do Conselho de Guerra.

Padre Francisco Furtado de Mendonça, da Ilha do Faial, Jesuita, que missionou pelo Japão, vindo a falecer em Macau. Escreveu varias obras entre as quais se contam «logica e metafisica» «De mundo et coelo».

Tomás de P. Pereira, que edificou a Ermida de Nossa Senhora da Guia na Ilha do Faial; seu filho do mesmo nome foi o septimo capitão-mór do Faial e erigiu a Ermida de San Lourenço na mesma ilha.

Cristovam Borges Machado, da Ilha Terceira; que por vezes serviu tambem de refens.

Manuel do Canto Vieira, Capitão de uma companhia da Vila da Praia, que tambem se notabilizou na tomada do Castelo aos castelhanos.

Nomearemos ainda no periodo que decorre depois da Restauração até á Creação da Capitania-geral dos Açores, mais os seguintes Açoreanos:

Miguel d'Arriaga Brum da Silveira, da Ilha do Faial, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Desembargador da Casa da Suplicação, nascido em 1716.

Foi intimo do Marquês de Pombal e um dos seus mais dedicados auxiliares.

José d'Arriaga Brum da Silveira, da Ilha do Faial, nascido em 1721, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Desembargador da Casa da Suplicação, consul da Russia no Faial e Provedor da Real Fazenda em todo os Açores.

Antonio Ferreira de Sousa, que foi o primeiro guarda-mór de saude e o ultimo juiz ordinario da Horta, que fundou em 1702 a Ermida hoje demolida de Nossa Senhora de Nazareth, nos Pasteleiros.

Antonio da Silveira Peixoto, filho de Manuel d'Avila Peixoto e D. Margarida Jesefa da Conceição, da Ilha do Faial; bastante novo embarcou para o Brazil onde serviu briosamente como militar e sendo preso pelos

hispanhois na exploração que fazia, como capitão, no Rio Paraná, ficou cativo dêles por alguns anos.

Faleceu no posto de sargento-mór, reformado, pelos seus bons serviços.

Jeronimo Brum da Silveira P. Frias e Taveira, Capitão-mòr da Ilha do Faial, cavaleiro fidalgo da Casa Real e professo da Ordem de Cristo, irmão do Arcebispo de Goa.

Filipe Furtado de Mendonça, formado em teologia pela Universidade de Coimbra e Vigario da freguesia de Castelo Branco, na Ilha do Faial; instituiu a Ermida de Nossa Senhora do Pilar em 1701, dispondo em seu testamento que lá o enterrassem.

Fr. Jorge de Santa Tereza, religioso do convento do Carmo da Ilha do Faial, professor de filosofia e retorica e lente da Sagrada Teologia; foi prior, visitador e Comissario da provincia.

D. Frei Bartolomeu do Pilar, doutor em teologia pela Universidade de Coimbra, primeiro bispo do Grão Pará, filho de João d'Avila Betencourt e D. Maria da Silveira, nasceu na Vila das Velas da Ilha de São Jorge a 21 de setembro de 1667 e faleceu a 9 d'abril de 1733.

João Betencourt de Lemos, Sargento-mór da Vila da Praia na Ilha Terceira em 1792 e um dos mais ricos homens de toda a Ilha.

Manuel Luiz Maldonado, Capitão do Castelo de São João Baptista de Angra do Heroismo, nascido em 1645. Deixou um manuscrito sobre historia e geneologia da Ilha Terceira, intitulado «Primum vivens de Fenix Angrense»

Padre Antonio Furtado da Rocha, que foi Provedor da Santa Casa da Misericordia de Vila-franca e lhe deixou em seu testamento lavrado aos 23 de janeiro de 1694, juntamente com seu irmão o Padre Manuel Furtado da Rocha uma grande parte dos seus bens.

Padre Felipe da Rocha, que reedificou a Ermida de Nossa Senhora da Paz em Vila-franca, deixando-lhe em seu testamento um legado.

II

Capitania geral dos Açores, Lutas liberais, até á saida dos Açores dos bravos do Mindelo. Açoreanos ilustres.

A administração das Ilhas dos Açores entregues novamente a si mesmas e sem unidade, no periodo que decorre desde o ultimo governador Francisco Luiz de Vasconcelos em 1654 até 1766 chega quasi a um estado anarquico. Os capitães donatarios abandonam as suas capitanias para viverem nos centros populosos e entregam-nas ao cuidado dos seus Ouvidores que vivem em continuas desinteligencias com os funcionarios d'El-Rei travando-se então verdadeiras lutas politicas solucionadas muitas vezes a favor dos Ouvidores por especiais favores d'El-Rei aos capitães donatarios.

Por semelhantes razões, pois, cria o Marquês de Pombal pelo decreto de 2 d'agosto de 1766 a *Capitania-geral*, governo politico, civil e militar com séde em Angra do Heroismo, cujo regimento foi depois alterado pela Carta de Lei de 16 de setembro de 1799.

Os capitães-donatarios recebem então o mais profundo golpe na sua larga jurisdição, pois ficaram reduzidos tão sómente á precessão das suas rendas, sendo incorporada na Coroa toda a jurisdição que gosavam.

A' frente da capitania estava então um Capitão-general cujas atribuições podemos assim resumir:

1) superintender no Exercito, com a jurisdição concedida aos generais governadores das provincias
2) sobre a fazenda Real, conhecendo da receita e despesa, e assim dos empregados civis, militares eclesiasticos;
3) no governo politico e civil exercia as atribuições dos Regedores da justiça da Casa de Suplicação Governador da Relação e de Capitão-geral do Reino do Algarve.

4) na policia, com as atribuições do Intendente geral;
5) prover os oficios da justiça que se achavam vagos até o serem definitivamente por El-Rei;
6) superintender nos Municipios;

E para tão honroso cargo veiu nomeado;

D. Antão d'Almada, do Conselho d'El-Rei, Mestre-sala de Sua Casa, que chegou a Angra a 28 de setembro de 1766. Foi recebido com todas as honras devidas, e durante tres dias se festejou a sua vinda, terminando por um solene Te-Deum na Igreja da Sé.

Foi um grande reformadar da administração publica. Todo o seu governo foi recebido com prazer pelos Açoreanos, porque se soube impor pela sua rectidão e afabilidade, sendo enfim substituido em 1770 pelo

Capitão-general Diniz Gregorio de Melo Castro e Mendonça, que tomou posse a 21 d'abril daquele anno, e foi sem duvida o governador que mais serviços prestou, reformando os costumes, fazendo respeitar a religião, promovendo o desenvolvimento da agricultura, e da instrução,abrindo novas estradas. Era de genio duro: no entanto humano e amigo do bem publico.

Faleceu a 3 de dezembro de 1793, assumindo interinamente o Governo o Bispo D. Fr. José d'Ave Maria e o Corregedor Manuel José d'Arriaga Brum, sendo este substituido em 1795 pelo Desembargador Luiz de Moura Furtado.

D. Lourenço d'Almada. (Coride d'Almada, do Conselho de Sua Majestade), filho de D. Alvaro d'Almada, foi nomeado Capitão-general a pedido da Camara de Angra, para acabar com as irregularidades do governo provisorio, chegando aos Açores em março de 1798.

Durante todo este governo, soube manter uma boa e sabia administração. que levou o povo de Angra a pedir a El-Rei o reconduzisse por mais tres anos no governo dos Açores. As desinteligencias, porém, que teve com o Bispo D. José Pegado d'Azevedo, com a nobreza e até com as proprias autoridades, causaram-lhe no fim do seu governo bastantes desgostos.

José Antonio Cesar de Melo, (Conde de S. Lourenço e depois Marquês de Sabugosa), tomou posse do governo a 17 de outubro de 1804, conquistando a simpatia de todos os Ilheus pela imparcialidade com que se manteve no seu governo, que terminou em 1806.

D. Miguel Antonio de Melo, (Conde de Murça) tomou posse a 10 de maio de 1806. Um dos seus primeiros actos foi ordenar a execução da Lei de 2 de agosto de 1766 acerca da escolha dos vereadores, que deveriam sair dentre gente nobre.

Ordenou depois a organização do Tombo das Camaras, quanto ás suas propriedades, receitas e despesas e protegeu a agricultura e o ensino.

Aires Pinto de Sousa. Tomou posse a 9 de setembro de 1810.

Não foi feliz no seu governo, porquanto começou por não querer receber os repatriados, politicos liberais, que vinham da Ilha de San Miguel no lugre Amazona, alegando ter as prisões em pessimo estado, para assim se vingar de alguns inimigos pessoais que ali vinham presos. Continuou o seu governo ficando-lhe a triste nodoa de condenar á morte, e fazer executar a sentença, cinco micaelenses, implicados no caso da morte do Juiz da Ribeira-grande, antes de julgado o recurso que subira ao principe Regente, e que chegou indultando os presos, tres dias depois de executada a sentença.

Francisco Antonio d'Araujo. Brigadeiro do exercito, valente, de genio energico, activo e diligente; não conseguiu, apesar disso, captar as simpatias dos Açoreanos que dele se queixaram a El-Rei, apesar dos seus bons serviços prestados, quer na parte militar, quer na protecção que dispendeu á agricultura e instrução.

Foi durante o seu governo que as ideias constitucionais começaram a ter voga nos Açores e por elas morreu na luta travada em Angra a 4 de abril de 1821, ficando o cadaver insepulto durante tres dias por ordem do seu sucessor.

Francisco de Borja Garção Stokler. Bacharel formado em matematica pela Universidade de Coimbra

e lente da Academia Real de Marinha; nasceu em Lisboa em 1759 e faleceu no Algarve no ano de 1829.

Nomeado governador e Capitão-general dos Açores chegou a Angra a 18 de outubro de 1820, tomando posse do seu alto cargo no dia seguinte.

Militou no partido absolutista combatendo arreigadamente o constitucionalismo; no entanto conta-se que se não mostrou indignado em 1807 com a invasão francesa em Portugal e que entregou a Junot o seu diploma de Socio da Academia Real das Scieneias recebendo em recompensa a nomeação para diversos cargos de que foi desapossado mais tarde pela Regenca. Deixou varias obras de valor entre as quais nomearemos «Compendio da teoria dos Limites,» «Memoria sobre os verdadeiros principios do metodo das flecções», «Demonstração do teorema de Newton sobre a soma das potencias dos raios das equações», etc.

Foi durante o seu governo que teve logar nos Açoo começo das revoluções constitucionais.

A revolução Liberal de 1821 em S. Miguel. As ideias liberais que se espalhavam no continente português como protesto ao governo de D. João VI, ás invasões francêsas e á permanencia da Côrte portuguésa no Rio de Janeiro, chegaram a seu tempo tambem aos Açores.

Sugestionados os micaelenses assim com as noticias vindas de Portugal sobre as novas bases em que se devia reger a nossa monarquia, aproveitaram o ensejo para se desligarem do governo da capitania-geral que não lhes agradava. E conjuradas as mais importantes forças de Ponta-delgada, neste sentido, reuniram-se na noite de 28 de janeiro de 1821 em casa do tenente João Soares de Albergaria e aí organizaram o plano revolucionario. Na madrugada dessa noite dirigem-se ao Castelo de S. Braz, sublevam os soldados em favor da sua causa e ao amanhacer do primeiro de março postam as tropas sob o comando do tenente Albergaria e alferes Noronha em frente dos Paços Municipais.

Pouco depois o alferes Noronha com uma escolta de 20 soldados, intima em sua residencia, o governador militar da Ilha Sebastião José d'Arriaga Brum da Silvei-

ra a comparecer nos Paços Municipais onde se ia proceder á eleição do governo interino da Ilha, que assim ficou constituido:

Presidente—Coronel Antonio Francisco de Chaves e Melo;

Vice-presidente—André da Ponte de Quental da Camara e Sousa;

Vagais—Capitão-mór Antonio Francisco Botelho de Sampaio e Arruda;
Reverendo Dr. João Bento de Medeiros Mantua;
Jacinto Inacio Rodrigues da Silveira;
Dr. Verissimo Manuel d'Aguiar, que serviu de secretario.

Da proclamação deste Governo lavrou-se a competente acta nos Paços do Concelho, cantou-se um solene Te-Deum em acção de graças na Matriz de S. Sebastião e houve luminarias durante 3 dias na cidade de Pontadelgada.

O governo assim constituido suspendeu o pagamento de decimas, cinzas e mais tributos, até resolução das Côrtes, e o pagamento de contas e remessas de dinheiro para Angra.

O governador militar Arriaga que protestou contra semelhante rebeldia, foi preso e depois enviado para Lisboa, para onde tambem seguiu, representando o governo interino, o Sargento-mór José de Medeiros Albuquerque que ás Côrtes portuguêsas levou a participação do sucedido.

Revolução liberal na Ilha Terceira. Os constitucionais da Ilha Terceira, por seu lado, opressos pelos vexames absolutistas do Capitão-general Stockler, acordaram numa revolução á imitação do que se havia praticado em S. Miguel, e assim a 1 de abril de 1821 proclamaram a constituição e dirigindo-se aos Paços Municipais, elegeram a junta provisoria que ficou constituida por:

Francisco Antonio d'Araujo—ex-governador e Capitão-general;

João Bernardes Ribeiro Borges—Corregedor da Comarca;

Alexandre Gamboa Loureiro—Desembargador;

José Leite de Teve e *José Maria Osorio*—Secretario.

Esta junta que foi reconhecida pelas Camaras da Ilha Terceira.

O general Stockler refugiou-se então na Vila da Praia, e em vista da atitude dos municipios, abdicou do seu governo e com autorização da *junta* voltou a Angra 3 dias depois. Uma vez aí reune-se com os seus partidarios, promove a contra-revolução que rebentou na noite de 4 de abril, em consequencia da qual ficou morto o general Francisco Antonio d'Araujo e o seu cadaver insepulto durante tres dias. Os seus bens foram sequestrados, a familia presa e muitos constitucionais, e o general Stockler reassumiu novamente o seu governo.

Revolução liberal na Ilha do Faial. Os habitantes do Faial e Pico que viviam tambem desgostosos da sua subordinação ao governo Central, a exemplo do que sucedera em Ponta-delgada, acordam-se, funcionarios civis e militares, e, dirigindo-se em massa aos Paços do Concelho, lançam vivas á constituição, ao Rei, ás Côrtes e à Religião, e, lavram o seu auto de eleição da sua junta provisoria que ficou assim constituida:

Presidente—José Rebelo Pires Alves de Miranda;
Vice-presidente—Coronel Estacio Machado d'Utra Teles;

Vogais—Capitão-mór Francisco de Terra Brum;
Ouvidor-eclesiastico, Padre Francisco Xavier da Silva;
João Manuel da Camara Berquó.
Sergio Pereira Ribeiro.
Bacharel José Francisco de Medeiros.

Seguiram-se festejos comemorando este acto de liberalismo e separação que redobraram de entusiasmo ao saber-se que fora implantado na ilha Terceira o regimen Constitucional.

Efectivamente a 13 de maio de 1821 fundeava na baía de Angra a fragata «Perola» trazendo a noticia oficial do juramento da Constituição por parte de D. João VI e assim ordens para se instalar nos Açores um governo Constitucional, que ficou constituido provisoriamente por:

José Maria de Betencourt e Lemos, Deão da Sé.

João Bernardo Rebelo Borges, Corregedor da Comarca.

Caetano Paulo Xavier, Governador do Castelo.

E como adidos ao mesmo governo e a pedido e instancias do governo:

D. Francisco Nicolau d'Almeida, Bispo d'Angra.

Francisco de Borja Garção Stockler, Capitão-general.

Soltaram-se todos os presos constitucionais da revolta de 4 de abril e tentaram os absolutistas aproximarem-se dos constitucionais, mas não conseguiram; sendo substituido neste governo o general Stockler pelo brigadeiro *João Maria Xavier de Brito*, seguindo para Lisboa a 11 de agosto daquele ano, para onde seguiram tambem depois o Bispo e o governador do castelo, Caetano Paulo Xavier, reconhecidos como absolutistas, e julgados foram absolvidos, pois tendo-se dado o pronunciamento militar de Vila-franca de Xira a 26 de maio de 1813 foi aclamado Rei absoluto D. João VI e assim demitido aquele governador constitucional e substituido por:

Coronel Candido de Menezes, que ficou com o governo das armas.

Luiz de Meireles do Canto e Castro.

Roberto Luiz de Mesquita.

O general Stockler foi novamente reconduzido ao Governo Geral dos Açores com o titulo de Barão da Vila da Praia, publicando D. João VI a Carta de Lei de 18 de agosto de 1823 em que se estabelece que o Governo Militar dos Açores se regule pelo Regimento de D. José I de 2 de agosto de 1766 e resida 6 mezes na Ilha Terceira e 6 mezes em Ponta Delgada.

A revolta de 30 de abril de 1824 em Portugal que teve como consequencia o exilo de D. Miguel para Viena trouxe a demissão do general Stockler, acabando assim o governo despotico deste funcionario, vindo-o substituir:

Manuel Vieira d'Albuquerque Tovar, que chegou aos Açores a 14 de julho de 1814 tomando posse no mesmo dia.

Descendente duma familia ilustre, fora governador das capitanias do Espirito Santo e de Angola, e não sendo de grande ilustração conseguiu trazer um pouco de

tranquilade a todos os Açores, acabando com as perseguições continuas que havia no tempo do seu antecessor.

Até á morte de D. João VI mostrou-se inclinado á politica constitucional, recebendo e privando com reconhecidos liberais, a ponto dos absolutistas se queixarem da sua parcialidade. A morte porém daquele Soberano e assim a vinda para Lisboa de seu filho D. Miguel, aclamado Rei de Portugal, fe-lo mudar de orientação politica, pois no meio de grande festividade aclamou-o tambem em Angra a 17 de maio de 1828.

Pronunciamento militar e o governo interino d'Angra. Não agradou aos constitucionais a nova atitude do Governador e por isso activaram um pronunciamento militar em Angra, que teve logar a 12 de junho de 1828, em que tomou parte activa o batalhão de caçadores 4, sob o comando do capitão José Quintino Dias, que teve como consequencia a deposição e prisão do governador e de muitos elementos afectos ao absolutismo e o desarmamento dos corpos milicianos, nomeando-se um governo interino que ficou constituido assim:

João José da Cunha Ferrás, Tesoureiro-mór da Sé d'Angra.

José Jacinto Valente Farinha, Juiz de Fóra, servindo de Corregedor.

José Rodrigues d'Almeida, Coronel de Engenharia.

Dr. Manuel Joaquim Nogueira, Secretario com voto.

Fructuoso José Ribeiro, Deão da Sé e Governador do Bispado.

Francisco José Pacheco, Corregedor da Comarca.

D. Inacio Castelo-branco do Canto, brigadeiro.

Os ultimos tres membros, porém, apresentaram a sua escusa, sendo a pedido do municipio chamados para o governo interino a 28 de agosto daquele ano:

José Quintino Dias, que comandou o pronunciamento militar, e

Teotonio d'Ornelas Bruges, Avila Paim da Camara, mais tarde Visconde de Bruges.

No primeiro de setembro chega a Ponta-delgada a bordo de uma escuna o governador Tovar sendo recebido com as honras inerentes ao seu cargo e nesta cidade

fixou o seu governo, pois nenhumas das outras Ilhas dos Açores reconheceram o governo interino d'Angra.

Henrique da Fonseca Prego, Vice-almirante, é o novo governador que em nome de D. Miguel chega a Angra no dia 15 de julho de 1828 e a quem o governo interino não recebe, voltando por isso novamente para Lisboa.

A 13 de dezembro do mesmo ano, volta este novo governador desembarcando em Ponta-delgada, recebendo de Tovar o governo dos Açores fieis a D. Miguel, e nesta cidade se manteve até ao combate da Ladeira da Velha, a 1 de agosto de 1831, em que todos os Açores se renderam então aos constitucionais.

Diocleciano Leão Cabreira, Fidalgo cavaleiro da Casa de Sua Majestade e Comendador da Ordem de S. Bento d'Aviz, como Capitão-general dos Açores em nome de D. Pedro IV. Desembarcou em Angra a 4 de setembro de 1828, vindo de Inglaterra a convite do Marquês de Palmela, sendo recebido amistosamente pelo governo provisorio.

A 4 de outubro, porém, os chefes miguelistas organizaram uma contra revolução proclamando novamente D. Miguel na Vila da Praia, nomeando um governo que ficou composto por:

Conego João José Belo.
Francisco José Pacheco, ex-corregedor.
D. Inacio Castelo-branco, brigadeiro.

Mas, dando-se um encontro com as tropas liberais, ficaram aqueles derrotados; então reorganizou-se em Angra o governo provisorio, que ficou assim constituido:

Diocleciano Leão Cabreira—Presidente.
João José da Cunha Ferrás—Conego e Tesoureiro-mór da Sé.
José Antonio da Silva Torres—Coronel de cavalaria.

E nomearam-se então tres ministros:

Alexandre Martins Pamplona, que ficou com as pastas do Interior e Tesouro.
Teotonio d'Ornelas Bruges Avila, com a pasta da Guerra.

Pedro Homem da Costa Noronha, com a do Estrangeiro.

Decretou-se a 28 de outubro que seja Angra a séde do governo português legitimamente autorizado a sustentar os direitos de D. Pedro IV e D. Maria II e que ficassem as Ilhas dos Açores constituindp uma só provincia, tendo por séde—Angra.

Dentro em pouco os membros do governo provisorio discordam do plano a seguir, pelo que o governador Diocleciano se despede a 5 de março de 1829, partindo pouco depois para a Inglaterra.

O governo provisorio ficou então assim constituido:

Presidente Sebastião Drago Valente Cabreira, brigadeiro do exercito e irmão do governador Diocleciano.

João José Ferrás e José Antonio da Silva Torres.

Bloqueio da Inglaterra á Ilha Terceira. Mandou o governo Britanico por ordem do Almirantado de 12 de dezembro de 1828 velejasse nos mares dos Açores o navio Ranger e uma chalupa, afim de impedir o desembarque na Ilha Terceira de constitucionais e soldados Inglêses que da Inglaterra se dirigiam para aquela Ilha afim de se juntarem aos seus partidarios e defenderem a causa de D. Pedro IV. Efectivamente em janeiro do ano seguinte impediram o desembarque do Conde Saldanha e das tropas que o acompanhavam.

A 27 de janeiro, porém, foi ordenado pelo governo de D. Miguel, viessem navios portuguêses formar o bloqueio, pelo que se retiraram os Inglêses declarando-se a Inglaterra neutral.

Conde de Vila-flor. Par do Reino e Marechal de campo do exercito, rompendo o bloqueio da esquadra de D. Miguel desembarcou na Vila da Praia da Ilha Terceira a 22 de junho de 1829. Vinha como Governador e Capitão-general de todos os Açores, em nome de D. Maria II, por Carta de 5 de abril do mesmo ano trazendo consigo muitos emigrados.

Estabelecendo-se em Angra, adoptou medidas brandas e conciliadoras, restabeleceu a pouco e pouco o socego e a ordem publica, pondo em liberdade muitos presos politicos, e como medida preventiva e de segurança curou das fortificações de toda a Ilha.

Batalha da Vila da Praia. A 11 de agosto de 1829, depois de varios bordejos em volta da Ilha, ancorou na baía da Vila da Praia a esquadra de D. Miguel, assim composta:

Nau D. João VI—com 76 peças, sob o comando do capitão de fragata, José Gregorio Pegado; conduzia o general da expedição e o seu estado-maior.

Fragata Diana—com 52 peças, sob o comando do chefe da divisão. Francisco Inacio de Miranda Everad.

Fragata Perola—com 46 peças, sob o comando do capitão de fragata, João Pedro Velasco da Cunha.

Fragata Amazona—com 32 peças, sob o comando do capitão de mar e guerra Joaquim José da Cunha.

Corveta Urania—com 22 peças, comandada pelo capitão-tenente Sebastião Antonio Pegado.

Corveta Princêsa Real—com 22 peças, comandada pelo capitão-tenente José Joaquim Pereira.

Charrua Galatêa -com 12 peças, comandada pelo segundo tenente Antonio Daniel Baptista de Barros.

Chorrua Orestes com 2 peças, comandada pelo primeiro tenente Francisco de Paula Tavares.

Charrua Paincêsa da Beira—com 8 peças, comandada pelo primeiro tenente Manuel Pedro de Carvalho.

Charrua Maria Cardoso - com 12 peças, comandada pelo copitão de fragata Joaquim Maria Brum de Morais.

Charrua Principe Real—com 2 peças, comandada pelo primeiro tenente Antonio José Borges de Castro.

Patacho Bom Jesus—comandado pelo guarda marinha João Cesar Cardoso.

Brigue Gloria—com 8 peças, comandado pelo primeiro tenente Porfirio Antonio Caminha.

Brigue Infante D. Sebastião—com 18 peças, comandada pelo primeiro tenente José da Costa Couto.

Brigue Treze de Maio—com 12 peças, comandada pelo capitão-tenente João José Fernandes.

Brigue Providencia--com 12 peças, comandado pelo segundo tenente Antonio Francisco Vicente Heitor.

Escuna Triunfo da Inveja—comandada pelo primeiro tenente Domingos Fortunato do Vale.

Escuna Divina Providencia - comandada pelo voluntario Francisco de Assis e Silva.

Hiate Bom Despacho—comandado pelo segundo tenente José Joaquim d' Rego.

Hiate Santa Luzia—comandado pelo guarda-marinha Carlos Augusto Morais d'Almeida.

Patacho Carmo e Almas comandado pelo guarda-marinha David Victor da Camara.

A defesa em terra estava nos seguintes fortes:

Santa Catarina do Cabo da Praia com 3 peças sob o comando do alferes de infantaria Nunes Brandão de Castro.

S. José—com 2 peças, sob o comando do sargento Antonio Augusto da Costa Riper.

S. Caetano—com duas peças, sob o comando do soldado José Peixoto da Silva.

S. João— com uma peça, sob o comando do soldado José Paulo Machado.

Santa Cruz do Porto—com uma peça sob o comando do alferes de infantaria Simão Antonio d'Albuquerque e Castro.

Espirito Santo—cum uma peça, sob o comando do alferes de caçadores Manuel Franco.

Travou-se então a memoravel batalha da Praia da Victoria; de começo alcançaram victoria as forças do mar, a ponto da nau almirante dar sinal para o desembarque; o fogo, porém, de terra, redobrando de energia, fez retroceder muitos dos atacantes, ferindo, matando e aprisionando os que em nome de D. Miguel vinham impor os velhos principios da nacionalidade.

A esquadra, desmantelada, afastou-se então consciente da sua derrota, mas velejou ainda em frente da baia d'Angra, não ousando, porém, aproximar-se, e a pouco e pouco escondeu-se para sempre, nos confins do horisonte.

Da gloriosa vitoria foi logo mandada noticia para Inglaterra, onde se achava a Regencia nomeada, por decreto de 15 de junho de 1829, por D. Pedro IV, para em nome de sua filha governar na forma da Carta Constitucional.

Regencia. A 15 de março de 1830 chegam a Angra a bordo da escuna inglêsa Jock, a Lanterna, varios emi-

grados portuguêses e estabelece-se então nesta cidade a regencia que fica assim constituida:

Presidente—Marquês de Palmela.

Vogais—Conselheiro José Antonio Guerreiro e Conde de Vila-flor.

Ministro de todas as pastas—Luiz da Silveira Mousinho d'Albuquerque,

Publicaram então o decreto em que D. Pedro abdica os seus direitos á Casa Portuguêsa em sua filha D. Maria; a 18 de outubro decretam que a bandeira nacional tivesse duas côres—Azul e branco; e fazem fluctuar no Castelo, pela primeira vez, o novo estandarte, organizando finalmente a sua esquadra, que iria ás outras Ilhas, fieis ainda a D. Miguel, proclamar a Constituição.

Expedição á Ilha do Pico. A 17 de abril de 1831 e sob o comando do Conde de Vila-flor, dirigem-se os constitucionais da Ilha Terceira á do Pico, desembarcando aqui sem a menor resistencia, pois que toda a guarnição, mal avistou a esquadrilha constitucional, se passou para a Ilha do Faial, sua vizinha, deixando assim que os liberais implantassem o novo Regimen, sem a menor oposição.

A' Ilha de San Jorge. Na madrugada de 9 de maio, chega a expedição á Vila das Velas da Ilha de S. Jorge, retida até então no Pico, por uma tempestade que se levantou. Desembarcaram na Ribeira do Nabo e formaram aí duas colunas, uma comandada por Joaquim José Nogueira, que encontra resistencia nas forças de terra, compostas por 70 homens de linha e 150 milicianos, travando-se um renhido combate, em que ficaram victoriosos os liberais, que ocuparam afinal o logar denominado Urselina; e outra sob o comando do major José Joaquim Pacheco, que marchou sobre a Vila das Velas, combatendo contra 300 homens de terra, que ficaram derrotados. E assim ocuparam os liberais mais esta Ilha do arquipelago.

A' Ilha do Faial. A 23 de junho tomaram os expedicionarios a Ilha do Faial que não opôs resistencia alguma, havendo o governador da Ilha, Morais Ancora, e varios oficiais da guarnição, embarcado numa corveta para a Ilha de S. Miguel.

Pelo consul britanico da Ilha do Faial, foi então entregue uma carta dirigida ao Conde de Vila-flor, de D. Pedro IV, que por aquela Ilha passara a bordo da fragata *La Volage*, do Brazil, pa que em vista de uma revolução brazileira, abdicara a Corôa deste Imperio em seu filho D. Pedro, e que sua filha D. Maria saira do Brazil para Brest a bordo da fragata francesa «La Seine».

Na Ilha Graciosa. Foi espontaneamente aclamada D. Maria II a 10 de julho de 1831, depois duma pequena luta entre as tropas de linha daquela Ilha.

Na Ilha das Flores e Corvo. Foi igualmente aclamada a Rainha e a Constituição, sem que houvesse luta nem embaraço algum.

Em Angra reuniram-se novamente todos os expedicionarios para tentarem o assalto á Ilha de S. Miguel e Santa Maria, as unicas que nos Açores reconheciam ainda o governo de D. Miguel.

A 2 de julho, porém, e a seu pedido, foi demitido do governo o ministro Mousinho da Silveira e nomeados: para as pastas dos negocios eclesiasticos, Justiça, Fazenda e Estrangeiros, o Desembargador José Antonio Ferreira Bracklamy, e para as pastas dos negocios da Guerra e Marinha, o Brigadeiro Joaquim de Souza Quevedo Pizarro.

Expedição á Ilha de S. Miguel. A 30 de julho de 1831 largou do porto d'Angra a expedição sobre San Miguel nos navios existentes e algumas canhoneiras, mandadas construir no porto de Pipas e numa galera francesa que havia aportado a Angra, chegando áquela ilha no dia primeiro d'agosto, desembarcando na Ribeira que fica a oeste do logar da Achadinha.

Travou-se então uma luta entre expedicionarios e as tropas de terra fieis a D. Miguel, que ficaram derrotadas e mortos no campo da batalha os capitães Marcelino Coelho Bandeira do Quental e José Maria da Silveira, ajudante do general Prego.

Batalha da Ladeira da Velha. No dia seguinte dirigiram-se as tropas expedicionarias para o logar da Maia, passando depois ao Porto Formoso e, ao subir o desfiladeiro denominado «Ladeira da Velha», tiveram um encontro

com as tropas militares de Vila-franca que para ali haviam sido mandadas a juntar-se a outras lá existentes, sendo todas derrotadas.

A 2 de agosto entraram os liberais victoriosos em Ponta-delgada, aclamando-se então D. Maria e dando-se vivas á Constituição.

O general Prego e seu Estado-maior, Corregedor e Juiz de Fóra abandonaram então a Ilha e a bordo de uma barca Inglêsa dirigiram-se para Portugal, deixando assim os Açores entregues aos Liberais.

D. Pedro—Regente. A 22 de fevereiro de 1832 desembarcarou no porto de Ponta-delgada, a bordo da fragata «Rainha de Portugal», vindo de França, D. Pedro IV, afim de assumir nestas Ilhas em nome de sua filha D. Maria, a Regencia do Reino; para Angra seguiram os emigrados que da Inglaterra, França e Belgica trazia, porque naquela cidade continuava a estar a Regencia.

Durante o pouco tempo que em Ponta-delgada esteve, tratou D. Pedro dos preparativos para a expedição que pretendia levar a Portugal, passando uma ordem sobre uma casa de Londres por intermedio de Jacinto Inacio da Silveira, depois Barão da Fonte Bela, de trinta contos.

A tres de março desembarcou D. Pedro na cidade de Angra, depois de mesmo a bordo da sua fragata te decretado a dissolução da Regencia, assumiu a mesmr em nome de sua filha e nomeou o seu ministerio q a ficou assim composto:

Fazenda e *Justiça*—José Xavier Mousinho da Silveira
Reino e Negocios Estrangeiros—Marquês de Palmela.
Guerra e Marinha—Agostinho José Freire.
Nomeou ainda:
Comandante em chefe da Guarnição dos Açores, o Conde de Vila-flor.
Comandante em Chefe da Esquadra, Vice-almirante Rose George Sartorius.

E assim entrou D. Pedro IV na cidade de Angra, no meio das mais entusiasticas ovações a ele, a sua filha e á Constituição.

De Angra visitou D. Pedro a Ilha do Faial onde se

achava o arsenal da marinha e a Vila das Velas, na Ilha de San Jorge, onde 100 oficiais vindos de Belle Isle lhe pediram os encorporasse na expedição a seguir para Portugal.

A pouco e pouco iam chegando á Ilha de San Miguel, de todas as Ilhas, enviadas por D. Pedro, as tropas que deviam naquela Ilha formar o corpo expedicionario, os sete mil bravos do Mindelo, chegando finalmente Sua Majestade a 27 de maio sendo recebido com todas as honras inerentes á sua alta categoria.

Os Sete mil bravos do Mindelo. A 23 de junho de 1832, reuniu D. Pedro IV no campo do Relvão, em Ponta-delgada, o exercito Libertador que formava a expedição, assim composto:

Estados Maiores das Divisões	11
Corpo de Guias	54
Batalhão de oficiais	252
Dito de artilharia	293
Corpo Academico	90
Condutores	48
Batalhão de Caçadores n.º 2	467
Idem numero 3	427
Idem numero 5	567
idem numero 12	568
Regimento de infantaria numero 18	1.453
Regimento provisorio de Infantaria	1.193
Batalhão de Voluntarios da Rainha	447
Ditos de atiradores franceses	448
Dito da Marinha inglesa	363
Total.....	6.681

A 27 de junho largou o porto de Ponta-delgada a esquadra do exercito Libertador com 541 oficiais e 7.678 praças de pret, composta pela

Fragata Rainha de Portugal, com 46 peças levando içada a bandeira almirante

Fragata D. Maria II, com 42 peças

Brigue Conde de Vila-flor com 16 peças

Brigue Escuna Liberal com 9 peças

Escuna Terceira com 7 peças

Escuna Eugenia com 10 peças

Escuna Coquete com 7 peças

A barca—*Regencia de Portugal*
Galera Juno, onde ia D. Pedro IV
Brigue Concordia e Escunas: Faial, Graciosa, Esperança e S. Bernardo.

A 8 de julho de 1832 desembarcou nas praias do Mindelo o exercito Libertador que batendo os legitimistas implantou definitivamente o regimen Constitucional em Portugal, exilou D. Miguel de Bragança e aclamou D. Maria II Rainha de Portugal, segundo a convenção de Evora-Monte de 26 de maio de 1834.

Distinguiram-se neste periodo:

Duarte Borges da Camara Medeiros, 1.º Visconde da Praia, Par do Reino e do Conselho de Sua Majestade.

Natural da Ilha de San Miguel e senhor de uma grande fortuna, prestou revelantes serviços á causa liberal, recusando sempre todas as recompensas que lhe eram oferecidas; apenas com 22 anos entrou na revolução de 1821 em Ponta-delgada e daí continuou a sua carreira liberal.

Mateus d'Andrade Albuquerque Betencourt, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, advogou com raro brilho nos auditorios de Ponta-delgada, de onde era natural e onde falleceu em 1828.

Devotado á causa Liberal, foi desterrado desta Ilha para a de Santa Maria e d'aí para Lisboa onde foi preso por acontecimentos politicos. Pertencia a uma das mais ilustres familias micaelenses.

Manuel Antonio de Vasconcelos, o primeiro que na Ilha de San Miguel exerceu a profissão de jornalista, como redactor do «Açoreano Oriental», o actual decano dos jornais portugueses.

Na politica seguiu o partido Liberal, sendo camarista do Municipio de Ponta-delgada, quando D. Pedro aqui esteve organizando o batalhão libertador.

E' dele a seguinte frase dirigida a um oficial portador de um oficio para a Camara Municipal sobre abolotamento de tropas: «Se ha quem possa com uma mochilha, ha tambem quem possa com seis e as esmaguem num pronto».

Eleito deputado em 1836 seguiu o partido setembrista e sendo assim adversario de Rodrigo da Fonseca se

lhe dirigiu este numa sessão camararia, dizendo: «Não pode duvidar-se que o senhor deputado que me precedeu é talvez a cabeça mais bem organizada desta Camara».

Nicolau Antonio Borges, Coronel de milicias e comandante da Guarda Nacional, que tantos serviços prestou á causa Liberal, comandou o destacamento do batalhão civico que restabeleceu a ordem em San Miguel após a partida dos 7.500 bravos do Mindelo, batendo e destroçando os guerrilhas miguelistas que se espalharam na Ilha de San Miguel. Foi membro da Junta governativa, constituida pelo povo para manter os principios proclamados na revolução do Minho, desempenhou varios cargos electivos e foi o chefe do partido setembrista por falecimento do primeiro Barão das Larangeiras.

Teotonio d'Ornelas Bruges d'Avila Paim da Camara, Visconde de Bruges, Conde da Praia da Vitoria, Par do Reino e ministro do governo Provisorio em Angra. Foi um dos melhores elementos do Constitucionalismo, pondo ao serviço da Rainha toda a sua boa fortuna. Descendia das mais ilustres familias da Ilha Terceira e nomeadamente do Capitão-donatario Jacome de Bruges.

José Betencourt de Vasconcelos, major miliciano, natural d'Angra, seguiu o partido legitimista, sendo no governo de D. Miguel nomeado Comandante militar da Ilha do Faial, onde então residia.

Devido a um contrabando em que se envolveu, foi preso e confiscados os seus bens.

Manuel José de Arriaga Brum da Silveira, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Juiz de Fóra e Corregedor d'Angra, casou com D. Francisca Maria d'Assis Melo e Castro, filha do Capitão-general dos Açores Diniz Gregorio de Melo e Castro.

Foi depois Juiz da Casa da Suplicação e o primeiro deputado eleito ás Cortes constituintes de 1821 pelas Ilhas do Faial, sua terra natal, e Pico, apresentando por essa ocasião o seu trabalho: «Memoria Geografica, estatistica, politica e historica sobre as Ilhas do Faial e Pico».

Em 1826 foi nomeado Intendente geral da policia, e sua morte era Desembargador do Paço e Conselheiro do Estado.

Padre Felisberto José de Sequeira, primeiro deputado eleito ás Constituintes de 1821 pelas Ilhas do Faial e Pico, juntamente com o Dr. Manuel José d'Arriaga B. da Silveira.

Dr. Miguel José d'Arriaga Brum da Silveira, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, do Conselho de Sua Majestade e da Fazenda Real, Alcaide mór da Vila da Horta, Comendador de Cristo, Conceição e Torre Espada, Desembargador dos agravos da Casa da Suplicação do Brazil e Ouvidor geral de Macau, onde faleceu.

Manuel Inacio de Sousa, formado em Canones; Capitão das Ordenanças e Provedor interino dos residuos em 1791. Era homem ilustrado, versejava, sendo algumas das suas produções recolhidas no jornal «O Gremio Literario».

Era senhor da melhor fortuna do seu tempo na Ilha do Faial.

José Francisco da Terra Brum, Capitão-mór do Faial e depois Tenente-coronel de milicias. Fidalgo cavaleiro da Casa Real e fervoroso adepto do constitucionalismo, recebeu em sua casa, na Horta, D. Pedro, foi agraciado com a Carta do Conselho e depois feito Barão da Alagoa; foi o maior proprietario do seu tempo.

Sebastião José d'Arriaga Brum da Silveira, General do exercito, fez toda a campanha da guerra Peninsular; derrotado Napoleão voltou ao Reino com a patente de tenente-coronel, com 40 anos de idade.

Em 1815 foi nomeado governador militar da Ilha de San Miguel, logar que exerceu até 1821, ao ser preso e enviado para Lisboa pelos revoltosos de Ponta-delgada.

José d'Arriaga Brum da Silveira, formado em direito pela Universidade de Coimbra, distinguiu-se como historiador. São dele os seguintes trabalhos: «Raças Historicas na Lusitania»; «Questão Iberica»; «O Saldanha»; «Influencia do Cristianismo nas ideias modernas».

João Manuel da Camara Berquó, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Juiz de Fóra na Ilha Terceira, e depois na do Faial, Desembargador da Relação do Porto em 1818 onde faleceu.

Jeronimo Sebastião Brum da Silveira, filho de Tomás Francisco Brum da Silveira e como seu pai e avô Jeronimo Brum da Silveira P. Frias, capitão-mór da Ilha do Faial, de genio altivo, reedificou a Ermida de S. Lourenço em 1785.

Manuel Garcia da Rosa, formado em medicina pela Universidade de Coimbra e medico da Casa Real em Lisboa.

Francisco Peixoto L. Costa Rebelo, natural da Ilha do Faial, literato de nomeada, contendo muitas produções dispersas em jornais; foi um dos fundadores do Açoreano Oriental, de Ponta-delgada.

João Pereira de Lacerda, literato da Ilha do Faial e apaixonadamente liberal, muito se manifestando em 1821. Ha muitas das suas produções recolhidas no jornal Faialense «O Gremio Literario».

Josè Soares de Sousa, beneficiado na Matriz da Vila das Velas, Ilha de San Jorge, grande investigador historico, deixou em manuscrito: «Catalogo dos Bispos dos Açores»; «Memoria sobre a fundação do convento das Freiras nas Velas».

João Soares d'Albergaria, que escreveu a corografia Açoreana em 1822; eleito deputado em 1838 alcançou melhoramentos importantes para a Ilha de San Jorge e colaborou em muitos jornais.

Nicolau Maria Raposo d'Amaral, da Ilha de S. Miguel, das melhores familias da Ilha e de boa riqueza. Foi politico liberal e em 1831 fez um emprestimo á Regencia do Reino de 32.000$000

II

Nova divisão administrativa dos Açores. Provincias e districtos e seus respectivos Chefes, Juntas-gerais e Açoreanos illustres.

Pela organização administrativa de 1832, constituiram as ilhas dos Açores uma Prefeitura com séde em Angra do Heroismo, reunindo o respectivo Prefeito amplos poderes civis e militares, com duas sub-prefeituras, uma em Ponta-delgada e outra na Horta, e foi nomeado Prefeito. **Francisco Saraiva da Costa Refoios,** brigadeiro do exercito, por decreto de 4 de junho de 1832. De tendencias centralizadoras, promulgou varios regulamentos sobre diferentes assuntos civis, militares e até da Fazenda publica; regulamentou o Registo Civil, pediu a transferencia do Tribunal de segunda instancia de Ponta-delgada para Angra, que não conseguiu, tornando-se suspeito ao povo micaelense

Foi durante o seu governo que foi suprimida a Pagadoria militar e recolhida a moeda de bronze que fora mandada cunhar pelo governo da Ilha Terceira e que corria sob o nome vulgar de «malucos».

Pelo seu genio altivo e centralizador teve varias desinteligencias com o governo Central, e ao serem retirados os poderes extraordinarias que então gosava, pelo Decreto de 4 de Julho de 1833 e pela constante luta com os micaelenses, pediu a sua demissão que lhe foi dada por Decreto de 15 de julho d'aquele ano.

Sub-prefeitos de San Miguel

Luiz Ribeiro de Sousa Saraiva, com quem o Prefeito depois teve desinteligencias pelo facto de o substituir pelo sub-prefeito da Horta, Bacharel Antonio José d'Avila que o povo e camara de Ponta-delgada não consen-

tiram desembarcasse quando vinha tomar posse, chamando-o a Angra autoritariamente e nomeando interinamente para o substituir

José Caetano Dias, que então exercia o cargo de Provedor do Concelho de Ponta-delgada.

Sub-prefeito da Horta

Antonio José d'Avila, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, da intimidade do Prefeito, e que voltou para a Horta por o não quererem receber em S. Miguel.

A Ilha de S. Miguel, consciente pois do seu valor, não aceitou de bom grado esta sua nova subordinação á Ilha Terceira, nem tão pouco as prepotencias centralizadoras do Prefeito Refoios.

Reunidos, pois os diferentes Municipios da Ilha em Ponta-delgada, representaram a 2 de maio de 1833 ao Regente do Reino, D. Pedro, pedindo a sua separação da Ilha Terceira, e assim por decreto de 28 de junho de 1833 é alterada esta nova organização e dividido o Arquipelago em duas provincias, uma Oriental com séde em Ponta-delgada e composta das Ilhas de S. Miguel e Santa Maria e outra Ocidental com séde em Angra e compreendendo as restantes Ilhas dos Açores.

Estas duas provincias, porém, formavam um só Distrito-judicial com sède em Ponta-delgada, um Bispado e uma divisão-militar, com séde em Angra, que foi extinta por Decreto de 5 de março de 1836, passando a haver um Governador militar em cada Ilha, onde fosse necessario.

Em 1836 é novamente alterada a divisão territorial do Arquipelago, passando a formar tres Provincias ou Distritos Administrativos, divisão que ainda hoje subsiste.

Distrito Oriental, com séde em Ponta-delgada, compreendendo as Ilhas de S. Miguel e Santa Maria.
Distrito Central, com séde em Angra do Heroismo, compreendendo as Ilhas Terceira, S. Jorge e Graciosa.
Distrito Ocidental, com séde na Horta, compreendendo as Ilhas do Faial, Pico, Flores e Corvo.

Ao chefe do distrito deu-se-lhe de principio o nome

de Prefeito, depois o de Administrador geral e por fim o de Governador civil, havendo ao começo um Conselho de distrito nomeado pelo governo, precedido de eleição da Junta-geral e proposto pelo respectivo Governador civil.

Por decreto de 2 de março de 1895, forram creadas para os Açores, depois de uma campanha politica iniciada na Ilha de S. Miguel, as Juntas Gerais do distrito como principio de uma autonomia administrativa.

Teve a gloria de iniciar este movimento o ilustre causidico e deputado da Nação Dr. Aristides Moreira da Mota, com a sua proposta de lei, cujo art.º 1 assim redigiu.

> «Compete ás juntas gerais dos distritos açoreanos, ou ás corporações que as substituirem, deliberar definitivamente sobre tudo o que não seja das atribuições dos poderes politicos do Estado, que não possam ser delegada, e sobre tudo o que não seja ofensivo dos direitos politicos e individuais dos cidadãos, bem como das leis que regulam o recrutamento e serviço militar, emigração e o recenseamento eleitoral.»

Esta proposta de lei que não passou foi o inicio do grande movimento que então se operou na Ilha de S. Miguel para a conquista da aspiração suprema dos Açoreanos, a sua autonomia administrativa, vindo mais tarde a organizar-se uma comissão que ficou assim composta:

Conde Jacome Corrreia —chefe do partido regenerador do distrito de Ponta-delgada, fidalgo da melhor nobreza açoreana e senhor de uma das melhores fortunas do arquipélago.

José Maria Raposo d'Amaral—chefe do partido progressista, Par do Reino, pessoa da melhor respeitabilidade açoreana e senhor de uma grande fortuna.

Conde da Ponte Bela —fidalgo de uma grande popularidade na Ilha de S. Miguel e possuidor de uma grande fortuna.

Dr. Caetano d'Andrade Albqpuerque—capelo em Direito pela Universidade de Coimbra, do melhor prestigio no partido progressista, e possuidor de uma grande fortuna.

Manuel Jacinto da Ponte antigo republicano, da maior popularidade e bondade de coração.

Dr. Francisco Pereira Lopes de Betencourt Ataide—distinto advogado, das melhores familias da Ilha de S. Miguel, orador brilhante, que desempenhou varios cargos electivos.

Dr. Aristides Moreira da Mota—que teve a gloria de iniciar com sua proposta de lei o movimento autonomico Açoreano, causidico brilhante, ilustre professor do Liceu Central, deputado em varias legislaturas.

Dr. Duarte d'Andrade A. Betencourt (Conde d'Albuquerque)—das melhores familias Açoreanas, politico de valor e da mais subida hombridade.

Luiz Soares de Sousa—industrial e comerciante que mais popularidade gosava em Ponta-delgada, pela sua honestidade, pela sua bondade e pela sua riqueza, da qual partilhavam grandemente os desprovidos de fortuna.

Dr. Gil Mont'Alverne de Sequeira—distinto clinico e sub-delegado de saude em Ponta-delgada, orador de raça e que imprimiu a este movimento o melhor dos seus esforços; foi deputado em varias legislaturas.

Foi desta comissão que nasceram os projectos da organização Administrativa dos Açores, que deu em resultado a creação das juntas-gerais com principios autonomicos que hoje regem os distritos de Ponta-delgada e Angra do Heroismo.

Tribunal da Relação dos Açores. Por decreto de 16 de maio de 1832 foi creado nos Açores um Tribunal de segunda instancia, tendo a sua séde em Ponta-delgada; foi a graça concedida pelos liberais ao povo micaelense pelo seu esforço nas lutas constitucionais que tiveram o seu epilogo nos bravos do Mindelo.

Foram presidentes deste Tribunal:

José Leandro de Sousa, que tomou posse do seu logar a 3 de julho de 1832.

Joaquim José Queirós, que tomou posse a 3 de junho de 1833.

Antonio Osorio de Sousa Castro Cabral Albuquerque, que tomou posse a 12 de fevereiro de 1835.

Francisco de Magalhães Coutinho, que tomou posse a 17 de janeiro de 1839.

Bento Cardoso de Gouveia Pereira Corte Real, que tomou posse a 5 de julho de 1845.

Luiz d'Almeida Menezes e Vasconcelos, que tomou posse a 5 de dezembro de 1856.

José de Melo Giraldes Sampaio de Bourbon, que tomou posse a 22 de junho de 1870.

Francisco Jeronimo Coelho e Sousa, que tomou posse a 22 de março de 1872.

José Pereira, que tomou posse a 12 de fevereiro de 1879.

Bazilio Alberto de Souso Pinto, que não chegou a tomar posse por ser transferido.

Cassiano Sepulveda Teixeira, que tomou posse a 11 de outubro de 1880.

Francisco Manuel da Rocha Peixoto, que tomou posse a 26 de julho de 1881.

Luiz Cardoso Garcia de Miranda, que tomou posse a 28 de outubro de 1881.

João Candido Furtado Mendonça d'Antas, que tomou posse a 12 de fevereiro de 1891.

Firmino João Lopes, que tomou posse a 11 d'abril de 1891.

Jeronimo Moreira da Camara Botelho de Gusmão, que tomou posse a 9 de dezembro de 1891.

José Ramos Nogueira, nomeado por decreto de 7 de abril de 1899.

Antonio Duarte Marques Barreiros, que tomou posse a 26 d'abril de 1899.

Alberto Carlos Supico, que tomou posse a 5 de novembro de 1900.

Francisco Roberto d'Araujo Magalhães Barros, que tomou posse a 11 de setembro de 1901.

José dos Santos Duarte Pimental, que exercia o logar em 1902.

Antonio A. Fernandes Braga, que exercia o logar em 1903.

José Betencourt da Silveira e Avila, que exercia o logar em 1904.

Antonio Henriques Rodrigues da Costa, que exercia o logar em 1908.

Francisco Teixeira de Mesquita, que exercia o logar em 1908.

Funcionaram junto deste Tribunal como Procuradores Regios:

José Jacinto Valente Farinha, que tomou posse a 20 de novembro de 1832.

Antonio d'Oliveira Amaral Machado, que tomou posse a 21 de outubro de 1835.

Bento Cardoso de Gouveia Pereira Corte Real, que tomou posse a 2 de janeiro de 1837.

Luis d'Almeida Vasconcelos, que tomou posse a 23 d'abril de 1842.

Antonio Joaquim Nunes de Vasconcelos, que tomou posse a 20 de janeiro de 1849.

José Prudencio Teles d'Utra Machado, que tomou posse a 26 d'agosto de 1857.

Francisco Henriques de Sousa Seco, que tomou posse a 23 de julho de 1859.

Manuel José Botelho, que tomou posse a 22 de fevereiro de 1860.

José da Cunha Navarro de Paiva, que tomou posse a 1 de outubro de 1862.

João Antonio Fragoso Rhodes, que tomou posse a 22 de agosto de 1868.

Julio Pereira de Carvalho e Costa, que tomou posse a 12 de dezembro de 1888,

Gabriel Samora Muniz Junior, que tomou posse a 28 de março de 1904.

Chefes do Distrito Oriental dos Açores, com séde em Ponta-delgada

Jacinto Inacio Rodrigues da Silveira—agraciado com o titulo de Barão da Fonte Bela, por decreto de 3 de março de 1836, pelos relevantes serviços prestados á causa liberal; teve a Carta de Conselho, a Comenda de Cristo e o Pariato, com honras de grande do Reino por Cartas Regias de 3 de maio de 1842 e 23 do mesmo mês do ano seguinte.

Foi um dos vogais do governo interino da Ilha de San Miguel eleito na revolta de 1821, em Ponta-delgada,

e recebeu no seu palacete do Botelho, logar do Livramento, o exercito libertador no dia 2 de agosto de 1832, de volta da victoria alcançada na Ladeira da Velha.

Foi autoridade superior no distrito por duas vezes: uma como Conselheiro da Prefeitura e Governador civil desde junho de 1835 a julho do ano seguinte, a segunda como Administrador geral interino desde 1 de outubro de 1836, até 1837.

Possuidor de avultada fortuna construiu a sua residencia no local do antigo Paço dos Condes de Vila-franca e um palacete no seu predio do Botelho.

Joaquim José Lopes da Silva—foi redactor principal de «A Miscelanea Micaelense», jornal politico, e tem alguns escritos impressos,como «Ensaio sobre a estatistica das possessões portuguesas». Nomeado Governador civil, tomou posse a 11 de julho de 1836.

João Rodrigues de Paiva nomeado Administrador-geral por decreto de 15 de julho de 1837, só entrando em exercicio no ano seguinte.

Era vogal da Camara Municipal de Ponta-dulgada, quando a esta cidade chegou S. M. I—D. Pedro IV a 22 de fevereiro de 1832.

Manuel Medeiros da Costa Canto e Albuquerque—1.º Barão das Larangeiras, Presidente da Junta governativa na Ilha de San Miguel e comandante do batalhão civico de Ponta-delgada nas lutas Liberais entre D. Pedro e D. Miguel.

Militou no partido Liberal, com o qual gastou muito da sua fortuna, até fornecer os viveres para a frota dos 7.500 bravos do Mindelo.

Foi nomeado Administrador-geral do distrito de Ponta-delgada, por decreto de 27 de agosto de 1838, logar que exerceu até 1840.

Francisco Afonso da Costa Chaves e Melo—neto do historiador Francisco Afonso de Chaves e Melo, a quem já nos referimos; eleito deputado ás Côrtes pelo Distrito de Ponta-delgada em 1834 e noutras legislaturos posteriores, redigiu varios jornais e foi nomeado Governador civil por Decreto de 26 de outubro de 1842.

Dr. Antonio Vicente Peixoto—Deputado eleito pelo Distrito de Ponta-delgada, apresentou ao Parlamento em

1840 um projecto para a construção duma doca maritima em Ponta-delgada.

Era natural da Ilha das Flores e formado em Direito pela Universidade de Coimbra. Foi nomeado Governador civil por decreto de 17 de abril de 1844.

Antonio Borges da Camara Medeiros—irmão do Visconde da Praia, que tambem se evidenciou nas lutas liberais; desempenhou o cargo de Governador-civil em Ponta-delgada, para que foi nomeado por Decreto de 8 de setembro de 1847.

Amante em extremo de flores, deixou-nos dois encantadores jardins, um junto á sua casa de Ponta-delgada e outro no vale das Furnas, que teem o seu nome.

Foi casado com D. Maria das Mercês d'Andrade Albuquerque Betencourt Borges de Medeiros, que foi a iniciadora da Cosinha Economica.

João Soares de Sousa Canto e Albuquerque—natural da Ilha de Santa Maria, onde possuia uma avultada fortuna, residia a maior parte do tempo em San Miguel; inteligente, culto e bondoso, protegeu muitos estudantes nos seus estudos, ordenando de Presbiteros e formando muitos. Fez parte do Concelho do Distrito de Ponta-delgada, da Junta-geral, tenente coronel honorario do batalhão nacional de voluntarios, serviu de Governador civil na qualidade de Conselheiro do Distrito no ano de 1848.

Eusebio Dias Poças Falcão - do Conselho de Sua Majestade, promoveu a edificação do um hospital nas Furnas, que era sustentado de esmolas e das pensões orçadas pelas Misericordias de Ponta-delgada, Ribeira-Grande e Vila-franca.

Nomeado Governador civil, tomou posse deste cargo em 1850.

Laureano Francisco da Camara Falcão natural da Ilha de Santa Maria, filho do capitão-mór Manuel José Pinto da Camara Coutinho, estudou no colegio dos nobres em Lisboa.

Empenhou-se muito pelo desenvolvimento da agricultura nas Ilhas de Santa Maria e Madeira, onde tinha muitas propriedades. Era Fidalgo cavaleiro de Sua Majestade e coronel do batalhão Nacional de voluntarios

de artilharia em Ponta-delgada. Em diversas epocas foi Conselheiro do Distrito, presidiu á Camara Municipal de Ponta-delgada, deputado ás Côrtes; pertencia ao partido Cartista.

Desempenhou as funções de Governador civil como Conselheiro do Distrito em 1851.

Dr. Felix Borges de Medeiros—formado em Direito pela Universidade de Coimbra, abriu banca de advogado na cidade do Porto e entrando na politica activa tomou parte no movimento que ficou denominado Regenerador, vindo então nomeado Governador civil para Ponta-delgada, sua terra natal, em 1851, exercendo este logar 17 anos seguidos, abstendo-se por completo das lutas eleitorais e tratando apenas da Administração da Ilha.

Dr. Gualdino Alfredo Lobo de Gouveia Valadares—Secretario-geral do Governo civil de Funchal, foi transferido para o de Ponta-delgada por decreto de 5 de dezembro de 1877; sendo nomeado Governador civil deste Distrito por decreto de 30 de setembro de 1878, desempenhando novamente estas funções por decreto de 19 de junho de 1881.

Dr. Verissimo d'Aguiar Cabral—natural da Ilha de San Miguel e formado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi soldado do batalhão academico na revolta do Minho.

Foi advogado nos auditorios de Ponta-delgada, redactor do Correio Micaelense, orgão do partido popular e progressista da mesma cidade, no ano de 1878.

Foi nomeado Governador civil, por Decreto de 9 de julho de 1879.

Dr. Francisco Pereira Lopes de Betencourt Ataide—formado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi um dos melhores ornamentos do foro nos auditorios da sua terra natal, a Ilha de San Miguel.

Foi um dos melhores elementos para a conquista da autonomia-administrativa de San Miguel; deputado pelo partido autonomista, houve-se com brilho no Parlamento.

Foi presidente da Camara Municipal e da Junta-geral e Governador civil, na qualidade de Conselheiro do Distrito, que então era em 1881.

José Maria Raposo d'Amaral Junior - a figura de mais prestigio, no seu tempo, na Ilha de San Miguel. Chefe do partido progressista, e senhor de uma avultada fortuna, conseguiu formar em sua volta o melhor pessoal politico.

Por duas vezes exerceu o cargo de Governador civil, uma em 1886, para que fora nomeado por Decreto de 1 de abril daquele ano, e outra vez no ano de 1897, nomeado por telegrama, tomando posse a 15 de fevereiro de 1897.

Dr. José Maria Tavares Ferreira, um dos mais abalizados jurisconsultos de Ponta-delgada. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, abriu banca de advogado naquela cidade e sendo Conselheiro do Distrito exerceu o cargo de Governador civil em 1886.

Dr. Narciso Maximiliano Alvares de Carvalho—formado em Direito pela Universidade de Coimbra, natural do continente, veiu a esta Ilha desempenhar as funções de Governador civil, numa situação progressista para que fora nomeado por Decreto de 1 de julho de 1886.

Dr. Carlos Maria Gomes Machado—formado em Medicina pela Universidade de Coimbra, não usou do seu mister, contudo; foi professor do Liceu de Ponta-delgada, donde era natural, reitor, Procurador á Junta-geral e Governador civil, para que fora nomeado por Decreto de 16 de janeiro de 1890. Tem o seu nome vinculado ao museu-municipal, deque foi o fundador.

Dr. Bento José Pinto da Mota—Nomeado Governador civil por Decreto de 2 de Junho de 1892, tomando posse a 10 do mesmo mês.

Dr. Antonio Moreira da Camara Coutinho de Gusmão—formado em Direito pela Universidade de Coimbra. Empregado superior da Alfandega, natural da Ilha de San Miguel, do Conselho de Sua Magestade, foi nomeado Governador civil por Decreto de 30 de novembro de 1893, tomando posse a 9 de dezembro do mesmo ano.

Conde de Paçô-Vieira—formado em Direito pela Universidade de Coimbra e Magistrado judicial; veiu á Ilha de San Miguel, nomeado Governador civil por De-

creto de 24 de dezembro de 1896, tomando posse a 11 de janeiro do ano seguinte.

Dr. Francisco d'Andrade Albuquerque—do Conselho de Sua Majestade, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, natural de Ponta-delgada onde sempre tem vivido ocupado na administração de sua casa, foi nomeado Governador civil por Decreto de 31 de maio de 1897.

Dr. José Coelho da Mota Prego—do Conselho de Sua Majestade, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, veiu a esta Ilha desempenhar as funções de Governador civil por duas vezes, uma por Decreto de 4 de julho de 1900 e outra por Decreto de 2 de maio de 1904.

Dr. Amadeu Pinto da Silva—formado em Direito pela Universidade de Coimbra, veiu a esta Ilha nomeado Governador civil por Decreto de 31 de janeiro de 1901.

Dr. Luiz de Betencourt Medeiros e Camara—do Conselho de Sua Majestade, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, um dos vultos que mais se tem salientado no foro judicial, natural de Ponta-delgada, exerceu as funções de Governador civil por duas vezes, uma em 1904, para que foi nomeado por telegrama, em outra de 1906, tomando posse a 9 de junho.

Visconde do Porto-formoso—natural de Ponta-delgada, exerceu as funções de Governador civil em 1905 e 1906, na qualidade de substituto.

Dr. Francisco de Melo Manuel Leite Arruda—formado em Matematica pela Universidade de Coimbra, Engenheiro civil, natural de Ponta-delgada, foi nomeado Governador civil em 1906, tomando posse a 24 de março do mesmo ano, e nomeado novamente por telegrama em julho de 1910, exerceu as funções até ao advento da Republica.

Dr. João Antonio Ferreira de Moura—do Conselho de Sua Magestade, exerceu o cargo de Prefeito da Provincia oriental dos Açores, para que fora nomeado por Carta de 1 de julho de 1833, até á nova organização administrativa de 1836 que dividiu os Açores em tres distritos administrativos. Foi o unico prefeito desta Provincia.

Chefes do Distrito Ocidental dos Açores, com sede na Horta.

Antonio Mariano de Lacerda—do Conselho de Sua Majestade, tenente-coronel de milicias e uma das principais personalidades da Ilha do Faial, donde era natural.

Governou como Sub-prefeito, como Administrador geral e depois como Governador Civil desde os anos de 1832 a 1836.

Dr. Antonio Josè Joaquim de Miranda—que exerceu o cargo com a denominação de Prefeito desde 1836.

Dr. Antonio Joaquim Nunes de Vasconcelos—que foi um dos colaboradores da «A Cronica da Terceira» e «Cronica dos Açores», desempenhou o cargo como Administrador-geral desde 1838.

Francisco de Paulo de Sousa Vilas Boas—nomeado Administrador geral, entrou em exercicio no ano 1840.

Antonio José Viera Santa Rita—do Conselho de Sua Majestade, deputado pelo circulo da Horta em 1845; desempenhou as funções com a denominação de Administrador geral em 1843; por decreto de 10 de dezembro de 1846 foi novamente nomeado já então com o titulo de Governador Civil, e ainda pela terceira vez por decreto de 14 de agosto de 1857.

Foi Secretario geral do Governo Civil 10 anos nos distritos de Leiria e Lisboa; pertenceu ao batalhão academico de Coimbra, andando emigrado, pelas lutas liberais, pela França e Inglaterra, onde se conservou até ao estabelecimento do regimen Constitucional.

Niculau Anastacio de Betencourt—do Conselho de Sua Majestade, exerceu as funções de Governador Civil em 1848, sendo depois transferido para o Distrito de Angra.

Dr. Joaquim José Pereira da Silveira e Sousa—formado em Direito pela Universidade de Coimbra, natural da Ilha de San Jorge, deputado ás Côrtes pelo Distrito de Angra do Heroismo, orador insigne e um dos vultos mais em evidencia na politica do seu tempo, desempenhou as funções de Governador Civil desde o ano de 1849.

Luiz Teixeira de Sampaio Junior—do Conselho de Sua Majestade, a quem os Faialenses devem o haver submetido ao governo uma proposta e projecto para a construção de uma doca na Horta; exerceu as funções de Governador Civil, tomando posse a 28 de agosto de 1852.

Visconde de Castilho—(Julio de Castilho), -que referente aos Açores escreveu: «O Arquipelago dos Açores» e «Cartas de um Lisboeta». Tomou posse do cargo de Governador Civil da Horta, para que fora nomeado, a 25 de outubro de 1877.

Dr. Antonio Maria d'Oliveira—do Conselho de Sua Majestade, nomeado Governador Civil do Distrito da Horta. Tomou posse do seu cargo a 15 de maio de 1878.

Manoel Francisco de Medeiros —do Conselho de Sua Majestade, formado em filosofia e medicina pela Universidade de Coimbra, facultativo Municipal e da Santa Casa da Misericordia da Horta, que lhe deve muito dos seus esforços. Chefe do partido progressista do Distrito do Faial, foi eleito deputado ás Cortes por este Distrito e por duas vezes Governador Civil, uma em que tomou posse a 13 de junho de 1879 e outra a 14 de maio de 1886.

Antonio Patricio da Terra Pinheiro—do Conselho de Sua Majestade; foi presidente da Camara Municipal da Horta prestando-lhe muitos bons serviços, e Governador Civil, tendo tomado posse a 1 de julho de 1881.

Dr. Manoel d'Arriaga Nunes—nomeado Governador Civil do Distrito da Horta. Tomou posse do seu cargo a 29 de Janeiro de 1890.

Rodrigo Alves Guerra, (Barão de Sant'Ana)—presidente da Camara Municipal da Horta, professor do Liceu desta cidade, consul da França, desempenhou as funções de Governador Civil, tomando posse a 8 de março de 1893.

Guilherme Real Cabral -do Conselho de Sua Majestade, escritor micaelense que deixou nome nas suas produções historicas, entre as quais indicaremos: «Glorias e primores de Portugal», «Revista Geral da Historia

Antiga e Moderna", "No seio de Terra e nas profundezas do mar".

Na Ilha do Faial foi consul da Inglaterra e foi agraciado com a Comenda de Cristo e Cavaleiro da Torre e Espada; desempenhou as funções de Governader Civil, tomando posse a 29 de setembro de 1893.

José d'Almeida Avila—do Conselho de Sua Majestade, nomeado Governador Civil do Distrito da Horta. Tomou posse a 4 de Janeiro de 1894.

João Carvalho de Menezes—de Conselho de Sua Majestade. Foi vereador da Camara Municipal da Horta e Governador Civil do Distrito, tomando posse a 13 de dezembro de 1895.

Dr. Amancio Rodolfo Pinheiro da Costa Ribeiro—nomeado Governador Civil do Distrito da Horta. Tomou posse do seu cargo em 29 de junho de 1895.

Dr. Antonio Emilio Severino d'Avelar—do Conselho de Sua Majestade, medico pela Escola de Lisboa, desempenhou na Horta as funções de facultativo municipal, do Hospital e Guarda-mór de Saude. Foi em tres epocas Reitor do Liceu daquela cidade, deputado ás Côrtes na legislatura de 1889 e Governador Civil por duas vezes, uma tomando posse a 3 de fevereiro de 1896 e outra a 30 de junho de 1910, vindo assim a ser o ultimo Governador do tempo da monarquia.

Miguel Antonio da Silveira—do Conselho de Sua Majestade, deputado eleito em varias legislaturas, foi muitos anos provedor da Santa Casa da Misericordia e agente do Banco de Portugal. Desempenhou as funções de Governador Civil, tendo tomado posse a 21 de fevereiro de 1897.

José Nestor Ferreira Madruga—serviu como Governador substituto no distrito da Horta, tomando posse a 8 de março de 1897.

Dr. Diogo Barcelos Machado Betencourt—formado em Direito pela Universidade de Coimbra, natural da Ilha Terceira. Tomou posse do logar de Governador Civil a 12 de outubro de 1899.

Visconde de Leite Perry—formado em Direito pela

Universidade de Coimbra, desempenhou as funções de Conservador do Registo Predial na Horta, depois o de Juiz Auditor e agora o de Secretario Geral do Governo Civil, por tres vezes assumiu a chefia de Governador do Distrito, uma em 1900, outra em 1906 e a ultima em 1909.

Dr. Francisco d'Andrade Albuquerqde—natural de Ponta Delgada e já nomeado e a paginas 269, exerceu as funções de Governador Civil deste Distrito, tomando posse a 28 de outubro de 1905.

Visconde Borges da Silva—natural da Ilha do Faial e uma das personalidades mais em evidencia da cidade da Horta. Tomou posse do cargo de Governador Civil para que fora nomeado, a 23 de março de 1906.

Dr. Manuel Antonio Lino—formado em Medicina pela Universidade de Coimbra, obtendo durante o seu curso altas classificações, medico municipal da cidade de Angra, abalizado clinico, tomou posse do cargo de Governador para que fora nomeado a 16 de junho de 1906.

Augusto da Silva Carvalho Osorio—nomeado Governador Civil efectivo, tomou posse do seu logar a 28 de setembro de 1906.

João Joaquim André de Freitas—nomeado Governador Civil deste distrito, tomou posse do seu cargo a 28 de março de 1908.

Augusto Cesar Sá Linhares—como governador substituto desempenhou estas funções tomando posse do cargo a 13 de junho de 1908.

João Antonio Cochado Martins—nomeado Governador Civil efectivo, tomou posse do seu logar a 28 de janeiro de 1910.

Chefes do Dictrito Central dos Açores, com sede em Angra do Heroismo.

Luis Pinio de Mendonça Arrais—Visconde de Valongo, que como prefeito da Provincia ocidental dos Açores veiu substituir o Brigadeiro Francisco Saraiva da Costa Refoios. Era tambem Brigadeiro do exercito e exerceu este cargo até julho de 1836.

Barão da Cancela—que anteriormente havia governado militarmente os Açores; exerceu o cargo de Prefeito até 29 de setembro de 1836.

Antonio da Fonseca Carvão Paim da Camara—assumiu o governo como membro do Conselho do distrito até 21 de dezembro de 1836, data em que passou este cargo a ter a denominação de Administrador Geral e divididos os Açores em 3 provincias.

Visconde de Bruges—de quem já falámos a paginas 256 deste trabalho, desempenhou as funções de Administrador-geral do Distrito de Angra do Heroismo, tomando posse deste cargo a 22 de dezembro de 1836.

José Silvestre Ribeiro—a quem o distrito d'Angra muito deve, pois desenvolveu a instrução abrindo escolas em diferentes pontos da Ilha, promoveu o concerto das estredas, creou associações com o fim de desenvolver os diferentes ramos da actividade humana. Activou a reedifidação da Vila da Praia arrasada pelo terremoto de 15 de junho de 1841; tomou posse do seu alto cargo em novembro de 1839 exercendo-o até 1844, data em que foi transferido para identico logar do Distrito de Beja.

Nicolau Anastacio de Betencourt—desempenhou as funções de Chefe do distrito até 21 de junho de 1846 e depois de 1 de novembro de 1846 até abril de 1847, pois que a 22 de abril deste ano deu-se em Angra o pronunciamento da Junta Supremo do Porto em virtude da insurreição—patuléa—em que a voz de Maria da Fonte se fez ouvir em todo o País.

Em Angra, por tal motivo, procedeu-se á eleição da junta Governativa do Distrito, sendo nomeados:

Presidente—Visconde de Bruges.

Vice-presidente—Barão de Noronha.

Vogais—Alexandre Martins Pamplona, Comendador Antonio da Fonseca, major Duarte José Fava e Dr. José Prudencio Teles.

Não tendo, porém, querido reconhecer este governo o Governador-civil Nicolau Anastacio de Betencourt, foi substituido pelo Barão de Noronha, mas restabelecida a ordem em Portugal, foi a junta dissolvida e a 14 de agosto do mesmo ano reassumiu novamente o governo.

Desempenhou ainda as funções de Governador-civil de 21 de novembro de 1849 a 26 de julho de 1851 e de setembro de 1852 a março de 1857.

Antonio José Vieira Santa Rita—de quem já falamos a pag. 270 e que tomou posse do seu cargo neste Distrito a 19 de julho de 1848.

Antonio Marcelino da Victoria—que exerceu estas funções como efectivo, desde outubro de 1851 a 25 de agosto de 1852.

Cassiano Sepulveda Teixeira—Governador-civil efectivo desde julho de 1858 a 21 de maio de 1859.

José Maria da Silva Leal—que desempenhou estas funções desde 22 de maio de 1859 a 20 de janeiro de 1861.

Jacome de Bruges (2.º Visconde de Bruges e 2.º Conde da Praia da Victoria)—descendente das mais ilustres familias Terceirenses. Na sua qualidade de Secretario-geral desempenhou as funções de Governador-civil desde 4 de julho de 1861 a 24 de outubro de 1865 e de 1 de janeiro de 1868 a março de de 1869 e ainda dois anos, de 1870 a 1878.

José Guilherme Pacheco—que desempenhou estas funções desde 10 de fevereiro de 1866 a agosto do mesmo ano.

Antonio Gouveia Osorio—Governador-civil do Distrito desde abril de 1867 a janeiro de 1868.

D. Miguel Vaz Guedes Malafaia, Governador-civil d'Angra no periodo que decorre desde março a setembro de 1869.

Dr. Felix Borges de Medeiros—a quem já nos referimos a paginas 267, nomeado Governador-civil d'Angra, exerceu este cargo desde 20 de outubro de 1870 a maio de 1872.

Gualdino Lobo de Gouveia Valadares—na sua qualidade de Secretraio-geral, exerceu as funções de Governador-civil, em 1873 e de 1874 a 1876.

Francisco d'Albuquerque Mesquita e Castro—exer-

ceu as funções de Governador-civil nos anos de 1873 a 1874.

Barão do Ramalho (Antonio da Fonseca Carvão Paim da Camara)—doutor em sciencias naturais pela Universidade de Bruxelas, das mais distintas familias d'Angra, de onde era natural, exerceu as funções de Governador-civil nos anos de 1876 a 1877, e 1878 e 1890.

Visconde de Nossa Senhora das Mercês (Candido Pacheco de Melo Forjaz de Lacerda)—desempenhou as funções de Governador-civil, como substituto, nos anos de 1880 a 1881 e como efectivo em 1886, 1887 a 1890, 1898 a 1899.

Conde Siuve de Menezes (José Maria Siuve de Menezes)—formado em Direito pela Universidade de Coimbra, eleito para cargos administrativos na Ilha Terceira, deputado da nação e Par do Reino, desempenhou as funções de Governador-civil nos anos de 1881, 1883 a 1884, e 1885 a 1886.

Afonso de Castro—que desempenhou as funções de Governador-civil desde de 10 de maio de 1881 a 23 de maio de 1883.

Augusto Maria da Fonseca Coutinho—que governou o Distrito desde dezembro de 1884 a maio de 1885.

2.º Visconde da Praia da Victoria—que como Governador-civil dirigiu o Distrito desde 28 de agosto de 1886 a 29 do mesmo mês do ano seguinte.

Henrique de Sá Nogueira Vasconcelos—Governador-civil desde março a maio de 1891 e exonerado a 9 de março de 1893, desempenhou o cargo na sua ausencia interinamente entre outros o Conselheiro José Inacio d'Almeida Monjardino, desde junho de 1891 a setembro de 1893.

Dr. José Pimentel Homem de Noronha—formado em Direito pela Universidade de Coimbra, desempenhou as funções de Governador-civil desde setembro de 1893 a março de 1895.

Manuel Homem de Noronha—nomeado por decreto de 27 de fevereiro de 1895 e serviu até agosto de 1896.

Engenheiro Emilio Lino da Silva Junior—nomeado por decreto de 24 de dezembro de 1896, exerceu o logar até 11 de fevereiro de 1897 e ainda de agosto a dezembro de 1901.

Conde de Sluve e Menezes (2.º), Raimundo Sluve de menezes—que dirigiu o Distrito desde fevereiro de 1902 a outubro de 1904.

Teotonio Paim Simão d'Ornelas Bruges—dos mais notaveis oradores de Angra e uma das figuras de maior prestigio no partido progressista, professor e por vezes Director da Escola Distrital de habilitação ao magisterio primario, desempenhou as funções de Governador-civil de 1904 a 1906 e 1910.

Dr. Antonio da Fonseca Carvão Paim da Camara—formado em Direito pela Universidade de Coimbra, professor e por vezes director da Escola Distrital de habilitação ao magisterio primario, exerceu as funções de Governador-civil em 1900 como interino e em 1906 como efectivo.

Conselheiro José Pereira da Cunha da Silveira e Sousa—formado em filosofia pela Universidade de Coimbra, deputado pelo circulo de Angra e Governador-civil desde maio de 1906 a 1907.

Dr. Aristides Moreira da Mota, de quem já falamos a paginas 262, exerceu as funções de Goverdador-civil desde 10 de novembro de 1906 a 9 de fevereiro de 1908.

João Carlos da Silva Nogueira—1.º tenente da armada, Governador-civil desde março de 1908 a janeiro de 1909.

Francisco de Mendonça Pacheco e Melo—que como substituto do Visconde da Agualva, que não quisera tomar posse, dirigiu o Distrito desde 4 de julho de 1910 a 5 de outubro do mesmo ano.

Distinguiram-se mais neste periodo:

José de Torres, natural da Ilha de S. Miguel, Chefe da Repartição de Estatistica geral no ministerio das Obras Publicas; distinguiu-se como publicista, deixando-nos entre outras obras as Lendas Peninsulares, Ensaios,

Viagens no interior da Ilha de S. Miguel, Faustos, Micaelenses, etc. Era socio da Academia Real das Sciencias, havendo, porém, recusado todas as Comendas com que o governo, por vezes, o quis agraciar. Morreu no ano de 1874.

Morgado José Caetano Dias do Canto Medeiros, natural de Ponta-delgada, pertencia ás melhores familias da Ilha de S. Miguel; se bem que filiado no partido liberal, por vezes desempenhou cargos de confiança a pedido do general Francisco Saraiva da Costa Refoios. Em sua residencia em Pont-delgada se hospedou D. Pedro IV, quando a esta Ilha veiu. Pertenceu por vezes ás Juntas-gerais, foi membro do Conselho do Distrito e sendo Provedor do Conselho de Ponta-delgada desempenhou as funções de Sub-prefeito.

Tinha particular aptidão para os estudos geneologicos, deixando trabalhos neste genero e varios apontamentos sobre a historia Açoriana.

Marciano Henriques da Silva, nascido em Ponta-delgada no ano de 1831, de manifesta tendencia para a pintura, seguiu para Lisboa onde recebeu varias lições, completando a sua educação em Paris e Londres. Entre os quadros de valor que deixou, nomearemos: O Cardeal-Rei, O Tasso e O retrato de um negro.

Faleceu contando apenas 42 anos.

Conego José Joaquim de Sena Freitas, filho do escritor historico Bernardino José de Sena Freitas, natural da Ilha de S. Miguel, onde nasceu em 1840; ordenado de Presbitero entrou na Ordem dos Lazaristas, missionando pelo Brazil muitos anos, onde foi afinal morrer. Em recompensa dos seus muitos serviços, quer no pulpito como consagrado orador, quer como publicista, foi feito conego da Sé de Lisboa.

Entre as suas obras nomearemos: Autopsia á Velhice do Padre Eterno. Perfil de Camilo Castelo Branco, Dia a dia de um espirito cristão, No presbiterio e no Templo.»

Roberto Ivens, natural da Ilha de San Miguel, que se distinguiu na travessia das terras de Africa, juntamente com Brito Capelo, contribuindo assim para o engrandecimento daquele continente no comercio e industria.

No seu regresso á Europa, recebeu-o Portugal festivamente.

José do Canto, da Ilha de S. Miguel, um dos espiritos mais fecundos do seu tempo, e possuidor de uma grande fortuna. Viajou pela Europa e prestou á agricultura, ao comercio e ás administrações da sua terra revelantissimos serviços. Escreveu alguns trabalhos sobre agricultura, de que era amantissimo e mandou construir o bonito templo invocado a Nossa Senhora da Vitoria da Lagoa das Furnas junto a um dos seus jardins e extensas matas que lá tinha.

Dr. Ernesto do Canto, irmão do precedente, a quem mais deve a historia dos Açores no seu Arquivo dos Açores, Ensaio biblico e Bibliopteca Açoreana.

Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, desempenhou alguns cargos de eleição na Administração das cousas publicas da S. Miguel, foi socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e falleceu no ano de 1900.

Dr. João Soares d'Albergaria, natural da Ilha de Santa Maria, filho de Bento Soares d'Albergaria, governador d'aquela Ilha.

Residia em Ponta-delgada, onde faleceu, advogado nos auditorios desta Ilha; eleito deputado em 1852, desempenhou varios cargos eleitivos como Presidente da Camara, Provedor da Santa Casa, do Conselho do Distrito e Procurador á Junta, em Ponta-delgada.

Dr. Vicente Machado de Faria e Maia, 2.º Visconde de Faria e Maia, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, secretario-geral do Governo civil e depois juiz Auditor do distrito de Ponta-delgada. Deixou varias obras entre as quais nomearemos «Beatriz» e «Cavaleiro d'Africa».

Dr. Antero de Quental, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, natural da Ilha de S. Miguel, o poeta mais querido de Portugal e sobre quem mais aturados estud·s se tem feito.

Os Sonetos, a sua obra mais perfeita, tem em parte sido traduzidos em varias linguas; faleceu em Ponta-delgada e ao seu tumulo ameudadas vezes vão os maiores intelectuais depôr-lhe coroas de flores.

Dr. Esnesto Rodolfo Hintze Ribeiro, a figura politica que mais enobreceu a sua Ilha de San Miguel. Capelo em Direito pela Universidade de Coimbra, advogou nos anditorios de Ponta-delgada e sendo eleito deputado por este circulo seguiu a carreira politica sendo por vezes presidente do Ministerio.

Dr. Joaquim Teofilo Braga, nasceu em Ponta-delgada em 1843, doutorou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, foi lente do Curso Superior de Letras, depois Faculdade de Letras, em Lisboa.

Como politico foi o Presidente do Governo Provisorio e depois Presidente da Republica; como publicista foi o mais fecundo do seu tempo deixando inumeras obras sobre a nossa literatura.

Conselheiro Luiz Poças Falcão, natural da Ilha de S. Miguel, Magistrado-judicial integerrimo; como politico militou no partido progressista, sendo por vezes eleito deputado; foi presidente da Camara dos deputados e finalmente Par do Reino.

Antonio Manuel de Medeiros Albuquerque, 2.º Barão e 1.º Visconde das Laranjeiras, seguiu a carreira diplomatica sendo adido á legação Portuguesa em Paris onde depois serviu de secretario.

José Jacome Correia, chefe do partido regenerador no distrito de Ponta-Delgada; havendo sucedido como varão mais velho aos vinculos da familia, formou uma das mais importantes fortunas do Arquipelago.

José Cordeiro, natural da Ilha de S. Mignel, engenheiro de pontes e calçadas pela Universidade Gand, concluiu os seus estudos na Escola Central de Paris, onde obteve a primeira classificação na especialidade.

A ele se devem as instalações electricas da Ilha. Inteligente, sério, em extremo trabalhador, morreu bastante novo devido ao excessivo trabalho.

Dr. Filomeno da Camara Melo Cabral, natural da Ilha de S. Miguel, Capelo em Medicina e lente na Universidade de Coimbra da respectiva faculdade.

Dr. José Pereira Botelho, formado em medicina pela Universidade de Paris e membro da Junta Governati-

va do seu distrito de Ponta-delgada por ocasião da revolta no Minho; foi o primeiro que na Ilha de S. Miguel iniciou em larga escala a cultura do ananaz.

Dr. Bruno Tavares Carreiro, formado em medicina pela Universidade de Coimbra, delegado de saude do distrito de Ponta-delgada, terra da sua naturalidade, o mais abalizado cirurgião do seu tempo.

D. Margarida de Chaves, filha do coronel Antonio Francisco da Costa Chaves e Melo, falecida no estado de solteira a 13 de outubro de 1884, que em seu testemunho deixou ao municipio do seu concelho, Ponta-delgada, uma parte da sua fortuna para a criação de um Albergue Noturno, que tem hoje o seu nome.

Dr. Prudencio Quintino Garcia, natural da Ilha de S. Miguel, formado em teologia pela Universidade de Coimbra e Conego da Sé da mesma cidade.

Padre João José d'Amaral, natural do logar d'Agua de Pau, da Ilha de San Miguel, Comissario dos Estudos no distrito de Ponta-delgada, professor do Liceu desta cidade e o seu primeiro Reitor.

Bastante ilustrado, conhecia com segurança as linguas latinas, francêsa e inglesa; deixou varios opusculos, entre os quais citarei: «Primeiras lições de geografia, Tradução do inglês a J. S. Commings, Elogio recitado na sala do governo aos benemeritos restauradores da liberdade» etc

Dr. Eugenio V. Pacheco do Canto e Castro, licenciado em filosofia pela Universidade de Coimbra, professor de sciencias no Liceu de Ponta-delgada e seu reitor; distinguiu-se como jornalista sendo seus os semanarios: Localista, Preto no Branco e Autonomia dos Açores, que foram os melhores da sua epoca.

Manuel Francisco de Medeiros Botelho, natural de Agua Retorta, concelho da Vila da Povoação, onde nasceu em 1827. Professor livre do ensino secundario em Coimbra, escreveu: «Compendio de geografia,» que foi adoptado em varios Liceus», «Projectos de reforma de ensino primario e secundario», «O que é que deve ser a instrução nacional».

Joaquim Candido Abronches, micaelense que escreveu «Album micaelense» contendo muitas notas historicas e mapas sobre a Ilha de San Miguel.

José Bensaude, espirito culto e empreendedor, imprimindo uma feição muito particular ás industrias que creou e dirigiu, entre as quais distinguimos a Fabrica de Tabacos Micaelense.

Henrique Bensaude; dos mais ricos industriais, falecido ultimamente em Lisboa, onde residia; uma das figuras de maior prestigio no alto comercio português, distribuiu avultadas esmolas aos hospitais de Ponta-delgoda, sua terra natal e da Horta.

Simplicio Diogo da Camara, natural de Ponta-delgada, espirito todo inclinado a empresas e explorações, foi sem duvida a figura que mais se distinguiu na sua epoca em Vila-franca do Campo, onde residia.

Augusto Cesar Ferreira Cabido, Jacinto Ferreira Cabido, que na Vila da Ribeira-grande de onde eram naturais instituiram os asilos de mendicidade, que ali, ha e legaram ao seu hospital, em seus testamentos, avultadas quantias.

Manuel José d'Arriaga Brum da Silveira, natural da Ilha do Faial, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, poeta e advogado nos auditorios de Lisboa; filiado desde estudante no partido republicano, foi em diversas legislaturas eleito deputado, no advento da Republica foi feito Procurador Geral da Republica, depois Reitor da Universidade de Coimbra e finalmente eleito Presidente da Republica, logar que resignou antes de terminar o periodo governativo.

Dr. Miguel Street d'Arriaga, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, secretario geral do Distrito da Horta, donde era natural. Como escritor deixou algumas obras, entre as quais nomearemos: «Um crime», drama em 3 actos que se representou no Teatro Academico de Coimbra. A filha do morgado, As lições da guitarra, Nobreza e amor.»

Ernesto Rebelo, da Ilha do Faial, um dos melhores escritores do seu tempo, na sua Ilha; os assuntos mais da sua escolha eram as lendas e tradições do povo Açorea-

no, que espalhou em varios jornais, havendo muitas reunidas nas «Notas Açoreanas.

Dr. Manuel Alves Guerra, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, deputado pelo circulo da Horta, donde era natural, apresentou em 1864 a proposta de lei para a construção de uma doca na Ilha do Faial. Adido á legação de Turim, foi em 1859 secretario da legação de Viena sendo por esse tempo, 1870, agraciado com o titulo de Barão de Sant'Ana; em 1874 foi, como enviado extraordinario e plenipotenciario, aos Estados Unidos da America do Norte.

José Francisco de Terra Brum, capitão-mór da Ilha do Faial e depois tenente-coronel de milicias desta Ilha. Fidalgo cavaleiro da Casa Real foi um fervoroso adepto do constitucionalismo, recebendo em sua casa D. Pedro IV; foi agraciado com a Carta de Conselho e o titulo de Barão da Alagoa.

Dr. João Teixeira Soares de Sousa, formado em filosofia pela Universidade de Coimbra, natural da Ilha de San Jorge, deputado ás Cortes em 1864, notabilizou-se pelos seus estudos de investigações de historia, muitos dos quais se acham no Arquivo dos Açores.

Conselheiro Luis de Tavora, engenheiro civil, natural de Angra do Heroismo, neto do conde da Barca e assim neto tambem do capitão-general dos Açores Francisco Antonio d'Araujo e Azevedo.

Foi Director das Obras Publicas do distrito de Ponta-delgada e Angra e Governador-civil do Funchal.

Conselheiro Luiz de Meireles do Canto e Castro, avô do Conselheiro Luiz de Tavora, e que escreveu «Memoria sobre as Ilhas dos Açores».

Padre Francisco Rogerio da Costa, conego honorario da Sé d'Angra, Vigario da igreja de Nossa Senhora da Conceição de Angra; espirito brilhante e orador sagrado dos mais brilhantes do seu tempo.

Felix José da Costa, irmão do Padre Rogerio, que deixou muitos trabalhos historicos.

Faustino da Fonseca, natural da Ilha Terceira, Bibliotecario em Lisboa e autor de varios trabalhos histo-

ricos, entre os quais nomearemos «Inês de Castro, Arraia miuda, Os Bravos do Mindelo».

Francisco de Menezes Meireles do Canto e Castro, (Visconde de Meireles) natural de Angra do Heroismo, funcionario superior da Fazenda e Director da Alfandega de Moçambique, Consul na India Inglêsa em Bombaim, onde prestou revelantes serviços ao País, acerca da questão do Padroado Português, que se levantou em 1882.

Dr. Teofilo Ferreira, medico, natural da Ilha das Flores e falecido em Lisboa em 1893.

O seu primeiro logar foi o de professor de Instrução primaria na Vila da Ribeira-grande, passando depois para Lisboa, tirou o curso dos Liceus e depois o de medico, formando-se em 1878.

Foi director da Escola Normal de Lisboa e sendo vereador Municipal nesta cidade e pertencendo-lhe o pelouro da Instrução melhorou tanta quanto pode a situação do professorado.

João Jose da Graça, natural da cidade da Horta exerceu nesta cidade a advocacia, para que tinha provisão e o magisterio secundario, tendo sido nomeado professor de francês e depois Reitor do Liceu daquela cidade.

Publicou alguns trabalhos sobre sciencias naturais, fisica e quimica, metodo para aprender inglês, e outros trabalhos identicos sobre francês e português. Faleceu na Horta a 14 de setembro de 1893.

José Augusto Cabral de Melo, natural de Angra, onde nasceu a 22 de janeiro de 1793.

Foi secretario do governo que se organizou nos Açores para defender os direitos reais de D. Miguel, sendo depois nomeado secretario da junta do Paço, mas tomado de suspeita foi demitido de todos os cargos e preso durante 8 meses.

As vitorias liberais restituiram-no á liberdade, sendo nomeado secretario da Camara de Angra, logar que desempenhou até á morte.

Escreveu grande numero de poesias, uma questão juridica sobre a sucessão dos vinculos e uma biografia do Padre Jeronimo Emiliano d'Andrade.

INDICE

Origem do Arquipélago 5
Sua descoberta 8
Portulanos que desenham o arquipélago desde meados do seculo XIV 11
Nomenclatura das Ilhas 12
Colonização 13

Ilha de Santa Maria
Principais elevações, portos, pontas, ribeiras, ilheus, fortes e brazão d'armas 23

Vila do Porto 25
Almagreira 27
Santa Barbara 29
Santo Espirito 28
San Pedro 28

Ilha de San Miguel
Principais elevações, portos, pontas, ribeiras, lagoas, ilheus e brazão d'armas 29

Ponta-delgada
Sua descrição, fortes e brazão 32
Arrifes 44
Bretanha 48
Candelaria 49
Capelas 46
Fajan de Baixo 42
Fajan de Cima 44
Fenais 48
Féteiras 45
Ginetes 49
Livramento 40
Mosteiros 47
Relva 45
Rosto de Cão 41
Santo Antonio 47
San Vicente Ferreira 47

Vila da Ribeira-grande
Sua descrição, fortes e brazão 50
Fenais d'Ajuda 58
Lomba da Maia 57
Maia 56
Pico da Pedra 55
Porto-formoso 56
Rabo de Peixe 55
Ribeira-seca 54

Vila-franca do Campo
Sua descrição, fortes e brazão 58
Agua d'Alto 63
Ponta-garça 62
Ribeira das Tainhas

Vila da Povoação 64
Agua Retorta 65
Faial da Terra 65

Furnas 66
Ribeira-quente 65
Vila do Nordeste 67
Achada 69
Achadinha 69
Nordestinho 68
Vila da Lagoa 60
Agua de Pau 72
Cabouco 72
Ribeira Chã 74
Atalhada 71
Ilha Terceira
Principais elevações, portos, pontas e brazão d'armas 74
Angra do Heroismo
Sua descrição, fortes e brazão 75
Altares 84
Belem 88
Doze Ribeiras 86
Nossa Senhora do Pilar 86
Porto Judeu 83
Raminho 85
Ribeirinha 82
San Bartolomeu 87
San Mateus da Calheta 87
San Sebastião 83
Santa Barbara 86
Serreta 85
Vila da Praia da Victoria
Seus fortes e brazão d'armas 89
Agualva 92
Biscoitos 93
Cabo da Praia 93
Fonte do Bastardo 94
Fontainhas 91
Lages 91
Quatro Ribeiras 92
Vila Nova 92
Ilha de San Jorge
Principais pontas, ilheus, ribeiras e elevações 94
Vila das Velas
Sua descrição e brazão d'armas 95
Manadas 98
Norte Grande 99
Rosais 97
Santo Amaro 97
Urzelina 98
Vila da Calheta
Norte pequeno 99
Nossa Senhora do Rosario 101
Ribeira Seca 100
Santo Antão 100
Ilha Graciosa
Principais pontas, ilheus, elevações e brazão d'armas 101

Vila de Santa Cruz
Sua descrição 102
Nossa Senhora de Guadalupe 103
Nossa Senhora da Luz 104
Praia 104
Ilha do Faial
Principais pontas, elevações, ilheus e brazão d'armas 105
Horta
Descrição, fortificação, brazão d'armas 105
Cabo Branco 110
Cedros 111
Capelo 110
Feteira 110
Flamengos 110
Pedro Miguel 111
Praia do Almoxarife 111
Praia do Norte 111
Ribeirinha 111
Salão 111
Ilha do Pico
Principais elevações, pontas, ilheus 112
Vila de San Roque
Prainha do Norte 113
Santa Luzia 114
Santo Amaro 113
Santo Antonio 114
Vila das Lagens 114
Calheta de Nasquim 116
Ponte da Piedade 116
Ribeiras 115
San João 115
Vila da Madalena 116
Bandeiras 116
Camelaria 117
Criação Velha 117
San Mateus 117
Ilha das Flores
Principais elevações, pontas, portos e lagoas 118
Vila de Santa Cruz 119
Caveira 119
Cedros 120
Ponta-delgada 120
Vila das Lagens 120
Fajã Grande 121
Fajãsinha 121
Lagedo 120
Lomba 120
Mosteiros 121
Ilha do Corvo
Situação, portos e elevações 121
Vila Nova do Corvo 121
Donataria 123
Donatarios e sua jurisdição 124

Capitanias 126
Santa Maria—seus capitães e açoreanos ilustres 128
S. Miguel—seus capitães e açoreanos ilustres 143
Praia da Victoria—seus capitães e açoreanos ilustres 162
Angra e S. Jorge—seus capitães e açoreanos ilustres 168
Graciosa—seus capitães e açoreanos ilustres 178
Faial e Pico—seus capitães e açoreanos ilustres 181
Flores e Corvo—seus capitães e açoreanos ilustres 191
Comenda de Santa Maria 141
Corregedorias
Corregedores e suas atribuições 196
Governo eclesiastico e seus bispos 209
Governo Geral dos Açores 217
Lutas da sucessão
Batalha da Salga 218
Batalha em frente de Ponta-Delgada 220
Batalha em frente de Vila-franca 222
Chegada de D. Antonio a Angra e rendição da Ilha 225
Governadores Espanhois 227
Restauração 230
Governadores portugueses 231
Açoreanos ilustres 218
Capitania geral dos Açores 239
Capitães generais 240
Revolução Liberal de 1821 em S. Miguel 242
Revolução Liberal na Ilha Terceira 243
Revolução Liberal na Ilha do Faial 244
Pronunciamento militar e governo interino 246
Batalha da Vila da Praia 249
Regencia 250
Expedições de D. Pedro IV ás Ilhas 251
Os sete mil bravos do Mindelo 254
Açoreanos ilustres 255
Nova divisão administrativa 259
Prefeitos e sub-prefeitos 259
Governadores Civis
Do distrito de Ponta-Delgada 264
Do distrito de Angra do Heroismo 273
Do distrito da Horta 270
Juntas Gerais
Movimento iniciador em S. Miguel 261
Sua comissão 261
Tribunal da Relação
Presidentes 262
Procuradores-regios 264
Açoreanos ilustres 277

Acabou de se imprimir este livro em dia da Natividade de Nossa Senhora, aos 8 de setembro de 1924.